

A ATUAÇÃO DE JOEL SILVEIRA NA IMPRENSA CARIOCA (1937-1944)

DANILO WENSESLAU FERRARI

**A ATUAÇÃO DE JOEL
SILVEIRA NA IMPRENSA
CARIOCA (1937-1944)**

CONSELHO EDITORIAL ACADÊMICO
Responsável pela publicação desta obra

Áureo Busetto (Coordenador)
Carlos Eduardo Jordão Machado (Vice-Coodenador)
Milton Carlos Costa
Wilton Carlos Lima da Silva

DANILO WENSESLAU FERRARI

**A ATUAÇÃO DE JOEL
SILVEIRA NA IMPRENSA
CARIOCA (1937-1944)**

**CULTURA
ACADÊMICA**

Editora

© 2012 Editora UNESP

Cultura Acadêmica

Praça da Sé, 108

01001-900 – São Paulo – SP

Tel.: (0xx11) 3242-7171

Fax: (0xx11) 3242-7172

www.culturaacademica.com.br

feu@editora.unesp.br

CIP – BRASIL. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

F427a

Ferrari, Danilo Wenseslau

A atuação de Joel Silveira na imprensa carioca (1937-1944) / Danilo Wenseslau Ferrari. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7983-348-9

1. Silveira, Joel, 1918-2007. 2. Imprensa – Rio de Janeiro – História.
I. Título.

12-9386.

CDD: 079.8153

CDU: 070(815.3)

Este livro é publicado pelo Programa de Publicações Digitais da Pró-Reitoria de Pós-Graduação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)

Editora afiliada:



Asociación de Editoriales Universitarias
de América Latina y el Caribe



Associação Brasileira de
Editoras Universitárias

A meus pais e ao pequeno Eduardo.

AGRADECIMENTOS

Esta obra é resultado de alguns anos de pesquisa (graduação e mestrado), realizada na Universidade Estadual Paulista (Unesp/Assis). Durante esse tempo, algumas pessoas me acompanharam e a elas registro estes agradecimentos.

Sou imensamente grato à professora Tania Regina de Luca, minha orientadora, pela oportunidade que me concedeu de participar de seus projetos de iniciação científica, possibilitando o surgimento da pesquisa de pós-graduação. Além da orientação rigorosa, agradeço pelo incentivo e pelo entusiasmo com que acolheu minha ideia de estudar Joel Silveira. Agradeço também aos professores da banca de qualificação e defesa de meu mestrado, Áureo Busetto e Célio José Losnak. A leitura atenta e cuidadosa de vocês e os apontamentos fundamentais na finalização de minha dissertação foram muito importantes para este livro se tornar realidade.

A meus pais, José Roberto Ferrari e Iunci Wenseslau Ferrari, por serem minha base e por me ensinarem a valorizar a educação como caminho de mudança e a curiosidade como meio de conhecer o mundo. Cresci vendo meu pai ler suas revistas semanais de informação antes de dormir e minha mãe lendo os jornais diários de nossa cidade, no café da manhã, e talvez isso tenha despertado meu interesse por esses produtos culturais.

A meu irmão Bruno Wenseslau Ferrari, pela preocupação com minha estada em Assis e pelos conselhos nos momentos difíceis. À Suellen, por nos acompanhar e fazer parte de nossa família. A minha avó Maria Aparecida Ferrari, pelo carinho e por todos os potes de Toddy, sabonetes e pastas de dente que consumi nos anos de graduação e mestrado. Aos tios Sérgio e Hildete, pelo incentivo e pelo socorro material quando foi necessário. A minha avó Ilda dos Santos Wenseslau, em memória, que sempre torceu, com muito carinho, por seu neto, que lhe tem muita saudade.

Agradeço aos amigos dos tempos de São José do Rio Preto, Luiz Celso Madi Rodrigues e Rosana Garcia Lopes, sempre presentes, mesmo na distância. Aos companheiros da “República Pá!”, onde morei nos anos de Unesp/Assis, Eduardo Toshio, Kwame Yoanatan e Diego Andrade, pelas longas conversas na cozinha de nossa casa e por tantos momentos que passamos juntos, dividindo experiências e ajudando uns aos outros. À Larissa Bergamo Zanardo, pela atenção que só uma grande amiga pode proporcionar.

Aos amigos que conheci em Assis, seja por intermédio de estudos e pesquisas, seja pelos caminhos inesperados pelos quais acontecem as amizades: Dagmar Buziquia, Renata Santos Silva, Juliana Brombim, Suzana Lopes, Ciro Monteiro, Larissa Ponce, Helton Corrêa, Priscila Miraz, Aline Maluf, Roberta Pires, Alexandre Andrade, Fernanda Coelho, Giane Giacon, Anelize Vergara, Camila Bueno Souza, João Arthur Franzolim, Helder Held, Patrícia Trizzotti, Deivid Costruba, Wellington Amarante e todos aqueles que, por ventura, posso ter me esquecido de mencionar. Com vocês, o caminho foi bem mais prazeroso!

Ao amigo Miguel Zioli, pela leitura, pela correção dos rascunhos e pelas sugestões sobre a redação e o conteúdo da pesquisa. Sou grato aos funcionários da Biblioteca Acácio José Santa Rosa, da Unesp/Assis, Auro Sakuraba, Ana Paula da Silva, Heloísa Milani e Milene de Almeida Rosa, sempre dispostos a atender da melhor forma possível e a ajudar um estudante correndo para cumprir seus prazos. Aos funcionários do Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (Cedap), Marlene Aparecida de Souza Gasque, Isabel

Mano Neme, Ana Eliza Paziam dos Santos, pela agilidade no atendimento e pela confiança com que me receberam diariamente, para que eu me encontrasse com Joel Silveira nos microfimes.

Às funcionárias do Departamento de História da Unesp/Assis, Clarice Gonçalves e Regina Truchlaeff, pelo auxílio e por me deixarem tomar sempre um cafezinho, preparado pela Zazá e pela Cida, nas manhãs e nas tardes de estudo na sala 3 do departamento. Aos funcionários do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (Aperj), Thaís Estruc e Johennir Janotti, que não mediram esforços em me ajudar a encontrar o que precisava.

A meu sobrinho, o pequeno Eduardo, afilhado querido, cuja existência sempre me fez sorrir e esquecer um pouco as dificuldades da vida.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), pelo apoio material e financeiro.

Não tenho jeito para fazer versos. O assunto vai assim mesmo, sem rimas e sem ritmo, liberto como asas, pois foram como asas que os quadros passados acudiram-me à memória. E se por acaso essas páginas morrerem bruscamente em meio do caminho, que me perdoem. A lembrança é muito fugidia e há mesmo momentos antigos que ficarão melhores no esquecimento. Além disso, a realidade da hora presente fere muito. Fere muito e exige tudo de mim.

Joel Silveira (*Onda raivosa*, 1939)

SUMÁRIO

Prefácio 15

Introdução 17

1 Joel Silveira: biografia e memórias 27

2 Nasce um jornalista: a experiência em *Dom Casmurro* 61

3 Nasce um repórter: a atuação em *Diretrizes* 135

4 Um jornalista no Estado Novo 187

Conclusão 239

Imagens 245

Referências bibliográficas 249

PREFÁCIO

A ATUAÇÃO DE JOEL SILVEIRA NO ESTADO NOVO

Joel Silveira tornou-se nome emblemático do nosso jornalismo, um ícone associado à cobertura da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial e à oposição ao Estado Novo e à ditadura militar, regimes de força que abalaram a trajetória republicana ao longo do século XX. É certo que a grande quantidade de livros que publicou desde os idos de 1939, quando ainda sonhava com uma carreira literária, desempenhou papel importante na difusão do seu trabalho, que ganhou nova vida em várias antologias, ao qual se somam obras de cunho memorialístico, especialmente numerosas a partir do final dos anos 1970.

A decisão de analisar de forma sistemática os primeiros escritos de Joel, que aportou no Rio de Janeiro em 1937 e logo encontrou espaço na imprensa da capital, resultou da participação de Danilo W. Ferrari, ainda na graduação e como aluno de iniciação científica, num projeto que objetivava estudar publicações literárias e culturais que circularam no primeiro governo de Getúlio Vargas, com destaque para a segunda fase da *Revista do Brasil* (1938-1943), *Dom Casmurro* (1937-1946) e *Diretrizes* (1938-1944). A pesquisa evidenciou a importância da presença de Joel Silveira nas duas últimas publicações e forneceu instrumental analítico e perspectivas teórico-metodológicas para o trato, sob a perspectiva do historia-

dor, dos impressos periódicos, encarados como importantes espaços de sociabilidade e de organização do mundo letrado.

A Dissertação de Mestrado de Danilo, apoiada pela Fapesp e agora transformada em livro, revela um pesquisador cuidadoso e arguto, que soube explorar suas fontes, articulá-las à vasta bibliografia sobre o período e seguir caminhos instigantes do ponto de vista interpretativo. Estruturado em quatro capítulos, o trabalho inicia-se com a apresentação e análise do esforço de construção de si, pacientemente tecida em livros e nas muitas entrevistas que Joel concedeu ao longo da vida, e prossegue investigando os primórdios de suas atividades na imprensa, *Dom Casmurro*, veículo que acolheu suas primeiras produções, e *Diretrizes*, revista na qual forjou sua identidade de repórter, que o distinguiu por toda a vida, e conclui com um esforço para discernir a maneira como se posicionou nos debates do seu tempo.

O leitor tem a oportunidade de avaliar o peso dessas experiências para a trajetória profissional e política de Joel Silveira e acompanhar as batalhas nas quais se envolveu, em um contexto marcado pela radicalização das posições ideológicas, em âmbito nacional e internacional, e que impunha a tomada de posições, como bem demonstra a reconstituição levada a efeito no decorrer do livro. Note-se, ainda, a atenção dedicada às publicações e seus responsáveis, em um registro que não as toma como suportes neutros para os textos de Joel Silveira.

É corrente a postura que torna o pesquisador das Ciências Humanas uma espécie de monge, a tecer seu trabalho na solidão da cela. De fato, o peso autoral continua a ser a pedra de toque da produção do conhecimento em uma área em que os resultados alcançados, como no caso desta dissertação, provêm, sobretudo, de esforços e méritos do autor que, nem por isso, precisa renunciar aos dados e à reflexão acumulada pelo trabalho coletivo.

Tania Regina de Luca

Universidade Estadual Paulista (Unesp)

INTRODUÇÃO

Em agosto de 2007, o jornalista Joel Silveira morreu envolto numa aura de heroísmo e de glória. Seu nome traz à lembrança a figura do correspondente que acompanhou a Força Expedicionária Brasileira (FEB) à Itália, nos momentos finais da Segunda Guerra Mundial, e do repórter reverenciado por seus pares como precursor de determinadas práticas jornalísticas. Adjetivos como “dromedário” e “dinossauro” associam-se a sua imagem de testemunha de eventos marcantes na história do Brasil republicano.

De fato, o autor tornou-se referência em sua profissão. Silveira escreveu uma série de livros de memórias e coletâneas de reportagens, nos quais retomou os anos iniciais de sua carreira. Além disso, foi chamado a testemunhar sobre esses momentos nas inúmeras entrevistas que concedeu, sendo considerado pelos colegas de ofício um expoente do jornalismo e da reportagem.

Tem-se a impressão que, desde o início, Silveira usufruiu a fama e o reconhecimento. Porém, no momento em que o autor iniciou suas atividades profissionais, o jornalismo não era a única forma de manifestação cultural disponível. Havia uma efervescência das atividades intelectuais, resultado do crescimento da produção editorial e do surgimento das universidades, bem como do aumento dos postos públicos ocupados por letrados, das livrarias, das agremiações literárias e das publicações oferecidas por uma imprensa já consolidada.

Silveira optou pelo jornalismo numa época de intensa censura sobre tal ofício. Durante o Estado Novo (1937-1945), governo autoritário de Getúlio Vargas, a imprensa era considerada pelos governantes uma extensão do Estado e um serviço de utilidade pública. O contexto conturbado também trazia a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) como pauta do dia nas redações de jornais e revistas. Os temas eram candentes para uma intelectualidade que tinha entre seus compromissos o engajamento nas questões públicas.

Diante de tal quadro e de tantas possibilidades, por que Silveira tornou-se jornalista? O jornalismo era um meio de consagração intelectual? O que fez que se tornasse um jornalista consagrado? Quais foram as características de suas colaborações e os temas nelas abordados que lhe valeram reconhecimento? O autor foi sempre o repórter de destaque que as últimas gerações conheceram?

Este livro tem por objetivo responder a essas questões partindo da análise das primeiras inserções de Joel na imprensa, mais precisamente no jornal literário *Dom Casmurro* e na revista *Diretrizes*, entre 1937 e 1944. Joel nasceu em Sergipe e chegou ao Rio de Janeiro em 1937, com dezoito anos de idade. O jornalista trabalhou em *Dom Casmurro* entre 1937 e 1940 e, depois, em *Diretrizes* de 1940 a 1944. Nessas duas publicações, ocupou cargos de direção, como redator e secretário. Durante esse período, Silveira também colaborou esporadicamente em outros periódicos, mas optou-se aqui por analisar suas colaborações em *Dom Casmurro* e *Diretrizes* por conta da perenidade de sua produção em tais veículos do mesmo gênero (cultural e literário), que circularam em torno dos marcos temporais do Estado Novo. Além disso, foi nesses periódicos que Silveira consagrou-se como jornalista e externou seus posicionamentos diante dos dilemas do período. *Dom Casmurro* e *Diretrizes* destinavam-se ao público intelectual e apresentavam essas discussões, em consonância com as intenções de seus idealizadores.¹

1 As colaborações de Joel Silveira para *Dom Casmurro* e *Diretrizes* estudadas neste livro foram mapeadas a partir da indexação das duas publicações realizada, coletivamente, em projetos de iniciação científica e de extensão universitária coordenados pela professora Tania Regina de Luca, dos quais o autor

O jornal *Dom Casmurro* surgiu em maio de 1937, fundado pelos escritores Brício de Abreu e Álvaro Moreyra. Importante espaço de sociabilidade intelectual do Rio de Janeiro, a publicação surgiu justamente no ano em que Silveira foi para a então capital da República. Tratava-se, portanto, de um novo jornal para um novo jornalista. Em *Dom Casmurro*, o autor publicou textos de natureza diversa: *faits divers*, contos, crônicas e raras reportagens.

Já a revista *Diretrizes* surgiu como publicação mensal, em abril de 1938, idealizada por Azevedo Amaral e Samuel Wainer. O periódico circulou até meados de 1944 e reuniu alguns dos nomes mais consagrados na intelectualidade nacional e internacional. Joel Silveira integrou o expediente de *Diretrizes* em dezembro de 1940, quando a publicação passou a ser semanal – mudança que confirma a importância da revista na vida cultural da época. No periódico, Joel Silveira firmou-se na escrita de reportagens.

Nessa parte, é interessante assinalar que o estudo da produção de um autor em determinado periódico exige caracterizar o veículo-suporte. É fundamental averiguar o lugar ocupado pela fonte na história da imprensa e na trajetória de seu gênero, bem como o projeto estabelecido por seus dirigentes e o grupo que se aglutinava em seu entorno. Não se trata de analisar a colaboração de um escritor como se esta estivesse separada de seu contexto.

Na verdade, o uso instrumental que se fazia antigamente da imprensa, como depósito de dados que comprovavam teses, cedeu espaço para estudos mais recentes, nos quais se atentou para a complexidade dos veículos de comunicação. Os pesquisadores passaram a inquirir o material em seus mais variados aspectos, considerando, em especial, as técnicas de impressão, a materialidade, a ausência/presença de ilustrações e suas funções, as fontes de receita e o papel dos idealizadores.²

desta obra foi participante. O material analisado encontra-se microfilmado no acervo da hemeroteca do Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (Cedap) da Unesp/Assis.

2 De Luca, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p.111-53. Parte das reflexões metodológicas deste livro está baseada nesse texto.

Acontece que, na passagem do século XIX para o XX, o jornalismo começou a se firmar como profissão, definindo contornos que o separavam da literatura e construindo sua identidade como ofício do “pacto com a realidade”, justamente na época em que surgiram diversas ciências cuja principal característica era a busca da objetividade. A imprensa aproximou-se do fato, sem afastar-se de seu caráter opinativo. Não se admitia a transgressão de seus métodos e procedimentos de apuração e veiculação das informações.³ Talvez a identificação do jornalismo como produção imparcial e fiel à realidade ajude a compreender as causas que, por muito tempo, levaram os estudiosos a se valer da imprensa de maneira instrumental.

Seja como for, houve nos estudos históricos uma inflexão que alterou a concepção de documento, deslocando o interesse pelo conteúdo em si para a forma como ele é apresentado.⁴ Essa mudança ancorou-se na perspectiva de uma história cultural e trouxe renovação epistemológica a diversas áreas de interesse dos historiadores. As recomendações metodológicas relativas ao trabalho com periódicos apontam para a importância dos suportes tipográficos (informações de frontispício, ilustrações e organização do conteúdo). Esses aspectos nada têm de natural e funcionam como protocolos de leitura que acrescentam significados provenientes do trabalho de edição.⁵ No caso deste livro, buscou-se identificar o lugar ocupado pelos textos de Silveira nas páginas das publicações estudadas, assim como a presença/ausência de ilustrações e sua possível autoria.

Para além das páginas analisadas dos periódicos, muitas questões sobre seu funcionamento e as redes de sociabilidade estabele-

3 Bulhões, Marcelo Magalhães. *Jornalismo e literatura em convergência*. São Paulo: Ática, 2007. p.21-6.

4 Ver LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: _____. *História e memória*. Campinas: Edunicamp. p.535-49.

5 Sobre esse aspecto, ver CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: _____. (Org.). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. p.77-105; CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988. p.26-67.

cidas em suas redações encontram-se em textos de caráter memorialístico, escritos pelos envolvidos com a publicação. Tais textos, no entanto, exigem atenção particular do pesquisador. Trata-se de obras frequentemente mobilizadas como fonte ou suporte bibliográfico, sem a devida discussão e sem tratamento crítico. Em um texto autobiográfico, há um “pacto de leitura” entre autor e interlocutor, no qual o leitor não leva em consideração a distinção entre a pessoa do discurso e aquela que assina a obra. O interlocutor crê na identificação entre o autor e o “eu biográfico” que narra o texto e, portanto, acredita em sua veracidade com particular ênfase.⁶

Como já observado, Joel Silveira escreveu uma quantidade significativa de livros de memórias sobre o período estudado.⁷ O jornalista também concedeu entrevistas a respeito de sua atuação nos anos 1930 e 1940 e iniciou um projeto autobiográfico. No conjunto dessa obra, ele construiu uma imagem de si e elaborou uma lógica para sua atuação e sua produção. Para identificar essa construção e evitar o uso meramente bibliográfico de suas memórias, foi preciso seguir os caminhos metodológicos pensados pelos estudiosos do tema. Priscila Fraiz, por exemplo, lembrou que:

Pela maneira como o sujeito se mostra diante do outro, podemos perceber toda a ambiguidade que preside o ato do indivíduo ao tentar reconstituir-se a si mesmo, procurando recompor uma unidade, perdida entre tantos outros eus do passado. A “turbulência” que o autobiógrafo sente ao escrever sobre o que foi ou deixou de ser pode ser medida pela distância temporal que separa o ato da enunciação dos eventos enunciados. O eu do escritor no passado não é, e nunca poderá ser, o mesmo eu do escritor no presente. Daí que o esforço que o autor faz para recompor o passado visando a unificar o pre-

6 Lejeune, Phillipe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Éditions du Seuil, 1975. p.26. [Ed. bras.: *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.]

7 No primeiro capítulo deste livro, há uma tabela na qual se buscou relacionar a totalidade das obras escritas por Silveira.

sente implica erros, enganos, esquecimentos, distorções e seleções conscientes ou inconscientes.⁸

Jornais e revistas constituem espaços de sociabilidade entre grupos intelectuais. Nesses meios, os letrados travam polêmicas por conta de posições assumidas em constante reorganização, assim como por divergências entre projetos que competem entre si.⁹ O estudo da produção dos intelectuais conta com a recomendação metodológica de se analisar a “obra” tendo em vista a dimensão diacrônica (a história do gênero) e a sincrônica (os diferentes aspectos do gênero em um mesmo momento), indo além de uma abordagem que privilegie a análise externa (acontecimentos históricos, sociais e políticos) ou interna (hermenêutica e análise do discurso).¹⁰ Neste livro, procurou-se seguir essa orientação, identificando a história de cada gênero pelo qual o autor incursionou, assim como suas possibilidades no contexto de sua produção.

Vale destacar que o estudo dos intelectuais exige verificar suas relações com o poder, bem como o papel político por eles desempenhado. O intelectual necessita das instâncias de poder, como a imprensa, para entrar em debate e intervir no espaço público.¹¹ Sobre os posicionamentos passíveis de adoção não só pelos homens de letras, mas pelos indivíduos em geral, o desafio consiste em averiguar as causas que os levam a abraçar determinadas posturas dis-

8 Fraiz, Priscila. A dimensão autobiográfica dos arquivos pessoais: o arquivo Gustavo Capanema. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n.21, p.75, 1998.

9 Sirinelli, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p.249.

10 Silva, Helenice Rodrigues da. A história intelectual em questão. In: LOPES, Marcos Antonio (Org.). *Grandes nomes da história intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003. p.19.

11 Muhlmann, Géraldine. Marx, o jornalismo e o espaço público. In: NOVAES, Adauto (Org.). *O silêncio dos intelectuais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p.117-36. Nesse caso, a autora analisou a produção jornalística de Karl Marx como a maneira que o filósofo encontrou de combater aquilo que ele preconizava como “ideologia” a partir do diálogo com as suas formas de veiculação, a imprensa.

poníveis em sua época. Nesse sentido, faz-se essencial a ideia de *cultura política*.¹²

No caso deste livro, esse conceito é fundamental, pois, durante o Estado Novo, além da ditadura interna, a deflagração de uma guerra mundial potencializou ideologias conflitantes, como o comunismo (que o governo sempre perseguiu) e o nazismo (com o qual chegou a flertar), sem contar a defesa do nacionalismo, outro componente de destaque. Os Estados Unidos, a grande democracia do Norte, exerciam considerável atração sobre um rol de intelectuais, que admiravam seu modelo, o qual se baseava na política de boa vizinhança. O governo brasileiro da época, por seu turno, se não podia ignorar a força dos norte-americanos na América Latina, não seguia seu modelo político. A situação, no entanto, tornou-se complexa com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, ao lado dos Aliados, o que aprofundou o processo de “americanização” da sociedade brasileira.

Este livro mostra tudo isso; está organizado em quatro capítulos, sendo que o primeiro, “Joel Silveira: biografia e memórias”, reconstitui a história de vida do jornalista, com ênfase no período estudado. Trata-se de apresentar o autor e sua trajetória com o objetivo de fundamentar as análises de sua produção e compreender sua atuação. Em seguida, discute-se sua obra memorialística, com o intuito de apreender a maneira como o intelectual ordenou sua existência e os fatos da época selecionada. Ao se afastar das atividades profissionais, nos anos finais de sua vida, Silveira transmutou-se em memorialista e escreveu uma quantidade significativa de obras nesse gênero. Em tais textos, o autor construiu a autoimagem que desejou legar de si, num esforço de autorrepresentação no qual obteve êxito, pois a lembrança que se tem dele no presente perpassa suas

12 Berstein, Serge. A cultura política. In: Sirinelli, Jean-François; Rioux, Jean Pierre (Orgs.). *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998. p.348-63.

memórias. Nessas obras, algumas de suas práticas profissionais do período estudado foram lembradas, enquanto outras, esquecidas.

No Capítulo 2, “Nasce um jornalista: a experiência em *Dom Casmurro*”, são analisadas as colaborações do autor ao jornal, sua primeira grande oportunidade na carreira. Num primeiro momento, caracteriza-se a publicação com o objetivo de apreender sua proposta editorial e o lugar por ela ocupado na vida cultural da época, na trajetória dos periódicos culturais e literários e na história da imprensa. Em seguida, apresenta-se a análise da seção “Aconteceu nesta semana...”, coluna na qual Silveira escrevia *faits divers*, gênero com o qual estreou no jornalismo.

Os *faits divers* ficavam a cargo dos iniciantes, pois, por conta de seu caráter sensacionalista, eram considerados algo menor no jornalismo. O autor, porém, foi promovido no jornal e tornou-se crítico literário com a seção “Podia ser pior...”, estudada no final do capítulo. Nessa nova coluna, Silveira passou a dialogar com a intelectualidade de seu tempo, debatendo com alguns dos nomes mais renomados da cultura nacional, entre os quais Mário de Andrade. Tais embates e críticas foram decisivos para os rumos de sua carreira.

No terceiro capítulo, “Nasce um repórter: a atuação em *Diretrizes*”, estuda-se a produção de Silveira na revista de Samuel Wainer. De início, reconstitui-se a trajetória da publicação com a finalidade de identificar seu escopo editorial e o papel desempenhado na vida cultural e política do período. Depois, parte-se para as análises das reportagens, que permitem verificar como o autor obteve reconhecimento com tal gênero, enquanto o meio tradicional de consagração era a literatura – de fato, após deixar o expediente de *Dom Casmurro*, Joel foi para a *Diretrizes*, publicação na qual se consagrou como repórter, ofício que exerceu até os últimos momentos de sua carreira.

Silveira teve como principais temas de sua produção o debate público em torno dos problemas brasileiros e os destinos do país diante do Estado Novo e do mundo, em face da Segunda Guerra Mundial. Este é o tema do último capítulo, como “Um jornalista no

Estado Novo”, no qual há uma análise de atuação política do autor, definida já nos primeiros tempos de *Dom Casmurro* e intensificada em *Diretrizes*. Mas, afinal, qual era o ponto de vista assumido por Silveira diante de tantos dilemas? Como eram os textos do início de sua carreira? O reconhecimento obtido pelo jornalista se deu pela forma ou pelo conteúdo de seus textos? Ou, ainda, pela conjunção desses fatores?

1

JOEL SILVEIRA: BIOGRAFIA E MEMÓRIAS

*Y no hay nada más peligroso que la memoria escrita.*¹

Neste capítulo, estruturado em duas seções, apresentam-se uma biografia de Joel Silveira e uma discussão de sua obra memorialística. A primeira seção trata de reconstituir a trajetória do jornalista, tendo como foco o período de 1937 a 1944. Para recuperar o caminho trilhado por Silveira, fez-se necessária a busca de informações a seu respeito nos expedientes e nas páginas das publicações nas quais o jornalista trabalhou. Outros dados presentes em seus livros de memória auxiliaram essa reconstituição. De fato, Silveira dedicou-se a suas lembranças em vários de seus escritos, nos quais o escritor construiu uma imagem de si, em um investimento que visava a estabelecer a forma como deveria ser lembrado. A análise dessa construção é objeto da segunda seção.

Uma biografia para Joel Silveira

Em agosto de 2007, na ocasião da morte de Joel Silveira, o jornalista Carlos Heitor Cony registrou em crônica suas lembranças do

1 “E não há nada mais perigoso que a memória escrita.” Gabriel García. *El general en su laberinto*. Havana: Casa de las Américas, 1989. p.162. [Ed. bras.: *O general em seu labirinto*. Rio de Janeiro: Record, 1997.]

amigo. Cony lembrou-se de uma noite, no apartamento de Joel, em que escutaram músicas italianas do tempo da guerra, que Silveira cobriu. Segundo Cony, o velho jornalista bebeu algumas doses de uísque, equilibrou o copo na cabeça e começou a dançar e cantarolar: “Sul’ Arno d’argento specchia Il firmamento”.² Seu colega na cobertura do conflito, Egydio Squeff, havia morrido um mês antes. Silveira, no meio da sala, dançando e cantando com o copo na cabeça, pedia à esposa, Iracema: “Telefona para o Squeff... ele não aparece mais... arranjei um disco do ‘Dorme Firenze dorme’ com o Alberto Rabagliatti... telefona Iracema... pede para ele vir depressa... chama o Nássara também, estou com saudades”. Cony deixou-o no sofá, sonhando com os amigos que não chegavam mais.³

A cobertura da Segunda Guerra Mundial na Itália foi um dos eventos mais marcantes na vida de Joel Silveira. O jornalista ficou conhecido principalmente por essa atuação e assim foi lembrado nos dias de sua morte. Silveira nasceu em 1918. Não se sabe ao certo onde, visto que algumas obras apontam a cidade sergipana de Lagarto e outras, Aracaju, capital do estado. Filho da professora primária Jovita Ribeiro e do comerciante Ismael Silveira, Joel pertencia à classe média de Sergipe. Desde jovem, participava ativamente de atividades culturais nos colégios em que estudava e desejava tornar-se escritor. O sonho impulsionou sua partida para a então capital da República, o Rio de Janeiro, em 1937, aos 18 anos de idade.

A cidade que recebeu Silveira divergia muito das pacatas Lagarto e Aracaju. Em 1937, o Rio já era uma metrópole e passava por uma série de reformas que visavam a torná-la uma cidade moderna. Seus quase 2 milhões de habitantes trafegavam no intenso trânsito de bondes, automóveis e dos novos trens elétricos. As muitas salas de cinema eram uma das opções de lazer para um jovem como Silveira, e o rádio, em sua era de ouro, despontava como importante meio de comunicação. Os arranha-céus tomavam conta da paisagem e chamavam a atenção de Joel, que se interessou pelo

2 “Sobre o Arno de prata espelha o firmamento.”

3 Cony, Carlos Heitor. Um pouco do Joel. *Folha de S. Paulo*, p.2, 16 ago. 2007.

portentoso edifício de 23 andares do jornal *A Noite*, na Praça Mauá, onde conseguiu o primeiro emprego.

O jovem escritor colaborou para revistas *Vamos Ler e Carioca*, publicações que faziam parte do grupo de *A Noite* e que atingiam tiragens de mais de 150 mil exemplares semanais.⁴ Silveira também iniciou o curso de Direito, abandonado por conta de sua atividade jornalística. Ainda em 1937, conseguiu emprego no recém-fundado jornal literário *Dom Casmurro*, dirigido por Brício de Abreu e Álvaro Moreyra. O jovem escritor figurou nas páginas da nova publicação a partir de seu terceiro número, de maio de 1937. Silveira conseguiu tal colocação por meio de uma carta de apelo enviada a Moreyra, redator-chefe do periódico. Em pouco tempo na publicação, ele passou a ocupar o cargo de redator. Em setembro de 1937, a designação de seu posto mudou para secretário de redação, função que ocupou até deixar o periódico, em outubro de 1940. Nessa fase, o jornalista publicou duas coletâneas de contos, *Onda raivosa* (Rumo, 1939) e *Roteiro de Margarida* (Guaíra, 1940).

Também escreveu em outras publicações, mas foi em *Dom Casmurro* e, posteriormente, em *Diretrizes* que Silveira teve suas primeiras grandes oportunidades na imprensa, além de ocupar cargos de direção. Entre 1939 e 1940, ele colaborou no suplemento cultural do jornal diário *Meio-Dia*, periódico de orientação pró-Alemanha liderado por Joaquim Inojosa. Nesse período, as conflagrações da Segunda Grande Guerra perpassavam o mundo e a Alemanha encontrava-se sob o regime autoritário de Adolf Hitler. No entanto, semanas antes da eclosão do conflito, os dirigentes alemães e os da União Soviética assinaram um tratado de não agressão. Dessa maneira, o regime alemão, antes alvo de crítica dos comunistas e simpatizantes da esquerda, passou a ser poupado. O tratado, conhecido como pacto germano-soviético, foi rompido apenas em junho de 1941, com a invasão da União Soviética pela Alemanha.

4 Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro. *A Noite*. Disponível em: <<http://www.fgv.br/CPDOC/BUSCA/Busca/BuscaConsultar.aspx>>. Acesso em: 7 jun. 2011.

Essa foi a justificativa apresentada por Silveira para sua participação num periódico de orientação nazista. Esse momento da vida do jornalista foi lembrado com muito incômodo num de seus livros de memória.⁵ De fato, Silveira foi simpatizante da esquerda, embora somente a análise sistemática de seus textos escritos no período torne apreensíveis as posturas políticas que assumiu.

Em dezembro de 1940, Silveira entrou para o expediente de *Diretrizes*, revista de maior notoriedade. Desde o seu primeiro mês na publicação, Silveira fez parte da direção, como redator. Nessa revista, escreveu reportagens que o tornaram famoso no meio jornalístico da época, como “Grã-finos em São Paulo”, matéria debochada e jocosa sobre a elite paulistana que lhe rendeu a alcunha de víbora, dada por Assis Chateaubriand, proprietário dos *Diários Associados*. O escritor publicou parte dessas reportagens em seu terceiro livro, *Os homens não falam demais...* (Alba, 1942), em coautoria com Francisco de Assis Barbosa, seu companheiro de redação em *Diretrizes*. Em maio de 1942, o jornalista tornou-se secretário da publicação, trabalhando ao lado de Samuel Wainer, proprietário, e nela permaneceu até julho de 1944, quando *Diretrizes* saiu de circulação.

Na época em que Silveira colaborou em *Dom Casmurro* e *Diretrizes*, vivia-se, nas principais cidades brasileiras, um clima de eferescência cultural. Surgiam as primeiras universidades, os diversos periódicos literários, as grandes editoras, as agremiações literárias e aumentavam as oportunidades de trabalho intelectual nos novos postos públicos. No Rio de Janeiro, os principais pontos de encontro dos letrados eram as redações das publicações culturais, a Livraria José Olímpio Editora, os cafés, os bares e as instituições públicas ocupadas pelos homens de letras: “O Café Amarelinho, na Cinelândia, ficava a uma cômoda distância das redações – *Diários Associados*, *Dom Casmurro*, *Diretrizes* – e das repartições públicas, como o Ministério da Educação, que era ali ao lado, na Rua Álvaro Alvim”.⁶

5 Silveira, Joel; Moraes Neto, Geneton. *Hitler/Stálin: o pacto maldito*. Rio de Janeiro: Record, 1989.

6 Soares, Lucila. *Rua do Ouvidor, 110: uma história da Livraria José Olympio*. Rio de Janeiro: José Olympio/FBN, 2006. p.103.

Após a experiência em *Diretrizes*, Silveira conseguiu emprego nos Diários Associados. O jornalista foi escolhido por Assis Chateaubriand para acompanhar a Força Expedicionária Brasileira (FEB) à Itália durante os momentos finais da Segunda Guerra Mundial. Sobre essa experiência, Silveira escreveu uma quantidade significativa de livros e textos, conforme se verá adiante. Depois do fim do Estado Novo, o jornalista passou pelas redações do *Diário de Notícias*, da *Manchete* e da *Revista da Semana*. Também fez parte do conselho editorial da *Revista Nacional* e foi redator-chefe de *O mundo ilustrado*.

Em 1952, ele fundou, com Rubem Braga e Rafael Corrêa de Oliveira, o jornal *Comício*, durante o turbulento segundo governo de Getúlio Vargas. Enquanto Samuel Wainer defendia o presidente em *Última Hora*, Silveira, Braga e Oliveira engrossavam o coro dos inimigos de Vargas. *Comício* circulou por um curto espaço de tempo, perfazendo apenas dezessete números. Apesar disso, o jornal contou com a colaboração de jornalistas e escritores que despontavam no cenário cultural brasileiro, tais como Millôr Fernandes, Sérgio Porto (Stanislaw Ponte Preta), Paulo Mendes Campos, Otto Lara Resende, Carlos Castelo Branco, Lúcio Rangel, Hélio Pellegrino, Thiago de Mello, Fernando Sabino e Clarice Lispector, que assinava a coluna feminina “Entre mulheres”, sob o pseudônimo Tereza Quadros.⁷

Entre 1954 e 1964, Silveira dirigiu o Serviço de Documentação do Ministério do Trabalho. É provável que o jornalista tenha perdido o posto após o golpe militar, do qual foi opositor. A partir de 1964, dedicou-se à tradução de obras de escritores como Gabriel García Márquez, Ítalo Calvino e Manuel Puig, entre outros.⁸ Ao longo de sua carreira, recebeu uma série de prêmios jornalísticos e literários, tais como Machado de Assis, da Academia Brasileira de

7 Ver Nunes, Aparecida Maria. *Clarice Lispector jornalista: páginas femininas & outras páginas*. São Paulo: Senac, 2006. p.119-36.

8 Carneiro, Ferdy. Joel Silveira, amigo de gatos e de Beethoven. In: Silveira, Joel. *O presidente no jardim*. Rio de Janeiro: Record, 1991. p.174.

Letras (ABL), Líbero Badaró, Prêmio Esso Especial, Prêmio Jabuti e Golfinho de Ouro.

Joel Silveira também colaborou no jornal *Correio da Manhã*, durante o auge da ditadura militar brasileira, momento que registrou posteriormente em memórias.⁹ Após a aposentadoria e o afastamento das atividades profissionais, dedicou-se à escrita memorialística, materializada em obras que servem como fonte e suporte bibliográfico para pesquisa. No entanto, esses dados foram reorganizados pelo trabalho voluntário ou involuntário da memória e, para além de seu uso como apoio analítico, merecem a devida discussão e tratamento crítico. Além disso, no conjunto desses textos, Joel Silveira construiu a imagem que desejava legar de si. A compreensão dessa construção é fundamental para a análise de seus escritos no período estudado.

A construção de uma autoimagem

O historiador que se dedica ao estudo de fontes periódicas, como jornais e revistas, recorre a textos de caráter memorialístico escritos pelos personagens envolvidos com as publicações (idealizadores, proprietários e jornalistas) para fundamentar suas análises. Em tais textos, registram-se situações sobre o funcionamento dos periódicos estudados e sobre as relações pessoais e profissionais de seus autores, não explícitas nas páginas da fonte pesquisada.¹⁰ Essas

9 Andrade, Jeferson; Silveira, Joel. *Um jornal assassinado: a última batalha do Correio da Manhã*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

10 Em suas pesquisas de doutorado e de livre-docência, Tania Regina de Luca cruzou as informações pesquisadas nos periódicos com os dados obtidos nos textos memorialísticos de seus idealizadores. De Luca, Tania Regina. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Unesp, 1999; *Leituras, projetos e (Re)vista(s) do Brasil (1916-1944)*. Assis, 2009. Tese (Livre docência em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista. Tal caminho metodológico foi recomendado por José Aderaldo Castello, que elaborou um roteiro para a pesquisa da literatura brasileira em

obras também auxiliam na reconstituição da trajetória de vida dos indivíduos sobre os quais versa a pesquisa.

Joel Silveira escreveu mais de quarenta livros, a maioria sobre memórias de diversos momentos de sua vida profissional. Alguns outros consistiram em coletâneas de reportagens e relatos sobre acontecimentos marcantes na história do Brasil, vistos a partir de sua perspectiva pessoal. Nessas obras, o jornalista produziu a imagem que se tem dele no presente e estabeleceu uma lógica para sua história de vida.

Parte dessas obras versa sobre o período abordado neste livro: 1937-1944. Portanto, compreender essa construção é essencial para a análise de sua produção jornalística no Estado Novo. Joel Silveira tornou-se figura de destaque na imprensa brasileira, lembrado por suas famosas reportagens e, principalmente, por sua atuação como correspondente de guerra. Essa é a imagem que prevalece relacionada ao nome do autor. Além de destacar esses momentos em suas memórias, Silveira os recordou nas entrevistas que concedeu anos após tais acontecimentos. As editoras que publicaram suas obras o apresentaram desta forma: “Jornalista consagrado, com mais de cinquenta anos de militância na imprensa brasileira, onde ocupou os mais diferentes cargos, de repórter setorista a correspondente de guerra”.¹¹

Apesar da considerável quantidade de obras autorreferenciais, o balanço que se tem da história do jornalista é invariável: repórter heroico e polêmico e correspondente de guerra. A vida dele foi explicada nesses termos. Os raros estudos existentes a seu respeito e os textos escritos sobre Joel seguiram essa construção.¹² Livros de memórias, autobiografias, cartas, diários e outras escritas de si são

periódicos culturais. Castello, José Aderaldo. A pesquisa de periódicos na literatura brasileira. In: Napoli, Roselis Oliveira de. *Lanterna Verde e o modernismo*. São Paulo: IEB (USP), 1970. p.5-12.

11 Apresentação do autor feita pela editora em Silveira, op. cit., s/n.

12 Negri, Ana Camilla França de. *Mediações políticas na história da reportagem no Brasil*: a produção de Joel Silveira. São Bernardo do Campo, 2000. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo.

com frequência mobilizados para fundamentar análises de pesquisa sem a devida discussão e tratamento crítico. É quase irresistível utilizar esses textos como “portadores da verdade” ou como fonte de dados para comprovar análises, visto que foram escritos por um “eu” que tem seu nome estampado na capa da obra e que conta situações e experiências pessoais. Segundo Philippe Lejeune, há um pacto estabelecido entre autor e leitor, o “pacto autobiográfico”, no qual o interlocutor acredita no que lê por relacionar a pessoa do discurso com o autor do livro:

Un auteur, ce n'est pas une personne. C'est une personne qui écrit et qui publie. [...] L'auteur se définit comme étant simultanément une personne réelle socialement responsable et le producteur d'un discours. Pour le lecteur, qui ne connaît pas la personne réelle, tout en croyant à son existence, l'auteur se définit comme la personne capable de produire ce discours, et il l'imagine donc à partir de ce qu'elle produit.¹³

Assim, ao identificar o autor com o narrador, acredita-se na autenticidade do texto. Trata-se de uma fonte cujas particularidades induzem o leitor a acreditar estar diante de um discurso verossímil e neutro, mas que, diferentemente, contém estratégias de construção parecidas às de um romance. Por esse motivo, a crença nesse tipo de fonte é particularmente mais tentadora.

13 “Um autor não é uma pessoa. É uma pessoa que escreve e que publica. O autor se define como sendo, simultaneamente, uma pessoa real socialmente responsável e o produtor de um discurso. Para o leitor, que não conhece a pessoa real, mas acredita em sua existência, o autor se define como a pessoa capaz de produzir o discurso e ele, então, imagina essa pessoa a partir daquilo que ela produz.” Lejeune, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Éditions du Seuil, 1975. p.24. Para Ângela de Castro Gomes, há “um distanciamento entre o sujeito que escreve – autor/editor – e o sujeito de sua narrativa – o personagem do texto –, seja o texto uma autobiografia, seja um diário ou uma carta, e não possuem a ampla dimensão retrospectiva do primeiro caso”. Ver Gomes, Ângela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p.16.

Essa tese de Lejeune esteve presente em seu primeiro livro, *L'autobiographie en France* (1971), e consolidou-se em *Le pacte autobiographique* (1975). A ideia do pacto de leitura e das características ficcionais da autobiografia tornou-se clássica nos estudos sobre o gênero e, ao mesmo tempo, recebeu muitas críticas, pelo ceticismo do autor em relação ao compromisso com a realidade presente nesse tipo de obra. Por esse motivo, Philippe Lejeune fez uma releitura de sua teoria e, nos anos seguintes, escreveu textos bem menos radicais sobre o discurso autobiográfico. O teórico considerou os problemas de seu pacto e chegou a afirmar que:

É melhor reconhecer minha culpa: sim, sou ingênuo. Creio ser possível se comprometer a dizer a verdade; creio na transparência da linguagem e na existência de um sujeito pelo que se exprime através dela; creio que meu nome próprio garante minha autonomia e minha singularidade (embora já tenha cruzado pela vida com vários Philippe Lejeune); creio que, quando digo “eu”, sou eu quem fala: creio no Espírito Santo da primeira pessoa. E quem não crê?¹⁴

Apesar das estratégias de construção de uma lógica de si, os autores dos textos autobiográficos têm um compromisso com sua própria verdade. A identidade individual passa pela narrativa, mas isso não significa que se trate de ficção. Ao seguir as vias da narrativa, o sujeito é fiel a sua verdade. “Nenhuma relação com o jogo deliberado da ficção.”¹⁵ Evidentemente, na intenção de “se ver melhor”, o autor cria, se engana, deforma, estiliza e simplifica, mas não se inventa. É essa construção que é preciso compreender.

No caso de Silveira, a quantidade considerável de obras desse gênero demonstra que, a partir de determinado momento de sua vida, ele dedicou-se, sobretudo, a essa produção. O registro de suas memórias e a construção de uma imagem fixa de correspondente de guerra e repórter polêmico que combateu o Estado Novo esti-

14 Lejeune, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p.65.

15 *Ibid.*, p.104.

veram ligados aos discursos autorreferenciais de outros jornalistas contemporâneos a Silveira, ao contexto em que foram produzidos e às intenções do autor, das editoras que publicaram suas obras e daqueles que o entrevistaram. Não há intenção de identificar o que é verdadeiro ou falso, mas de analisar a lógica que o autor estabeleceu para sua história de vida e os motivos que o levaram a esse trabalho.

Após completar sessenta anos de idade, Silveira afastou-se de suas atividades profissionais e empenhou-se em adensar o registro de suas memórias. No final dos anos 1970, o escritor foi chamado a dar entrevistas sobre sua trajetória de vida e seus livros de caráter memorialístico apareceram com maior frequência. Antes disso, a perspectiva pessoal e memorativa já aparecia em alguns textos, nos quais o escritor articulava suas experiências individuais com a história. A Tabela 1.1 reúne o título de suas obras, bem como o ano de publicação e a editora responsável pela primeira edição. Por meio dela, é possível perceber que, a partir de 1980, o número de livros publicados por Silveira aumentou consideravelmente. Se antes dessa data o intervalo entre uma obra e outra chegava a dez anos, depois ele publicou praticamente um livro por ano.

No mesmo período em que Silveira se dedicou à escrita de sua obra memorialística, outros jornalistas compartilharam as mesmas redações também escreveram textos autorreferenciais, entre eles Carlos Lacerda, Samuel Wainer, Rivadavia de Souza e Edmar Morel. A partir dos anos 1960, iniciou-se uma profusão de registros de memórias e experiências individuais.¹⁶ O fenômeno ligava-se ao contexto ocidental, em que antigas tradições desapareciam com o crescimento das cidades, o avanço das mídias e o aceleração da tão discutida globalização.

16 A partir dos anos 1960, muitos intelectuais dedicaram-se ao registro de suas memórias, como Paulo Duarte, Érico Veríssimo, Pedro Nava, Nelson Palma Travassos, Vivaldo Coaracy, Aureliano Leite, Murilo Mendes, Cassiano Ricardo, Menotti Del Picchia, Cândido Motta Filho, Fernando Azevedo, Nelson Werneck Sodré e Gilberto Freyre. Ver Zioli, Miguel. *Paulo Duarte (1899-1984): um intelectual nas trincheiras da memória*. Assis, 2010. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2010. p.117-8.

Tabela 1.1: Obras de Joel Silveira.

Obra	Data da 1ª edição	Editadora
<i>Onda raivosa</i>	1939	Rumo
<i>Roteiro de Margarida</i>	1940	Guaira
<i>Os homens não falam demais...</i> , em coautoria com Francisco de Assis Barbosa	1942	Alba
<i>Grã-finos em São Paulo e outras notícias do Brasil</i>	1945	G. C. S.
<i>A lua</i>	1945	Martins
<i>Histórias de pracinhas</i>	1945	Companhia da Leitura
<i>Desaparecimento da Aurora</i>	1955	Revista Branca
<i>O dia em que o leão morreu</i>	1956	Record
<i>O petróleo no Brasil: traição e vitória</i> , em coautoria com Lourival Coutinho	1957	Coelho Branco
<i>História de uma conspiração: Bolívia, Brasil e petróleo</i> , em coautoria com Lourival Coutinho	1959	Coelho Branco
<i>O marinheiro na varanda</i>	1960	Coelho Branco
<i>Alguns fantasmas</i>	1962	Edição do Autor
<i>As duas guerras da FEB</i>	1965	Idade Nova
<i>Fatos e homens da Segunda Guerra</i> , em coautoria com Caio de Freitas, Mário Martins, Raimundo Magalhães Júnior e Zevi Ghivelder	1966	Bloch
<i>5 dias de junho: a guerra no Oriente Médio</i> , em coautoria com Arnaldo Niskier, Murilo Melo Filho, Raimundo Magalhães Júnior e Mário Martins	1967	Bloch
<i>Meninos eu vi</i>	1967	Tribuna da Imprensa
<i>Um guarda-chuva para o coronel</i>	1968	Biblioteca Universal Popular
<i>Livro de cabeceira do homem</i> (ano 2, volume 6), em coautoria com Flávio Macedo Soares, Vianna Moog, Otto Maria Carpeaux e outros	1968	Civilização Brasileira
<i>20 horas de abril</i>	1969	Saga
<i>O Brasil na Segunda Guerra Mundial</i>	1976	Ediouro

Continua

Tabela 1.1: *Continuação*

Obra	Data da 1ª edição	Editora
<i>A trapaça</i>	1976	Coleção
<i>As grandes reportagens de Joel Silveira</i>	1980	Codecri
<i>Vamos ler Joel Silveira</i>	1982	Cátedra
<i>Milagre em Florença</i>	1983	Cátedra
<i>A luta dos pracinhas</i>	1983	Record
<i>Dias de luto</i>	1985	Record
<i>Tempo de contar</i>	1985	Record
<i>O generalíssimo e outros incidentes</i>	1987	Espaço e Tempo
<i>Você nunca será um deles</i>	1988	Record
<i>Hitler/Stálin: o pacto maldito, em coautoria com Geneton Moraes Neto</i>	1989	Record
<i>Segunda Guerra Mundial: todos erraram, inclusive a FEB</i>	1989	Espaço e Tempo
<i>O presidente no jardim</i>	1991	Record
<i>Não foi o que você pediu?</i>	1991	José Olympio
<i>Um jornal assassinado: a última batalha do Correio da Manhã, em coautoria com Jeferson de Andrade</i>	1991	José Olympio
<i>Nitroglicerina pura, em coautoria com Geneton Moraes Neto</i>	1992	Record
<i>Conspiração na madrugada</i>	1993	José Olympio
<i>Guerrilha noturna</i>	1994	Record
<i>Segunda Guerra: momentos críticos</i>	1995	Mauad
<i>Viagem com o presidente eleito</i>	1996	Mauad
<i>Os melhores contos, organizado por Lêdo Ivo</i>	1998	Global
<i>Na fogueira</i>	1998	Mauad
<i>A camisa do senador</i>	2000	Mauad
<i>Memórias de alegria</i>	2001	Mauad
<i>A milésima segunda noite da avenida Paulista</i>	2003	Companhia das Letras
<i>A feijoada que derrubou o governo</i>	2004	Companhia das Letras
<i>Diário do último dinossauro</i>	2004	Travessa dos Editores
<i>O inverno da guerra</i>	2004	Objetiva

O “lembrar” e o “guardar” entraram para a pauta do dia. Enquanto os meios tradicionais de transmissão da memória desapareciam, surgia uma sociedade ávida por registrar em lugares de memória (museus, centros de documentação, biografias e autobiografias) as lembranças não mais transmitidas entre as gerações: “A passagem da memória para a história obrigou cada grupo a redefinir sua identidade pela revitalização de sua própria história. O dever de memória faz de cada um o historiador de si mesmo”.¹⁷

Segundo Ângela de Castro Gomes, a chave para a compreensão dessas práticas de escritas de si é a emergência histórica do indivíduo moderno (das últimas décadas); as novas relações desse sujeito com seus documentos, bem como o individualismo atual, estão ligados ao crescimento da produção de escritas autorreferenciais. Além disso, segundo a autora, o interesse pelas experiências vividas individualmente nas sociedades modernas foi concomitante à difusão de práticas de “adestramento de si” (meditações, exames de consciência, memorizações etc.), às quais se incorporam a escrita de si e sua intrínseca intenção de “efeito de verdade”.¹⁸ Ao mesmo tempo que se difundiam essas práticas, crescia o interesse dos historiadores por esses registros.

Entretanto, não foi sempre que se considerou a memória como testemunho fidedigno do passado. Historiadores de outras gerações distinguiram história e memória de maneira absoluta. A primeira usufruía o rigor científico e a segunda abarcava as experiências “flutuantes” do vivido. No entanto, o contexto das últimas décadas lançou novas luzes à problemática das experiências, o que fez que a desconfiança da história em relação à memória diminuísse aos poucos.¹⁹ Dessa forma, a memória ganhou legitimidade historiográfica

17 Nora, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n.10, p.17, dez. 1993.

18 Gomes, op. cit., p.10, 11 e 14.

19 O primeiro a destacar as diferenças entre essas fontes de passado foi o sociólogo Maurice Halbwachs, nos anos 1920. Ver Dosse, François. A oposição história/memória. In: _____. (Org.). *História e ciências sociais*. Bauru: Edusc, 2004. p.169-91.

a ponto de ser possível a realização de sua história social. O registro das situações vividas individualmente, seja em biografias, seja em autobiografias, acabou por despertar o entusiasmo dos historiadores mais recentes e alcançar lugar de centralidade nos estudos históricos, assim como outras fontes.²⁰

No caso de Joel Silveira, não é possível entender seu esforço autobiográfico sem situá-lo nessa profusão de memórias. Suas obras memorativas dialogaram com as de seus congêneres, em disputa pela representação legítima de um passado em comum. Em um movimento em que uma obra surgia para responder e contrapor-se a outra, esses intelectuais reproduziram antigas contendas originadas no período estudado, mesmo quando alguns deles já estavam mortos. Entre outros jornalistas que se empenharam em registrar suas memórias, houve o caso de Carlos Lacerda, figura polêmica na história da imprensa brasileira. Em março de 1977, pouco antes de sua morte, Lacerda concedeu ao grupo responsável pelo *Jornal da Tarde* uma série de entrevistas publicadas em livro sob a organização de seu sobrinho, Cláudio Lacerda Paiva.²¹

Antes de originar o livro *Depoimento*, as memórias de Carlos Lacerda foram publicadas nas páginas do jornal *O Estado de S. Paulo* e do *Jornal da Tarde*. No prefácio do livro, Ruy Mesquita, então diretor do grupo OESP, explicou que as entrevistas com o jornalista

20 Levi, Giovanni. Os usos da biografia. In: Ferreira, Marieta de Moraes; Amado, Janaína (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p.167-8. Para Ângela de Castro Gomes, ainda são pouco frequentes as pesquisas históricas que exploram esse tipo de escrita, tendo em vista os profissionais da área da literatura e educação que se ocupam desse gênero há mais tempo. Ver Gomes, op. cit., p.10.

21 Segundo Pierre Bourdieu, entrevistas são diferentes de memórias e autobiografias, pois há a participação e a intervenção direta do entrevistador na produção desse tipo de fonte. Ver Bourdieu, Pierre. Compreender. In: _____. (Org.). *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1998. p.693-713. No entanto, quando as entrevistas reportam-se ao passado do entrevistado, tornam-se também tentativas de reconstituição de sua trajetória de vida, mesmo com a intervenção do interlocutor (entrevistador) na produção do discurso. Sobre as entrevistas, Pierre Nora questionou: “Que vontade de memória elas testemunham, a dos entrevistados ou a dos entrevistadores?”. Nora, op. cit., p.16.

faziam parte de um projeto para montar um banco de dados sobre “personagens do drama político brasileiro” e que o nome de Lacerda encabeçava a lista dos entrevistados.²² Ligado ao pensamento político de direita no Brasil, Carlos Lacerda teve muitos desafetos. No entanto, já idoso, o jornalista encontrava-se no ostracismo da vida política e intelectual, e a intenção de publicar suas memórias partiu de seus entrevistadores. No intuito de justificar a publicação da obra, Cláudio Lacerda Paiva explicou que *Depoimento* surgiu:

Para mostrar a todos, principalmente aos que vierem depois de nós, quem foi realmente o político Carlos Lacerda. Lacerda explicado por ele mesmo e não pelos que não o entenderam. Um Lacerda apenas explicado e não julgado, porque isso agora vai competir só à história. Outra explicação necessária é como é o livro. Em primeiro lugar é preciso ficar bem claro que não se trata de uma biografia ou de um livro de memórias. Trata-se apenas de um depoimento jornalístico feito sem outra finalidade do que a de deixar Lacerda falar livremente de sua vida política, contar o que fez, o que deixou de fazer e dar sua interpretação pessoal sobre cada um desses acontecimentos. Gostaria de chamar a atenção do leitor para uma frase de Lacerda: “Depoimento é depoimento, quem quiser que conteste e dê sua versão”.²³

A resposta que Carlos Lacerda esperava veio rápida. Certamente, o jornalista esperava a contestação de Samuel Wainer, seu principal desafeto e a quem Lacerda se referiu com agressividade em muitas passagens de *Depoimento*.²⁴ As famosas disputas intermináveis entre Lacerda e Wainer tiveram origem em suas posturas

22 Mesquita, Ruy. Prefácio. In: Lacerda, Carlos. *Depoimento*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977. p.11.

23 Paiva, Cláudio Lacerda. Introdução. In: Lacerda, op. cit., p.22.

24 “Samuel Wainer [...], muito ignorante, mas muito inteligente, com um grande faro de repórter, com um talento de repórter realmente fora do comum, capaz até de encobrir a sua ignorância que é monumental, quase enciclopédica.” Lacerda, op. cit., p.123.

políticas muito distintas e incorporaram outros motivos ao longo dos anos. Ambos foram opositores de Vargas durante a ditadura do Estado Novo (1937-1945). No entanto, no seu governo democrático (1951-1954) Lacerda manteve a oposição ao ex-presidente, enquanto Wainer tornou-se seu partidário.

De acordo com as memórias de Samuel Wainer, a amizade com Getúlio Vargas rendeu-lhe recursos para financiar seu grande projeto, o jornal *Última Hora*. Na publicação, Wainer defendia o governo de Vargas, enquanto Lacerda o atacava em seu jornal *Tribuna da Imprensa*.²⁵ Os favorecimentos políticos e financeiros que Wainer obteve na realização de *Última Hora* renderam-lhe outro desafeto: Assis Chateaubriand, proprietário dos Diários Associados. A crescente importância de *Última Hora* fez que o jornal se tornasse concorrente das publicações dos Associados e, por esse motivo, Chateaubriand uniu-se a Lacerda na batalha contra Wainer.

No final dos anos 1970, logo após a morte de Carlos Lacerda e a publicação de *Depoimento*, Samuel Wainer também se dedicou a registrar suas memórias. O jornalista concedeu uma série de entrevistas que deram origem ao livro *Minha razão de viver: memórias de um repórter*, sua autobiografia. A intenção era que o próprio Wainer escrevesse sua história a partir dos depoimentos. Entretanto, sua morte em 1980 fez que esses planos não se concretizassem.²⁶ A decisão de publicar a obra coube a Pinky Wainer, filha do intelectual, que confiou a organização do livro ao jornalista Augusto Nunes. *Minha razão de viver* apareceu pela primeira vez em 1987, publicada pela editora Record. Na obra, Wainer reproduziu a disputa com o antigo rival, Carlos Lacerda.²⁷

25 Essas infundáveis batalhas foram analisadas em Laurenza, Ana Maria de Abreu. *Lacerda x Wainer: o corvo e o bessarabiano*. São Paulo: Senac, 1998.

26 Sobre o processo de produção das memórias de Wainer, ver: Rouchou, Joelle. Samuel Wainer: memórias entre jornalismo e política. In: Neves, Lúcia Maria Bastos P.; Morel, Marco; Ferreira, Tania Maria Bessone da C. (Orgs.). *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A; Faperj, 2006. p.346-62.

27 Apesar de não ter se valido da mesma agressividade de Lacerda, Wainer assim o descreveu: “Ele [Carlos Lacerda] fundara a *Tribuna da Imprensa* em dezembro de 1949 e se juntara ao círculo dos donos de jornais sem grandes proble-

Contudo, alguns segredos permearam a publicação da autobiografia de Samuel Wainer. O jornalista era estrangeiro e a legislação brasileira não permitia que estrangeiros fossem proprietários de veículos de comunicação no país. Wainer, judeu da Bessarábia, teve de ocultar sua nacionalidade, o que garantiu a posse da revista *Dirtrizes* e, posteriormente, do jornal *Última Hora*. Segundo Augusto Nunes, antes de morrer, Samuel Wainer pediu à filha Pinky que essas informações sobre sua trajetória fossem mantidas em sigilo e reveladas somente 25 anos após a sua morte: “Só poderia contar a verdade depois que todos estivessem mortos”.²⁸ Além da nacionalidade estrangeira, o embargo de Wainer envolvia sua participação na organização do golpe preventivo em 1963, ao lado de João Goulart (que não se realizou), e a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) que investigou o *Última Hora* nos anos 1950.

De fato, em 2005, após 25 anos da morte de Wainer, *Minha razão de viver* surgiu sob o sinete de outra editora, a Planeta do Brasil. Seu organizador afirmou que se tratava da edição completa.²⁹ Isso indicou como a tarefa de lembrar e tornar públicas suas versões foi delicada para esses intelectuais. Os prefácios e as introduções de suas obras póstumas demonstraram que familiares e partidários levaram a cabo suas divergências e reproduziram as antigas disputas. Na introdução feita por Augusto Nunes para a “versão completa” da autobiografia de Wainer, o organizador procurou desqualificar memórias anteriores. Para Nunes, Wainer teria agido:

Com espantosa sinceridade, com deslumbrante franqueza, contou cada caso como o caso foi. Reunido em livro no final de 1987,

mas, basicamente por duas razões. Primeiro, porque estava evidente desde o início que a *Tribuna da Imprensa* jamais seria uma grande publicação. Depois, porque Lacerda defendia havia muitos anos e continuaria a defender os interesses e pontos de vista dos barões da imprensa”. Wainer, Samuel. *Minha razão de viver*: memórias de um repórter. São Paulo: Planeta do Brasil, 2005. p.171.

28 Nunes, Augusto. Introdução. In: Wainer, Samuel. *Minha razão de viver*: memórias de um repórter. São: Planeta do Brasil, 2005. p.6.

29 Ibid., p.5-8.

o conjunto de depoimentos fez de Samuel Wainer o fundador da moderna memorialística brasileira. Antes de *Minha razão de viver*, biógrafos e biografados mentiam descaradamente. Depois, ficou pelo menos mais difícil. A saudável mudança seria consolidada por escritores decididos a jamais brigar com os fatos, a buscar a verdade em vez de amontoar versões.³⁰

Já em sua primeira versão, *Minha razão de viver* tornou-se best-seller e referência no gênero. O livro, no entanto, suscitou outras reações que vieram posteriormente, em resposta a ele. O próprio Joel Silveira chegou a comentar que: “A biografia do Samuel Wainer está cheia de inverdades, muitas. Ele fez a biografia que ele queria. Ele queria ser o que ele escreveu, mas não era”.³¹ Esse comentário também foi resultado de desavenças de outras épocas, reproduzidas nas disputas registradas nas lembranças referentes ao passado que tais figuras públicas tiveram em comum. Longe de serem apenas rancores reminiscentes de questões pessoais, essas contendas envolveram memórias sobre fatos da história que importavam à coletividade e, assim, tornaram-se disputas pelo poder de representação legítima.

O que se pode constatar destas leituras é que esses autores, independente do encaminhamento que tenham dado às suas vidas, ao transmutarem-se em memorialistas ratificam as posições sociais conquistadas no decorrer de sua existência e, ao ingressarem no campo simbólico da escrita da memória, procuraram representar antigos embates contra velhos adversários. Nesse sentido, esses textos memorialísticos não deixam de ser uma tentativa de ratificar ações do passado que não podia ser mais alterado.³²

30 Ibid., p.7.

31 Silveira, Joel. Entrevista concedida a Douglas Portari em 15 fev. 2005. Disponível em: <<http://www.aol.com.br/revista/materias/2005/0019.adp>>. Acesso em: 5 dez. 2009.

32 Zioli, op. cit., p.130.

Wainer e Silveira se conheceram durante o Estado Novo, quando o primeiro era proprietário da revista *Diretrizes*, onde o segundo trabalhou como repórter e secretário, cargo abaixo apenas do diretor, o próprio Wainer. Silveira figurou no expediente de *Diretrizes* até o momento em que a revista saiu de circulação, em meados de 1944, por ordem dos órgãos repressores. Wainer se exilou no exterior e Silveira conseguiu nova colocação nos Diários Associados de Chateaubriand. Segundo os livros de memória de Silveira, o desentendimento entre ele e Wainer teria ocorrido quando o segundo voltou do exílio e reabriu *Diretrizes* como jornal diário.

Ainda de acordo com as memórias de Silveira, Wainer o convidou para a nova empreitada e o induziu a abandonar o emprego nos Associados. Silveira aceitou o convite, mas, no que chamou de “rasteira do Samuel”, apontou que o jornalista não lhe pagava em dia, tampouco lhe pagava os valores prometidos. Além disso, esquivava-se quando possível (“Samuel tirava o corpo fora e, diga-se de passagem, tirar o corpo fora era coisa que ele fazia com rara maestria”)³³ e vendeu o jornal ao tenente João Alberto Lins de Barros, antigo aliado de Getúlio Vargas, sem avisá-lo. Sobre a experiência, Silveira registrou:

Fiquei lá apenas dois meses. Fiz umas reportagens sem graça, tendo como fotógrafo Ibrahim Sued. Da lista de matérias que havia entregue a Samuel, logo na primeira semana, umas duas foram aprovadas. Eu sentia que o chão começava a me faltar, as coisas continuavam nebulosas, e vi logo que havia entrado de cara numa aventura quando, no final do mês, em vez do salário combinado (menos do que eu recebia nos “Associados”), me deram um “vale”, com promessa de pagamento do resto na próxima semana, o que não aconteceu. E percebi mais: que Samuel passou a me evitar. Nunca tinha tempo, estava sempre tirando e botando o paletó; ou então trancado na sua sala em conversa com cavalheiros para mim

33 Silveira, Joel. *A camisa do senador*. Rio de Janeiro: Mauad, 2000. p.125.

desconhecidos e que jornalistas não eram. Bem-vestidos demais para serem jornalistas.³⁴

A autobiografia de Samuel Wainer causou tanto incômodo entre alguns jornalistas que um deles publicou uma obra inteiramente dedicada a contrapô-la. Em 1989, dois anos depois do lançamento de *Minha razão de viver*, Rivadavia de Souza publicou, também pela Record, *Botando os pingos nos is: as inverdades nas memórias da Samuel Wainer*. O prefácio do livro coube a Joel Silveira que, por sua vez, não questionou Wainer, atendo-se a elogiar a figura e a trajetória de Souza. O autor do livro foi companheiro de Silveira e Wainer durante o Estado Novo, quando compartilharam as mesmas redações. Posteriormente, Rivadavia de Souza foi assessor de imprensa de Getúlio Vargas durante o segundo governo, época em que circulou o jornal *Última Hora*, de Wainer. Souza teria se ressentido, pois não foi sequer mencionado na autobiografia de Wainer, por desavenças pessoais. Sobre *Minha razão de viver*, Souza vaticinou que a obra foi:

Urdida à sombra de incidências ocultas à contemplação do grande público, que pouco ou nada poderia saber da movimentação dos camarins distantes da boca de cena, talvez transmita, ao leitor de boa-fé, a impressão de que só agora *Minha razão de viver* começa a levantar o véu de acontecimentos cuja revelação caberia exclusivamente a Samuel, por ter sido ele personagem central de fatos ocorridos em seu derredor. Puro fricote. Uma das características que, com cansativa frequência, recheiam esses pastéis de fatuidades pode-se facilmente identificar pela ausência de pessoas vivas nos pretensos atos descritos: diálogos, discussões, ocorrências, decorrências, divergências, pertinências ou impertinências, inferências, convergências, interveniências, conferências, conveniências ou inconveniências e até possíveis onisciências, tudo gira

34 Ibid.

em torno de nomes que estão recolhidos ao respeitável silêncio das inscrições tumulares.³⁵

O tom do livro de Souza é agressivo. O autor se propôs a re-produzir passagens do livro de Wainer e refutá-las. Souza chegou a designar Wainer como “rei dos trambiques”. No entanto, a obra não teve a mesma repercussão de *Minha razão de viver*. De maneira mais sutil, Edmar Morel também tomou parte nas disputas entre memórias. Na apresentação de seu livro, *Histórias de um repórter*, o jornalista afirmou que teria sido questionado sobre suas memórias, ao que ele respondeu: “Memórias, nunca; histórias, sim”,³⁶ em alusão ao subtítulo da obra de Wainer, “memórias de um repórter”.

Conforme se percebe, na época em que Joel Silveira empenhou-se no registro de suas lembranças, a disputa pela representação do passado estava acirrada. Esses jornalistas dialogaram por meio de suas memórias, mobilizadas como o recurso do qual dispunham para intervir no debate público em torno do passado e como instrumento de poder e autorrepresentação.³⁷

Não é possível compreender a obra memorialística de Joel Silveira, tampouco a construção de sua autoimagem, sem entender o movimento dessas outras obras com as quais o jornalista dialogou. Silveira empenhou-se em registrar suas memórias justamente no momento em que se afastava de suas atividades profissionais. Dessa forma, tais obras consistiram no recurso de que o autor dispunha para se recolocar no debate intelectual. Por esse motivo, o

35 Souza, Rivadavia de. *Botando os pingos nos is: as inverdades nas memórias de Samuel Wainer*. Rio de Janeiro: Record, 1989. p.131.

36 Morel, Edmar. *Histórias de um repórter*. Rio de Janeiro: Record, 1999. p.10.

37 Ao analisar o caso de Monteiro Lobato em um contexto muito diverso, Tania Regina de Luca constatou que o escritor, já no fim de sua vida e afastado das atividades profissionais, reuniu parte de sua produção epistolar no livro *A barca de Gleyre*, como último instrumento de poder e autorrepresentação para inserir-se nos debates políticos e culturais de seu tempo. De Luca, Tania Regina. Monteiro Lobato: estratégias de poder e auto-representação n' *A barca de Gleyre*. In: Gomes, op. cit., p.139-61.

escritor alinhou sua trajetória individual com temas que importassem à coletividade.

De fato, Silveira foi figura pública de destaque e testemunhou, como repórter, diversos acontecimentos marcantes na história do país. Além disso, o jornalista foi entrevistado sobre determinados acontecimentos e períodos, dos quais ele era a única testemunha viva. Quando Silveira já estava idoso, algumas editoras que publicaram suas obras também se apropriaram de sua imagem como representante de determinados eventos para lançar livros que se relacionavam com o debate veiculado em torno do passado.

Esse foi o caso do livro *Hitler/Stálin: o pacto maldito* (Record, 1989). A obra foi escrita por Joel Silveira, em coautoria com o jornalista Geneton Moraes Neto.³⁸ O livro versou sobre o pacto de não agressão assinado entre os dirigentes da Alemanha e da União Soviética semanas antes da eclosão da Segunda Guerra Mundial.³⁹ No entanto, é sintomático que a obra tenha sido publicada justamente em 1989, ano da queda do Muro de Berlim, cuja construção simbolizava a bipolarização da política mundial dividida entre influência capitalista e socialista/comunista. O momento era oportuno para editar o livro, que se remetia às origens dessa divisão – debate que voltava à tona.

Situação semelhante aconteceu com o último livro de Joel Silveira, *O inverno da guerra*, publicado pela editora Objetiva em 2004, às vésperas da comemoração dos sessenta anos do fim da Segunda Guerra Mundial. Trata-se de uma coletânea de reportagens realizadas pelo autor quando de sua experiência como correspondente de guerra nos últimos meses do conflito.⁴⁰ Outros jornalistas seguiram

38 Geneton Moraes Neto nasceu no Recife, Pernambuco, em 1956. Trabalhou como jornalista no *Diário de Pernambuco* e na sucursal nordestina de *O Estado de S. Paulo*. Estudou cinema na Universidade Sorbonne, em Paris. Atua na Rede Globo de Televisão desde 1985. Com Joel Silveira, escreveu *Hitler/Stálin: o pacto maldito* e *Nitroglicerina pura*. Essas informações estão disponíveis em: <<http://www.geneton.com.br/quem/>>. Acesso em: 27 set. 2010.

39 Moraes; Silveira, op. cit..

40 Silveira, Joel. *O inverno da guerra*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

o mesmo caminho: Rubem Braga, pelo *Diário Carioca*; Egydio Squeff, por *O Globo*; e Raul Brandão, pelo *Correio da Manhã*. No entanto, Silveira era do grupo jornalístico mais poderoso na época, os Associados, e por isso seus textos sobre a guerra chegavam mais rápido ao Brasil. Dessa forma, o jornalista foi o correspondente de guerra mais destacado e, por esse motivo, foi aclamado quando retornou ao Brasil.

De fato, Joel Silveira ficou mais conhecido por sua atuação como correspondente de guerra. Porém, tal fama também teve origem na construção da imagem que o jornalista quis legar de si e com a qual quis ser lembrado. Conforme se percebe a partir da Tabela 1.1, grande parte de seus livros aborda sua atuação na guerra. Desde seu retorno da Itália em 1945, Silveira iniciou esse esforço de autorrepresentação ao publicar *Histórias de pracinhas* (Companhia da Leitura, 1945). A obra reúne suas crônicas de guerra, reorganizadas e republicadas à exaustão durante as décadas subsequentes com *As duas guerras da FEB* (Idade Nova, 1965), *Fatos e homens da Segunda Guerra* (Bloch, 1966, em coautoria com Caio de Freitas, Mário Martins, Raimundo Magalhães Júnior e Zevi Ghivelder), *O Brasil na Segunda Guerra Mundial* (Ediouro, 1976), *A luta dos pracinhas* (Record, 1983), *Segunda Guerra Mundial: todos erraram, inclusive a FEB* (Espaço e Tempo, 1989), *Segunda Guerra: momentos críticos* (Mauad, 1995) e, finalmente, *O inverno da guerra* (Objetiva, 2004), sua última obra.

Em outros livros, Silveira abordou diferentes momentos de sua vida, mas as lembranças da época em que foi correspondente de guerra fizeram-se muito presentes. Em *Viagem com o presidente eleito* (Mauad, 1996), o jornalista descreve a viagem que fez com Jânio Quadros, recém-eleito Presidente da República, em 1960. Em determinado trecho, Silveira “se desvia” de seu tema central e retoma as memórias de correspondente de guerra.⁴¹ No capítulo

41 Silveira, Joel. *Viagem com o presidente eleito*. Rio de Janeiro: Mauad, 1996. p.106-18.

“Conversa de dromedário”, o escritor, já nos últimos anos de vida, descreve suas impressões ao visitar a redação de um jornal moderno. Nessa oportunidade, Silveira também inclui lembranças sobre o período que passou na Itália com a FEB.⁴² O tema ainda rendeu ao jornalista um capítulo de livro: “O Brasil na guerra”.⁴³

Em entrevista concedida em setembro de 1978, na ocasião em que completou sessenta anos de idade, Joel Silveira foi questionado sobre a importância da FEB em sua atuação profissional. O jornalista respondeu que a cobertura da guerra foi a experiência mais marcante em sua vida. Além disso, em uma hierarquia de assuntos, Silveira destacou a guerra em primeiro lugar, pois considerava a notícia mais importante na vida de um jornalista:

– Qual é a importância da FEB em sua vida profissional?

– Um jornalista que vai à guerra é fundamentalmente tocado por isso, porque na vida de um jornalista eu acredito que não haja coisa mais importante que ser correspondente de guerra. Sob o ponto de vista de hierarquia de assuntos, uma guerra está em primeiro lugar. Que notícia pode haver maior que uma guerra, e você participar dela, e com 25 anos? É evidente que marcou de maneira profunda. Eu pude dizer eu vi, e não eu li.⁴⁴

A memória tem caráter seletivo e as lembranças mais recorrentes são aquelas que têm maior significado para o autobiografado. No entanto, em alguns momentos, Silveira mobilizou sua trajetória como correspondente de guerra como instrumento de intervenção

42 Silveira, Joel. Conversa de dromedário. In: Dantas, Audálio (Org.). *Repórteres*. São Paulo: Senac, 1999. p.87-103. A referência ao animal, dromedário, tem que ver com a imagem de Silveira como figura lendária entre os jornalistas.

43 Silveira, Joel. O Brasil na guerra. In: Cartier, Raymond. *A Segunda Guerra Mundial*. v.2. Rio de Janeiro: Larousse do Brasil; Paris: Paris-Match, 1967. p.758-73.

44 Silveira, Joel. Profissão Repórter. Entrevista concedida pelo autor a Christina Gurjão. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18 set. 1978 (b). Caderno B, n.163, p.5. Acervo de periódicos microfilmados da Fundação Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro.

no debate político do contexto em que escrevia. Esse foi o caso do livro *As duas guerras da FEB*. A obra foi publicada logo após o golpe de 1964. No texto, o jornalista assinala que os oficiais que derubaram João Goulart do governo e instauraram a ditadura foram os mesmos que partiram para a Itália entre 1944 e 1945 para lutar contra o nazismo nas conflagrações da Segunda Guerra Mundial. Por esse motivo, o escritor lembra: “Porque hoje a FEB está tão senhora do Poder como senhora esteve de Monte Castelo, em fevereiro, e de Montese, em abril de 1945”.⁴⁵ Essa teria sido a segunda guerra da FEB, a qual Silveira fez referência no título do livro. Além disso, comemorava-se vinte anos do fim do conflito mundial, o que tornava oportuna a publicação de uma reorganização de suas crônicas de guerra.⁴⁶

Vale lembrar que, após o golpe de 1964, os intelectuais derrotados publicaram suas memórias e autobiografias como forma de resistência. Essa atividade mobilizou homens de letras de diversas orientações ideológicas: comunistas, liberais e mesmo aqueles que inicialmente apoiaram a tomada do poder pelos militares, como Carlos Lacerda. Em seu estudo sobre a obra memorialística de Paulo Duarte, Miguel Zioli constatou que o intelectual, perseguido e exilado durante a Era Vargas, publicou livros sobre essa experiência como opositorista. Durante a ditadura instaurada em 1964, a situação não foi diferente. Paulo Duarte, que compunha o corpo docente da Universidade de São Paulo (USP), foi perseguido e teve sua aposentadoria compulsória em 1968, com o AI-5. O projeto memorativo de Duarte iniciou-se antes da interrupção de suas atividades profissionais, mas foi, sobretudo após essa data, quando o jornalista perdia espaço na cena política e intelectual que a escrita autorreferencial tornou-se tarefa de primeira ordem.⁴⁷

45 Silveira, Joel. *As duas guerras da FEB*. Rio de Janeiro: Idade Nova, 1965. p.11.

46 Além do já aludido caso de *O inverno da guerra*, publicado na comemoração dos sessenta anos do fim do conflito, houve o caso de *2ª Guerra: momentos críticos*, publicado oportunamente pela Mauad em 1995, cinquenta anos após o fim do evento.

47 Zioli, op. cit., p.96-111.

Por outro lado, a imagem de Silveira como correspondente de guerra também foi apropriada por aqueles que o entrevistaram em diversas oportunidades, talvez como provável resultado de seu trabalho de autorrepresentação.⁴⁸ Quando o jornalista morreu, em agosto de 2007, Alberto Dines percebeu que foi essa a imagem que se cristalizou em relação ao escritor nos discursos veiculados a seu respeito na grande imprensa.⁴⁹ De fato, Dines tinha razão, conforme se percebe por meio da nota, publicada na ocasião da morte de Silveira: “Um dos maiores destaques de sua carreira [de Joel] foi a cobertura que realizou da Segunda Guerra Mundial, na Itália, junto à FEB (Força Expedicionária Brasileira), como correspondente de guerra dos ‘Diários Associados’”.⁵⁰ Apesar do interesse pela atuação de Silveira no conflito, não há, na sociedade brasileira, uma memória efetiva em relação à guerra, conforme constatou Roney Cytrynowicz, que estudou o cotidiano na cidade de São Paulo entre 1939 e 1945:

O lugar da Segunda Guerra Mundial na história e na memória coletiva da população de São Paulo, e do Brasil, tem sido, no

48 Ver a entrevista feita com Silveira em Miranda, Fernando Albuquerque. Joel Silveira: correspondente de guerra. In: Melo, José Marques de (Org.). *Imprensa brasileira: personagens que fizeram história*. v.4. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; São Bernardo do Campo: Universidade Metodista, 2009. p.87-100.

49 Dines, Alberto. Joel Silveira (1918-2007): necrológios apressados, carpideiras profissionais. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=447MEM001>>. Acesso em: 20 mar. 2009. Para Dines: “O trabalho como correspondente de guerra não foi o mais importante da sua [de Joel Silveira] carreira de jornalista. O acompanhamento das ações militares durante a 2ª Guerra Mundial hoje seria considerado ‘chapa-branca’. Os correspondentes de guerra usavam uniformes, seus despachos eram geralmente controlados pelos militares embora pudessem acompanhar algumas operações, geralmente as mais demoradas. Os jornalistas recrutados para a FEB eram os mais famosos (caso de Joel e Rubem; Samuel Wainer tinha problemas de saúde), a intenção do governo era valorizar o esforço de guerra contra o Eixo para uma população que até poucos anos antes era bastante simpática ao integralismo e ao fascismo”.

50 Jornalista e escritor Joel Silveira morre aos 88 anos no Rio. *Folha de S.Paulo*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u320190.shtml>>. Acesso em: 17 ago. 2007.

entanto, marcado muito mais pela ausência do que por uma presença efetiva e consistente. A guerra, episódio central da história do século 20, não está presente na memória da cidade de São Paulo; ela não é celebrada coletivamente, não é lembrada. Os soldados que lutaram e os mortos não são reverenciados a não ser por pequenos grupos diretamente ligados a eles.⁵¹

No entanto, não foram apenas as memórias, as reportagens e as crônicas de guerra que Joel Silveira publicou em livro. Conforme a Tabela 1.1, o jornalista também se dedicou a obras de história, seleção de documentos, coletâneas de contos e reportagens que versavam sobre outros assuntos. Nesses outros textos, o escritor discorreu sobre os anos iniciais de sua carreira, a chegada ao Rio de Janeiro e as reportagens que o tornaram figura de destaque na imprensa. Essas reportagens fizeram que o jornalista fosse apontado posteriormente como precursor do jornalismo literário (*new journalism*) no Brasil, gênero em que o texto é composto por uma narrativa semelhante à ficcional.

Joel Silveira não se designou como tal. Ao ser questionado sobre o assunto, o jornalista respondeu: “Não sou eu que me defino, os críticos que me definiram, compreendeu? Disseram que eu fui o criador do jornalismo literário ou do novo jornalismo, compreendeu? Mas nunca nenhum deles me acusou de trair o fato”.⁵² Seja como for, foi assim que classificaram o autor em verbetes de dicionários e enciclopédias. Tanto que duas de suas últimas coletâneas de reportagens – *A milésima segunda noite da avenida Paulista* (Companhia das Letras, 2003) e *A feijoadada que derrubou o governo* (Companhia das Letras, 2004) – surgiram sob o símbolo da coleção *Jornalismo literário* da editora que as publicou, ao lado das obras de Truman Capote, John Hersey e Joseph Mitchell, representantes do referido

51 Cytrynowicz, Roney. *Guerra sem guerra: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Edusp; Geração, 2000. p.17-8.

52 Entrevista concedida a Miranda, op. cit., p.99.

gênero nos Estados Unidos durante os anos 1950 e 1960, época de sua emergência.⁵³

Joel Silveira também escreveu outros livros de memórias sobre períodos específicos, viagens e perfis de políticos e intelectuais famosos. Apesar de sua extensa obra memorialística, o jornalista não finalizou seu plano de produzir uma autobiografia em vários volumes.⁵⁴ O único que veio a público foi *Na fogueira*, obra publicada pela editora Mauad em 1998, quando o escritor completou oitenta anos de idade. Com esse livro, Silveira recebeu o prêmio Machado de Assis, o mais importante da Academia Brasileira de Letras.⁵⁵ *Na fogueira* versou sobre o início da carreira de Silveira e sua chegada ao Rio de Janeiro, em 1937, ano da decretação do Estado Novo.⁵⁶ Em suas obras, Silveira reportou-se com frequência a esse período em que trabalhou no jornal literário *Dom Casmurro* e na revista *Diretrizes* – época sobre a qual versa este livro.

Ao referir-se ao período do Estado Novo, o escritor destacou sua trajetória como jornalista de oposição à ditadura de Vargas. Essa imagem também esteve presente em seus textos sobre a experiência com a FEB. Na época em que o registro das memórias de Silveira se adensou, no final dos anos 1970, sua imagem como opositor do Estado Novo foi apropriada por alguns grupos de resistência à ditadu-

53 MANDELLI, Maria Carolina. *O perfil jornalístico: um gênero em discussão na obra de Joel Silveira*. Bauru, 2007, p. 10-11. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista.

54 Philippe Lejeune diferenciou a memória da autobiografia ao atribuir à primeira a função de lembrança de viagens, acontecimentos e personalidades e à segunda a abordagem também da experiência pessoal e individual do sujeito. No entanto, guardadas as diferenças, a análise desses gêneros de escrita referencial demonstra que a linha divisória entre eles é tênue e, em muitos casos, as experiências individuais (afetivas, familiares etc.) e pessoais também se encontram em livros de memórias, como em muitas obras de Silveira. Sobre as diferenciações, ver Lejeune, op. cit., 1975, p.14.

55 Ver Silveira, Joel. *Na fogueira*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998 (a).

56 Joel tinha a intenção de publicar os demais volumes de sua autobiografia, conforme assinalou em algumas obras. O segundo deles se chamaria “Os anos sujos”. Ver Silveira, op. cit., 2000. p.125.

ra militar, que mobilizaram a memória relativa à oposição ao autoritarismo de Vargas para espelhar a realidade política de seu tempo.⁵⁷

Em setembro de 1978, ao completar sessenta anos de idade, Joel Silveira concedeu uma entrevista ao jornal *O Pasquim*, um dos principais núcleos de oposição à ditadura militar. Ao comentar as torturas contra os perseguidos políticos do regime de 1964, Silveira o comparou com a ditadura de Vargas: “No Estado Novo, pelo menos sabia-se (*sic*) quem tinha matado”.⁵⁸ Na intenção de dar sentido a sua trajetória, o jornalista afirmou, na mesma ocasião, que sua autoproclamada “verve revolucionária” teria origem em sua família:

Deixa eu lhe contar de onde vem meu instinto revolucionário. Minha mãe, dona Giovita Ribeiro, casou com meu pai quando já tinha 40 anos. No tempo em que minha mãe era professora, Sergipe tava dividido entre o padre Olímpio Campos e o brilhante orador Fausto Cardoso, e ela era faustista, quer dizer, mais da esquerda. Aí assassinaram Fausto Cardoso e degredaram minha mãe para ensinar lá em Caravelas, Belmonte, sul de Sergipe.⁵⁹

Segundo Pierre Bourdieu, há, em um relato autorreferencial, a intenção do “investigado” construir uma sucessão inteligível para sua trajetória. Nesses casos, há o projeto de apresentar um relato coerente com a imagem pela qual o autobiografado almeja ser lembrado. Essa construção também se altera de acordo com os diferentes tipos de público para os quais o texto é produzido. No caso

57 Marieta de Moraes Ferreira estudou as apropriações feitas da imagem de Vargas e de seus governos após a morte do ditador. Ver Ferreira, Marieta de Moraes. Getúlio Vargas: uma memória em disputa. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/1592.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2010.

58 Silveira, Joel. Joel Silveira, do alto dos seus 60 anos. Entrevista concedida a *O Pasquim*, Rio de Janeiro, 2 set. 1978 (a). Ano X, n.482, p.15. Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.

59 *Ibid.*, p. 10.

de Joel Silveira, tratava-se de destacar sua trajetória como heroico jornalista que enfrentou a censura do Estado Novo para um grupo de oposição ao regime militar. Para tanto, o escritor assinalou que a tendência “contestatória” estaria sempre presente em sua vida e teria sido legada pela mãe professora e simpatizante de um grupo “mais da esquerda” sergipana. Bourdieu designou esse efeito como “ilusão biográfica”. Para o autor:

Sem dúvida, cabe supor que o relato autobiográfico se baseia sempre, ou pelo menos em parte, na preocupação de dar sentido, de tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consciência e uma constância, estabelecendo relações inteligíveis, como a do efeito à causa eficiente ou final, entre os estados sucessivos, assim constituídos em etapas de um desenvolvimento necessário.⁶⁰

De fato, Joel Silveira não compartilhou dos projetos da ditadura de Vargas. Pelo menos, o jornalista não tomou parte na formulação dos ideais do Estado Novo propugnados por alguns intelectuais e periódicos. Em sua extensa obra memorialística, ficou estanke a imagem do jornalista que resistiu aos desígnios do regime autoritário de Vargas, principalmente a partir das entrevistas que concedeu nos final dos anos 1970, quando o regime militar estava em vias de abertura. Meses após a matéria sobre Silveira ser publicada em *O Pasquim*, o jornal *Folha de S. Paulo* publicou uma série de entrevistas, intitulada *Jornalistas contam a história*, com intelectuais que atuaram nos anos 1930 e 1940, ou seja, durante a Era Vargas.

Entre os entrevistados estavam Joel Silveira, Barreto Leite Filho, Paulo Mota Lima, Raimundo Magalhães Júnior, Paulo Duarte e Hermínio Sacchetta.⁶¹ Em seu depoimento, Silveira afir-

60 Bourdieu, Pierre. A ilusão biográfica. In: Ferreira; Amado (Orgs.), op. cit., p.184.

61 As entrevistas estão disponíveis em: <http://almanaque.folha.uol.com.br/memória_6.htm>. Acesso em: 12 jan. 2010.

mou que a revista *Diretrizes*, na qual trabalhou durante o Estado Novo, foi fechada pela censura por conta de uma entrevista que fez com o escritor Monteiro Lobato: “Chegou um momento que a revista [*Diretrizes*] foi fechada. Foi por causa de uma entrevista com o Monteiro Lobato, que não passou pela censura e eu publiquei. Aí fecharam a revista”.⁶² De fato, os editores da *Diretrizes* publicaram essa reportagem em setembro de 1943; nela, em plena ditadura do Estado Novo, Lobato afirmou: “Um governo deve sair do povo como a fumaça de uma fogueira”.⁶³

A frase foi manchete e a matéria foi capa da revista naquela edição. Certamente tal entrevista incomodou os censores, mas *Diretrizes* não saiu de circulação por esse motivo. A publicação circulou normalmente até meados do ano seguinte. O engano de Silveira não foi ocasional. Mesmo que se tratasse de esquecimento, também havia a intenção de reforçar sua imagem como opositor do Estado Novo. Para Philippe Artières, nesses relatos autobiográficos, “manipula-se, rasura-se e corrige-se” não apenas para legar a maneira como se quer ser representado, mas também para construir uma autoimagem:

Numa autobiografia [...] não só escolhemos alguns acontecimentos, como os ordenamos numa narrativa; a escolha e a classificação dos acontecimentos determinam o sentido que desejamos dar a nossa vida. [...] Arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência.⁶⁴

62 Silveira, Joel. O Estado Novo e o getulismo. Entrevista concedida a Gilberto Negreiros. *Folha de S. Paulo*, 9 jan. 1979. Disponível em: <<http://almanaque.folha.uol.com.br/memoria-S:tm>>. Acesso em: 18 set. 2006.

63 Silveira, Joel. Um governo deve sair do povo como a fumaça de uma fogueira. *Diretrizes*, Rio de Janeiro, n.167, p.14, 15 e 22, 9 set. 1943.

64 Artières, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, n.21, p.11, 1998.

Joel Silveira repetiu essa informação equivocada em outras oportunidades. O dado também se reproduziu em verbetes de dicionários e enciclopédias.⁶⁵ A ideia de que a revista *Diretrizes* teria deixado de circular por conta dessa entrevista que Silveira fez com Lobato cristalizou-se de tal forma que se reproduziu até mesmo em um estudo feito sobre suas reportagens no periódico.⁶⁶ Os textos escritos a seu respeito também repetiram informações incorretas originárias da lógica que o autor estabeleceu para sua existência de maneira consciente ou não. Em sua considerável obra autorreferencial, Silveira dialogou com os livros de memória de seus pares, construiu uma imagem com a qual quis ser lembrado e a utilizou para intervir nos debates a respeito do passado. Editoras e entrevistadores também se apropriaram da autorrepresentação do autor, de acordo com suas intencionalidades.

Dessa maneira, são vários os desafios que se impõem ao uso dessas memórias. Para escrever este livro, foi preciso compreender a lógica de produção desses textos e a construção de sua autoimagem e suas reproduções. Tal problematização foi necessária, pois esses relatos que versam sobre o período estudado foram mobilizados como fonte para a discussão de sua produção jornalística. Essas

65 Ver, por exemplo, o caso de Morais, Fernando. *Chatô, o rei do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p.423; Morais, Fernando. A víbora está viva. In: Silveira, Joel. *A milésima segunda noite da avenida Paulista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.200. O catálogo *A revista no Brasil*. São Paulo: Abril, 2000. p.195 também incorreu no erro, além do verbete “Joel Silveira” presente em Abreu, Alzira Alves de (Org.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro Pós-30*. Rio de Janeiro: FGV; CPDOC, 2001. p.5459. Silveira repetiu a informação em entrevista presente em Molica, André Luís Azevedo; Moraes Neto, Geneton (Orgs.). *O livro das grandes reportagens*. v.1. Rio de Janeiro: Globo, 2006. p.131 e em Silveira, Joel. *Memórias de alegria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001. p.82. Essas informações foram obtidas pelo autor durante a pesquisa de iniciação científica que obteve bolsa PIBIC/CNPq no âmbito do projeto, coordenado pela professora Tania Regina de Luca, que estudou sistematicamente a revista *Diretrizes* e que contou com financiamento de edital do CNPq.

66 Negri, op. cit., p.35.

obras forneceram muitas informações sobre a atuação do autor em *Dom Casmurro* e *Diretrizes*, bem como sobre o funcionamento das publicações, que não se encontram nas páginas da fonte impressa. Algumas de suas práticas no período estudado foram lembradas na construção memorativa, enquanto outras caíram no esquecimento.

2

NASCE UM JORNALISTA: A EXPERIÊNCIA EM *DOM CASMURRO*

O fato ainda não acabou de acontecer
e já a mão nervosa do repórter
o transforma em notícia.
O marido está matando a mulher.

A mulher ensanguentada grita.
Ladrões arrombam o cofre.
A polícia dissolve o *meeting*.
A pena escreve.

Vem da sala de linotipos a doce música
mecânica.¹

Neste capítulo, estruturado em três seções, são analisadas as colaborações de Joel Silveira para o jornal literário *Dom Casmurro*, primeira oportunidade do jornalista de inserir-se na vida cultural da época. Na primeira seção, reconstitui-se a trajetória do jornal, veículo-suporte dos textos analisados. Não há estudos a respeito de *Dom Casmurro*, o que foi um desafio para a reconstituição de sua história. Entretanto, foi possível encontrar alguns dados a seu

1 Andrade, Carlos Drummond de. Poema do jornal. In: _____. *Alguma poesia*. Rio de Janeiro: Record, 2004. p.57.

respeito nas memórias de Silveira, principal fonte de informações sobre o periódico. Além disso, folheou-se a coleção do jornal com a finalidade de apreender dados básicos sobre seu funcionamento. Dessa maneira, foi possível caracterizar a publicação que recebeu a produção de Silveira, permitindo compreender o lugar ocupado por seus escritos no referido jornal.

Buscou-se também entender a trajetória das colaborações de Joel em *Dom Casmurro* desde seus primeiros artigos, sem lugar fixo nas páginas do jornal, até o momento em que ele se tornou responsável por uma seção de crítica literária. Antes disso, assinou “Aconteceu nesta semana...”, seção de *faits divers*, objeto da segunda seção deste capítulo. Trata-se de gênero da imprensa sensacionalista, considerado “menor” entre os jornalistas e relegado aos iniciantes. Silveira silenciou sobre essa seção na construção de sua autoimagem em suas memórias. Dos *faits divers*, ele passou a assinar a seção “Podia ser pior...”, de crítica literária, analisada na última seção do capítulo. Na nova coluna, o autor debateu com intelectuais consagrados, como Mário de Andrade – diálogo que foi decisivo para os rumos de sua vida profissional.

A trajetória do jornal *Dom Casmurro*

O jornal literário *Dom Casmurro* surgiu em maio de 1937, fundado por Brício de Abreu² (diretor) e Álvaro Moreyra³ (redator-

2 Luís Leopoldo Brício de Abreu nasceu no Rio de Janeiro em 1903 e morreu em 1970. Além de *Dom Casmurro*, fundou a revista *Comédia*. Seu trabalho na imprensa também se deu como redator de *O país*, *Boa Noite*, *A Razão*, *A Tribuna*, *Diário da Noite* e *O Cruzeiro*. Foi ainda crítico teatral, poeta e teatrólogo. Ver Coutinho, Afrânio; Souza, José Galante. *Enciclopédia de literatura brasileira*. São Paulo: Global Editora; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional; Academia Brasileira de Letras, 2001. p.144.

3 Álvaro Moreyra nasceu em 1888 e morreu em 1964. Gaúcho de Porto Alegre, o escritor fixou-se no Rio de Janeiro em 1910, onde se entregou ao jornalismo na redação de *Fon-Fon*. Além de *Dom Casmurro*, trabalhou em *Ilustração*

-chefe). Algumas semanas após seu lançamento, Joel Silveira, recém-chegado de Sergipe, integrou o time de jornalistas da publicação. O título do periódico remetia ao famoso romance de Machado de Assis, do qual os idealizadores do jornal retiraram a epígrafe estampada na primeira página dos exemplares: “A confusão era geral...”. Segundo os responsáveis pela publicação, a escolha do nome machadiano teria se dado por conta do caráter crítico e irônico que eles imprimiriam em seu novo periódico: “Só um tipo ranzinza, que não tenha convívio com ninguém, enfim, um ‘Dom Casmurro’, seria capaz de o fazer. E desde então sonhamos com um jornal que se chamasse – ‘Dom Casmurro’”.⁴

Os editores não foram pioneiros na escolha do nome machadiano. Entre 1922 e 1923, os escritores Osório Borba e José Lins do Rego dirigiram, no Recife (PE), o panfleto *Dom Casmurro*, empastelado pelo governo local, do qual Borba e Rego eram opositores.⁵ Não se pode afirmar que Brício de Abreu e Álvaro Moreyra se inspiraram no *Dom Casmurro* de Osório Borba e Lins do Rego. No editorial de

Brasileira e Para Todos. No entanto, o autor destacou-se como teatrólogo. Fundou, com sua esposa, Eugênia Moreyra, o Teatro de Brinquedo. A partir de 1937, passou a dirigir a Companhia de Arte Dramática, que excursionou por todo o país. Ganhou o prêmio de melhor disco de poesia com *Pregões do Rio de Janeiro*. Membro da Academia Brasileira de Letras, Moreyra também foi cronista e comentarista de rádio. Ver Coutinho; Souza, op. cit., p.1109. Joelle Rochou lembrou que, em 1939, Álvaro Moreyra foi preso “por motivos políticos” durante o governo de Getúlio Vargas. Entre 1942 e 1951, ele foi apresentador de crônicas na Rádio Cruzeiro do Sul e na Rádio Globo. Além de *Pregões do Rio de Janeiro*, escreveu *Casa desmoronada* (1909), *Elegia da bruma* (1910), *Legenda da luz e da vida* (1911), *Lenda das rosas* (1916), *Circo* (1929) e, postumamente, *Cada um carrega o seu deserto* (1994). Ver Rouchou, Joelle. Álvaro Moreyra, cronista. In: Melo, José Marques de (Org.). *Imprensa brasileira: personagens que fizeram história*. v.4. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; São Bernardo do Campo: Universidade Metodista, 2009. p.130.

4 Abreu, Brício de. Nós. *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n.1, p.1, 13 mai. 1937.

5 Em 1943, Joel Silveira fez uma reportagem para a revista *Diretrizes* sobre o escritor Osório Borba. No texto, o autor descreveu a experiência de Borba e José Lins do Rego à frente do jornal *Dom Casmurro* pernambucano. Ver Silveira, Joel. Não sou um valentão literário. *Diretrizes*, Rio de Janeiro, n.159, p.14, 15, jul. 1943.

estreia do hebdomadário carioca, não há referências ao homônimo pernambucano, mas a semelhança dos nomes fez que alguns autores confundissem as duas publicações.⁶ Por outro lado, a intenção de publicar um jornal crítico como um “Casmurro” foi a mesma.

No entanto, se *Dom Casmurro* de Osório Borba e José Lins do Rego foi empastelado por questões políticas, Brício de Abreu e Álvaro Moreyra foram mais cautelosos ao expor seus pontos de vista. No editorial do primeiro número, Brício lembrou que o novo jornal seria essencialmente cultural. Idealizado por intelectuais, era a eles que os responsáveis por *Dom Casmurro* se dirigiam, segundo o texto do fundador: “É a melhor homenagem que eu [Brício de Abreu] poderia render [...] a todos aqueles que têm espírito e alma neste árido Brasil intelectual”.⁷ O diretor do periódico destacou que a nova publicação seria um “canto para refúgio dos intelectuais” e que nela não se veiculariam questões políticas, mas produção cultural e literária:

Dom Casmurro sai sem a clássica forma chata e mentirosa: não vai defender ninguém nem moral alguma porque não acredita em ninguém e sabe que a “Dona Moral” é hoje proprietária de uma casa de “rendez-vous” na rua do Riachuelo e anda pelo Tesouro Nacional com amizades em todos os círculos políticos onde haja dinheiro. *Dom Casmurro* se propõe a suprir uma falta no Rio: a de um jornal para todo mundo, feito por intelectuais e com um único programa: evitar a burrice que por aí anda. Nada mais!

Não temos programa de política porque não acreditamos nela, porque é uma senhora “entretenuê” por uma quantidade de cavalheiros perigosos, ciumentos etc., e nós já passamos a época de *gigolots*. Quanto às ideias, não temos o propósito de auscultá-las nem

6 Em Carneiro, Maria Luiza Tucci; Kossoy, Boris. *A imprensa confiscada pelo DEOPS (1924-1954)*. São Paulo: Ateliê; Imprensa Oficial; Arquivo do Estado, 2003, p.130, lê-se: “*Dom Casmurro* foi fundado em 1936 por José Lins do Rego, Gilberto Freyre e Osório Borba”. Conforme já foi visto, não foram essas as condições de criação do jornal de Brício de Abreu e Álvaro Moreyra.

7 Abreu, op. cit., p.1.

restringi-las. Os melhores nomes de nossa literatura trabalham e colaboram em *Dom Casmurro* sem outra condição que a de produzir honesta e intelectualmente.⁸

Apesar da intenção de Brício de Abreu em produzir uma publicação essencialmente cultural, o momento em que o jornal entrou em circulação foi marcado por particularidades na política nacional e internacional. No exterior, os ânimos anunciavam a possibilidade de um confronto bélico em grandes proporções. Os regimes autoritários espalhavam-se pelo mundo e atingiam também o Brasil, governado por Getúlio Vargas. A intenção do líder em cercar as atividades da imprensa e de seus profissionais delineava-se desde sua ascensão ao poder, no início dos anos 1930, com a criação de sucessivos órgãos repressivos. Em novembro de 1937, meses após o surgimento de *Dom Casmurro*, Vargas perpetrou um golpe que deu início ao Estado Novo, ditadura na qual a censura estreitou-se de maneira considerável. Os idealizadores do jornal referiram-se a esse momento ao reproduzir uma frase de Austregésilo de Athayde, então diretor dos Diários Associados, na primeira página do número de estreia da publicação:

Hoje há menos liberdade de imprensa no mundo do que no tempo de Luís XVI e a ignorância e a boçalidade dos poderosos ocasionais impõem-se agora com uma violência que empalidece o absolutismo medieval.⁹

De fato, diferentemente do que os propugnadores do periódico afirmaram, as discussões políticas estiveram muito presentes nas páginas do jornal literário. Nas palavras de Tania de Luca, *Dom Casmurro* era uma publicação “entre letras e política”.¹⁰ Além do

8 Ibid.

9 *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n.1, p.1, 13 mai. 1937.

10 De Luca, Tania Regina. *Leituras, projetos e (Re)vista(s) do Brasil (1916-1944)*. Assis, 2009. Tese (Livre-docência em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista. p.137.

referido periódico, outras publicações que circularam na mesma época tinham como principal objetivo a discussão e a veiculação de produções intelectuais, culturais, literárias e, por vezes, políticas, tais como *Diretrizes* (RJ, 1938-1944), *Boletim de Ariel* (RJ, 1931-1939), *Lanterna Verde* (RJ, 1ª fase 1934-1938; 2ª fase 1943-1944), *Revista Acadêmica* (RJ, 1933-1944), *Cultura Política* (RJ, 1941-1945) e *Revista do Brasil* (RJ, 3ª fase 1938-1943).¹¹

Em suas análises, Tania de Luca percebeu que esses empreendimentos, incluindo *Dom Casmurro* e *Diretrizes*, eram ligados ao contexto político em que circularam, pois, com raras exceções, não ultrapassaram o ano de 1945, data da queda de Getúlio Vargas: “As revistas fundadas no início dos anos 1930 não tiveram sobrevida significativa após a queda do regime”.¹² No entanto, a estrutura de alguns desses periódicos não demonstrava a relação com a política, visto que publicavam seções de análises literárias, resenhas, trechos de obras, poemas, contos e crônicas. Além disso, os anúncios eram, em sua maioria, de editoras, cinemas, teatros, livrarias e seus produtos. Porém, vale lembrar que as discussões de questões estéticas também eram formas de intervenção no debate político:

A linha demarcatória é bastante tênue, uma vez que as propostas estéticas, longe de se encerrarem nelas próprias, permitem antever estratégias de intervenção no espaço público e esclarecem acerca de valores partilhados pelos propositores, sua forma peculiar de apreender o passado e imaginar o futuro, daí se optar por referenciá-las de forma conjunta.¹³

Essas publicações se diferenciavam de outros gêneros de periódicos. Nessa época, a chamada grande imprensa estava consolidada no Brasil. Em São Paulo e no Rio de Janeiro, grandes jornais como

11 *Ibid.*, p.112-62.

12 *Ibid.*, p.116.

13 De Luca, Tania Regina. *Revista Nova: um periódico do início dos anos 1930*. In: Congresso Internacional da Brasa, VIII, 2006, Nashville, Tennessee. *Anais...* Nashville: Vanderbilt University, 2006. p.2.

O Estado de S. Paulo e *Jornal do Brasil* tornaram-se empresas na virada do século XIX para o XX e mantinham suas consideráveis tiragens. Em 1938, registraram-se 23 matutinos e vespertinos no Rio de Janeiro. A quantidade significativa de jornais dava aos leitores a possibilidade de adquirir um novo título a cada duas horas, entre as edições do *Jornal do Commercio*, *Diário de Notícias*, *O Jornal*, *Diário da Noite*, *Jornal do Brasil*, *O Globo* e *Diário Carioca*. Havia também os de menor expressão, como *A Batalha*, *A Nação*, *O Radical*, *Voz de Portugal*, *Correio da Noite*, *A Nota*, *Vanguarda*, *Democracia* e *O Imparcial*.¹⁴

No período, também surgiram os primeiros conglomerados jornalísticos. O grupo do jornal *A Noite* contava com dezessete empresas, entre elas o jornal *A Manhã*, as revistas *Vamos Ler* e *Carioca* e as rádios Mayrink Veiga e Nacional. O vespertino *A Noite* chegava a publicar cinco edições diárias e suas tiragens variavam entre 40 e 120 mil exemplares.¹⁵ Além deles, os leitores contavam com as publicações dos Diários Associados, poderoso grupo de Assis Chateaubriand que liderava o mercado de jornais e revistas da época. Um de seus periódicos era a revista *O Cruzeiro*, de refinado acabamento gráfico, que apresentava assuntos variados aos leitores e tinha suas páginas ocupadas, sobretudo, por imagens. Outras publicações do período partilhavam do mesmo escopo editorial, como *Careta*, *Revista da Semana* e *O Malho*.

Dom Casmurro se diferenciava desses periódicos, pois suas páginas abrigavam mais textos que imagens. Para essas duas sortes de publicações, as que possuíam mais imagens e as que comportavam mais textos, chegou-se a pensar, inclusive, numa distinção: as primeiras seriam as “de variedades”, e as últimas, as “culturais e literárias”. Esses dois grupos possuíam diferenças entre si, mas também compartilhavam características. Os assuntos políticos e literários, bem como a tentativa de atingir públicos mais amplos por

14 Barbosa, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil – 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p.109.

15 Ibid.

meio de seções variadas, não eram exclusividade de um gênero ou de outro. Daí o cuidado recomendado para utilizar essas tipologias e caracterizar as publicações:

A construção de rígidas tipologias para dar conta das revistas parece fadada ao insucesso. Contudo, é possível discernir grandes linhas de força que separavam, de um lado, as ilustradas e de variedades e, de outro, aquelas estritamente culturais e/ou literárias [...]. Entretanto, não se deve tomar a citada oposição como absoluta, uma vez que a presença de matéria literária, o trato de temas diversificados e o recurso à imagem não podem ser considerados apanágio exclusivo de um dos grupos. Noutros termos, não é a presença ou a ausência de certos elementos invariáveis que define a natureza da publicação, mas a análise articulada dos objetivos do conteúdo e de sua estruturação interna, da presença/ausência de material iconográfico e das relações entre o textual e o icônico, bem como suas formas de utilização e os sentidos adquiridos no interior dos periódicos. Tais características associadas ao perfil dos responsáveis diretos e dos colaboradores é que permitem discernir o público-alvo e o lugar ocupado pelas publicações seja na história da imprensa, seja em relação aos demais veículos contemporâneos.¹⁶

Dessa maneira, foi a intenção dos editores de *Dom Casmurro* que permitiu classificá-lo como cultural e literário. Esse tipo de periódico teve uma história na trajetória dos impressos no Brasil. Ao estudar o caso da *Revista do Brasil*, Tania de Luca reconstituiu o percurso das principais publicações do gênero que circularam no Brasil entre 1916 e 1944. Algumas dessas revistas remontaram a tradição de periódicos literários do século XIX, como a *Revista Brasileira* e a francesa *Revue des Deux Mondes*. Outras foram porta-vozes de propostas estéticas que se intitulavam inovadoras, como as do movimento modernista de São Paulo. Nas décadas de 1910 e 1920, essas publicações tinham pouca durabilidade e eram em-

16 De Luca, op. cit., p.9-10.

preendimentos frágeis do ponto de vista econômico, sendo acometidas pelo chamado “mal de sete números”. Nas décadas de 1930 e 1940, elas se tornaram mais perenes e alcançaram durabilidade mais ampla. Além disso,

Na década de 1930 e 1940, as revistas culturais e literárias não perderam o caráter de empreendimentos frágeis do ponto de vista econômico, sobretudo quando confrontadas com outros tipos de periódicos. Porém, há que se levar em conta o contexto em que circulavam e os novos sentidos que adquiriram, uma vez que extrapolaram o papel de porta-vozes de pequenos grupos vinculados à vanguarda estética. De fato, tais periódicos passaram a interessar mais diretamente livreiros e editores, que tinham nas suas páginas um veículo de divulgação de autores e obras, profissionais liberais, burocratas e leitores ávidos por informações e um certo verniz cultural; órgãos do governo e sua diversificada rede de instituições, que pretendiam difundir projetos e realizações oficiais, grupos jornalísticos, que adquiriam prestígio por meio da edição de suplementos e/ou periódicos culturais, e, sobretudo, não se pode menosprezar que, em todos os casos mencionados, as revistas também configuravam uma forma de intervenção no debate público acerca da realidade nacional, o que era indissociável das candentes questões políticas.¹⁷

Outra inflexão foi geográfica: se nos anos 1910 e 1920 as revistas culturais e literárias tinham como sede a cidade de São Paulo, nas décadas de 1930 e 1940 essas publicações eram elaboradas no Rio de Janeiro.¹⁸ Se antes a capital paulista era a principal referência cultural do país, cenário de movimentos de transformação estética como a Semana de Arte Moderna de 1922, o Rio, nos decênios

17 De Luca, op. cit., 2009, p.115.

18 Certamente, nos anos 1930 e 1940 outros periódicos culturais e literários circularam em São Paulo, mas “importa destacar, contudo, que as iniciativas mais significativas nos anos citados teriam por sede o Rio de Janeiro e não mais a cidade de São Paulo”. De Luca, op. cit., 2006, p.16.

seguintes, além de capital da República, sediava um governo que se queria modernizador e investia para que sua capital recuperasse o prestígio ofuscado por São Paulo nos anos 1920.¹⁹ Além disso, a época dos periódicos custeados pelos próprios fundadores e colaboradores ficava para trás – “agora, poderosos interesses punham em circulação as engrenagens que possibilitavam o lançamento de publicações literárias e culturais”.²⁰

Dom Casmurro foi um caso à parte. No gênero das publicações culturais e literárias, foi o único de sua época em formato jornal. A inexistência de estudos a seu respeito contribui para que pouco se saiba sobre seu funcionamento e suas fontes de receita. Não se sabe ao menos a data em que saiu de circulação.²¹ Apesar de tabloide, o periódico apresentava uma estrutura fixa de seções (uma em cada página), semelhante a uma revista. No início, o jornal apresentava-se em uma média de doze páginas, mas em junho de 1942 esse número caiu para oito. As exceções eram as edições especiais ou de aniversário da publicação, em que a quantidade de páginas chegava a cem. As seções versavam principalmente sobre assuntos culturais e literários, mas também havia colunas sobre o cotidiano das cidades, além de uma página inteiramente dedicada ao público feminino. A seção que perdeu por quase todos os exemplares apresentava aos leitores, semanalmente, um gênero jornalístico cuja notoriedade crescia naqueles anos: “As grandes reportagens exclusivas”.

As páginas de *Dom Casmurro* ilustravam-se por fotografias, charges e caricaturas de autoria de nomes como Augusto Rodrigues, Jacques Bertrand, Santa Rosa, Armando Pacheco e Álvaro, entre outros. À testa da publicação, além de Brício de Abreu e Ál-

19 Sobre esse aspecto, ver Oliveira, Lúcia Lippi. *Cultura urbana no Rio de Janeiro*. In: Ferreira, Marieta de Moraes (Org.). *Rio de Janeiro: uma cidade na história*. Rio de Janeiro: FGV, 2000. p.139-49.

20 De Luca, op. cit., 2009, p.160. Vale destacar que, no caso de *Dom Casmurro* e *Dirretrizes*, talvez pela precariedade de estudos a respeito, pouco se sabe sobre suas fontes de receita.

21 Os exemplares microfilmados existentes no acervo do Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (Cedap) da Unesp em Assis vão de 1937 a 1949.

varo Moreyra, revezaram-se no cargo de redator-chefe Marques Rebello²² (a partir de agosto de 1938) e Jorge Amado²³ (a partir de meados de 1939). Álvaro Moreyra voltou a esse posto em maio de 1940. A partir de janeiro de 1942, o cargo de redator-chefe desapareceu e a direção ficou exclusivamente sob responsabilidade de Brício de Abreu. O expediente do jornal também apresentava o cargo de redator, ocupado por escritores iniciantes, como Joel Silveira, que figurou no posto a partir de 1937, ano em que chegou ao Rio de Janeiro. Em pouco tempo, Silveira tornou-se secretário de redação do periódico. Apesar de ter tomado parte na direção do jornal, Silveira assim se referiu à publicação anos mais tarde, em *Na fogueira*, sua autobiografia inacabada:

Aqueles tempos, no *Dom Casmurro*, e foram mais de dois anos, não podiam ser considerados um emprego, o *Dom Casmurro* nem chegava a ser um “bico”. Era mais um lugar onde nós, iniciantes, podíamos publicar nossas coisas, conversar, conhecer gente, telefonar e, de um certo modo, termos um endereço fixo, no melhor local da cidade, onde podíamos ser encontrados o dia inteiro.²⁴

Em sua obra memorialística, Joel Silveira descreveu as dificuldades financeiras de *Dom Casmurro* em diversas passagens. Em uma entrevista, logo após o lançamento do primeiro e único volume de

22 “Em 1931 e 1933, já publicara os contos de “Oscarina” e “Três Caminhos”; dois romances, *Marafa* em 1935 e *A estrela sobe* em 1939, e uma *Vida de Manuel Antônio de Almeida*, de quem é herdeiro consciente. Além de alguns volumes de literatura infantil e uma peça de teatro.” Antelo, Raúl. *Literatura em revista*. São Paulo: Ática, 1984. p.57.

23 Vale atentar-se para o nome de Jorge Amado, visto que ele foi um dos intelectuais mais visados pela censura na época, muito provavelmente por conta da crítica social presente em suas obras. Segundo Maria Luiza Tucci Carneiro, seus livros foram proibidos e apreendidos no estado de São Paulo, onde relações de amizade com o autor ou a simples posse de alguma de suas obras comprometiam qualquer cidadão. Ver *Livros proibidos, ideias malditas*. São Paulo: Ateliê; PROIN; FAPESP, 2002. p.141-3.

24 Silveira, Joel. *Na fogueira*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998 (a). p.147.

sua autobiografia, o escritor chegou a afirmar “que nosso jornal não pagava pelas colaborações. A gente recebia um vazezinho que não dava nem para pagar o aluguel”.²⁵ Apesar dos cargos de direção e das oportunidades que Joel obteve no periódico, seus testemunhos apontaram que o trabalho na redação do jornal ainda não era totalmente segmentado. Em *Dom Casmurro*, Silveira “fazia de tudo: buscava café pequeno, escrevia, comprava sanduíches, acendia charutos da Eugênia, mulher do Álvaro Moreyra”.²⁶ O ambiente caótico de uma redação de jornal nos anos 1930 e 1940, em que os ânimos se exaltavam e as funções se misturavam, muito divergia da segmentação e assepsia das redações na atualidade. Portanto, era possível que, mesmo sendo redator, Joel executasse outras funções. A imagem do caos apareceu na memória de Silveira, nas passagens em que o jornalista abordou seu trabalho como secretário de redação:

Me vieram à lembrança todos os componentes daquele mundo caótico: o teclar incessante e nervoso das máquinas de escrever, a chegada de repórteres suados, as piadas grosseiras, o cafezinho sempre excessivamente açucarado e morno, a intromissão de populares com reclamações e apelos – e lá, entronizado numa espécie de estrado, como um maestro tentando conduzir uma orquestra de malucos em que cada músico tocava seu instrumento na hora que lhe convinha, o pobre e aflito secretário de redação. Era o caos!²⁷

A redação do periódico também era um dos mais importantes pontos de encontro da intelectualidade brasileira. Essa identidade

25 Silveira, Joel. O Estado Novo e os intelectuais. Entrevista concedida a Gonçalo Jr. *Gazeta Mercantil*, São Paulo, 4 abr. 1999 (b). p.5. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/mt200499.htm>>. Acesso em: 15 jan. 2010.

26 Silveira, Joel. Joel Silveira, do alto dos seus 60 anos. Entrevista concedida a *O Pasquim*, Rio de Janeiro, 2 set. 1978 (a). Ano X, n.482, p.11. Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.

27 Silveira, op. cit., 1998 (a), p.91.

do jornal *Dom Casmurro* apareceu nas memórias de Joel Silveira: “Éramos o único jornal do gênero com circulação nacional. Vendia muito em São Paulo. Tirávamos 50 mil exemplares por semana, o que era extraordinário. Todos os literatos do Brasil escreviam ou visitavam a redação quando passavam pelo Rio [...]”.²⁸ É interessante notar que, nas memórias de Silveira, a imagem de *Dom Casmurro* variou de acordo com a época em que elas foram publicadas e com os interesses do autor em valorizar ou relativizar sua importância. Se em *Na fogueira* o hebdomadário de Brício de Abreu figurou como um “bico” para o jornalista, em outras entrevistas Silveira preferiu destacar o relevante papel de *Dom Casmurro* para a cultura e a política do período.

Apesar das várias “faces” que *Dom Casmurro* adquiriu nas memórias de Joel, não se pode mensurar as dimensões do empreendimento em termos de tiragem, número de exemplares vendidos e quantidade de assinantes. O que se sabe é que, por um período, seus editores realizaram uma campanha para atingir 10 mil assinaturas, por meio de anúncios no próprio jornal, nos quais pediam aos leitores que recomendassem a publicação aos amigos. O fato é digno de nota, pois demonstra a intenção de seus propugnadores em aumentar as vendas da publicação e ultrapassar as restrições de público, além do esforço publicitário em construir uma identidade para o periódico como jornal de alta popularidade. Em junho de 1938, pouco mais de um ano após o lançamento de *Dom Casmurro*, seus editores anunciaram que o jornal possuía 3.800 assinantes, número bastante considerável tendo em vista o restrito público intelectual ao qual o jornal se destinava e a quantidade significativa de impressos disponíveis aos leitores.

Se por um lado o projeto dos editores era produzir um jornal cultural destinado aos intelectuais, por outro a publicidade de *Dom Casmurro* o anunciava como periódico “para toda a família”. A existência de uma página feminina demonstrava a intenção dos proprietários em diversificar seu público. No entanto, o preço de

28 Silveira, op. cit., 1999 (b), p.3.

Dom Casmurro não era dos mais baratos. Inicialmente, o exemplar avulso custava 500 réis, valor alterado para o dobro, 1\$000, em 1940, por conta do aumento do preço do papel, de acordo com nota da redação: “Devido ao aumento do preço do papel, encarecido de 100% em 6 meses, ‘Dom Casmurro’ se vê na contingência de aumentar, provisoriamente, o seu preço para 1\$000 pedindo, por isso, desculpas aos seus leitores”.²⁹

A guerra em curso na Europa fez que o preço do papel utilizado na impressão de jornais e revistas aumentasse, o que encareceu o valor de diversas publicações. Contudo, *Dom Casmurro* possuía doze páginas e custava 1\$000, enquanto, na mesma época, o exemplar avulso de uma de suas concorrentes, *Diretrizes*, tinha o mesmo valor por quase o triplo do número de páginas. A construção da identidade do jornal como periódico de alta popularidade também foi questionada por escritores da época, como Graciliano Ramos, que afirmou em crônica:

Em princípio de maio deste ano, o Sr. Brício de Abreu me asseverou uma noite que tinha vendido em poucas horas quinze mil números do seu *Dom Casmurro*, um jornal literário, tão literário que Álvaro Moreyra, num artigo de estreia, havia declarado na primeira página que aquilo era coisa só de escritores. Aviso franco, talvez um pouco vexatório para os cavalheiros que são, como dizem Lins do Rêgo e Santa Rosa, os rapazes do sereno, os simpatizantes da literatura. Exatamente como se, no décimo primeiro andar do edifício Odeon, sobre a porta da sala 1107, uma tabuleta ameaçadora parodiasse a velha advertência do professor grego: “Quem não pertencer à confraria vá passando”.

Lida a observação e vista a matéria da folha, balancei a cabeça desanimado:

– Não vendem quinhentos números.³⁰

²⁹ *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n. 178, p.1, 7 dez. 1940.

³⁰ Ramos, Graciliano. *Linhas tortas*. Rio de Janeiro: Record, 1975. p.104.

Vale lembrar que, nessa época, Graciliano Ramos já era um escritor consagrado. Suas obras recebiam o sinete da Livraria José Olímpio Editora, então a mais importante do país. *Dom Casmurro*, em contrapartida, também contava com a colaboração de nomes de destaque na intelectualidade nacional, como Oswald de Andrade, Almir de Andrade, Jorge de Lima, Murilo Mendes, Cassiano Ricardo, Manuel Bandeira e Sérgio Milliet, entre outros. No entanto, se comparado às outras publicações que circularam na época, *Dom Casmurro* contava muito mais com o trabalho dos escritores iniciantes. Segundo Tania de Luca, “os novos se entrincheiravam em *Dom Casmurro*”.³¹ Talvez isso tenha suscitado alguns juízos de valor que se afirmaram acerca do periódico: “Em 1937, sob a direção de Brício de Abreu, começou a circular o semanário de letras *Dom Casmurro*, cuja coleção espelha com fidelidade o baixo nível da atividade literária da época”.³²

Além da reprodução de juízos de valor acerca da publicação, a inexistência de estudos a respeito de *Dom Casmurro* contribui para que alguns dados permaneçam sem esclarecimento. Um deles tem que ver com o fato de que, ao fundar o jornal, Brício de Abreu teria conseguido apoio financeiro de Edith Magarinos Torres, que assinava a coluna “De leve” na seção “Para você”, destinada às mulheres em *Dom Casmurro*. A referência consta na obra autobiográfica de Joel Silveira. O jornalista descreveu com riqueza de detalhes a figura de Torres que, segundo suas palavras, teria por volta de cinquenta anos de idade e pertenceria a uma família tradicional. Na versão de Silveira:

Era fácil perceber que para Brício D. Edith era, naqueles dias, uma das pessoas mais importantes do mundo e peça fundamental na existência do “Casmurro”. Nunca falamos com ele a respeito,

31 De Luca, op. cit., 2009, p.154.

32 Sodré, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p.386. A informação foi reproduzida com as mesmas palavras na pesquisa coordenada por Carneiro; Kossoy, op. cit., p.130.

mas sentíamos que de D. Edith dependia a sorte do jornal, que com uma só palavra ela poderia decretar a sua morte. Talvez fosse exagero nosso, mas era o que na verdade sentíamos. Wilson Louzada chegou a especular:

– Para lançar o jornal Brício deve ter constituído uma sociedade por ações ou coisa assim, e D. Edith, não sei por que, ficou com a maior parte, a parte majoritária das ações ou cotas. E sendo assim, o jornal é dela.³³

De fato, além de assinar uma coluna feminina no jornal, Edith Magarinos Torres figurava como redatora em seu expediente desde o número de estreia. De acordo com o depoimento de Joel, Brício de Abreu não permitia que os redatores do jornal alterassem nenhuma palavra das crônicas de Torres em “De leve”. No entanto, não há informações passíveis de se confrontar com o testemunho do jornalista. Não se encontraram, ao menos, referências sobre Torres em dicionários biográficos e literários. Sua figura e seu suposto investimento em *Dom Casmurro* permanecem sem explicação, assim como as fontes de receita do periódico.

Por outro lado, é possível vislumbrar as empresas que anunciavam nas páginas da publicação. Além das livrarias e das editoras, cuja publicidade estava presente em praticamente todas as páginas do jornal – como Schmidt, Companhia Editora Nacional, *A Noite*, Livraria José Olympio Editora, Martins, Zélio Valverde, Livraria do Globo, Vecchi e Ariel Editora, entre outras brasileiras e estrangeiras –, *Dom Casmurro* recebia propaganda de cinemas, teatros, cassinos e de diversos produtos, entre eles o creme dental Odol, os cigarros da Companhia Souza Cruz, a maisena Duryea, perfumes e outros produtos femininos (como o pó de arroz francês Coty), bebidas e objetos de uso intelectual (como luminárias e máquinas de escrever Remington).

Havia também a publicidade de profissionais liberais, entre eles advogados e médicos, como o doutor Paulo Cruz (“tratamento para

33 Silveira, op. cit., 1998 (a), p.152.

hemorroidas sem dor e sem operação, doenças do intestino e do reto”) e o doutor Iberê Reis (“partos e moléstias femininas”). O jornal recebia ainda anúncios de grandes empresas, como Companhia Nacional de Seguros de Vida Sul América (que anunciava também em *Diretrizes*), e de algumas estatais, como Caixa Econômica Federal e Banco do Brasil. Os textos das publicidades dessas corporações direcionavam-se aos empresários, conforme anúncio da Light and Power: “Só assim, trabalhando em local bem iluminado, o operário se sente mais satisfeito e produz muito mais. O trabalho feito sob iluminação adequada é muito mais perfeito”.³⁴

Outro dado pouco esclarecido é o fato de *Dom Casmurro* e *Diretrizes* apresentarem, por um período (parte de 1941), o endereço de impressão das “Oficinas da Empresa A Noite” (Rua Evaristo da Veiga, 16). Na época, o jornal *A Noite* integrava o grupo de empresas incorporadas ao patrimônio da União, ou seja, a publicação era porta-voz da ditadura de Vargas. As relações da imprensa com o governo nessa época eram tensas. Além de cercear as atividades culturais e jornalísticas por meio de censura prévia, os responsáveis pelos órgãos repressores barganhavam a adesão das publicações ao governo em troca de favores políticos, legislação em benefício dos profissionais de imprensa ou facilidades no processo de aquisição do papel linha d’água, utilizado na impressão de jornais e revistas, cujo monopólio de distribuição ficava a cargo do Estado.³⁵

Em sua autobiografia, Silveira afirmou que *Dom Casmurro* sofria as pressões da censura de variadas formas, como ligações telefônicas anônimas, nas quais os responsáveis pelos órgãos repressores informavam os assuntos que o governo restringia.³⁶ Não se sabe, contudo, se o fato de ele estampar o endereço de impressão do jornal governista *A Noite* consistia em punição ou regalia por parte dos órgãos repressores ou, ainda, tinha que ver com as disponibilidades

34 *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n.18, p.6, 9 set. 1937.

35 Sobre o controle dos meios de comunicação, ver o segundo capítulo de Capelato, Maria Helena. *Multidões em cena*. Campinas: Papirus, 1998.

36 Ver Silveira, op. cit., 1998 (a).

técnicas da época, das quais *A Noite* era detentor.³⁷ Somente o estudo sistemático dos textos de *Dom Casmurro* tornará apreensíveis os posicionamentos políticos dos responsáveis por essas publicações. Sobre esse aspecto, já se afirmaram algumas ideias sem a devida discussão e análise pormenorizada: “O hebdomadário *Dom Casmurro*, apesar da fama e fachada subversivas para a época, empenhou-se como poucos na defesa de iniciativas governamentais”.³⁸

Na pesquisa organizada por Maria Luiza Tucci Carneiro e Boris Kossoy, encontrou-se um número de *Dom Casmurro* no arquivo do Departamento Estadual de Ordem Política e Social (Deops) de São Paulo, no Arquivo Público do mesmo estado. O exemplar (nº 105) foi apreendido em 1939 na casa do médico paulistano Quirino Pucca, “preso diversas vezes sob a acusação de atuar em prol do comunismo distribuindo panfletos e boletins sediciosos além de trabalhar na Sociedade de Socorros Mútuos internacional, entidade ligada ao Socorro Vermelho”.³⁹ Essa referência não define o público leitor do jornal, mas indica que a publicação incomodava os responsáveis pelos órgãos censores, que estavam no rastro dos intelectuais e de sua produção.

Os homens de letras, por sua vez, tinham em *Dom Casmurro* um veículo de discussão das questões relativas a sua classe. A periodicidade regular e a durabilidade da publicação espelhavam o momento “marcado pela expansão do mercado editorial, do público leitor e das atividades culturais em geral; além da importância crescente

37 Segundo Marialva Barbosa, *A Noite* foi fundado em 1911 por Irineu Marinho, após desentendimentos com a direção da *Gazeta de Notícias*, onde o jornalista era secretário-geral. Em 1925, Marinho foi obrigado a caucionar a maioria de suas ações em favor de Geraldo Rocha e, ao deixar *A Noite*, fundou *O Globo*. Em 1928, o jornal adquiriu novas rotativas norte-americanas Man, em substituição às antigas Marinonis, o que possibilitou o surgimento do suplemento ilustrado de *A Noite*. No final dos anos 1920, *A Noite* possuía uma tiragem que chegava a 200 mil exemplares. Portanto, tratava-se de um grande jornal no qual *Dom Casmurro* e *Diretrizes* foram impressos por certo período. Ver Barbosa, op. cit., p.58-60.

38 Antelo, op. cit., p.89.

39 Carneiro; Kossoy, op. cit., 2003, p.130.

do escritor enquanto figura pública”.⁴⁰ Como já observado, Silveira tomou parte no projeto de *Dom Casmurro* desde as primeiras semanas de circulação no jornal. Nessa publicação, ele começou a projetar-se como jornalista.

Escrevendo *faits divers*: a seção “Aconteceu nesta semana...”

“Começou a primavera!” foi a primeira colaboração de Joel Silveira para o jornal *Dom Casmurro*, na qual descrevia as impressões sobre o Rio de Janeiro que acabava de conhecer: “Foi ontem que eu fiz dezenove anos. Agora eu estou no reboque do bonde e tenho um furo na calça [...]. Quero ver as casas, quero que o bonde me mostre aqueles retalhos diferentes da cidade – que é uma vida nascida de uma porção de vidas”.⁴¹ De fato, tudo era novo para Silveira. O emprego em *Dom Casmurro* foi sua primeira grande oportunidade no jornalismo. O periódico acabara de ser fundado quando tornou-se um de seus colaboradores. Tratava-se, portanto, de um novo jornal para um novo jornalista. Recém-chegado de Sergipe, ele enviou uma carta solicitando emprego para os idealizadores da publicação. A carta, endereçada a Álvaro Moreyra, foi publicada no próprio jornal:

Esta carta poderia ser dirigida a outra pessoa. Mas a coitada teria um fim triste. O mesmo fim que tiveram dezenas de artigos que Joel Silveira espalhou pelas redações das revistas e dos jornais. Porque Joel Silveira não é ninguém, é como um daqueles ‘zeros’ de que nos fala Annibal Machado. Os que já estão em cima sentem medo de olhar o buraco de onde vieram. Eu ainda estou neste buraco, Álvaro Moreyra. É deste buraco que lhe escrevo. E você

40 De Luca, op. cit., 2009, p.159.

41 Silveira, Joel. Começou a primavera! *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n.3, p.6, 29 mai. 1937.

não pode calcular o esforço que faço procurando ver alguma coisa do que corre e vive lá em cima [...].⁴²

O esforço de Silveira em se tornar jornalista de um periódico literário deve ser compreendido de acordo com a importância que o jornalismo tinha, na época, para aqueles que almejavam inserir-se no mundo cultural: “Atuar em jornais [...] era fundamental, não só porque fazia parte de qualquer estratégia de ascensão intelectual [...], mas também porque os periódicos eram a base da circulação de ideias”.⁴³ Dessa forma, os jornais representavam um passaporte para o mundo intelectual, expandindo contatos com mundos políticos e sociais mais amplos:

No caso daqueles que vinham para o Rio de Janeiro, trabalhar em um jornal era praticamente vital: uma espécie de bilhete de entrada no espetáculo do qual se esperava participar. Ter integrado a redação de um periódico em outro local do país podia ajudar, mas os contatos e posições políticas facilitavam muito.⁴⁴

O início da carreira profissional de Silveira parece tê-lo marcado de tal forma que a ele dedicou o já citado primeiro e único volume de seu inacabado projeto autobiográfico intitulado *Na fogueira* – título que o próprio Silveira justificou como uma referência ao efervescente ano de 1937, marcado não apenas pela decretação do Estado Novo, pelo crescimento do integralismo e pelo avanço do nazifascismo na Europa, mas também por sua ascensão no jornalismo:

Outubro chegava ao fim, e ao fim também chegava 1937, um ano em que tudo estava acontecendo e tudo me havia acontecido.

42 Silveira, Joel. Carta aberta a Álvaro Moreyra. *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n.4, p.2, 3 jun. 1937.

43 Gomes, Ângela de Castro. *História e historiadores*. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p.46.

44 *Ibid*, p.45.

Eu vivera naqueles últimos oito meses mais do que havia vivido em todos os dezoito anos anteriores.⁴⁵

De fato, tudo havia mudado na vida de Silveira. Ele havia deixado de ser um jovem e desconhecido estudante do sertão sergipano para se tornar colaborador de um dos mais importantes periódicos literários do país. A entrada de Joel Silveira no jornalismo se revelaria, mais tarde, um caminho sem volta. Pouco mais de um mês após o início de suas atividades, ele já ocupava o cargo de redator, fruto da confiança nele depositada pelos editores do periódico. Entretanto, o reconhecimento por sua produção textual não foi imediato, e a evolução de seu prestígio junto aos editores pode ser constatada por meio da trajetória de suas colaborações.

Inicialmente, seus textos não ocupavam lugar dos mais destacados no jornal. As pequenas notas e crônicas que escrevia apareciam na parte inferior e nos cantos das páginas. O tema também não era definido e variava entre comentários sobre a vida de algumas personalidades políticas e literárias, como Maria Antonieta, Dostoiévski e Erasmo de Roterdã, e análises de obras e eventos culturais. O conjunto desses artigos não possuía um objetivo com contornos definidos. Ele consistia na tentativa do autor em encontrar um local fixo nas páginas de *Dom Casmurro* e uma temática com a qual se destacasse. Essa possibilidade delineou-se somente após quase um ano de colaborações em *Dom Casmurro*, quando Silveira tornou-se responsável por sua primeira seção.

A partir de fevereiro de 1938, a seção “Aconteceu nesta semana...” passou a receber a assinatura “De Joel Silveira”. A coluna surgiu no jornal *Dom Casmurro* em seu primeiro número, de maio de 1937, mas foi publicada sem assinatura até o momento em que Silveira figurou como seu autor.⁴⁶ “Aconteceu nesta semana...”

45 Silveira, op. cit., 1998 (a), p.122.

46 Na primeira página do exemplar de número 3 de *Dom Casmurro*, a redação do jornal informou que a seção “Aconteceu nesta semana...” era de responsabilidade de Bandeira Duarte (Ver *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n.3, p.1, 27 mai. 1937). Esse autor figurou no expediente da revista a partir do exemplar

abrigava crônicas breves, divididas por dias da semana, que resumiam os acontecimentos do cotidiano carioca. Quando Joel Silveira tornou-se responsável pela seção, ela passou a ocupar lugar mais destacado nas páginas do jornal. Ele a assinou até meados de 1939, quando “Aconteceu nesta semana...” deixou de existir.⁴⁷

A seção ressurgiu na revista *Diretrizes*, em 1941, e recebeu a assinatura de Silveira em algumas oportunidades. “Aconteceu nesta semana...” era uma seção de *faits divers*.⁴⁸ Nela, o autor discorria

de estreia, de maio de 1937, até julho do referido ano. Segundo Menezes, Raimundo. Dicionário Literário Brasileiro Ilustrado. São Paulo: Saraiva, 1969. p.450, Otto Carlos Bandeira Duarte Filho nasceu em 15 de fevereiro de 1904. Foi humorista, romancista, teatrólogo e crítico teatral de *O Globo* e *Diário da Noite*. Coursou, sem terminar, a Escola Militar do Realengo e a Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Foi sócio-fundador e primeiro presidente da Associação Brasileira de Críticos Teatrais, além de professor de História do Teatro, do Conservatório Nacional de Teatro, e cenarista e chefe do Serviço de Orientação Educacional do Instituto Nacional de Cinema Educativo (Ince) do Ministério da Educação e Saúde Pública (MES). Segundo Coutinho; Souza, op. cit., p.615, Bandeira Duarte também foi funcionário do Serviço Nacional de Teatro (SNT) e morreu em 6 de março de 1964.

47 Quando Joel Silveira lançou seu primeiro livro, a coletânea de contos *Onda raivosa*, a redação de *Dom Casmurro* publicou um comentário sobre a obra e informou que o jornalista era responsável pela seção “Aconteceu nesta semana...” desde o terceiro número do jornal (ver *Onda raivosa*. *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n.92, p.5, 11 mar. 1939). Porém, justamente no número 3, Bandeira Duarte foi apontado pela redação do *Casmurro* como autor da seção. Dessa forma, as informações sobre a autoria da seção na época em que ela foi publicada sem assinatura são confusas, de modo que não é possível afirmar quem era, de fato, seu autor nessa fase. É provável que os redatores e demais colaboradores de *Dom Casmurro* se revezassem semanalmente na elaboração da coluna. Joel Silveira, naquele momento, ainda se dedicava à escrita de seus artigos, na tentativa de encontrar sua função específica no jornal. Conforme se verá adiante, o número desses artigos caiu consideravelmente em 1938, quando “Aconteceu nesta semana...” passou a receber a assinatura de Silveira. Assim, preferiu-se analisar a seção somente a partir do momento em que ela recebeu a assinatura de Joel. Além disso, geralmente, a não assinatura de um texto em jornais e revistas pressupõe a intenção dos idealizadores em atribuir uma autoria coletiva do periódico para esse tipo de matéria.

48 Expressão francesa que significa “fatos diversos”. No entanto, a tradução para o português não é utilizada, prevalecendo o uso do termo em francês.

sobre problemas urbanos como assassinatos, suicídios e acidentes automobilísticos ou que envolvessem bondes e trens elétricos. O *fait divers* consiste em “uma notícia extraordinária, transmitida de forma romanceada”.⁴⁹ Configurou-se como uma das expressões da imprensa sensacionalista e tem como característica a narração de acontecimentos bizarros que extrapolam a ordem do cotidiano.⁵⁰ Em síntese, assim se define o gênero: “Componente indissociável da imprensa sensacionalista [...], *fait divers* é uma rubrica sob a qual os jornais publicam com ilustrações as notícias de gêneros diversos que ocorrem no mundo”.⁵¹ De acordo com o *Grande dicionário universal do Século XIX*, de Pierre Larousse, trata-se de:

Pequenos escândalos, acidentes de carro, crimes terríveis, suicídios de amor, operários caindo do quinto andar, roubo a mão armada, chuvas torrenciais, tempestades de gafanhoto, naufrágios, incêndios, inundações, aventuras divertidas, acontecimentos misteriosos, execuções, casos de hidrofobia, antropofagia, sonambulismo, letargia. Ampla gama de atos e salvamento e fenômenos da natureza, como bezerros de duas cabeças, sapos de quatro mil anos, gêmeos xipófagos, crianças de três olhos, anões extraordinários.⁵²

49 Meyer, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p.98.

50 No Brasil, Valéria Guimarães foi a única a analisar sistematicamente este tipo de fonte em sua tese de doutorado, na qual estudou os faits divers publicados sob o título “Notícias diversas”, no jornal O Estado de S. Paulo, nos anos 1910. Os resultados de suas análises encontram-se nos seguintes artigos, cuja leitura muito contribuiu para fundamentar as discussões deste capítulo: Guimarães, Valéria. “Notícias diversas”: Apontamentos para a história do fait divers no Brasil. Revista do portal do jornalismo brasileiro, ed. 7, 2006. Disponível em: <www.eca.usp.br/profjosemarques/arquivos/dossie7.d.htm>. Acesso em: 29 nov. 2009; Guimarães, Valéria. Os dramas da cidade nos jornais de São Paulo na passagem para o século XX. Revista Brasileira de História, v.27, n.53, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010201882007000100014&lng=p&nrm=iso>. Acesso em: 29 nov. 2009.

51 Angrimani, Danilo. *Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa*. São Paulo: Summus, 1995. p.25.

52 Apud Ibid.

O *fait divers* surgiu na França no final do século XIX, no *Le Petit Journal*, periódico popular de folhas baratas e fácil divulgação. Seus idealizadores privilegiaram esse tipo de texto, originário das antigas *nouvelles*, *chroniques* ou *canards*, que chegou a superar o folhetim em termos de tiragem.⁵³ Tratava-se de um gênero de texto sensacionalista que os editores dos jornais mobilizavam para aumentar suas vendas, valendo-se do fascínio do público por histórias que explorassem as tragédias da vida urbana.

Para Danilo Angrimani, o *fait divers* já existia nos primeiros jornais franceses *Nouvelles Ordinaires* e *Gazette*, que circularam entre 1560 e 1631, e o sensacionalismo já se encontrava na primeira publicação norte-americana, *Publick Occurrences* (1690). Entretanto, foi no século XIX que ele ganhou amplitude, com os *canards* franceses – jornais populares de apenas uma página, impressos na parte frontal e que apresentavam título, ilustração e texto. Essas publicações tinham consideráveis índices de vendas e suas notícias agradavam a todos. Nos Estados Unidos, no final do XIX, os jornais *New York World*, de Joseph Pulitzer, e *Morning Journal*, de William Randolph Hearst, se valeram de textos sensacionalistas para ampliar seus rendimentos. Esse recurso parece ter sido de grande valor, pois, antes da virada do século, os periódicos de Pulitzer e Hearst alcançaram tiragens de até 1 milhão de exemplares por dia.⁵⁴

A história em quadrinhos do Yellow Kid, publicada nos dois jornais, tornou-se registro simbólico desse estilo. A cor do personagem deu origem ao termo pejorativo “imprensa amarela”, que passou a designar as publicações sensacionalistas norte-americanas do período 1890-1900, caracterizadas, segundo Frank Luther Mott, pelas “manchetes escandalosas (...) ‘garrafais’ preto ou vermelho, espalhando excitação sobre notícias (...) e uso abusivo de ilustrações.”⁵⁵ Na França, os *canards* do século XIX receberam a denominação de “imprensa marrom”, no sentido de ilegalidade

53 Meyer, op. cit., p.98.

54 Angrimani, op. cit., p.19-23.

55 Apud Ibid., p.22.

e clandestinidade.⁵⁶ Segundo Ben Singer, o surgimento do sensacionalismo na imprensa foi contemporâneo ao crescimento das cidades, à explosão populacional e ao surgimento de novos artefatos tecnológicos, como eletricidade, cinema, automóvel, bondes e fonógrafos.⁵⁷ Na virada do século XIX para o XX, jornais e revistas deram publicidade aos dramas da vida urbana, por meio de textos ou imagens, o que alimentou o gosto do público pelas tensões e tragédias da vida contemporânea:

O tema distópico dominante na virada do século destacava os terrores do trânsito da cidade grande, em especial com relação aos riscos do bonde elétrico. Uma plethora de imagens representando torrentes de pedestres feridos, pilhas de “inocentes massacrados” e figuras de esqueletos regozijados personificando a morte enfocaram os novos perigos do ambiente urbano tecnologicado. Jornais sensacionalistas tinham uma predileção particular por imagens de “instantâneos” de mortes de pedestres. Essa fixação ressaltava a ideia de uma esfera pública radicalmente alterada, definida pelo acaso, pelo perigo e por impressões chocantes mais do que por qualquer concepção tradicional de segurança, continuidade e destino autocontrolado [...].⁵⁸

A bibliografia relativa ao sensacionalismo demonstra que o sucesso do gênero se dava pelo gosto em vislumbrar espetáculos e textos que expunham tragédias e acontecimentos que transgrediam a monotonia da vida privada. O que agradava aos leitores era, sobretudo, a tragédia. “Le goût du fait divers, c’est le désir de voir [...] le voyeur est sadique.”⁵⁹ Vanessa R. Schwartz lembrou que, na

56 Ibid.

57 Singer, Ben. Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular. In: Charney, Leo; Schwartz, Vanessa R. (Orgs.). *O cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004. p.95-123.

58 Ibid, p.105-6.

59 “O sabor do *fait divers* é o desejo de ver [...] o observador é sádico.” Merleau-Ponty, Maurice. Sur le fait-divers. In: _____. *Signes*. Paris: Gallimard, 1960. p.388. [Ed. bras.: *Signos*. São Paulo: Martins Editora, 1991.]

Paris do final do século XIX e do início do XX, uma das diversões públicas eram as visitas ao necrotério da cidade, que expunha os corpos de pessoas mortas em tragédias. Segundo a autora, os jornais noticiavam assassinatos e outras mortes brutais por meio do formato *faits divers*, fartamente ilustrado. Após ler as notícias, a população parisiense se aglomerava em frente ao necrotério. Para Schwartz, tratava-se do gosto extremado pela realidade que, além das visitas ao necrotério, incluía passeios aos museus de cera que apresentavam estátuas muito parecidas com seres humanos reais.⁶⁰

No Brasil, o sensacionalismo já era bastante conhecido dos leitores desde a virada do século XIX para o XX. Ele se difundiu por meio de livros que agradavam a significativas parcelas do público e vendiam muitos exemplares. Essas obras versavam sobre assassinatos, pornografia, suicídios por amor, adultérios e demais colapsos. Nas capas, estampava-se a palavra “sensação”: “Na vida real, toda situação inesperada, assustadora, impetuosa, capaz de causar arrepios e surpresa recebia tal conotação [...]. Em outras palavras, fatos surpreendentes que extrapolavam a ordem rotineira do cotidiano”.⁶¹

No entanto, não há uma data específica para o surgimento do *fait divers* no Brasil. Nos anos 1910, o jornal *O Estado de S. Paulo* possuía na seção “Notícias diversas” um espaço destinado a esse gênero.⁶² Marialva Barbosa lembrou que, na década de 1920, foi recorrente o surgimento de publicações de caráter popular, como o jornal *Crítica*, no qual as tragédias urbanas eram o principal filão. A publicação pertencia a Mário Rodrigues, pai do escritor Nelson

60 Schwartz, Vanessa R. O espectador cinematográfico antes do aparato do cinema: o gosto do público pela realidade na Paris fim-de-século. In: Charney; Schwartz (Orgs.), op. cit., p.337-60. Joel Silveira comentou o sadismo dos temas de sua seção: “Que adianta que José tenha morrido debaixo de um automóvel. Adeus à graça e o prazer quase sádico de pilheriar com as misérias alheias”. Aconteceu nesta semana... *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n.63, p.8, 13 ago. 1938.

61 El Far, Alessandra. *Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p.14.

62 Guimarães, op. cit., 2006; 2007.

Rodrigues, que iniciou sua carreira como repórter sensacionalista no jornal de seu genitor.⁶³

Apesar da tradição que o *fait divers* possui na história da imprensa, a bibliografia a respeito é bastante escassa. Os historiadores pouco exploraram esse tipo de fonte – lacuna provavelmente ligada à hierarquia que se estabeleceu entre os gêneros jornalísticos, na qual o *fait divers* ocupou lugar de menor prestígio, por conta de sua ligação com o sensacionalismo. Na construção da identidade jornalística, que se deu durante o século XX, não havia espaço para esse gênero, que não se pautava pelo “pacto com a realidade e a objetividade”. Além disso, as características literárias do *fait divers* pouco interessavam aos historiadores de épocas anteriores, preocupados com a tão desejada “verdade dos fatos”, conforme assinalou Marc Ferro:

Le fait divers est demeuré hors du champ d’analyse des historiens parce que ceux-ci, pendant longtemps, ont cherché tantôt à ressusciter le passé “comme si on y était”, tantôt à rendre intelligibles les norme du fonctionnement des sociétés. Dans un cas comme dans l’autre, le faits divers était hors-jeu: il était à la fois un sous-événement et un écart à ces normes. Il paraissait ainsi inapte à apporter quelque aide à l’historien.

Or, il est clair que le fait divers constitue un objet d’histoire privilégié. Comme révélateur, il signale les crises du tissu social, économique, politique, ou du système des valeurs. Il joue le rôle, en quelque sorte, d’un indicateur de santé.

Dès lors, analyser le fait divers est une opération à la fois similaire et inverse à celles q’entreprennent les praticiens de la micro-histoire. Ceux-ci prennent pour objet une famille, un village: au travers d’une permanence, ils precedent à une reconstruction du système global. L’historien du fait divers choisit un état de crise pour répérer les à-coups et les normes d’une société: ce sont là deux demarches complementaires.

63 Barbosa, op. cit., p.49-74.

Fait divers, fait simple à première vue, fait résiduel, laissé por conte de la grande histoire. En vérité, son étude passé par l’histoire narrative pour déboucher sur l’analyse fine du tissu social comme des representations collectives.⁶⁴

Para apreender o significado do *fait divers*, é preciso compreender sua forma. Esse tipo de texto contém todas as informações necessárias para o entendimento, sem que o leitor precise mobilizar outros conhecimentos. “No nível da leitura, tudo é dado num *fait divers*; suas circunstâncias, suas causas, seu passado, seu desenlace [...]”⁶⁵ Por conta dessa estrutura “fechada”, a página do *fait divers* não envelhece. Por meio de sua leitura, “é possível [...] compreender algum fato político sem recorrer ao contexto, sem apelar para nosso conhecimento histórico, a leitura de um *fait divers* ainda pode, cem anos depois, causar os mesmos arrepios ou espantos”.⁶⁶

Por outro lado, conforme se verá nas análises deste capítulo, a compreensão plena do *fait divers*, seja pelo leitor da época, seja

64 [O *fait divers* permaneceu fora do campo de análise dos historiadores, porque estes, durante muito tempo, buscaram ressuscitar o passado “como ele era”, além de tornar inteligíveis as normas de funcionamento das sociedades. Tanto em um caso como em outro, o *fait divers* estava impedido: era tanto um subcontecimento como um desvio dospadrões. Assim, parecia incapaz de fornecer qualquer tipo de ajuda para o historiador. No entanto, está claro que o *fait divers* é um objeto privilegiado da história. Ele revela crises do tecido social, econômico, político ou do sistema de valores. Ele representa, de qualquer forma, um indicador de equilíbrio. Portanto, analisar o *fait divers* é uma operação um tanto similar e inversa daquelas que empreendem os praticantes da micro-história. Estes tomam por objeto uma família, uma aldeia: por meio de uma continuidade, eles procedem com uma reconstrução do sistema global. O historiador do *fait divers* escolhe um estado de crise para desvendar as fissuras e as normas de uma sociedade: estas são duas abordagens complementares. *Fait divers*, fato simples à primeira vista, fato residual, deixado de lado pela grande história. Na verdade, seu estudo passou pela história narrativa para conduzir à análise fina do tecido social, bem como das representações coletivas.] Ferro, Marc. *Fait divers, fait d’histoire*. *Annales*, v.38, n.4, p.825, 1983. Disponível em: <www.persee.fr>. Acesso: 12 jan. 2010.

65 Barthes, Roland. Estrutura da notícia. In: _____. *Crítica e verdade*. São Paulo: Perspectiva, 1970, p.59.

66 Meyer, op. cit., p.99.

pelo historiador que o analisa, exige conhecimento do contexto. O *fait divers* é um “acontecimento plenamente vivido como um signo cujo conteúdo é incerto”.⁶⁷ Trata-se, portanto, de matéria-prima privilegiada para o historiador. Em seu estudo sobre os *faits divers* do jornal *O Estado de S. Paulo* nos anos 1910, por exemplo, Valéria Guimarães constatou que, ao descrever os dramas da cidade, os jornalistas responsáveis por esse gênero relacionavam as tragédias às determinadas raças e aos moradores da periferia paulistana.⁶⁸

A partir desse apanhado sobre a história do *fait divers*, é possível perceber que, quando Joel Silveira tornou-se responsável pela seção “Aconteceu nesta semana...”, o gênero e suas características já eram bastante conhecidos do público. Tratava-se de um formato com o qual os leitores já estavam familiarizados e que Silveira não rompeu. Além disso, Joel encabeçava uma seção que não era fruto de sua própria idealização. Dessa forma, sua função era dar continuidade a um projeto e a um modelo previamente estabelecidos, o que fez que as já assinaladas características do gênero permanecessem em sua seção, conforme se constata a partir de sua análise:

Tinha vinte e dois anos e era pálida. Era lírica também. Chama-se Engracia. Apaixonou-se por um rapaz que não era pálido e não era lírico. O rapaz chama-se Raimundo. Cada um seguiu o seu caminho. Raimundo foi para Minas, levando uma mocinha. Engracia tomou outro rumo, matou-se. Um dia Raimundo voltara de Minas com uma penca de filhos, filhos robustos, como queijo. Engracia não voltará mais nunca.

Tinha vinte e dois anos. É muito triste o caso de Engracia que morreu antes de começar a viver.⁶⁹

O enredo romanceado lembra uma história de folhetim: uma moça inocente, iludida por um homem que a abandonou, se suicida.

67 Barthes, op. cit., p.66.

68 Guimarães, op. cit., 2006 e 2007.

69 Silveira, Joel. Aconteceu nesta semana... *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n.43, p.6, 24 mar. 1938.

O tom é melodramático: “Engracia não voltará mais nunca. Tinha vinte e dois anos. É muito triste o caso de Engracia que morreu antes de começar a viver”. Na crônica, o autor forneceu informações relativas a uma situação muito mais ampla que a do breve relato. Apesar de aparentemente corriqueiro, todo *fait divers* induz a pensamentos profundos.⁷⁰ Em seu texto, Silveira deu duas referências para caracterizar os indivíduos: Engracia “era pálida e era lírica também” e apaixonou-se por um rapaz “que não era pálido nem lírico”.

Em seguida, vieram os fatos: a moça inocente iludiu-se com um sujeito que a abandonou por outra “mocinha” e foi para Minas Gerais, de onde voltou com “uma penca de filhos, robustos como queijo”. Enquanto Engracia, por sua vez, “não voltará mais nunca”. Para a moral da época, Engracia condenou-se ao se apaixonar por um conquistador que a abandonou. Não suportou a vergonha e o sofrimento e suicidou-se. Mas Engracia foi descrita como “lírica”, enquanto Raimundo “não era lírico”, o que demonstra que, para o autor, os penhores românticos da mocinha a levaram ao suicídio.

Além disso, Engracia era “pálida”, expressão que apontava uma saúde debilitada. Raimundo, por sua vez, “não era pálido” e “teve uma penca de filhos, robustos como queijo”, ideia de saúde e fartura. A personagem feminina que reunia características de “fraqueza”, como lirismo e palidez, suicidou-se, enquanto o personagem masculino perpetuou-se, dando origem a uma saudável prole. A descrição que o jornalista fez dos personagens, atribuindo-lhes as referidas informações, produziu um efeito de ligação entre as características dos indivíduos descritos e os acontecimentos, transmitindo ao leitor a ideia de que o romantismo e a falta de saúde de Engracia a levaram a apaixonar-se por um indivíduo aparentemente de “má índole” para a época, que a enganou, abandonando-a e casando-se com outra.

Vista sob outra ótica, a história de Engracia suscita interpretação diversa. Raimundo era o vilão por tê-la iludido e abandonado. Engracia “era pálida” e Raimundo “não era pálido”. Essas expres-

70 Merleau-Ponty, op. cit., p.388.

sões também eram utilizadas para descrever o aspecto racial dos indivíduos, informação que Silveira mobilizava na descrição de seus personagens, conforme a tradição do *fait divers*: “Sebastião dos Santos é pardo e tem 26 anos. Além disso, é ladrão, ladrão profissional. Hoje foi baleado quando estava em plena ação”⁷¹ – dessa maneira, o autor propiciou um efeito de ligação entre cor da pele e moral; a raça parecia determinar o caráter. No caso da história de Engracia, apesar de o jornalista não ter atribuído os termos “branca” e “negro” para Engracia e Raimundo, essas ideias ficaram implícitas com os eufemismos “pálida” e “não pálido”. A degeneração transferia-se para o “vilão” Raimundo, que provocou o suicídio da “mocinha”, ponto alto do *fait divers*.

Durante o Estado Novo, a questão racial estava em pauta. Os ideólogos do regime retomaram valores eugenistas das ciências do século XIX e reafirmaram a superioridade da raça branca sobre a negra. Esses intelectuais tentaram promover o branqueamento da sociedade brasileira por meio do estímulo à imigração europeia branca para o país. Acreditava-se que, com a miscigenação racial, a população negra tenderia a desaparecer paulatinamente. A chegada de portugueses, espanhóis, italianos e alemães era bem-vinda, sobretudo antes dos problemas do governo brasileiro com o Eixo. Negros, chineses, árabes e japoneses eram evitados.⁷² Um desses pensadores afirmou em texto da época que: “Se não queremos maior influxo de sangue negro ou amarelo, tal atitude não é proveniente do preconceito racial, mas porque desejamos formar no futuro, uma civilização brasileira branca”.⁷³

71 Silveira, Joel. Aconteceu nesta semana... *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n.50, p.6, 12 mai. 1938.

72 Sobre esses aspectos, ver o Capítulo 4 da obra de Lenharo, Alcir. Preconceitos de sangue. In: _____. *Sacralização da política*. Campinas: Papirus, 1986, p.107-38.

73 Apud Lenharo, Alcir. *Op. cit.*, p. 120. Ao analisar a repercussão de uma chacina, ocorrida em um restaurante chinês, em São Paulo, durante o Carnaval de 1938, Boris Fausto constatou que a imprensa paulista da época alardeava que o principal suspeito do crime era negro. O acusado recebeu auxílio da Frente Negra Brasileira (sociedade fundada em São Paulo, em 1931), que desig-

Vale lembrar que estas concepções eram próprias daquele contexto. No caso dos *fait divers*, relacionar certas características dos indivíduos era uma tradição na história do gênero, conforme já foi visto. Dessa maneira, os indivíduos descritos por Silveira eram condenados moral e racialmente pelos governantes e pelas elites brancas da época. Os protagonistas desses dramas do cotidiano carioca eram sempre moradores do subúrbio. Bairros como Engenho de Dentro, Madureira, Cascadura e Salgueiro, bem como a zona portuária, foram contemplados por Silveira como cenários desses acontecimentos: “Ele se chamava Júlio e morava na Saúde [...]. Meteu uma bala na cabeça [...]. Os médicos já disseram que ele não morre [...]”.⁷⁴ Segundo Lúcia Lippi Oliveira, “os subúrbios (Gamboa, Saúde, Penha entre outros) são apresentados pela imprensa como lugares por excelência de violência, catástrofes, vícios, agressões, ameaças à ordem”.⁷⁵ Em outra oportunidade, Joel noticiou que: “No morro do Salgueiro, houve o caso de uma mulher que esfaqueou um homem”.⁷⁶ Nesse caso, o inusitado da notícia, recurso essencial ao *fait divers*, estava no gênero. Ao contrário das demais crônicas, uma mulher tinha matado um homem.

No Estado Novo, as transformações urbanas no Rio de Janeiro recrudesceram. O então prefeito, Henrique Dodsworth, levou à frente as reformas que alteraram a paisagem da cidade. Houve um

nou um advogado para defender o suspeito. Absolvido, o indivíduo ganhou, aos poucos, a simpatia do público leitor dos jornais que noticiavam o crime. Além de analisar periódicos como *O Estado de S. Paulo*, *Correio Paulistano*, *A Gazeta e Diário de S. Paulo*, Boris Fausto teve acesso aos autos do processo-crime. A partir da análise desse documento, o historiador concluiu que: “De fato, perpassa nos autos um ‘racismo ordinário’ – as referências ao ‘preto fulano’, à ‘preta beltrana’, expressões naturalizadas de um passado escravista, cujas marcas se mantiveram ao longo do tempo [...]”. Fausto, Boris. *O crime do restaurante chinês: Carnaval, futebol e justiça na São Paulo dos anos 30*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p.214.

74 Silveira, Joel. Aconteceu nesta semana... *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n.51, p.23, 21 mai. 1938.

75 Oliveira, op. cit., p.142.

76 Silveira, Joel. Aconteceu nesta semana... *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n.41, p.6, 10 mar. 1938.

grande investimento para transformar o Rio na “cidade maravilhosa”. Entretanto, a modernização urbana desse período não visava ao benefício das massas. A construção das avenidas Rio Branco, Brasil e Presidente Vargas culminou com a demolição de mais de quinhentos imóveis e o fim da Praça Onze.⁷⁷ Essas mudanças aumentaram o fosso entre centro e periferia, elite e povo. Lucila Soares lembrou que:

Em 1937, o Rio de Janeiro era a imagem da cidade dinâmica. Arranha-céus (como eram chamados os edifícios de mais de dez andares) eram erguidos em Copacabana em ritmo acelerado, e as queixas contra o tráfego começavam a surgir. A arquitetura moderna ganhava espaço na paisagem do centro. Além do aeroporto Santos Dummont, inaugurado um ano antes, duas construções chamavam a atenção. A Associação Brasileira de Imprensa (dos irmãos Milton Costa e Marcelo Roberto) e o Ministério da Educação, de Lúcio Costa, Carlos Leão, Oscar Niemeyer e Affonso Reidy, sobre o projeto inicial do suíço Le Corbusier.⁷⁸

As avenidas largas e radiais “higiênicas”, que alteraram a paisagem de antiga cidade colonial do Rio, destinavam-se ao seletivo grupo de usuários dos automóveis.⁷⁹ Joel Silveira registrava, em sua seção, os problemas de trânsito ocasionados por essa mudança: “Sábado um comboio elétrico virou e não matou ninguém. Não matou ninguém porque foi apenas inauguração...”;⁸⁰ “Na Praça 15 um bonde cortou a perna de uma criança”;⁸¹ “Na rua Mariz de Barros um automóvel matou um gato”;⁸² “Na praça da Bandeira, um

77 Soares, Lucila. *Rua do Ouvidor, 110: uma história da Livraria José Olympio*. Rio de Janeiro: José Olympio/FBN, 2006. p.106.

78 Soares, op. cit., p.57.

79 Cytrynowicz, Roney. *Guerra sem guerra: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Edusp; Geração, 2000. p.86.

80 Silveira, Joel. Aconteceu nesta semana... *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n.44, p.6, 31 mar. 1938.

81 Ibid., n.53, p.6, 2 jun. 1938.

82 Ibid., n.55, p.6, 16 jun. 1938.

caminhão matou Valter Santiago”.⁸³ Dessa forma, o Rio de Janeiro que recebeu Joel Silveira já era uma grande metrópole, cidade muito diversa daquelas que ele havia conhecido em sua infância, no sertão sergipano. Para o cronista, o impacto dessa mudança refletiu-se diretamente no olhar que ele pousou sobre a capital federal e pode ser comprovada nos temas que ele elegeu para sua coluna.

Tudo era novidade, em especial os meios de locomoção: “O relógio andava muito devagar e vários bondes passavam”.⁸⁴ O surgimento dos automóveis e dos bondes, entre o final do século XIX e o início do XX, trouxe novas maneiras de sentir a passagem do tempo. A vida monótona, marcada pela lentidão do relógio, contrastava com o dinamismo dos novos veículos. Na época em que Silveira começou a escrever regularmente para o jornal, os trens elétricos, muito mais velozes que os demais meios de transporte, acabavam de ser implantados no Rio de Janeiro, e o impacto produzido pela visão desses veículos aumentou o contraste entre a rapidez deles e a monotonia da vida particular:

D. Genoveva tornou a abrir a página n. 362 do segundo tomo dos “Três Mosqueteiros”, endireitou a pontinha virada, pôs novamente os óculos e, antes de engolfar-se na leitura, teve este pensamento diário e vespertino: – Alfredo hoje está demorando. Havia muito sol na varanda. O casal de namorados, no muro defronte, navegava num mundo diferente. O trem elétrico, novo e prateado, passou numa carreira doida por detrás da Escola Rui Barbosa.⁸⁵

A vida acelerada, repleta de imagens em movimento, confluíu para uma nova estimulação nervosa, que Ben Singer chamou de “hiperestímulo”.⁸⁶ Algumas perturbações mentais, como a neurastenia e a nevralgia, eram próprias dessa época de novas realidades

83 Ibid., n.59, p.6, 14 jul. 1938.

84 Ibid., n.51, p.6, 21 mai. 1938.

85 Ibid., n.95, p.6, 25 mar. 1939.

86 Singer, op. cit.

psíquicas. Para Singer, essas doenças seriam provocadas pelo enfraquecimento da força nervosa. “Neurastenia” e “neuralgia” tornaram-se vocabulário frequente na coluna de Joel Silveira: “Gente de cima chamando. Gente em baixo chamando. Neurastenia de alguns, fleugma de outros. Vida pura”,⁸⁷ “Fui ao Alto da Boa Vista primeiramente descansar os pés. Se o descanso da cachola chegasse melhor. Mas não chegou nada. Vim de lá com uma bruta neuralgia”.⁸⁸

Os idealizadores da seção “Aconteceu nesta semana...” estavam atentos a essas novas percepções da vida urbana. Os *faits divers* apresentavam-se em pequenos textos de frases curtas, como se fossem imagens cinematográficas. Joel Silveira percebeu o impacto das tecnologias, como o cinema, na vida e na mentalidade da nova metrópole de massas: “Uma motocicleta, atropelou um carrinho de mão. Uma mocinha muito romântica bebeu lysol. Encontraram numa das mãos dela um retrato de Clark Gable muito amassado com marcas de ‘baton’. Era costureira na cidade e ia casar para o mês”.⁸⁹

Vale lembrar que os indivíduos descritos por Joel Silveira em “Aconteceu nesta semana...” não eram reais. O autor reproduziu alguns de seus *faits divers* de *Dom Casmurro* em *Diretrizes*, quando a seção ressurgiu na revista sob sua assinatura: “Na rua Evaristo da Veiga, um automóvel amassou outro. Então, os donos desceram dos automóveis e se amassaram mutuamente”.⁹⁰ Tratava-se, portanto, de criação literária. O título da seção indicava que aqueles acontecimentos eram recentes, mas a reprodução dos textos nos dois periódicos demonstra que os fatos narrados não aconteceram. Os *faits divers* de Joel Silveira, publicados em *Dom Casmurro* e em *Diretrizes*, eram frutos da inventividade do autor:

87 Silveira, Joel. Aconteceu nesta semana... *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n.43, p.6, 24 mar. 1938.

88 *Ibid.*, n.53, p.6, 2 jun. 1938.

89 *Ibid.*, n.41, p.6, 10 mar. 1938.

90 Silveira, Joel. Aconteceu nesta semana... *Diretrizes*, Rio de Janeiro, n.55, p.8, 10 jul. 1941; e *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n.56, p.8, 23 jun. 1938; *Diretrizes*, Rio de Janeiro, n.55, p.8, 10 jul. 1941; e *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n.47, p.6, 21 abr. 1938.

Francisco Lucas nunca ligou os sapatos (*sic*). Prestava mais atenção as mãos que era nas mãos que Francisco Lucas tinha a cabeça. Francisco Lucas roubou e se escondeu. Mas se esqueceu dos sapatos. Os sapatos tiveram um pouquinho de inteligência, disseram que pé também é gente, citaram Batatais e Leônidas e entregaram Francisco Lucas à polícia. Francisco foi preso, está louco da vida.⁹¹

“Ligar os sapatos” consistia em unir as duas partes do calçado por meio do cadarço e pendurá-las atrás do pescoço para diminuir o ruído dos pés no chão e facilitar a fuga (da prisão ou do lugar onde o crime foi cometido). Evidentemente, Silveira inspirava-se na realidade para criar tais histórias. Em diversas oportunidades, o autor comentou que a leitura dos jornais fornecia assunto para seus *faits divers*: “Os jornais não ajudam. É por isso que às vezes a gente mente e solta umas coisas sem pé nem cabeça. A culpa não é minha. A culpa é dos jornais. Os jornais daqui não têm nenhuma imaginação...”,⁹² “E que ninguém me diga que eu ando catando suicídios nos jornais. Nesses casos é que a vida fica interessante”.⁹³ Dessa forma, Joel Silveira transformava em ficção os acontecimentos noticiados nos periódicos. É possível que alguém tenha roubado e esquecido os sapatos, como Francisco Lucas, mas Silveira foi além e atribuiu fala aos objetos, que denunciaram o autor do crime à polícia. “Há quem transformasse com talento a crônica de *fait divers* em crônica literária”.⁹⁴

Em outra oportunidade, o escritor reconheceu a inventividade de sua seção: “Em Fortaleza, numa rua qualquer de Fortaleza, numa casa qualquer de Fortaleza um homem comeu uma mulher com molho de tomate. É mentira, é lógico. Mas se fosse verdade

91 Silveira, Joel. Aconteceu nesta semana... *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n.47, p.6, 21 abr. 1938; e *Diretrizes*, Rio de Janeiro, n.55, p.8, 10 jul. 1941.

92 Silveira, Joel. Aconteceu nesta semana... *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n.43, p.6, 24 mar. 1938.

93 *Ibid.*, n.49, p.6, 5 mai. 1938.

94 Guimarães, op. cit., 2007, p.2.

seria interessante, não era?”⁹⁵ O burburinho da cidade também inspirava o autor: “[...] Eu, que leio os jornais e que escuto a conversa dos outros, não sei de nada, juro como nada sei. Talvez alguém haja morrido em alguma rua, debaixo de algum automóvel”.⁹⁶ No texto sensacionalista, mescla-se a ficção com a suposição de uma realidade presumida. Nessas notícias, mudam os personagens, mas não as situações. Nesse sentido, materializam-se mitos que extrapolam a ordem e expõem um modelo de cotidiano.⁹⁷

Conforme visto anteriormente, nos anos em que Joel Silveira foi responsável pela seção “Aconteceu nesta semana...”, o *fait divers* não era novidade na imprensa. Tratava-se de um gênero bastante conhecido dos leitores. Entretanto, em algumas oportunidades, o autor comentou que sua seção teria inspirado outros autores: “O sr. Maurice Dekobra, lá em Paris, começou a escrever no ‘Marianne’ uma seção igualzinha a esta e que se chama ‘La terre est ronde’. Será que o sr. Dekobra já lê *Dom Casmurro*?”⁹⁸ Na comunicação com o público, Silveira respondeu a um leitor, que teria copiado “Aconteceu nesta semana...” no Ceará:

Juraci Reis: recebi o seu recado por intermédio do Nélío. Mas não recebi a revista. Quanto à sua seção – “Aconteceu nesta semana...” que você começou a escrever aí no Ceará, está tudo direito. Os direitos autorais não me pertencem. E eu estou mesmo disposto a abandoná-la qualquer dia desses. Espero que v. seja mais persistente do que eu. E que nunca se veja atacado de um mal que em mim é quase cotidiano: “chateação”. Ficaria grato, no entanto, se v. me mandasse os números da revista. Por causa das dúvidas, não sabe? / P. S.: Se mandar pelo Nélío é sinal de que nunca as receberei.⁹⁹

95 Silveira, Joel. Aconteceu nesta semana... *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n.52, p.6, 28 mai. 1938.

96 Ibid., n.59, p.6, 14 jul. 1938.

97 Barbosa, op. cit., p.53-56.

98 Silveira, Joel. Aconteceu nesta semana... *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n.98, p.8, 22 abr. 1939.

99 Ibid., n.74, p.8, 28 out. 1938.

A partir de 1940, a *Revista do Brasil* também passou a publicar “Variedades”, seção de *faits divers* semelhante à de Joel Silveira em *Dom Casmurro* e *Diretrizes*.¹⁰⁰ Entretanto, conforme se constatou na seção anterior, esses periódicos eram voltados ao público intelectual. Seus idealizadores propunham a discussão de temas culturais, literários e políticos. Como explicar, então, a presença de uma seção de *faits divers* nessas publicações? Na bibliografia especializada, há um consentimento de que os proprietários de jornais e revistas recorriam ao sensacionalismo com a finalidade de aumentar as vendas de exemplares: “Afinal, clamor público e emoções fortes, e não o realismo cotidiano rotineiro, vendiam jornais”.¹⁰¹ Lucila Soares lembrou que nos anos 1930 e 1940:

Os periódicos eram muitos, e os intelectuais nem tanto. Logo os editores perceberam que era preciso conquistar mais leitores e passaram a incluir artigos sobre questões ligadas à cidade, a costumes, à família. Alguns tinham planos mirabolantes. Brício de Abreu alardeava seu *Dom Casmurro* como “o jornal que o senhor deve ler e fazer com que sua família leia”. Garantia ter vendido, no lançamento, quinze mil exemplares do semanário. Ninguém acreditou.¹⁰²

Em suas memórias, Joel Silveira afirmou que Brício de Abreu não permitia que “Aconteceu nesta semana...” deixasse de existir: “Não permito que a seção acabe. Se você não quiser fazê-la mais, outro faz. E se ninguém quiser, eu mesmo faço”.¹⁰³ No entanto, a existência dessa seção em *Dom Casmurro* e *Diretrizes* não se explica apenas pela necessidade de aumentar a venda dos exemplares. De fato, por meio de “Aconteceu nesta semana...”, o seletivo público

100 De Luca, op. cit., 2009, p.267.

101 Singer, op. cit., p.110.

102 Soares, op. cit., p.102. É provável que a informação sobre a venda dos 15 mil exemplares de *Dom Casmurro* tenha origem no livro de Ramos, op. cit., p.104.

103 Apud Silveira, op. cit., 1998 (a), p.181.

intelectualizado desses periódicos tinha acesso às tragédias urbanas do subúrbio carioca, ou seja, a um universo que não lhes pertencia:

Havia a óbvia intenção de aumentar as vendas dos jornais com notícias como essas que o *fait divers* passa a ser um capítulo da história da imprensa, já que com sua escrita familiar reafirmava os estigmas tradicionalmente construídos e a separação entre o “eu” – um leitor pertencente à elite comprometida com o projeto conservador ou um leitor que tentava se equiparar a tal condição – e o outro – tudo aquilo que as camadas ascendentes queriam se desvincular.¹⁰⁴

Nos *faits divers* de Joel Silveira, esses estigmas foram reafirmados, visto que o autor descreveu indivíduos de maneira a relacionar raça, “desvios” de caráter e lugar por eles ocupados na metrópole, conforme a tradição na história deste gênero jornalístico. Em uma história contada em terceira pessoa, é sempre o outro que se mata, como se houvesse uma linha imaginária que coloca o jornalista e o leitor de um lado e o suicida do outro – “uma distância afirmada entre eu e ele, entre o aqui e lá”.¹⁰⁵ A leitura do *fait divers* não exigia apenas alfabetização, mas também o domínio de determinados códigos de uma elite intelectualizada, pois entender esse tipo de crônica “era firme sinal de que se pertencia a uma restrita camada intelectual”.¹⁰⁶

104 Guimarães, op. cit., 2006, p.9.

105 Ibid., p.1 [grifos da autora]. Marialva Barbosa fez uma análise diversa de Valéria Guimarães. Para Barbosa, a narrativa de tragédias cotidianas apelava para a realidade, evocando acontecimentos semelhantes que se desenrolavam na vida dos leitores. Dessa maneira, em vez do distanciamento entre leitor e personagens preconizado por Guimarães, o público sentia-se muito mais participante do texto que lia. Ver Barbosa, op. cit., p.53-6. As duas autoras chegaram a conclusões distintas, visto que se basearam em fontes diversas. Enquanto Marialva Barbosa abordou as folhas populares dos anos 1920, Valéria Guimarães analisou *O Estado de S. Paulo*, um jornal cuja parcela significativa de seu público pertencia a outra classe social.

106 Guimarães, op. cit., 2006, p.9.

O *fait divers* é “a rubrica que o leitor ‘culto’, [...], lê meio escondido no ônibus, no metrô, por cima do ombro do vizinho, afetando, no entanto, ostensivo desprezo pela mesma”.¹⁰⁷ Na segmentação do trabalho jornalístico, a responsabilidade por essas notícias ficava a cargo dos jornalistas iniciantes. Na época em que Silveira assinava a seção “Aconteceu nesta semana...”, também produziu outros textos, como artigos, crônicas e contos. Em 1938, os responsáveis pelo jornal *Dom Casmurro* publicaram a primeira reportagem de Joel Silveira, “Como vivem os estudantes brasileiros”. Entretanto, ainda não era o momento de ele se firmar como um dos mais importantes representantes desse gênero. Nos primeiros anos de sua carreira, os *faits divers* de “Aconteceu nesta semana...” foram o tipo de texto que o autor mais escreveu, conforme as quantificações mostradas na Tabela 2.1.

Tabela 2.1: Colaborações de Joel Silveira em *Dom Casmurro*.

Ano	Artigos	<i>Faits divers</i> de ANS	Produção literária (contos e crônicas)	Reportagens
1937	22	-	2	-
1938	10	34	1	1
1939	5	15	4	1
Total	37	49	7	2

Por meio das quantificações, é possível constatar que, inicialmente, o autor tentou firmar-se como articulista, mas o número de artigos diminuiu a partir de 1938, quando ele passou a assinar “Aconteceu nesta semana...”. O jovem escritor também incursionou em outros gêneros, mas foi como responsável pela seção de *faits divers* que ele constituiu-se jornalista. Vale lembrar que, entre todas as colaborações no período estudado, seja em *Dom Casmurro* seja em *Diretrizes*, a produção de *faits divers* em “Aconteceu nesta semana...” foi a de maior quantidade, mesmo que por um tempo mais curto.

107 Meyer, op. cit., p.100.

Entretanto, no conjunto de sua obra memorialística sobre o período, o jornalista silenciou sobre essa seção. A referência à “Aconteceu nesta semana...” apareceu somente no primeiro volume de sua autobiografia inacabada, e discretamente.¹⁰⁸ Nenhum dos textos escritos a respeito de Silveira faz menção sobre essa seção do início de sua carreira. Tampouco seus entrevistadores questionaram-no sobre o assunto. Conforme se constatou no Capítulo 1, a imagem que prevaleceu do jornalista foi a do repórter polêmico e correspondente de guerra. Na construção de sua autoimagem, não havia espaço para o Joel Silveira que escrevia *faits divers*. Na época em que Silveira escreveu suas memórias, ser autor de uma coluna sensacionalista poderia comprometer sua credibilidade como homem de jornal.

Como já observado, os *faits divers* ficavam a cargo dos iniciantes. Portanto, o jovem Silveira não hesitou em abandonar a seção para galgar posições de maior destaque em *Dom Casmurro*. Aos poucos, desligou-se dos *faits divers* e a trajetória de suas publicações teve outro direcionamento. A partir de 1939, a crítica literária tornou-se cada vez mais frequente em “Aconteceu nesta semana...”, o que fez que o jornalista mudasse de seção. Em 1941, quando integrava o expediente da revista *Diretrizes*, a seção ressurgiu e foi assinada pelo escritor em ocasiões esporádicas. Não se sabe se a decisão de relançá-la em *Diretrizes* partiu dos responsáveis pela publicação ou se a empreitada foi ideia do próprio Silveira.¹⁰⁹ Em *Diretrizes*, a

108 Silveira, op. cit., 1998 (a), p.162, 179 e 181.

109 A seção “Aconteceu nesta semana...” ressurgiu em *Diretrizes*, em 1941, ano em que Silveira migrou para o expediente da publicação. A coluna apareceu nas páginas do periódico até 1944, quando *Diretrizes* saiu de circulação. Porém, recebeu a assinatura de Silveira, ou suas iniciais (J. S.), somente em algumas ocasiões esporádicas no ano de 1941: n.38 (13 mar.), n.55 (10 jul.), n.69 (16 out.), n.75 (27 nov.) e n.79 (25 dez.). Quanto às demais ocasiões, não se sabe ao certo quem foi responsável pela elaboração da coluna. Em 1941, a redação de *Diretrizes* publicou nota atribuindo a autoria da seção a Joel Silveira: “Eis as seções permanentes que *Diretrizes* vem publicando e que no próximo número apresentar-se-ão aumentadas: [...] / *Aconteceu nesta semana* / O registro dos principais acontecimentos da semana que Joel Silveira transforma em sabo-

seção tinha formato semelhante ao de *Dom Casmurro*. De qualquer modo, Joel abandonava os *faits divers* e se desligava da imagem de autor iniciante dedicado a esse tipo de gênero. Tinha outros planos para sua carreira.

Joel Silveira é promovido: crítica literária em “Podia ser pior...”

Em 1939, após um ano como autor de “Aconteceu nesta semana...”, Joel Silveira se desligou, aos poucos, dos dramas do cotidiano para se dedicar ao debate com a intelectualidade da época. A nova temática impulsionou uma mudança de seção. Em agosto daquele ano, o jornalista tornou-se responsável pela coluna de crítica literária “Podia ser pior...”, que ocupava o alto da segunda página de *Dom Casmurro* e dividia espaço com outras seções de literatura e com o expediente. Tratava-se, portanto, de uma promoção, visto que seus escritos ganharam importância no periódico e o autor passou a assinar uma seção literária em um jornal do gênero. A partir de então, o novo crítico de *Dom Casmurro* não necessitava mais dos *faits divers* para firmar seu nome no periodismo cultural. Assim sendo, na estreia de sua nova seção, ele depreciou o gênero com o qual iniciou a carreira, afirmando que nada acontecia no Rio de Janeiro, em pleno Estado Novo, que pudesse ser objeto de seus *faits divers*:

Vou mudar de seção neste jornal. Passarei a fazer esta seção [*Podia ser pior...*], não escreverei mais aquele secular e burro “Aconteceu nesta semana...” [...]. Para falar a verdade, no “Aconteceu

rosas crônicas” (*Diretrizes*, Rio de Janeiro, n.73, p.6, 13 nov. 1941). Porém, preferiu-se analisar somente aquelas que receberam a rubrica de Silveira, ou suas iniciais, pois é provável que outros autores (entre redatores e demais colaboradores da revista) tenham se revezado em sua elaboração. A partir de 1942, por exemplo, a seção passou a figurar em um formato muito diverso (estilo de escrita e organização) dos textos que receberam assinatura de Silveira. Além disso, os textos sem assinatura podem expressar a intenção dos editores de um periódico de atribuir à matéria autoria coletiva da equipe da publicação.

nesta semana...” nada acontecia. Ora, isto aborreceu muita gente. Um repórter policial, numa banca de café, me contou o seu grande desapontamento: eu havia trocado os suicídios pela lua e os assassinatos pelas namoradas. O funcionário público me escreveu uma carta contrariadíssima: Por que eu havia deixado de atacar a Light e de defender o jogo do bicho? Enquanto que (*sic*) os inevitáveis ânônimos, que amam o humorismo velado, começaram a me mandar engraçadinhas pilhérias sobre o assunto. Pelo que, cheguei junto ao diretor deste jornal e fui categórico:

– Não escrevo mais esta joça.

O diretor ficou espantado e perguntou:

– Qual joça?

– O “Aconteceu”.

– Então, invente outra joça para escrever.¹¹⁰

Outras mudanças também estavam em curso em meados de 1939. Os ânimos da política internacional exaltaram-se e culminaram com a deflagração da guerra em setembro daquele ano. Silveira não deixou de comentar esse contexto na estreia de sua nova seção: “Mister Chamberlain cruza os ares de avião. A paz periga, mas ninguém prestou ainda atenção neste *blue* que vem chorando desde que o mundo teve início”.¹¹¹ A redação de *Dom Casmurro* também passava a ocupar novo endereço com a mudança do Edifício Odeon, na rua do Passeio, para um sobrado na rua 13 de Maio. Em sua seção, o jornalista assinalou uma possível alteração no percurso de sua casa até o local de trabalho:

Mudei apenas de linha de bonde. Em vez de viajar todos os dias para o Engenho Novo, por exemplo, viajarei de agora por diante para a Penha. Uma viagem mais longa, mais chata e mais humana. Diferença de motorneiro, diferença de mocinhas pálidas e de mocinhas coradas, ligeira diferença no cobrador, fugaz diferença nos

110 Silveira, Joel. Podia ser pior... *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n.113, p.2, 12 ago. 1939.

111 *Ibid.*

caixeirinhos e nos operários. Nenhuma diferença no anêmico e idiota cronista.¹¹²

Além da nova temática, da conjuntura internacional modificada e do novo endereço de *Dom Casmurro*, não era apenas a linha de bonde de Joel Silveira que se alterava. Em suas memórias, o motivo para a mudança de seção deveu-se ao acirramento da censura. De acordo com seu depoimento, a inspiração para o nome da coluna surgiu a partir de uma conversa com Brício de Abreu sobre os efeitos do Estado Novo em *Dom Casmurro*. Brício teria afirmado que, com a censura, a situação do jornal “podia ser pior”. Então, Joel sugeriu que a seção “Aconteceu nesta semana...” ganhasse tal título:

Ficou o “Podia ser pior...”. Na nova seção, que passou a ocupar o mesmo espaço e o mesmo lugar onde aparecia o “Aconteceu”, eu me eximi a contragosto de fazer comentários de ordem política. Passei a falar de literatura, notas sobre livros que estavam sendo publicados, contava historinhas pitorescas do dia a dia, e assim mesmo medindo as palavras para que nenhuma delas dissesse além do que devia dizer. O trabalho virou uma chatura.

Na terceira semana Brício me falou:

– Sabe que estou gostando mais do “Podia ser pior...” do que do “Aconteceu”? Eu e todo mundo. Continue assim.

Quem era “todo mundo”?¹¹³

De fato, a censura crescia. Justamente em dezembro de 1939, o Departamento Nacional de Propaganda e Difusão Cultural (DNPDC) foi transformado no Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), órgão de censura mais poderoso da Era Vargas. Entretanto, no depoimento de Joel, alguns pontos são passíveis de discussão. Em “Aconteceu nesta semana...”, o jornalista evitava “comentários de ordem política”. Conforme já foi visto, não era essa

112 Ibid.

113 Silveira, op. cit., 1998 (a), p.181-2.

a principal temática de sua seção. Além disso, não se tratava apenas de uma mudança de título, mas do surgimento de uma nova seção. “Podia ser pior...” não ocupava o mesmo espaço de sua antecessora. A coluna abrigava-se no alto da segunda página, com mais destaque que a outra. Em “Podia ser pior...”, Joel não contava apenas “historinhas pitorescas do dia a dia”, mas dialogava com importantes nomes da intelectualidade da época, conforme se verá adiante.

Para compreender o diálogo de Joel com a intelectualidade de seu tempo, é preciso considerar o contexto no qual esse debate se inseriu. Naqueles anos, inúmeras oportunidades profissionais se abriram aos homens de letras com a expansão dos cargos públicos, o surgimento das primeiras universidades e o crescimento das atividades editoriais no país. Do final do século XIX até meados do XX, emergiu a figura do intelectual como sujeito do conhecimento no Ocidente. Esse novo personagem substituía o erudito que produzia cultura de maneira diletante por prazer pessoal, ilustração ou construção de um *status* à parte dos demais. Enquanto esse erudito transitava por diferentes áreas do conhecimento, o intelectual tornava-se especialista em uma dada disciplina cada vez mais identificada com paradigmas científicos.¹¹⁴ Tratava-se, portanto, de uma nova classe de pensadores e escritores que surgia em concomitância com a crescente urbanização e industrialização da sociedade ocidental.

No Brasil, ocorreu um processo semelhante entre o final do século XIX e o início do XX com a modernização da imprensa, que

114 A palavra “intelectual” ganhou sentido moderno na ocasião do Caso Dreyfus, em 1898, quando escritores e professores franceses se insurgiram contra o processo que condenou injustamente à prisão o capitão que deu nome à querela, acusado de traição. “O substantivo ‘intelectual’ surge para nomear, portanto, o que seria uma nova ‘classe’ de pensadores e escritores, quase sempre em oposição à ordem sociopolítica estabelecida – ou ao menos à margem dela – tendo, pois, o sentido de alguém descontente, que mantém uma atitude crítica e independente frente ao governo e à sociedade de seu país.” Albuquerque Júnior, Durval Muniz. De amadores a desapaixonados: eruditos e intelectuais como distintas figuras de sujeito do conhecimento no Ocidente contemporâneo. *Trajeto*: revista de História da UFC, Fortaleza, v.3, n.6, p.45, 2005.

provocou a primeira onda de segmentação do trabalho jornalístico. Para atender às demandas de jornais que se tornavam empresas, eram necessários, além de escritores, repórteres, caricaturistas, gerentes, editores, impressores – funções que antes se concentravam em um único indivíduo.¹¹⁵ O homem de letras desse período abandonava a emblemática figura do descuidado boêmio para assumir a postura do indivíduo pertencente a uma sociedade de consumo, que “alugava” sua pena aos editores de jornais, revistas e livros em troca de ascensão social, financeira ou política.¹¹⁶

Esse processo de segmentação e profissionalização acelerou-se nos anos 1930 e 1940 no Brasil. O período entre guerras dificultou a importação de livros da Europa, o que estimulou o surgimento de um mercado editorial interno.¹¹⁷ Essa expansão facultou aos escritores a possibilidade de se tornarem “romancistas em tempo integral”.¹¹⁸ Nessa época, surgiram aquelas que seriam as primeiras grandes editoras do país após a experiência de Monteiro Lobato, nos anos 1920. No Rio Grande do Sul, teve destaque a Globo, liderada por Henrique Bertaso e Érico Veríssimo. No Rio de Janeiro, despontava a principal delas, a Livraria José Olympio Editora, que reunia em sua famosa sede, na rua do Ouvidor, nº 110, alguns dos nomes mais consagrados da literatura nacional, como Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, José Lins do Rego e Jorge Amado, entre muitos outros. Tratava-se, portanto, de um dos mais significativos pontos de encontro da intelectualidade no Rio de Janeiro.¹¹⁹

115 De Luca, Tania Regina. A grande imprensa na primeira metade do século XX.

In: _____; Martins, Ana Luiza (Orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p.150.

116 Costa, Cristiane. *Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.19-68.

117 Hallewell, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: T. A. Queiroz; Edusp, 1985. p.333-98.

118 Miceli, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p.141-94.

119 Sobre a Livraria José Olympio Editora, ver Hallewell, op. cit., p.333-98; Soares, op. cit. Sobre a Globo, ver Torresini, Elizabeth Rochadel. *Editora Globo*. São Paulo: Edusp; Com-Arte. Rio de Janeiro: UFRGS, 1999.

Além das editoras, as agremiações literárias consistiam em importantes locais de sociabilidade para os letrados da época. Havia as que reuniam os intelectuais por meio de laços de amizade, como a Sociedade Felipe D'Oliveira, e outras que surgiram sob contornos políticos mais específicos de contestação da situação vigente em nível nacional e de luta pelos direitos dos intelectuais, como a Associação Brasileira dos Escritores (ABDE), fundada em 1942.¹²⁰ A contestação do Estado Novo e a defesa das lides do espírito também foram bandeira de outros grupos de letrados, que se expressavam por meio de periódicos culturais e literários. Este foi o caso da *Revista do Brasil*, de propriedade de Assis Chateaubriand, cuja terceira fase foi dirigida pelo historiador Otávio Tarquínio de Souza.¹²¹

Outras oportunidades se abriram com o surgimento das primeiras universidades, como a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, em 1934. Alunos e futuros professores, ao contrário das gerações anteriores, que iniciavam a carreira intelectual por meio da literatura, tinham nos ensaios e nos artigos de crítica, pautados por normas e critérios acadêmicos, suas primeiras produções culturais. Essa diferença impulsionou o debate entre a nova geração de especialistas e os literatos dos anos anteriores, dos quais os jovens acadêmicos eram, ao mesmo tempo, críticos e admiradores.¹²²

Entretanto, apesar da crescente profissionalização e segmentação da área, a dedicação exclusiva à literatura e à publicação de livros não garantia a sobrevivência dos autores. Por isso, a renda advinda da colaboração em jornais e revistas ainda era das mais relevantes. “A maioria dos escritores não andava de bolsos cheios nesse tempo.”¹²³ Assim sendo, as carreiras do funcionalismo públi-

120 Sobre a ABDE, ver Candido, Antonio. O Congresso dos Escritores. In: _____, *Teresina etc.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

121 Ver De Luca, op. cit., 2009.

122 Pontes, Heloísa. *Destinos mistos: os críticos do grupo Clima em São Paulo – 1940-1968.* São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

123 Gomes, Ângela de Castro. *As aventuras de Tibicuera: literatura infantil, história do Brasil e política cultural na Era Vargas.* *Revista USP*, São Paulo, p.124,

co, então em emergência, tornaram-se uma importante opção. Não se trata, evidentemente, de reduzir a adesão dos letrados ao Estado a questões financeiras. Os intelectuais tornaram-se peça fundamental ante um governo que se queria modernizador e expandia-se por diversas esferas, inclusive a cultural. O novo regime necessitava desses personagens para as novas políticas públicas relativas a teatro, cinema, rádio e patrimônio cultural.¹²⁴ A cooptação dos intelectuais pelo Estado tornou-se, na bibliografia especializada, a principal marca dos letrados da época:

Durante o regime de Vargas, as proporções consideráveis a que chegou a cooptação dos intelectuais facultou-lhes o acesso aos postos e carreiras burocráticos em praticamente todas as áreas do serviço público (educação, cultura, justiça, serviços de segurança, etc.). Mas no que diz respeito às relações entre os intelectuais e o Estado, o regime Vargas se diferencia, sobretudo porque define e constitui o domínio da cultura como um “negócio oficial”, implicando um orçamento próprio, a criação de uma “intelligentzia” e a intervenção em todos os setores de produção, difusão e conservação do trabalho intelectual e artístico.¹²⁵

O intelectual ideal, na concepção do Estado, participaria ativamente dos projetos da nova política. Aquele que se enclausurasse em sua “torre de marfim” e se dedicasse apenas às lides do espírito – postura defendida por Julien Benda nos anos anteriores –¹²⁶ não seria mais aceito diante dos imperativos dos novos tempos. Em 1943, Getúlio Vargas materializou a postura recomendada ao ocupar a cadeira nº 37 da Academia Brasileira de Letras (ABL) e tor-

set.-nov. 2003.

124 Bomeny, Helena (Org.). *Constelação Capanema: intelectuais e política*. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

125 Miceli, op. cit., p.197-8.

126 Benda, Julien. A traição dos intelectuais. In: Bastos, Élide Rugai; Leão, Walquíria D. (Orgs.). *Intelectuais e política: a moralidade do compromisso*. São Paulo: Olho d'água, 1999, p.65-121.

nar-se, dessa forma, símbolo de indivíduo que aliava pensamento e ação.¹²⁷ As fronteiras entre trabalho intelectual e político deveriam desaparecer. Além dos benefícios financeiros e das possibilidades de consagração, a adesão ao Estado se deu por conta das paixões políticas que Benda criticou. Enquanto muitos se alinharam ao nacionalismo de Vargas, outros se filiaram às diversas vertentes políticas disponíveis na época (fascismos, socialismo e democracias liberais).

As divergências políticas, que não se dissociavam das propostas estéticas, alcançaram os debates em torno do gerenciamento da política cultural do Estado Novo. Intelectuais ligados às propostas de renovação estética disputaram o controle das instâncias públicas culturais com os letrados mais conservadores em termos de estética e política.¹²⁸ Era com a renovação artística dos anos 1920 que os ideólogos do regime de Vargas procuravam identificar sua política emergente.¹²⁹ Porém, essa preferência não impediu que tradicionalistas assumissem a batuta das instituições de censura e propaganda governamental, bem como a responsabilidade pelos periódicos que difundiam a ideologia do regime, como o jornal *A Manhã*, editado por Cassiano Ricardo. Os modernistas, por sua vez, ficaram à frente dos projetos educacionais e do patrimônio público. Os projetos culturais do governo emergiram de distintas matrizes:

127 Velloso, Mônica Pimenta. Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo. In: Ferreira, Jorge; Delgado, Lucília de Almeida Neves (Orgs.). *O Brasil republicano*. v.II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p.145-79. Getúlio ocupou a vaga aberta em 1941, com a morte de Alcântara Machado, autor de *Vida e morte do bandeirante*. O presidente não tinha obra literária, obstáculo contornado com a publicação dos oito volumes de sua *A nova política do Brasil*, em que boa parte dos discursos era de autoria de terceiros. Além disso, foi necessária uma manobra articulada por Cassiano Ricardo, a partir da qual a ABL passou a aceitar candidaturas apresentadas por cinco membros. Getúlio obteve dez indicações e conseguiu 33 votos entre os quarenta acadêmicos, desempenho raro na história da ABL. Ver soares, op. cit., p.116-7.

128 Ver Cavalcanti, Lauro. Modernistas, arquitetura, patrimônio. In: Pandolfi, Dulce (Org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: FGV, 1999. p.179-89.

129 Furtado Filho, João Ernani. Modernismo café-com-leite: intelectuais, arte e política, 1922-1945. *Trajeto*: revista de História da UFC. Fortaleza, v.3, n.6, p.85-100, 2005.

Dos anos 1920 ao Estado Novo, tivemos um processo de aproximação sucessiva, congregando diferentes correntes e autores no ideal comum de modernizar, mantendo os vínculos com a tradição. No Estado Novo, encontramos intelectuais integrados ao processo de produção doutrinária e/ou à sua estrutura organizacional. Dentre eles estavam pensadores pertencentes à vertente conservadora reformista do Rio de Janeiro, autores ligados ao movimento católico, bem como intelectuais que passaram pelo movimento de renovação literária iniciado em São Paulo.¹³⁰

Joel Silveira e os editores de *Dom Casmurro* estavam atentos a essa efervescência cultural. A mudança para a seção de crítica literária fazia parte das tentativas do jornalista de firmar-se no novo cenário intelectual. Não por acaso, justamente no ano em que encabeçou a nova seção, Silveira estreou também como escritor. Em 1939, lançou seu primeiro livro, a coletânea de contos *Onda raivosa*, pela Editora Rumor. Em 1940, publicou novos contos em *Roteiro de Margarida*, pela Editora Guairá, que ganhou reputação nacional no final dos anos 1930 com a publicação de autores como André Malraux, Rómulo Gallegos, Ignazio Silone, Mário de Andrade, Donald Pierson e João Dornas Filho.¹³¹

Evidentemente essas editoras não tiveram a mesma projeção desfrutada pela José Olympio, pela Globo e pela Companhia Nacional.¹³² Vale lembrar que, nessa época, o jornalista ainda era um

130 Oliveira, Lúcia Lippi. Vargas, os intelectuais e as raízes da ordem. In: D'Araújo, Maria Celina (Org.). *As instituições brasileiras na Era Vargas*. Rio de Janeiro: Eduerj; FGV, 1999. p.96.

131 Hallelwell, op. cit., p.521.

132 Na pesquisa empreendida por Maria Luiza Tucci Carneiro sobre as editoras paulistas perseguidas pelo Departamento Estadual de Ordem Pública e Social (Deops) de São Paulo, não há informações sobre as editoras Rumor e Guairá, que não integraram a lista daquelas que estiveram na mira dos órgãos repressores. Ver Carneiro, op. cit. Sobre a Rumor, coube ao próprio Joel Silveira informar os leitores de sua existência: "Aviso necessário / Uns rapazes do Paraná e de São Paulo reuniram-se e, cheios de entusiasmo, resolveram fundar uma editora nova. Fundaram. Então me escreveram perguntando

escritor iniciante que rondava as portas da famosa Livraria José Olympio Editora em busca de apoio e uma possível publicação de suas obras pelo selo da editora. Nessas tentativas, tornou-se anedótica a história em que Graciliano Ramos teria rasgado um conto que Joel Silveira havia levado para sua apreciação.¹³³ Silveira estreava com um gênero cuja importância ainda despontava. O conto era considerado secundário na literatura, tendo em vista o valor que o romance de crítica social havia adquirido.¹³⁴ Justamente naqueles anos, os autores se preocupavam em estabelecer uma definição para o conto.¹³⁵

No final de 1939, os editores do jornal *Dom Casmurro* realizaram uma enquete com alguns escritores sobre a literatura daquele ano. Foram entrevistados Jorge de Lima, Murilo Mendes, Ma-

se eu tinha um livro. Eu respondi que tinha. Mandeí o livro que está quase pronto. Bom – a editora se chamou, logo no início, de Juventa Editora. Tinha alguns acionistas. Depois a coisa foi vendendo. Novos acionistas entraram. Compraram oficina, máquina, montaram escritório. E em virtude de todo esse progresso resolveram mudar o nome para Rumo Editora, Ltda. O ‘Rumo’ é muito bonito, o ‘Ltda’, significativo e convincente – ficou bom o título. Falar a verdade eu não me (ilegível) muito com aquele ‘Juventa’. Nunca me dei bem com o latim. De maneira que fica o público em geral avisado que a Juventa Editora não existe mais. Quem existe agora é a Rumo Editora Ltda.” Silveira, Joel. Aconteceu nesta semana... *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n.94, p.8, 25 mar. 1939.

133 Anos após o ocorrido, Graciliano teria dito a Joel: “Era [o conto] uma coisa horrorosa, uma das piores que já li. Eu te fiz um grande favor ao rasgá-lo”. Soares, op. cit., p.77.

134 A esse respeito, Luís Bueno afirmou que “na base da tradição do romance brasileiro, a maior ou menor proximidade do intelectual em relação à realidade brasileira, mais do que definir duas linhas independentes de desenvolvimento, serve como parâmetro de avaliação das obras. [...] É desejável [para a crítica], senão necessário, que a obra incorpore, com maior naturalidade possível, aspectos genuínos da realidade brasileira – seja lá o que cada um deles entende por ‘outra’ linha de desenvolvimento do romance brasileiro, a que não privilegia o contato direto com essa realidade, fica sendo não uma alternativa, mas um elemento marginal”. Bueno, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: Edusp; Campinas: Edunicamp, 2006. p.33.

135 Ivo, Lêdo. Joel Silveira e a arte de contar. In: Silveira, Joel. *Os melhores contos*. São Paulo: Global Editora, 1998 (b), p.8.

galhães Júnior, Jorge Amado, Joel Silveira, Dias da Costa, Carlos Lacerda, Luiz Martins, Omer Mont’Alegre, Silvio Peixoto, Clovis Ramalhete, Danilo Bastos e Brício de Abreu. Entre as questões, os entrevistadores perguntaram qual teria sido o gênero predominante em 1939. Todos concordaram que o romance prendeu mais as atenções, mas o conto despontava em segundo lugar. A resposta de Jorge Amado exemplificou esse consenso:

– E qual gênero que predominou a seu ver?

– Realmente o romance. Mas vale a pena constatar a importância do conto em 1939. Talvez seja o fato mais significativo do ano literário de 1939 esse ressurgimento do conto.¹³⁶

Portanto, Joel Silveira estreava nas editoras de menor proeminência com um gênero menos valorizado. Talvez por esse motivo o jornalista tenha defendido a importância do conto como gênero em diversas de suas colaborações para *Dom Casmurro*. Para o jornalista, Marques Rebello seria o principal expoente do gênero em sua geração, com o livro *Oscarina*, publicado em 1931.¹³⁷ Não por acaso, Rebello chefiou a redação de *Dom Casmurro* entre meados de 1938 e de 1939. Essa solidariedade entre os que compartilhavam as mesmas redações também beneficiou Joel Silveira, que teve sua obra de estreia bem recebida pelos editores do jornal. Nas palavras de Brício de Abreu:

Joel é hoje uma expressão dentro da literatura moça do Brasil. Para mim é um dos nossos melhores contistas... e não encontro entre os nossos famosos medalhões que se lhe compare... estou

136 1939 e os intelectuais. *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n.131, p.7, 30 dez. 1939.

137 Silveira, Joel. Podia ser pior... *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n.146, p.2, 20 abr. 1940. Na seção “Lero-Lero”, o jornalista publicou um estudo sobre o conto de diversos autores, como Guy de Maupassant, Hoffman e Edgar Allan Poe. Silveira, Joel. Lero-Lero. *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n.168, p.2, 24 set. 1940.

certo de que *Onda raivosa* será uma outra inteligência arremessada com fragor na praia da burrice nacional [...].¹³⁸

No entanto, a consagração literária não passava apenas pela crítica de *Dom Casmurro*. Outros intelectuais lideravam o campo de produção cultural e Joel Silveira debateu com esses letrados em sua nova seção. O autor criticou intelectuais de variados matizes e defendeu o surgimento de uma nova geração, com a qual ele próprio se identificava. Portanto, o autor tentava firmar-se no novo cenário por uma dupla via: a literatura e a crítica de sua coluna. “No semanário *Dom Casmurro*, sua coluna ‘Podia ser pior’ constituía o terror hebdomadário dos que nela fossem lembrados e citados.”¹³⁹ Joel Silveira estava atento aos debates que movimentavam a intelectualidade de sua época. De acordo com Ângela de Castro Gomes, a polêmica dos debates era um caminho para aqueles que buscavam projeção:

Era a polêmica, gênero literário agressivo que destacava questões centrais em dado momento, reordenando posições já estabelecidas, tanto no caso dos atores diretamente envolvidos quanto no daqueles distantes e que nela procuravam se envolver em busca de projeções.¹⁴⁰

Entre os assuntos debatidos, estava a questão dos direitos dos intelectuais, que, apesar das novas oportunidades profissionais, necessitavam se desdobrar em diversas funções para garantir sua subsistência. Joel Silveira não discutiu o tema com frequência, mas não deixou de abordá-lo: “Literatura só engorda nos Estados Unidos”.¹⁴¹ Em 1938, durante a realização da Copa do Mundo de

138 Abreu, Brício de. *Onda raivosa*. *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n.95, p.6, 1 abr. 1939.

139 Ivo, op. cit., p.9.

140 Gomes, op. cit., 1996, p.47.

141 Silveira, Joel. Aconteceu nesta semana... *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n.88, p.8, 4 fev. 1939.

Futebol, sediada na França, Silveira afirmou que, no Brasil, o futebol era mais valorizado que a profissão de intelectual.¹⁴² Entretanto, Joel Silveira se interessou por outro debate que marcaria sua época: a disputa entre modernistas e tradicionalistas. Um dos alvos mais recorrentes do jornalista em sua seção era a ABL, que representava uma geração da qual os modernos mostravam-se avessos:

O Salão é uma coisa assim: os literatos fracassados, estes que insistem em resistir à época, pagam uma módica mensalidade que lhes facilita a glória. A glória deles consiste no cidadão frequentar as sessões e nas sessões ter o direito de recitar os seus sonetos e de declamar as suas odes. Que importa que o povo ignaro, lá fora, não tome conhecimento das suas luzes? A glória e a posteridade estão ali dentro, entre aquelas quatro paredes, com os vigilantes e pater-nais olhares de Rui e Castro Alves perdoando e aceitando tudo.¹⁴³

De fato, a ABL, assim como o Itamaraty, era a instância de consagração dos historiadores homenageados pelos periódicos de propaganda governamental *A Manhã* e *Cultura Política*.¹⁴⁴ Contudo, a instituição não tinha o mesmo prestígio em outras rodas culturais. Os escritores relativamente jovens que se reuniam na Livraria José Olympio Editora se contrapunham abertamente à instituição, da qual faziam parte nomes importantes como Alceu Amoroso Lima, Oliveira Vianna, Rodolfo Garcia e Cassiano Ricardo. “O desprezo pela Academia se devia ao fato de que, aos olhos dos jovens escritores, a instituição rechaçara o modernismo e, a partir dos anos 1920, agarrara-se exatamente às tradições que eles desejavam romper.”¹⁴⁵ A disputa entre essas divergentes instâncias de consagração teve

142 Ver Silveira, Joel. Aconteceu nesta semana... *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n.45, p.8, 7 abr. 1938; n.56, p.8, 23 jun. 1938.

143 Silveira, Joel. Podia ser pior... *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n.155, p.2, 29 jun. 1940.

144 Gomes, op. cit., 1996.

145 Soares, op. cit., p.116.

momentos de conciliação, como a entrada de Manuel Bandeira, do time da José Olympio, na ABL em 1940.¹⁴⁶

Porém, o desprezo à ABL acalorou-se com a entrada de Getúlio Vargas no Petit Trianon em 1943.¹⁴⁷ Vale lembrar que, anos mais tarde, os escritores contrários à ABL tornaram-se imortais da instituição, mas, no período estudado, essa ideia era impensável. Os ataques à ABL apareceram nas colaborações de Joel Silveira ainda na seção “Aconteceu nesta semana...”: “Os srs. Cristóvão Camargo e Viriato Corrêa se candidataram a Academia Brasileira de Letras. Apreciamos o ridículo da luta entre Vovó Índio e D. Pedro I”;¹⁴⁸ “O lugar onde eu estou trabalhando agora fica defronte da Academia de Letras [...]. Conheço todas as portas e todas as janelas. Se um dia eu for chefe de algumas focas revolucionárias, saberei por onde atacar aquele estabelecimento;”¹⁴⁹ “Pertencer a uma academia é ser proprietário de um jazigo perpétuo. E eu tenho um medo horrível de cadáveres. Medo e nojo”.¹⁵⁰ Em 1939, a ABL realizou um concurso de poesia que teve a escritora Cecília Meireles como vencedora. No corpo de jurados estavam Guilherme de Almeida e Cassiano Ricardo. Joel Silveira classificou a premiação como “sujeira grossa”, pois não houvera julgamento. Na ocasião, o jornalista reafirmou sua posição antiacadêmica:

Na Academia Brasileira de Letras aconteceu uma sujeira, que pode ser contada da seguinte forma: houve um tal de concurso de poesia. Os julgadores foram dois indivíduos que respondem mais ou menos pelos nomes de Guilhermino de Almeida e Caetano Ricardo. Não sei direito se os nomes são esses mesmos. Essa gente da Academia é pouco falada e não dá tempo que a gente decore. De qualquer maneira houve o concurso. Apesar da fama triste que

146 Ibid.

147 Ibid, p.117.

148 Silveira, Joel. Aconteceu nesta semana... *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n.44, p.6, 31 mar. 1938.

149 Ibid., n.55, p.6, 16 jun. 1938.

150 Ibid., n.81, p. 14, 24 dez. 1938; n.82, p.14, 24 dez. 1938.

define aquela agremiação político partidária, apareceram muitos poetas de boa-fé incautos para concorrerem ao prêmio. Mas os senhores Guilhermino e Caetano são muito preguiçosos. Resolveram dar o prêmio a um candidato que eles julgam muito bom e que, por sinal, é a dona Cecília Meireles. Isso de terem dado o prêmio assim, sem julgarem os outros não pega. Há muita farofa aí dentro. Dona Cecília Meireles pode ser uma boa poetisa. Eu, pelo menos, tenho cá comigo um livro dela chamado “Nunca mais” que é um troço bem arranjado, posso mesmo dizer que dona Cecília ganha muito para o sr. Guilhermino que é um dos juizes. Ora, mas isso não quer dizer que os outros candidatos fossem todos cafés pequenos. É bem possível que houvesse outro candidato melhor que dona Cecília. Por exemplo, se dona Adalgisa Neri fosse uma das candidatas? Dona Adalgisa é uma poetisa muito mais interessante que dona Cecília. Enfim, houve sujeira, sujeira grossa.¹⁵¹

Além de questionar a validade do concurso, o jornalista criticou a ABL como instituição de consagração ao designá-la como “agremiação político partidária” e de “fama triste”. Após duas semanas, Joel Silveira voltou ao tema da premiação de maneira bem mais agressiva para salientar que a culpa deveria recair sobre Cassiano Ricardo e Guilherme de Almeida, representantes da instituição e juizes do concurso, e não sobre Cecília Meireles:

O escândalo da Academia vai continuando. A gente tem que chegar à conclusão definitiva de que aquele velho e penumbrento palácio está mesmo desmoralizado. Já é uma questão de polícia. Um dia desses, vários ‘dancings’ foram fechados, repentinamente, porque não estavam pagando direitinho os impostos. Não é o caso de se fechar a Academia? Ela não tem solvido os seus deveres, não tem obedecido à sua finalidade. É uma casa de embuste, de engano, de, perdoem-nos a franqueza – esta gripe é o diabo! – de safadeza. D. Cecília pensando bem não tem culpa. Ganhou o prêmio porque

151 Ibid., n.96, p.8, 08 abr. 1939.

lhe deram. Ela não pediu. O sr. Cassiano e o sr. Guilherme é que deviam responder a um júri especial. São sujeitos que não merecem mais de maneira alguma a confiança do povo. Se fosse no Japão, eu aconselharia a eles fazer aquele negocinho prático que consiste em abrir a pança com uma faca, de meio a meio. Mas estamos no Brasil. E no Brasil o sr. Guilherme e o sr. Cassiano ainda viverão muitos anos e obrarão muitos livros...¹⁵²

Joel Silveira também se bateu contra o presidente da ABL na época, Cláudio de Sousa. O autor foi alvo recorrente do jornalista. Além de presidente da ABL, Sousa acumulava o cargo de presidente e fundador do Pen Clube do Brasil, um dos pontos de encontro de parte da intelectualidade carioca, que concedia prêmios a escritores que se destacavam em vários gêneros.¹⁵³ Ocupante da cadeira nº 29 da ABL, Sousa representava uma geração mais antiga de intelectuais que não tomaram parte na renovação estética dos anos 1920 e 1930.¹⁵⁴ Em *Dom Casmurro*, Joel Silveira afirmou que:

Sobre Cláudio de Sousa a minha cultura é vastíssima. Fui eu mesmo um dos precursores do anti-claudismo nas colunas deste semanário. Fui eu que tive oportunidade em primeira mão de chamar a atenção do país para este homem que ganha dinheiro e come que não faz outra coisa senão ganhar dinheiro e comer.¹⁵⁵

152 Ibid., n.98, p.8, 22 abr. 1939.

153 O Pen Club do Brasil, fundado em 1936, subordinava-se à matriz inglesa Pen Club (cuja sigla significava Poetry, Essay, Novel), fundada em 1921 por Bernard Shaw e H. G. Wells. Tratava-se de um grupo da *intelligentzia* que reunia diversos intelectuais de todo o mundo. Ver Coutinho; Souza, op. cit., p.1223.

154 Cláudio de Sousa nasceu em São Roque (SP), em 1897. Médico e teatrólogo, mudou-se para o Rio de Janeiro em 1913. Tornou-se membro da ABL em 1924, ocupando a cadeira de Vicente de Carvalho. Foi presidente da instituição em 1938 e 1946. Informações disponíveis em: <<http://penclubedobrasil.sites.uol.com.br/historia.htm>>. Acesso em: 6 abr. 2011.

155 Silveira, Joel. Podia ser pior... *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n.120, p.2, 30 set. 1939.

As críticas a Cláudio de Sousa apareceram nas colaborações de Joel Silveira quando este ainda assinava a seção “Aconteceu nesta semana...”. Silveira questionava o processo de consagração do intelectual baseado nos cargos que ele ocupara. “Infelizmente, o sr. Cláudio, que deve ser jovem, porque está na segunda infância, ainda é do tempo em que o cargo fazia o homem [...]. É muito lamentável, mas chorar não posso. Posso rir e gozar.”¹⁵⁶ Se por um lado Joel Silveira questionava a consagração de intelectuais tradicionalistas, como os membros da ABL, por outro, o jornalista não tomava partido dos representantes das vertentes consideradas inovadoras.

Apesar de compartilhar do antiacademicismo dos escritores da Livraria José Olympio Editora, Joel Silveira não se mostrou partidário ao grupo em sua seção. Ao responder à enquete sobre o ano literário de 1939, afirmou ironicamente que o estilo de maior predominância naquele ano havia sido “o gênero porta de livraria. Houve também consideráveis safadezinhas e alguns romances”.¹⁵⁷ Na opinião de Silveira, os escritores da José Olympio se reuniam para o “ferver das interessantíssimas e cretiníssimas panelinhas”.¹⁵⁸ Joel criticou a demora da editora em publicar uma obra de Emil Farhat, favorecendo outras obras e autores que considerava ruins. Para Silveira, os escritores da Livraria José Olympio Editora teriam medo do surgimento de uma obra bem escrita:

Eu não compreendo o que se vem passando de uns tempos para cá com o sr. José Olympio. Ora, eu tenho um amigo, chamado Emil Farhat, que é de um grande valor literário. Emil Farhat há quatro anos anda com um romance – “Cangeirão” – à procura de uma editora. O livro é muito bom, ótimo mesmo, e ganha para muita porcaria que anda por aí a fazer sucesso. Pois bem, o sr. José Olympio, depois de demoradas démarches, resolveu editar o livro.

156 Silveira, Joel. Aconteceu nesta semana... *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n.103, p.8, 27 mai. 1939.

157 1939 e os intelectuais. *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n.131, p.7, 30 dez. 1939.

158 Silveira, Joel. Aconteceu nesta semana... *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n.97, p.8, 15 abr. 1939.

Anunciou para janeiro. Janeiro passou. Anunciou para fevereiro. Fevereiro passou. Março terminou também. E o “Cangeirão” não sai. Isto, sinceramente, aborrece um pouco. E o pior, o que mais chateia ainda, é que o nosso melhor editor continua a botar pra fora toneladas de “abacaxis”. Não seria bom, por exemplo, que em lugar de “Mãos vazias”, do sr. Lúcio Cardoso, que inevitavelmente é um mau livro, tivesse sido editado o romance de Farhat? Eu acho. Aliás, nem sei para que estou dando este palpite. Mas o negócio andava preso na garganta uma porção de tempo e o jeito é botar logo para fora. Nem sei também o que se passa lá dentro da livraria da rua do Ouvidor. Pode ser que haja qualquer medo que “Cangeirão” apareça. É muito arriscado, para os que já estão feitos, o aparecimento de um rapaz que escreve bem e gosta muito de ler.¹⁵⁹

De fato, em sua crítica, Silveira não defendeu nenhum dos grupos opostos. Afinal, para o autor, “esta nossa literatura tão sórdida e tão cretina vive de percevejos iguais”.¹⁶⁰ Ele atacou diretamente as vertentes consideradas inovadoras, como o movimento modernista de São Paulo, responsável pela realização da Semana de Arte Moderna de 1922. Em *Dom Casmurro*, Joel Silveira questionou a importância do movimento paulista, bem como a de toda a geração anterior a sua, responsável pela renovação estética. O tom da crítica foi agressivo. Ele designou a Semana de Arte Moderna como “picadeiro”, “carnaval”, “comédia” e sua geração de “exclusivista” e “egoísta”. É interessante notar que a crítica do autor focou na disputa entre as gerações, que, de acordo com sua crônica, surgiriam para se contrapor à anterior:

Havíamos passado por uma fase de construção, mas de uma construção sem nexos nem bússola. A tal Semana de Arte Moderna,

159 Ibid., n.96, p.8, 8 abr. 1939.

160 Silveira, Joel. Podia ser pior... *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n.136, p.2, 3 fev. 1940.

pensando bem, não passou de um gosadíssimo picadeiro. Apareceram artistas novos, dizendo piadas novas. E isto agradou. Há certos dramalhões e certas comédias, no entanto, que não resistem a mais de quinze representações. A Semana de Arte Moderna era uma má comédia, escrita por vários literatos que nada entendiam de teatro [...]. A geração penúltima no Brasil é uma geração exclusivista, egoísta, trancada no seu mundo e vivendo para si. A gente chega mesmo a pensar que ela não admitirá nada depois dela. Está provado que o papel mais importante de todas as gerações é mostrar a mais velha, o que foi feito errado e o que é preciso fazer certo. A geração penúltima fez quase tudo errado, como essa consequência lógica do carnaval de 22. Mas não tomou conhecimento disto e não deu satisfações a ninguém.¹⁶¹

No mesmo mês essa crítica foi publicada em *Dom Casmurro* (maio de 1939), Joel Silveira entrevistou Mário de Andrade para a revista *Vamos Ler*. Mário era o principal expoente do modernismo paulista. A entrevista aconteceu no Café Amarelinho, um dos habituais pontos de encontro da intelectualidade carioca. Apesar do diálogo amigável com o modernista de São Paulo, Joel Silveira acrescentou na entrevista um texto de apresentação no qual, além das referências biográficas e bibliográficas a respeito de Mário, desqualificou a importância do movimento modernista e da Semana de Arte Moderna de 1922:

Hoje está provado que esta “Semana de Arte Moderna” não resolveu lá grande coisa. Pelo que se depreende agora, chega-se à conclusão triste e decepcionante que os discursos e o excesso de ideias atrapalham tudo... Com ela ou sem ela, a literatura, seguiria, logicamente, este caminho que vem tomando. O clima lá de fora

161 Silveira, Joel. Aconteceu nesta semana... *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n.100, p.8, 6 mai. 1939.

tinha que influir por força. Mas, de qualquer maneira, a “Semana de Arte Moderna” apressou a carreira.¹⁶²

Mário de Andrade era o intelectual mais respeitado de sua época e seu reconhecimento era público. O autor já havia sido diretor do Departamento de Cultura de São Paulo (1936-1938) e era, além de professor de Filosofia e História da Arte na Universidade do Distrito Federal, diretor do Instituto de Artes. Mário era constantemente chamado para referendar obras e dar credibilidade a periódicos. Sua companhia era disputada por quaisquer letrados iniciantes.¹⁶³ A crítica de Mário poderia transformar um jovem aspirante em um literato promissor ou comprometer sua carreira definitivamente. O modernista de São Paulo criticou a obra de estreia de Joel Silveira, dando início a uma querela com o jornalista. A crítica, intitulada “A palavra em falso”, foi publicada em agosto de 1939 na coluna que Mário de Andrade assinava no carioca *Diário de Notícias*. No texto, Mário elogiou o livro, mas também o criticou, pois Joel teria escrito que uma de suas personagens havia chorado como uma “perdida” – palavra que, segundo Mário, teria quebrado “toda a leveza” do livro:

O sr. Joel Silveira acaba de publicar um livro delicioso de contos, com *Onda raiosa*. Ele tem o senso poético das coisas e sabe ressaltar bem, dos casos e da alma dos personagens, o elemento de poesia, com muita delicadeza e um tom de humorismo carinhoso, sem sombra de perversidade [...].

Estava eu pois me deixando embalar pelo suave encanto desse livro, quando cheguei ao conto “Natal com Margarida”. Para explicar sem aspereza quem é esta Margarida da roça, basta lhe citar esta

162 Silveira, Joel. Encontro com Mário de Andrade (Revista *Vamos Ler*, maio de 1939). In: Lopez, Telê Porto Ancona. *Mário de Andrade: entrevistas e depoimentos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983. p.55.

163 Sobre o ambiente intelectual dessa época, ver Gama, Lúcia Helena. *Nos bares da vida*. São Paulo: Senac, 1998.

frase, no diálogo com o amante: “Você há de se aborrecer de mim, como os outros”. É portanto uma mulher que já passou por outros amantes, que a todos amou com sinceridade roceira e está muito tristonha numa noite de Natal contemplando a sua própria vida de infeliz. E chora. Neste momento o sr. Joel Silveira escreve assim: “– Não tenho mais jeito. No dia em que eu estiver velha o que vai ser? Tenho que pedir esmola. Sair de mochila pelas ruas pedindo esmola. Soluçava como uma perdida”. Ao ler esta última palavra tive um sobressalto desagradável. Como é que o escritor delicado deixara escapar esta alusão grosseira ao que era a pobre da Margarida! A palavra soara totalmente em falso. Bem sei que ele só teve a intenção de explicar que a mulher se entregara ao pranto, estava “perdida” nas lágrimas, mas dizer da pobre moça que “soluçava como uma perdida” era empregar uma palavra de péssimo sabor trocadilhesco. Um cochilo.

O problema é bem mais grave e bem mais complexo do que parece. Está um leitor inteiramente entregue, “perdido” numa leitura, e eis que, de supetão, uma palavra o chama a qualquer espécie de realidade crítica. Se quebra pelo menos momentaneamente aquele sublime estado de fusão estética, aquela “empatia em que se está”.¹⁶⁴

Joel Silveira respondeu aos comentários de Mário de Andrade em sua seção no jornal *Dom Casmurro*. O autor se justificou afirmando que, em sua terra, chorar como um “perdido” significava chorar exageradamente, derramar-se em lágrimas. Joel acrescentou que Mário de Andrade, por ser de São Paulo, nada entendia de folclore. Apesar de ter sido um dos principais estudiosos do tema, o modernista de São Paulo conheceria apenas o folclore dos livros, e Silveira, o de sua terra, de acordo com suas palavras: “Mas o sr. Mário de Andrade é de São Paulo e eu sou de Sergipe. O sr. Mário de Andrade conhece profundamente o folclore, mas o folclore que

164 Andrade, Mário de. A palavra em falso. In: _____. *Vida literária*. São Paulo: Hucitec; Edusp, 1993. p. 90-1.

está colecionado nos livros. Eu falo a linguagem da minha terra [...]”.¹⁶⁵ Além disso, segundo as palavras de Joel, Mário de Andrade teria se aproveitado de seu prestígio contra um iniciante:

O sr. Mário de Andrade, com óculos, cultura, espírito e tudo, inclusive fichário e biblioteca, representa a gordíssima soma de cinquenta contos de réis em cédulas novinhas do Banco do Brasil. Eu, com toda a palidez com todos os intestinos arruinados por uma alimentação deficiente, com toda a ignorância ousadia e burrice, valho simplesmente um tostão, um microscópico tostão sem utilidade. Como se vê a distinção é sabia. Há os Crespis da literatura e há os tostões, os João ninguém. Há os Matarazzos dos ensaios, do romance, da crítica e da poesia e há os troços. Há o capitalismo e há o proletariado – a velha história de sempre. Ora, muito sábio e hábil, o sr. Mário de Andrade, bem alimentado e bem instalado na vida, não iria logicamente voltar-se na sua defesa contra os cinquenta contos de réis. Voltou-se contra os tostões. [...] Mas os tostões pagam o pato, os tostões nada podem fazer contra o sr. Mário de Andrade. Não têm nome, não têm bagagem literária, o que eles dizem não se propaga, não faz eco, o que eles plantam não cria raízes. Os tostões ruminarão o seu ódio, simplesmente. Ódio frágil e sem alento, ódio que nem chaga a espetar.¹⁶⁶

É interessante notar que a crítica de Silveira focalizou-se nos diferentes lugares ocupados por ele e por Mário de Andrade no cenário cultural de seu tempo. Não é o caso de endossar a crítica de Silveira. Entretanto, não se pode perder de vista o prestígio usufruído por Mário de Andrade na época, no mesmo período em que Silveira era um literato iniciante. O debate teve repercussões e contou com a intervenção de Graciliano Ramos, autor então já consagrado, partidário do grupo liderado por Mário de Andrade, que procurou

165 Silveira, Joel. Fala um tostão. *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n.116, p.2, 2 set. 1939.

166 Ibid.

pôr fim à querela, sem deixar de mencionar Silveira de maneira negativa. Em crônica escrita na época, Graciliano afirmou que:

O sr. Mário de Andrade, há algum tempo, lamentando o mau gosto e a imperícia que atualmente reinam e desembestam na literatura nacional, utilizou uma imagem espirituosa e monetária: dividiu os nossos escritores em duas classes – a dos contos de réis, pelo menos centenas de mil-réis, onde se metem alguns indivíduos que arrumam ideias com desembaraço, e a dos tostões, gavetinha que encerra criaturas de munheca emperrada e escasso pensamento. O sr. Joel Silveira, sergipano bilioso, incluiu-se modestamente na segunda categoria, tomou a defesa do troco miúdo, dos níqueis literários que enchem revistas, jornais, cafês, livrarias, cômodos ordinários em pensões do Catete [...]. Um desastre. É necessário pôr fim a essa confusão, que nos pode render muito prejuízo. Já existe por aí uma quantidade enorme de livros ruins. E o sr. Joel Silveira não é tostão, nunca foi. Escreveu um excelente artigo para demonstrar que não sabe escrever.¹⁶⁷

De acordo com Pierre Bourdieu, as disputas entre intelectuais não se restringem às questões estéticas, mas também representam lutas políticas, no seio de seu campo de produção, pela imposição de um modo de expressão que os letrados consideram legítimo. Para entender essa concorrência, é necessário identificar as diferentes posições ocupadas pelos grupos no interior de um campo intelectual.¹⁶⁸ Enquanto Mário de Andrade tinha seu nome no expediente de publicações como *Revista Acadêmica* e a terceira fase da *Revista do Brasil*, Joel Silveira escrevia em um jornal aberto à participação dos iniciantes. Graciliano Ramos, por sua vez, compunha o catálogo da editora mais importante do país na época. As diferenças entre

167 Ramos, op. cit., p.189-90.

168 Ver, respectivamente, Bourdieu, Pierre. *A economia das trocas linguísticas*. São Paulo: Edusp, 1998. p.45; Bourdieu, Pierre. Campo de poder, campo intelectual e habitus de classe. In: _____. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, [s.d.]. p.186.

os lugares ocupados por esses letrados evidenciaram-se na crítica de Graciliano, que designou os jornalistas de *Dom Casmurro* como “sapateiros da literatura”, entre outras afirmações agressivas:

Afinal, que são os rapazes do *Dom Casmurro*? Os sapateiros da literatura [...]. Peçam ao sr. Joel Silveira ou ao sr. Wilson Louzada uma conferência a respeito do namoro e verão o desastre: as moças da plateia se chatearão horrivelmente. Restam, pois, a esses desgraçados, a essas criaturas famintas as sovelas e a faca miúda com que se corta o couro. Mas é preciso que a faca e as sovelas sejam bem manejadas. Quando lá fora disserem: “Esta crônica está bem feita, este livro é mais ou menos legível”, os autores, uns infelizes, pensarão: “Bem. Não há no mundo uma pessoa que tenha interesse em elogiar-nos. Fizemos qualquer coisa apreciável, é claro”. E dormirão tranquilos um sono curto.¹⁶⁹

Segundo Ângela de Castro Gomes, o estudo do meio intelectual implica o mapeamento de seu espaço social num duplo sentido. No primeiro, há uma feição subjetiva, marcada por afetividade, competição e cumplicidade, enquanto no segundo se sobressai uma dimensão objetiva dos “lugares” de sociabilidade formais ou informais. A redação de um periódico é um indicador valioso para a análise de movimentos de produção e circulação de ideias. Assim sendo, o espaço de sociabilidade é, ao mesmo tempo, “geográfico” e “afetivo”, nos quais se expressam vínculos de amizade e hostilidade, de acordo com diversas sensibilidades e visões de mundo.¹⁷⁰ Acerca das redações como lugares de sociabilidade, Jean-François Sirinelli afirmou, em uma famosa passagem, que:

As revistas conferem uma estrutura ao campo intelectual por meio de forças antagônicas de adesão – pelas amizades que sustentam, as fidelidades que arrebanham e a influência que exercem –

169 Ramos, op. cit., p.188.

170 Gomes, op. cit., 1996, p.41-2.

e de exclusão – pelas posições tomadas, os debates suscitados e as cisões advindas. Ao mesmo tempo que um observatório de primeiro plano da sociabilidade de microcosmos intelectuais, elas são um lugar precioso para a análise do movimento de ideias. Em suma, uma revista é antes de tudo um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade, e pode ser, entre outras abordagens, estudada nesta dupla dimensão.¹⁷¹

Joel procurou firmar-se como literato, mas foi alijado do centro do campo intelectual pelos letrados que o comandavam. O autor permaneceu, assim, nas “margens” desse campo, defendendo aqueles que compartilhavam da mesma posição e criticando os consagrados. Ele chegou a anunciar o surgimento de uma nova geração, com a qual se identificava. Tratava-se, segundo seus textos, de “arrasar” com as gerações anteriores, que estavam “apodrecendo”, e com os intelectuais já consagrados para estabelecer uma “diretriz nova”.¹⁷² Nas colaborações para *Dom Casmurro*, Silveira identificou os nomes da nova geração da qual se colocava como defensor. A resposta a uma carta endereçada por um leitor de Lisboa serviu de pretexto para elencar os nomes que ele julgava fiéis representantes da nova intelectualidade. Entre esses nomes, constavam alguns de seus companheiros de redação de *Dom Casmurro*:

Aqui no Brasil a gente não leva muito a sério esta história de geração. O sujeito que nasce, nasce mesmo. O que escreve, escreve. Depois se faz a seleção. O que tem qualidades é considerado, xingado, enaltecido, esculhambado – entra para o quadro. O que se mete a fazer as coisas e não faz as coisas – ninguém toma conhecimento. Há, contudo, sujeitos novos. Esses sujeitos novos são mais

171 Sirinelli, Jean-François. Os intelectuais. In: Rémond, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p.249.

172 Silveira, Joel. Aconteceu nesta semana... *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n.54, p.6, 9 jun. 1938.

ou menos o que você entende por uma geração recente. Eu estou muito identificado com eles e poderei citar alguns nomes: aqui mesmo no CASMURRO há alguns interessantes: Josué Montello, Danilo Bastos, Wilson Louzada, Oliveira Franklin. E lá fora há outros: José Condé, Sangirardi Júnior, Arnaldo Pedroso D’Horta, José Sampaio, Rossine Camargo Guarnieri, Abelardo Roméro, Barreto de Araújo, Carlos Garcia, Fran Martins, Paulo Cavalcanti, Humberto Bastos, Lindolfo Campos, sobrinho, Moseir Arcoverde, Carlos Reverbel, Amílcar de Garcia e dezenas de outros. Muitos outros aqui no Rio. Outros em São Paulo. Alguns em Sergipe e na Bahia. Outros ainda no Rio Grande do Sul. A maioria não tem livro publicado. E quanto aos meus, calma rapaz. Estão na gaveta. Um romance na metade. Um livro de contos terminadinho. Falta coragem de chegar perto do editor e exigir a publicação dele, sabe? O livro é responsabilidade demais. É o mesmo que ter telhado de vidro. E quem gosta de jogar pedra nos outros não pode ter telhado de vidro.¹⁷³

Desses nomes, há alguns escritores que obtiveram certo reconhecimento, mas a maioria não teve representatividade literária, a ponto de os dicionários literários e as enciclopédias não trazerem informações sobre eles. Vale lembrar que, além de defender os companheiros de *Dom Casmurro*, Joel Silveira incluiu nessa nova geração alguns escritores de Sergipe, seu estado natal, como Lindolfo Campos, Carlos Garcia e José Sampaio, fato que se pode designar como “solidariedade de origem”.¹⁷⁴ A questão é digna de nota, visto que, enquanto defendia os sergipanos, Joel Silveira criticava a intelectualidade de São Paulo. A querela com Mário de Andrade também representou essa disputa que Silveira empreendeu contra o cenário cultural paulistano. Em algumas oportunidades, a questão geográfica se sobressaiu:

173 Silveira, Joel. Aconteceu nesta semana... *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n.84, p.8, 7 jan. 1939.

174 Sirinelli, op. cit., p.250.

Um rapazinho me escreve de São Paulo e me conta coisas interessantes. Algumas delas eu ignorava. Sabia que Menotti del Picchia era uma coisa triste e que diversas coisas tristes viviam por lá. Mas não sabia bem a situação da nova geração nas plagas de Piratininga. Na verdade, segundo meu amigo, esta situação é a pior possível. Começa que o povo de São Paulo – a maior da América do Sul! – não vai muito com literatura que, segundo seu julgamento, é a arte mais canalha de matar o tempo. De maneira que os moços nascem e parecem morrer logo. Ficam vivendo pra dentro. Viver pra dentro é uma coisa que cansa, aborrece, dá neurastenia e vontade de enforcar os mil quinhentos guilhermes de almeida que andam pelo mundo.¹⁷⁵

A querela com Mário de Andrade marcou Joel Silveira de tal forma que o jornalista levou a questão até suas memórias, escritas anos mais tarde. Na construção de sua autoimagem, Silveira afirmou que Mário de Andrade, ao comentar *Onda raivosa*, teria afirmado que a obra apresentava influências da contista neozelandesa Katherine Mansfield, pseudônimo de Kathleen Mansfield Beauchamp (1888-1923). A autora destacou-se como contista e sua obra influenciou consideravelmente uma geração de autores dos anos 1930 no Brasil. Entre os escritores considerados “da linhagem” de Mansfield encontram-se Ribeiro Couto (com *Baianinha e outras mulheres*, 1927, *O clube das esposas enganadas*, 1933, e *Largo da Matriz*, 1940) e Marques Rebello (*Oscarina*, 1931, *Três caminhos*, 1933, e *Stella me abriu a porta*, 1942). Seu livro *Bliss* ganhou uma tradução brasileira feita por Érico Veríssimo, publicada pela Editora Globo na década de 1930. A obra de Joel Silveira também fazia parte do que se chamou “família Katherine Mansfield”.¹⁷⁶

175 Silveira, Joel. Aconteceu nesta semana... *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n.54, p.6, 9 jun. 1938.

176 Ivo, op. cit., p.10 e 11.

Em suas memórias, entretanto, Silveira afirmou nunca ter lido nada da referida autora.¹⁷⁷ Em suas colaborações, há referências a essa questão. “Quando da sua estreia literária, um rapazinho do Norte foi apontado pela crítica como um discípulo de Katherine Mansfield. No entanto, pensando bem, o rapaz nada tem de Katherine.”¹⁷⁸ Contudo, nas colaborações do jornalista para *Dom Casmurro* anteriores à publicação de *Onda raivosa*, há diversas referências a Mansfield, inclusive citações de trechos de suas obras, o que comprova que Silveira teve contato com a produção da autora na época.¹⁷⁹

177 “Quando em 1939, deslumbrado literato de 19 anos, publiquei meu primeiro livro de contos (*Onda raivosa*), a crítica, inclusive Mário de Andrade, descobriu nele acentuada influência de Katherine Mansfield, de quem até então eu não havia lido uma só linha, e creio que dela jamais ouvira falar. Mas como as críticas, incluindo a de Mário, eram simpáticas, passei imediatamente a me considerar um dos mais autênticos mansfieldianos deste país.” Silveira, Joel. *A camisa do senador*. Rio de Janeiro: Mauad, 2000. p.110; *O presidente no jardim*. Rio de Janeiro: Record, 1991. p.102.

178 Silveira, Joel. Podia ser pior... *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n.146, p.2, 20 abr. 1940. Em julho de 1940, Silveira afirmou que: “Um dia, em São Paulo, um rapaz meu amigo me viu com um livro de contos de Katherine Mansfield debaixo do braço. Era uma edição italiana que Edgar Cavalheiro me havia emprestado. Eis que o rapaz vai para a redação de um jornal e rabisca qualquer coisa sobre um troço meu que seria editado daí a dias chamando a atenção nacional para o ‘discípulo de Katherine’. Como no Brasil estas descobertas assim são quase que diárias, mais uma não fez mal a ninguém – e aqui, estou eu metido em lençóis que não me pertencem. Afinal de contas que têm minhas coisas que lembrem a maneira da autora de *Prelúdio*? Ninguém disse. Se fala em fragilidade, em doçura, em poesia, mas nada dizem a respeito da situação destes sentimentos”. Silveira, Joel. Podia ser pior... *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n.156, p.2, 6 jul. 1940.

179 Silveira, Joel. Aconteceu nesta semana... *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n.61, p.8, 28 jul. 1938. Em setembro de 1938, Joel citou um trecho em francês de *Journal*, de autoria de Katherine Mansfield: “Je ne veux pas que vou soyez autre chose que vous même [Eu não quero que vocês sejam outra coisa que não vocês mesmos]”. Silveira, Joel. Aconteceu nesta semana... *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n.68, p.8, 17 set. 1938. Silveira também citou Mansfield em: Aconteceu nesta semana... *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n.95, p.8, 1 abr. 1939.

Não é o caso de identificar o que é verdadeiro ou falso nas memórias de Silveira, mas, sim, de perceber como os comentários que Mário de Andrade fez a sua obra de estreia foram levados para os livros de memória. No exercício memorativo, o jornalista se esqueceu da influência de Mansfield em sua obra, afirmando que Mário de Andrade estava enganado, pois seus livros nada teriam da referida contista. O esquecimento não foi ocasional: ele tratou de negar a crítica de Mário, o que demonstra que o desacordo com o modernista de São Paulo persistiu no registro das lembranças. Para Joel Silveira, as feridas provocadas pelo debate nunca cicatrizaram. A querela acompanhou a figura do jornalista até a data de sua morte, quando o desacordo com Mário de Andrade foi lembrado entre as polêmicas frases que proferiu: “[Mário de Andrade] era insuportável [...] Devo ser a única pessoa do Brasil que nunca recebeu uma carta de Mário”.¹⁸⁰

Após a querela com Mário de Andrade e Graciliano Ramos, Silveira não mais incursionou pelos caminhos da literatura, salvo em raros momentos. Anos mais tarde, ele lançou algumas obras literárias, com considerável espaço de tempo entre uma e outra, justamente após a morte de Mário de Andrade, em 1945. Conforme se verificou no capítulo anterior, as memórias e as coletâneas de reportagens prevaleceram em sua produção. A literatura de Joel Silveira basicamente se restringiu aos contos de *Onda raivosa* e *Roteiro de Margarida*, que marcaram uma estreia que parecia promissora.

Assim, é possível afirmar que o desentendimento com Mário de Andrade e Graciliano Ramos tenha produzido um efeito irreversível sobre a carreira de Silveira, contribuindo para que, aos poucos, ele deixasse a literatura de lado para especializar-se no jornalismo. Um dos raros momentos em que Silveira obteve reconhecimento por sua produção literária ocorreu em 1998, quando Lêdo Ivo organizou a coletânea *Os melhores contos de Joel Silveira*, publicado pela Global Editora, em uma coleção que abarcava grandes nomes da

180 Jornalista Joel Silveira morre no Rio aos 88. *Folha de S.Paulo*, p.A8, 16 ago. 2007.

literatura brasileira e portuguesa, como Aníbal Machado, Aluísio Azevedo, Artur Azevedo, Aurélio Buarque de Holanda e Eça de Queirós.¹⁸¹

Em *Os melhores contos de Joel Silveira* constam muitas histórias presentes em *Onda raivosa* e *Roteiro de Margarida*. Além dessa homenagem, em 1998, Silveira ganhou o prêmio Machado de Assis da ABL por *Na fogueira* – como já assinalado, primeiro volume de seu projeto autobiográfico inacabado. Muitos anos separaram o reconhecimento tardio de sua estreia como literato. Talvez, isso tenha contribuído para que o jornalista dedicasse tantos anos de sua vida à produção de uma imagem em suas memórias com a qual queria ser lembrado.

Silveira tentou ainda candidatar-se à vaga de Jorge Amado na ABL após a morte do escritor, em 2001. Entretanto, o jornalista perdeu a eleição para Zélia Gattai, viúva do autor. Interessante notar as reviravoltas dessas experiências, pois Joel combateu intransigentemente a ABL no início da carreira, mas postulou sua candidatura na instituição, num momento em que já havia conquistado seu espaço no campo intelectual. Na ocasião, Silveira justificou que se indignara com a possível eleição de Gattai, que designou como “chantagem emocional” pela morte do marido e, portanto, decidiu candidatar-se. Apesar da justificativa, não se deve perder de vista o antigo desejo de reconhecimento no campo literário alimentado por Joel. Em matéria publicada na revista *Veja*, afirmou-se que a cadeira de Jorge Amado tinha José de Alencar como patrono e havia pertencido a Machado de Assis, mas que os candidatos a sua sucessão, entre eles Joel Silveira, eram de “estirpe bem diferente”.¹⁸²

Em meados de 1940, após a querela com Mário de Andrade e Graciliano Ramos, Joel Silveira abandonou a seção de crítica literária “Podia ser pior...” e passou a assinar “Lero-Lero”, que ocupava

181 Silveira, op. cit., 1998 (a).

182 Varela, Flávia. Um chá com sabor de pimenta. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/290801/p_143.html>. Acesso em: 30 jul. 2011.

o mesmo espaço da antecessora. O título significava “papo-furado, conversa-fiada, [...] conversa mole”.¹⁸³ É interessante notar que, além do título “descompromissado”, a nova coluna não tinha um perfil claramente definido. Após escrever *faits divers* em “Aconteceu nesta semana...” e crítica literária em “Podia ser pior...”, Silveira não identificou a proposta de “Lero-Lero”, publicada apenas cinco vezes em pouco mais de um mês. Justamente após o fracasso de sua estreia como literato, o autor desqualificou o gênero, do qual se afastava com o fim de “Podia ser pior...”:

Uma seção literária, depois de um certo tempo, vira mulher fatal. A mulher fatal é mais ou menos a mulher que deixa, repentinamente, de receber telefonemas anônimos e passa a dedicar alguns minutos de sua atribulada existência diária para pensar no fim que se aproxima [...]. Eis, meus senhores, que a seção que existia neste lugar se tornou mulher fatal. Ontem, no bonde, tarde da noite, eu pensei seriamente nisso: uma seção literária que resiste quatro semanas sem falar mal de ninguém que consegue, durante trinta dias, achar o mundo bom e os restaurantes esplendidos, positivamente é uma seção sem caráter, uma seção de quem podemos esperar tudo de ruim e pouco limpo.¹⁸⁴

Não se deve perder de vista que, na ocasião da transição de seção, também havia uma mudança de contexto político. Em junho de 1940, a França foi invadida pelos nazistas nos embates da Segunda Guerra Mundial. Tratava-se da queda do principal símbolo intelectual, cultural e civilizatório para o Ocidente na época. O acontecimento foi marcante para muitos intelectuais, que se expressaram com pesar pela derrota da cultura que admiravam.¹⁸⁵ As

183 Dicionário informal. Lero-Lero. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/buscar.php?palavra=lero-lero&x=24&y=15>>. Acesso em: 2 jan. 2011.

184 Silveira, Joel. Lero-Lero. *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n.164, p.2, 31 ago. 1940.

185 Ver De Luca, op. cit, 2009, p.321-33.

filiações estéticas e as crenças políticas desses letrados entraram em questionamento com a possibilidade de uma vitória alemã. Era necessário, assim, repensar os destinos do país e do mundo. Não foi coincidência, portanto, que Joel Silveira tenha abandonado sua seção de literatura logo após o evento. O jornalista abordou o acontecimento, destacando sua admiração pela França, além de afirmar que não abandonaria sua predileção pelo país europeu:

Agora, nesta guerra, a minha influência nos negócios internacionais tem sido quase que diária. Sou o culpado, meus senhores, como torcedor francófilo de todos os desastres dos aliados na Flandres, na Somme, na Noruega e na Dinamarca. A minha bruta admiração e esperança em Gamelin estragou completamente a vida do rapaz. Já estou com pena deste jovem Prioux que com suas ousadias e bravuras, está despertando dentro de mim um entusiasmo sem limites.

Sim, sei que o remédio existe, eu devo torcer pelo outro lado. Mas, não sei, me parece que há comigo quaisquer restantes grammas de escrúpulos. Eu nunca torceria contra a França, nem por brincadeira. E a digna pátria de Racine e de Jean Sablon tem que me aguentar, como já aguentou, através dos seus séculos ilustres, dezenas de Luíses, imbecis e alguns cardeais desonestos.¹⁸⁶

Porém, Joel não conseguiu emplacar a nova coluna, tampouco definir um objetivo para ela. Em outubro de 1940, ele acabou por deixar o expediente do jornal *Dom Casmurro* e, em dezembro daquele ano, passou a compor o grupo da revista *Diretrizes*. Não se sabe os motivos exatos que levaram o autor a mudar de publicação. Em suas memórias, ele não apresentou razões que culminaram com sua saída do hebdomadário de Brício de Abreu.

Evidentemente, a nova conjuntura política e o descontentamento de Joel com o campo literário contribuíram para a mudança em

186 Silveira, Joel. Podia ser pior... *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n.152, p.2, 8 jun. 1940.

sua trajetória. Em *Diretrizes*, o espaço reservado a discussões de questões políticas era maior que em *Dom Casmurro*. Porém, a alteração não se explica totalmente a partir desses fatores, pois não era necessário abandonar o campo estético para dedicar-se ao político, como se esses terrenos estivessem dissociados.

O que se pode assegurar, contudo, é que em *Diretrizes* o jornalista recebeu uma oportunidade para sua atuação intelectual e política numa revista de maior notoriedade. Conforme o próximo capítulo, a publicação passava por uma série de alterações que mudaram sua periodicidade de mensal para semanal e a fizeram abandonar a tradição cultural e literária para dar destaque a textos mais dinâmicos, muito mais próximos do jornalismo, como as reportagens. Necessitava-se, portanto, de um maior contingente de jornalistas para dar cabo de tantas mudanças. Foi nesse momento que Joel Silveira passou a integrar o expediente da revista e consagrou-se, finalmente, como repórter.

3

NASCE UM REPÓRTER: A ATUAÇÃO EM *DIRETRIZES*

– E esse homem, o literato do futuro...?
– É o homem que vê, que aprendeu a ver, que sente, que aprendeu a sentir, que sabe porque aprendeu a saber, cuja fantasia é um desdobramento moral da verdade, misto de impassibilidade e de sensibilidade, eco da alegria, da ironia, da curiosidade, da dor do público – o repórter.¹

Neste capítulo, estruturado em duas seções, são analisadas as colaborações de Joel Silveira para a revista *Diretrizes*. Após deixar a redação de *Dom Casmurro* e a atuação como crítico literário, o autor passou para o expediente da publicação comandada por Samuel Wainer e lá se tornou repórter. Na primeira seção, reconstitui-se a trajetória da revista, sobre a qual as referências bibliográficas são bastante escassas. Porém, foi possível apreender alguns dados sobre seu funcionamento a partir de textos memorialísticos escritos por seus idealizadores e das informações publicadas no expediente.

1 Rio, João do. *O momento literário*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional; Departamento Nacional do Livro, 1994. p.297-8. Citado também por Medina, Cremilda. *Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial*. São Paulo: Summus, 1988, p.62.

A maior parte dos textos publicados pelo jornalista em *Diretrizes* era reportagem. Na segunda seção, discute-se a atuação de Silveira como repórter. As reportagens de Silveira mesclavam realidade e ficção e nada tinham do caráter objetivo hoje predominante no gênero. Assim sendo, representaram uma fase na história da imprensa, na qual não havia contornos definidos entre jornalismo e literatura. Além disso, a atuação de Silveira como repórter demonstrou que era possível, a partir de então, consagrar-se como jornalista e permanecer nessa carreira, sem utilizá-la como degrau para um futuro reconhecimento literário. Na última seção, pretende-se demonstrar a atuação política de Silveira, por meio de seus textos, e a maneira como o autor posicionou-se e interveio nessa que era uma das questões mais caras aos homens de letras de seu tempo.

A trajetória da revista *Diretrizes*

Concebida por Azevedo Amaral e Samuel Wainer, *Diretrizes* surgiu como revista mensal no Rio de Janeiro em abril de 1938, meses após o golpe que deu início à ditadura do Estado Novo. Nessa época, Joel Silveira já era secretário de redação de *Dom Casmurro*. O subtítulo da publicação era “Política, Economia, Cultura”, mas a intenção de seus responsáveis era fazer uma revista que privilegiasse a discussão de questões políticas. Pelo menos, foi esse o programa estabelecido por Azevedo Amaral no editorial do primeiro número: “Justifica-se, portanto, que *Diretrizes*, escrita e publicada para ser lida por homens que sabem ler, coloque no primeiro plano de suas finalidades o comentário crítico da política brasileira”.²

Nas palavras de Tania de Luca, *Diretrizes*, assim como *Dom Casmurro*, foi uma publicação “entre letras e a política”.³ No en-

2 Amaral, Azevedo. A política do mês. *Diretrizes*, Rio de Janeiro, n.1, p.3, abr. 1938.

3 De Luca, Tania Regina. *Leituras, projetos e (Re)vista(s) do Brasil (1916-1944)*. Assis, 2009. Tese (Livre-docência em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista. p.137.

tanto, no referido jornal literário, os colaboradores e responsáveis não reconheciam que a discussão política fazia parte de seus programas, enquanto em *Diretrizes* essa decisão, além de manifesta por seus editores, se constatava na organização do conteúdo, na qual os assuntos culturais e literários apareciam nas páginas finais de cada exemplar. Tanto que, em 1940, foi necessário lançar um suplemento literário separado da revista: “O próprio fato de os responsáveis julgarem necessário lançar um suplemento literário, encartado na publicação, aponta para o fato de se reservar pequeno espaço à literatura”.⁴

Azevedo Amaral foi intelectual de renome na época e alinou-se ao pensamento autoritário de direita. No ano anterior à fundação de *Diretrizes*, o autor escreveu o livro *Estado autoritário e realidade nacional*, obra em que procurou justificar a ditadura instaurada por Getúlio Vargas.⁵ Segundo as memórias de Samuel Wainer, a ideia da revista partiu de Amaral, que o havia conhecido quando o jovem jornalista trabalhava na publicação da comunidade judaica *Almanaque Israelita*. Amaral era deficiente visual, necessitava de um secretário na empreitada de lançar a revista e, assim, chamou Wainer para acompanhá-lo. De acordo com as memórias de Wainer, o surgimento de *Diretrizes* só foi possível com uma cota de 2 contos de réis mensais que Amaral teria conseguido junto à canadense Light and Power.

Assim como em *Estado autoritário e realidade nacional*, a intenção de Amaral, ao fundar a revista, era criticar o sistema liberal, bem como defender e justificar a ditadura recém-implantada –

4 Ibid., p.160.

5 Sobre Azevedo Amaral, ver Oliveira, Lúcia Lippi. O pensamento de Azevedo Amaral. In: _____; Gomes, Ângela de Castro; Velloso, Mônica Pimenta. *Estado Novo: ideologia e poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. p.48-70. O escritor foi um dos ideólogos do Estado Novo e do pensamento autoritário brasileiro e viveu cerca de dez anos na Inglaterra como correspondente de *Correio da Manhã*, *A Notícia* e *Jornal do Commercio*, conforme Abreu, Alzira Alves de (Org.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro Pós-30*. Rio de Janeiro: FGV; CPDOC, 2001. p.194-5.

situação diversa de *Dom Casmurro* no momento de seu surgimento. Tanto que o título da nova revista era *Diretrizes: Política, Economia, Cultura*, pois a publicação representava diretrizes para a política, a economia e a cultura do Estado em emergência.⁶ Se no plano nacional Amaral apoiou o Estado totalitário, no internacional não defendeu a posição dos países expansionistas europeus, salvo em suas últimas colaborações para a revista, em outubro de 1938.⁷ Seja como for, apesar de Amaral alinhar-se com a ideia de um Estado autoritário, esse não era o ponto de vista dos demais colaboradores.

Em seus primeiros meses de existência, *Diretrizes* contou com a colaboração de intelectuais simpatizantes da esquerda, como Álvaro Moreyra, Carlos Lacerda, Nelson Werneck Sodré e Graciliano Ramos. É provável que as divergências de ponto de vista em relação ao diretor do periódico tenham culminado com a saída de Amaral oito meses após a fundação da revista. Para Nelson Werneck Sodré, o motivo foi uma briga com Wainer, que teria se aproveitado da deficiência visual do patrão e registrado a revista apenas em seu nome, com a subvenção da Light.⁸ O que se sabe, porém, é que, após a saída de Amaral, ele fundou outro periódico, o *Nova Diretrizes*. Um clima de tensão entre os dois fundadores da publicação ficou evidente em nota de novembro de 1938: “Deixou o cargo de diretor desta revista o sr. Azevedo Amaral, que, a partir deste número, nada mais tem a ver com *Diretrizes*”.⁹

Sob a égide exclusiva de Wainer, a revista abandonou o posicionamento favorável ao Estado autoritário de Vargas. No entanto, os idealizadores de *Diretrizes* também publicaram material distribuído pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) e, em diversos

6 Duque Filho, Álvaro Xavier. *Política internacional na revista Diretrizes (1938-1942)*. Assis, 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.

7 Ibid. Álvaro Xavier Duque Filho analisou a atuação de Amaral em *Diretrizes* por meio da seção “Comentário internacional”.

8 Sodré, Nelson Werneck. *Memórias de um escritor*. v.1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970. p. 114-5.

9 *Diretrizes*, Rio de Janeiro, n.8, p.1, nov. 1938.

momentos, negociaram com a censura a fim de garantir a existência da revista. Em setembro de 1939, seus responsáveis publicaram um número inteiramente dedicado à discussão do pan-americanismo. Não por acaso, esse foi o mês de início da Segunda Guerra Mundial e os posicionamentos apresentados na revista eram abertamente favoráveis aos Estados Unidos, que ainda não estavam no conflito, mas, na política internacional, opunham-se aos países de regime totalitário da Europa. Nesse exemplar, os propugnadores da revista publicaram uma carta do presidente Vargas apoiando a iniciativa: “É louvável todo esforço feito para desenvolver a compreensão e a estima entre os povos americanos. Por isso mesmo, a iniciativa da revista *Diretrizes* constitui exemplo digno de ser imitado”.¹⁰

No entanto, em sua autobiografia, Samuel Wainer descreveu os embates que teve com os órgãos repressores na época em que dirigiu *Diretrizes*. Além da defesa dos ideais de países democráticos como os Estados Unidos, a principal marca da revista, segundo Wainer, era o posicionamento crítico em relação ao nazifascismo. A revista reunia vários fatores que a colocariam de imediato sob suspeição da censura e a fariam sair de circulação em pouco tempo – o que não ocorreu. Samuel Wainer, seu principal idealizador, era judeu da Bessarábia, fato digno de nota, pois a legislação brasileira da época proibia que estrangeiros fossem proprietários de veículos de comunicação. Wainer ocultou sua nacionalidade, o que lhe permitiu a posse de *Diretrizes* e, nos anos 1950, do jornal *Última Hora*. Além disso, os judeus foram perseguidos no Brasil sob a ditadura de Vargas, que restringia sua entrada no país, com a finalidade de assegurar a manutenção da suposta “ordem estabelecida”. A maioria dos judeus era do Leste Europeu, região que se encontrava sob o domínio da União Soviética. Dessa forma, os judeus da Europa do Leste eram apontados como socialistas pelos órgãos repressores.¹¹

10 Vargas, Getúlio. A palavra do presidente da República. *Diretrizes*, Rio de Janeiro, n.18, p.1, set. 1939.

11 Wiazovsky, Taciana. *Inventário Deops: bolchevismo e judaísmo*. São Paulo: Arquivo do Estado; Imprensa Oficial, 2001.

De fato, a revista *Diretrizes* estava na mira dos governantes. Em dezembro de 1939, o então ministro da Educação e Saúde Pública, Gustavo Capanema, enviou uma carta ao chefe de polícia do Distrito Federal, Filinto Müller, pedindo informações sobre a revista, visto que havia sido convidado por Samuel Wainer para colaborar com um número especial sobre os problemas educacionais brasileiros. Em resposta ao ministro, Müller afirmou que o periódico encontrava-se fichado na Delegacia Especial de Segurança Pública e Social (Desps). Assim sendo, ele enviou a Capanema cópia do prontuário de três páginas existente sobre a revista, no qual se afirmava que sua orientação era “suspeita de difusão de ideologias esquerdistas”. Se houve mesmo o convite de Wainer a Capanema, este recusou o pedido após a troca de informações com Filinto Müller, pois não há colaborações do ministro em *Diretrizes*. De acordo com o histórico elaborado pela Desps, os colaboradores da revista eram “suspeitos de exercerem atividades subversivas”:

Fundada em março de 1938 pelo jornalista Azevedo Amaral, que se afastou para fundar a revista *Nova Diretrizes*. O escritor Genolino Amado passou a dirigi-la, afastando-se também para dar lugar ao sr. Samuel Wainer, seu atual diretor. Colaboram nela, então, os escritores suspeitos de exercerem atividades subversivas e fichados na DESPS, tais como: Álvaro Moreira, Graciliano Ramos e Jorge Amado. Atualmente vem levando a efeito um programa de caráter nacionalista, entrevistando generais e outras personalidades ilustres sobre problemas nacionais; publicando artigos em torno da situação do povo brasileiro em seus vários aspectos: econômico, cultural, social, moral etc.¹²

No terreno da política, *Diretrizes* apresentou dois posicionamentos distintos. Por um lado, os idealizadores defenderam os ideais democráticos dos Estados Unidos. Essa tendência tam-

12 Prontuário sobre a revista *Diretrizes* feito pela Desps anexo à carta de resposta de Filinto Müller a Gustavo Capanema. Acervo microfilmado do CPDOC.

bém se evidenciou por meio dos anúncios da revista, em sua maioria de empresas norte-americanas: Gillette, Westinghouse, RCA Victor e Ford. De outra parte, alguns comunistas e simpatizantes da esquerda integraram o expediente. Vale lembrar que o Partido Comunista Brasileiro (PCB) funcionava na ilegalidade e os responsáveis pelos órgãos repressores perseguiam a crença nos ideais de esquerda por causa do rompimento das relações do Brasil com a União Soviética e da eminência de um “perigo comunista”. Seja como for, um dos fatos pouco explicados sobre *Diretrizes* tem a ver com o periódico estar sob o controle do PCB, por meio da figura do jornalista Otávio Malta, sem que o próprio Wainer soubesse. Em sua versão autobiográfica, Samuel Wainer assim se referiu ao dado:

Chegou de Pernambuco, decidido a agregar-se à redação, o jornalista Octávio Malta, uma figura legendária na imprensa brasileira. Em 1932, ele chefiara uma greve de jornalistas. Em 1935, trabalhara no jornal *A Manhã*, influente porta-voz da esquerda, como secretário de redação. Malta, um grande editorialista, passou a cuidar dos textos que traduziam a opinião da revista. Depois de ter sido redator-chefe na primeira etapa de *Diretrizes*, eu já era diretor de redação, mas deixei por conta do Malta o controle do conteúdo dos editoriais [...]. Só vinte anos mais tarde, Octávio Malta me faria uma revelação da maior importância: ele fora enviado para o Rio com a incumbência de assegurar para o PCB o controle de *Diretrizes*.¹³

As informações de Wainer sobre a presença de Malta em *Diretrizes* são confusas. O primeiro afirmou que Malta foi redator-chefe da revista desde sua primeira fase. No entanto, o jornalista apareceu em seu expediente somente em dezembro de 1940 e nele figurou até o final de 1941. Não se encontram informações a respeito de Malta em enciclopédias nem dicionários históricos, políticos ou literários. Em entrevista para o jornal alternativo *O Pasquim*, Joel Silveira afirmou que Malta foi o maior jornalista que o Brasil já teve, tendo

¹³ Wainer, Samuel. *Minha razão de viver: memórias de um repórter*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2005. p.63-4.

aprendido com ele tudo que sabia. “Jaguar: – Joel, qual foi o maior jornalista que o Brasil já teve? Joel: – Otávio Malta. O que sei foi ele que me ensinou.”¹⁴ Otávio Malta também estava na mira dos órgãos repressores. Em notação encontrada no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (Aperj), registrou-se sobre Malta, em 20 de julho de 1971, os seguintes antecedentes:

Antecedentes:

- a) Foi membro comunista de destaque e dirigente da União Operária Camponesa até 1933 e ex-secretário do Socorro Vermelho.
 - Em 30/01/36 foi preso acusado de participar da intontona. Ficou sob custódia até 20/05/37.
 - Ficou preso ente 31/08/38 e 22/10/38 como medida preventiva.
 - Foi fiscal Eleitoral do PC do Brasil.
- Já trabalhou no jornal *Última Hora*, sendo encarregado da doutrinação marxista nas redações dos jornais.¹⁵

Além da intervenção intelectual por parte de Otávio Malta, *Diretrizes* recebeu ingerências financeiras. Em dezembro de 1940, a revista passou por uma grande reestruturação que alterou sua periodicidade de mensal para semanal. Em sua autobiografia, Wainer afirmou que a mudança ligava-se à entrada de Maurício Goulart como sócio. De acordo com o depoimento de Wainer, o periódico enfrentava problemas financeiros e, portanto, “achei que chegara

14 Silveira, Joel. Joel Silveira, do alto dos seus 60 anos. Entrevista concedida a *O Pasquim*, Rio de Janeiro, 2 set. 1978 (a). Ano X, n.482, p.15. Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.

15 Folha 111 da notação administrativa n. 4 do fundo Polícias Políticas do Aperj. O documento forneceu outras informações sobre Malta: “1) Otávio Malta, brasileiro, casado, nascido em 13 de fevereiro de 1902, natural do estado de Pernambuco, filho de João Costa Ribeiro Malta e Margarida Felismina Pereira Malta, residente na rua Senador Vergueiro, 114, apto. 804, em Botafogo – GB. 2) Funcionário público aposentado, não escreve mais no *Última Hora*, vive com a família”.

a hora de procurar algum capitalista que nos ajudasse”.¹⁶ Dessa forma, Goulart teria investido 100 contos de réis, “uma fortuna”, na publicação.¹⁷ Segundo Wainer, foi o investimento de Goulart que possibilitou a mudança de periodicidade, mas este último somente figurou no expediente de *Diretrizes* em janeiro de 1941, um mês após sua mudança para semanário.

A mudança fez que se mencionasse a revista posteriormente como jornal.¹⁸ De fato, o novo formato era muito diverso do anterior. Além das dimensões semelhantes a um tabloide, a revista exibia, no lugar da capa, sua primeira página, como um jornal. Somente após adquiri-la, o leitor poderia desdobrá-la e vislumbrar a capa, que, a partir dessa fase, privilegiou as imagens e abandonou as chamadas de conteúdo, substituídas por manchetes curtas. Apesar das semelhanças com um jornal, os responsáveis pelo periódico estamparam em sua capa a informação “Revista Semanal” até a data em que *Diretrizes* saiu de circulação. A transfiguração para um formato audacioso e inovador, em meio às outras mudanças, fez que *Diretrizes* assumisse feição cada vez mais jornalística, com maior espaço reservado às reportagens e às seções. Pelo menos essa era a intenção de seus editores:

Ao completar o seu terceiro aniversário, *Diretrizes* aparece num formato inédito no Brasil. Aparece firmando-se como semanário moderno, maior, mais variado, mais atual, mais artisticamente

16 Wainer, op. cit., p.71.

17 Maurício Goulart nasceu em Petrópolis (RJ), em 1908. Em 1930, formou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo. Em 1927, ingressou na redação do jornal *O Estado de S. Paulo* e, em 1929, esteve em Buenos Aires, onde participou da articulação do movimento de 1930. Em 1935, ligou-se à Aliança Nacional Libertadora (ANL) e foi preso em São Paulo por participar de comício da organização. Durante o Estado Novo, foi preso mais três vezes. Sobre Maurício Goulart, ver Hipólito, Regina. Maurício Goulart. In: Abreu (Org.), op. cit., p.2629-30.

18 Morais, Fernando. *Chatô, o rei do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p.423; Leal, Carlos Eduardo. *Diretrizes*. In: Abreu (Org.), op. cit., p.1882; Lemos, Regina. Samuel Wainer. In: Abreu (Org.), op. cit., p.6107.

cuidado, mais popular. E aparece assim porque o povo a favoreceu com sua grande e generosa simpatia e o seu apoio material.¹⁹

Justamente nessa fase, Joel Silveira, recém-egresso de *Dom Casmurro*, passou para o expediente da revista como redator desde o seu primeiro mês de trabalho. A partir dessa época, *Diretrizes* passou a contar com um time de mais de cinquenta colaboradores efetivos, além dos cargos de direção, secretariado, gerência e redação. Entre esses colaboradores, encontravam-se os nomes mais renomados da intelectualidade nacional, como Graciliano Ramos, Gilberto Freyre, Rachel de Queiroz, Artur Ramos, Augusto Frederico Schmidt, Cassiano Ricardo, Sérgio Milliet, Manuel Bandeira e José Lins do Rego, entre outros. Assim como *Dom Casmurro*, a revista *Diretrizes* figurou como um polo agregador de intelectuais, que utilizaram suas páginas para a discussão de temas candentes a sua categoria:

Concebida e realizada essencialmente por editores e colaboradores mal remunerados, que pretendem afirmar, elíptica ou metaforicamente, um ponto de vista de oposição, *Diretrizes* vai ganhando uma dimensão que não tinha de início. Além de se constituir como polo oposicionista, passa também a ser um “lugar” privilegiado no qual os intelectuais podem vocalizar suas inquietações, falar de seus problemas e procurar uma espécie de porta-voz, não apenas da luta democrática, mas principalmente do que se considera serem os direitos e interesses corporativos dos escritores.²⁰

Apesar das frequentes pressões da censura, *Diretrizes* circulou em diversas localidades do país. Desde seus primeiros tempos, os expedientes apresentaram correspondentes, representantes e/ou sucursais em várias cidades brasileiras, como São Paulo (SP), Belo

19 *Diretrizes*, Rio de Janeiro, n.37, p.2, 6 mar. 1941.

20 Lahuerta, Milton. *Elitismo, autonomia, populismo: os intelectuais na transição dos anos 40*. Campinas, 1992. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. p.169.

Horizonte (MG), Salvador (BA), Curitiba (PR), Porto Alegre (RS), Juiz de Fora (MG), Recife (PE), Fortaleza (CE), Belém (PA), Macaíó (AL), Teresina (PI), Piraju (SP), Ponta Grossa (PR), Campo Grande (então estado de Mato Grosso), Ilhéus (BA), São Leopoldo (RS), João Pessoa (PB), São Luís (MA), Santos (SP), Aracaju (SE), Campos (RJ), Passo Fundo (RS) e Manaus (AM). A revista também espelhava uma fase de mudanças na história da propaganda no Brasil: o momento em que os anúncios deixavam de apresentar textos densos para dar lugar a frases curtas e maior destaque às imagens.²¹ Nas páginas de *Diretrizes* apareciam os dois tipos de publicidade: os textos longos da Companhia de Seguros de Vida Sul America e os anúncios que rimavam o nome do produto com sua finalidade: “Não sofra calor à toa, beba chope da Corôa”.

Em junho de 1941, lia-se no expediente que a revista era “Propriedade da Empresa Editora Diretrizes Ltda.”, entidade cuja criação provavelmente se possibilitou com o investimento de Maurício Goulart. A partir de maio de 1942, Joel Silveira figurou como secretário da publicação, cargo abaixo somente de Goulart e Wainer. Em 1944, *Diretrizes* ultrapassou as fronteiras nacionais com polos de distribuição em Buenos Aires e Montevideú (distribuída pelas Edições *Seleções*). Evidentemente, a publicação chamou novamente a atenção dos órgãos repressores. No final de 1942, os responsáveis pelo DIP exigiram o afastamento de Maurício Goulart do expediente da revista. Nas memórias de Wainer consta como motivo o fato de que Goulart pretendia publicar uma matéria em homenagem a Pedro Aleixo, constituinte em 1934 que havia perdido o mandato com o advento do Estado Novo.²² Os colaboradores de *Diretrizes* pareciam mesmo dispostos a enfrentar o DIP, visto que, nos últimos meses em que a revista circulou, apresentavam-na como “Semanário a serviço da liberdade”.

21 Ramos, Ricardo. *Do reclame à propaganda: pequena história da propaganda no Brasil*. São Paulo: Atual, 1985. p.41-52.

22 Wainer, op. cit., p.78-9. Wainer afirmou que a ordem partiu de Lourival Fontes quando este não liderava mais o DIP, a cargo então do major Antônio José Coelho dos Reis.

Em julho de 1944, a revista perdeu sua cota de papel concedida pelo DIP e saiu de circulação. O motivo foi uma reportagem feita pelo próprio Samuel Wainer, intitulada “Vinte e dois dias que abalaram o Brasil”, sobre o movimento tenentista liderado por Miguel Costa, Isidoro Dias Lopes e Juarez Távora, entre outros, em São Paulo, em 1924. O motivo da matéria era a comemoração de vinte anos do evento, em julho de 1944.

No texto, Wainer narrava a história do levante em que os tenentes se insurgiram contra o governo oligárquico do então presidente Arthur Bernardes, tecendo elogios ao movimento e a seus personagens, que foram identificados como revolucionários e heróis a serviço da liberdade. A reportagem não chegou a ser publicada pela revista, visto que o DIP não aprovou os originais enviados por Samuel Wainer ao órgão repressor. Nela, não havia críticas ao regime de Vargas. Ao contrário, Wainer procurou identificar o “heroísmo” dos tenentes com a eclosão da revolução de 1930, pois, de acordo com o autor, foi o ímpeto do movimento de 1924 que “encaminhou-o [o povo] para a invencível avalanche libertadora que culminaria na gloriosa arrancada popular de outubro de 1930”.²³

Na intenção de reverter a decisão do DIP, que fechava sua revista, Samuel Wainer enviou uma carta de pedido de ajuda a Juarez Távora. Em 1944, Távora já havia chegado ao posto de coronel do Estado Maior do Exército (EME) e comandava um batalhão que enviaria soldados para a 1ª Divisão da Força Expedicionária Brasileira (FEB) na Segunda Guerra Mundial. Tratava-se, portanto, de importante membro das bases de sustentação do governo Vargas. Em sua carta, Wainer anexou uma cópia dos originais de sua reportagem. No pedido de ajuda, o jornalista afirmou que o DIP proibira o texto de circular no Brasil e, como forma de apelo, procurou enaltecer a atuação de Távora no evento de julho de 1924:

23 Wainer, Samuel. Originais da reportagem “Vinte e dois dias que abalaram o Brasil”, jul. 1944, p.18, presente no arquivo Juarez Távora, depositado no CPDOC. O documento encontra-se digitalizado, disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=ProdIntelec&PagFis=40802>>. Acesso em: 7 mai. 2011.

Dentro de nosso programa de coerência democrática, pretendíamos oferecer como sincero tributo jornalístico às comemorações do 20^a aniversário do 5 de Julho, uma edição especial dedicada aos históricos acontecimentos que culminaram com o grandioso movimento popular de 30.

Não quiz (*sic*), porém, o Departamento de Imprensa e Propaganda, ao qual estávamos submetidos por censura prévia desde há três semanas, que cumpríssemos com esse dever. No dia 3 deste mês, devolveu-nos os originais que lhe enviamos para censurar e comunicou-nos que os mesmos não podiam ser divulgados no Brasil. Entre esses originais, incluía-se a reportagem “Vinte e dois dias que abalaram o Brasil”, cuja cópia aqui lhe remetemos, como amostra do espírito que animava os artigos e reportagens enviados ao D.I.P.

Ontem, finalmente, no dia em que se comemora a independência dos Estados Unidos, recebemos, sem qualquer justificação, o aviso que *Diretrizes* não tinha mais o direito de circular em nosso país, após sete anos de ininterrupta existência, dedicada exclusivamente aos interesses do Brasil e do seu povo.

Enviando-lhe uma cópia daquela reportagem, sr. Coronel Juarez Távora, anima-nos o desejo de que fique constatado que *Diretrizes* não desertou da luta e que foi na luta que comemoramos, a nosso modo, a passagem de 5 de Julho. Enviando-lhe esta reportagem, sr. Coronel, desejamos prestar por seu intermédio, lutador que foi dos mais bravos dentre os bravos da epopeia de 5 de Julho, a nossa homenagem a todos os seus companheiros, cuja lembrança permanecerá no coração do povo brasileiro, como uma flâmula eterna de exaltação à liberdade.²⁴

Juarez Távora respondeu à carta de Wainer somente um mês depois, em agosto de 1944. O militar esquivou-se do pedido de ajuda

24 Wainer, Samuel. Carta enviada a Juarez Távora em julho de 1944. A carta faz parte do arquivo Juarez Távora depositado no CPDOC. O documento encontra-se digitalizado, disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=ProdIntelec&PagFis=40802>>. Acesso em: 7 mai. 2011.

e recusou-se a contestar a decisão do DIP. Ele também agradeceu a Wainer pelos elogios a sua participação no movimento de 1924 e acrescentou que, de fato, a reportagem nada tinha de “extremista”. No entanto, Távora advertiu o jornalista de que o título da reportagem, “Vinte e dois dias que abalaram o Brasil”, fazia referência a um livro de orientação “bolchevista”, doutrina que deveria ser combatida, segundo o missivista. De acordo com o militar, foi esse o motivo que culminou com a decisão do DIP de proibir a publicação da reportagem e cancelar o registro da revista, pois “esta circunstância” fazia que o texto colaborasse com a propaganda comunista:

Sem dever nem querer apreciar os motivos anteriores por que a autoridade pública competente determinou o fechamento de *Directrices* – vou permitir-me dizer-lhe duas palavras sobre o artigo que teve a bondade de remeter-me.

Li-o e apreciei-o devidamente, nada encontrando, no seu texto, que pudesse increpá-lo de extremismo. O seu título parodia (*sic*), entretanto, o título de um livro de divulgação da revolução bolchevista russa (com a qual nenhum ponto de contato tiveram – que eu saiba – os movimentos referidos no artigo) e cuja versão castelhana tive a oportunidade de ler, em meados de 1929, em Buenos Aires.

Esta circunstância – fortuita ou deliberada, pouco importa – compromete-o, ao meu ver, numa ingrata campanha de propaganda que, nós brasileiros (especialmente os que aspiram a fortuna de levar aos nossos filhos um Brasil verdadeiramente democrático) devemos desassombradamente combater.

É o que faço, dando-lhe essa opinião sincera sobre o artigo.²⁵

O livro ao qual Távora se referiu foi *Dez dias que abalaram o mundo*, escrito pelo jornalista norte-americano John Reed. Na obra,

25 Távora, Juarez. Carta enviada a Samuel Wainer em agosto de 1944. A carta faz parte do arquivo Juarez Távora depositado no CPDOC. O documento encontra-se digitalizado, disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=ProdIntelec&PagFis=40802>>. Acesso em: 7 mai. 2011.

prefaciada por Lênin, o autor narra os acontecimentos da Revolução Russa. Reed cobria, como jornalista, os embates da Primeira Guerra Mundial quando se deu a Revolução de Outubro de 1917. O autor tornou-se um dos difusores do comunismo nos Estados Unidos.²⁶ De fato, o título da reportagem de Wainer aludia ao do livro de Reed, e os responsáveis pelo órgão repressor perceberam a semelhança.

Ao mesmo tempo que Wainer mandou a carta de pedido de ajuda a Juarez Távora, enviou uma missiva contestatória ao diretor do DIP, Amilcar Dutra de Menezes, pedindo explicações pelo fechamento de *Diretrizes*. Na carta, Wainer afirmou que sua revista, que circulava ininterruptamente havia sete anos, não aceitava subvenções do órgão censor e exaltava princípios de liberdade e democracia. Apesar dos questionamentos, Samuel Wainer não pediu que o diretor do DIP anulasse a decisão e acrescentou que se tratava de medidas “absurdas, violentas e injustificáveis”. Contemplaria, portanto, o desenrolar dos acontecimentos:

Por que foi fechada *Diretrizes*? Por lutar pelos verdadeiros ideais democráticos e progressistas de nossa Pátria? Por insistir em propagar tudo que possa esclarecer e orientar o povo na sua luta contra o fascismo? [...]

Por que foi fechada *Diretrizes*? Por exaltar uma verdadeira união nacional? Por estudar honestamente os grandes problemas culturais, econômicos e sociais do Brasil? [...]

Por que foi fechada *Diretrizes*? Por ser uma revista graficamente original? Por não aceitar subvenções deste Departamento? Por já possuir um enorme público em todo o país, um público que irá se fazer a mesma pergunta que aqui estou dirigindo a V. S.? [...]

Por que foi fechada *Diretrizes*? [...] Por desejar ser uma revista, só uma revista, sem ligações de qualquer espécie com grupos políticos, culturais e financeiros? Por acreditar no nobre futuro democrático e livre de nossa Pátria?

26 Informação disponível em: <<http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=140>>. Acesso em: 30 jul. 2011.

Por que foi fechada *Diretrizes*, sr. Diretor? [...]

Recebemos a punição de V. S., como uma etapa a mais da trajetória acidentada e coerente de *Diretrizes*. A dura e árdua profissão que escolhemos, ensinou-nos a receber qualquer notícia com uma serenidade que, certamente, V. S. não possuía no momento em que assinou o ofício que ontem chegou às nossas mãos. Aguardamos, sr. Diretor, os acontecimentos com a mesma serenidade. Eles reafirmarão num futuro muito mais próximo do que se possa imaginar os nossos direitos de voltar a circular, livremente, sem estarmos expostos, a medidas tão absurdas, violentas e injustificáveis como a que V. S. nos transmitiu.²⁷

Apesar das tentativas e dos apelos de Samuel Wainer, os dirigentes do DIP não voltaram atrás em sua decisão. Wainer seguiu para o exílio nos Estados Unidos. Depois de um ano, em 1945, quando a Era Vargas chegou ao fim, regressou ao Brasil e acalentou seu antigo sonho de transformar *Diretrizes* em jornal diário, relançando sua publicação. Porém, os órgãos repressores continuavam em seu encaço, conforme documentação encontrada a respeito da publicação. Anexo ao prontuário da revista feito pela Desps, encontrou-se um recorte de *O Jornal*, sem data, no qual se noticiava o retorno de Samuel Wainer: “O jornalista Samuel Wainer, diretor da revista brasileira *Diretrizes*, declarou que pretende regressar dentro em breve ao Brasil afim de reassumir a direção de sua revista”.²⁸ Mesmo após o fechamento do periódico e o exílio de Wainer, os responsáveis pelos órgãos repressores não deixaram de se preocupar com o retorno de *Diretrizes*, revista que, pelo visto, muito incomodava. Foi nessa publicação que Joel Silveira deixou de ser crítico literário para consagrar-se como repórter.

27 Wainer, Samuel. Carta enviada ao diretor-geral do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). O documento encontra-se microfilmado no arquivo Gustavo Capanema depositado no CPDOC.

28 Recorte de *O Jornal*, sem data, encontrado junto ao prontuário microfilmado da revista *Diretrizes*, no arquivo Gustavo Capanema depositado no CPDOC.

A consagração como repórter

Em dezembro de 1940, Joel Silveira passou a trabalhar em *Diretrizes*, no prestigioso cargo de redator, subordinado apenas aos diretores. Trata-se de um fato compreensível, visto que ele já não era mais recém-chegado de Sergipe, e entrava para o grupo amparado pelo reconhecimento adquirido após seu trabalho como redator do jornal *Dom Casmurro*, em cujas páginas protagonizou polêmicas que o levaram a participar ativamente dos debates culturais da época.

Não se sabe, contudo, os motivos exatos que levaram Joel a trocar o hebdomadário de Brício de Abreu pelo periódico de Samuel Wainer, uma vez que as páginas de suas memórias não trazem quaisquer referências à mudança de trajetória. Entretanto, é possível ensaiar algumas explicações. Conforme foi visto, justamente em dezembro de 1940, *Diretrizes* teve sua periodicidade alterada de mensal para semanal. A mudança fazia parte de uma série de reestruturações empreendidas no periódico, que fizeram que ele se afastasse do formato das demais publicações culturais da época e adquirisse caráter muito mais jornalístico, próximo do que seriam as revistas semanais de informação das décadas posteriores. Dessa forma, a revista necessitava de maior contingente profissional para dar cabo das reformas, o que se confirmou com o aumento significativo do número de colaboradores efetivos e dos cargos de gerência. Havia muito trabalho para aqueles que intencionavam mudar a feição do que seria um dos principais semanários da época.

Por outro lado, *Diretrizes* despontava como uma nova oportunidade profissional para Joel Silveira, que almejava deixar de lado sua carreira literária após o lançamento das primeiras obras e suas colaborações em *Dom Casmurro*. Tratava-se, portanto, de um periódico no qual seria possível ao autor seguir pela rota do jornalismo. Em suas primeiras colaborações, Silveira reconstituiu sua trajetória em uma crônica carregada de ressentimentos por sua rejeição no campo literário:

Este rapaz que está aqui na minha frente, cabeça grande, olhos quietos, voz mansa, é o retrato de milhares de outros que já encontrei na confusão da cidade grande. A história que ele me conta não é nova nem original. Outros já me contaram a mesma coisa. E se não me engano, eu próprio já fui autor dela, tempos atrás [...]. O que faz a tragédia desta história não é a voz cansada do rapaz de Alagoinhas ou o sotaque diferente do moço de Campina Grande. A tragédia toda está neste mundo maravilhoso que eles vieram buscar aqui, que, inexplicavelmente, não apareceu ainda [...]. Agora, o moço de Simão Dias está meio desiludido. Aquela grande esperança que ele trazia, de mistura com os sonetos do ginásio, de chegar junto ao literato estabelecido na praça e recitar: “Sou um rapaz pobre e inteligente. Quero que o senhor me ajude a vencer”, já se desvaneceu. Os literatos estabelecidos, como bons comerciantes, não querem concorrentes [...]. Enfim, moço de Simão Dias, faça lá o que você quiser. A lama é muita e é tolice querer evitar os salpicos. E aqui vai um conselho, sem grande moral, mas ligeiramente prático: mande seus ídolos pro inferno, comece a achar tudo ruim e sujo, faça as suas sujeiras também, comece a dar seus palpites e só seja honesto com o seu estômago. Faça o possível para almoçar todos os dias. Isso traz uma certa superioridade. Como? Isso é lá com você. E arranje uma namorada em Ramos ou no Meyer. Essas trêfegas criaturas suburbanas são o que resta de bom nesta cidade. De noite, não caia na besteira de ficar lendo os clássicos. Vá para o subúrbio e namore. Isso também traz superioridade.²⁹

Em *Diretrizes*, Joel Silveira não era apenas redator. Ele também assinou diversos textos. A maioria deles, conforme mostra a Tabela 3.1, pertencia a um gênero específico: a reportagem. Desde seu primeiro mês no novo periódico, Silveira produziu esse tipo de texto e com ele seguiu até suas últimas colaborações. Não era a primeira

29 Silveira, Joel. Crônica. *Diretrizes*, Rio de Janeiro, n.35, p.37, 3 jan. 1941.

vez que escrevia reportagens, visto que em *Dom Casmurro* já havia incursionado pelo gênero em duas oportunidades.³⁰

Tabela 3.1: Colaborações de Joel Silveira em *Diretrizes*.

Ano	Produção literária (contos e crônicas)	Reportagens
1940	–	3
1941	1	16
1942	–	16
1943	1	12
1944	2	2

Mas o que é uma reportagem? Ao reunir histórias dos jornalistas considerados principais repórteres do século XX, inclusive Joel Silveira, Audálio Dantas definiu a reportagem como um texto dinâmico, produzido pelo sujeito que vai às ruas, vê, ouve, questiona e conta. Numa palavra, “um bom repórter pode ser, por exemplo, aquele que é capaz de contar bem um fato ocorrido na esquina de sua rua. Ou, em outro extremo, aquele que vai até o fim do mundo no encaicho de uma boa história”.³¹ Nas definições jornalísticas do termo, a reportagem é um trabalho que desenvolve a notícia, enriquecendo-a com pormenores e informações complementares.³² Trata-se de contextualizar e detalhar o que se enuncia nas notícias. Porém, essa ligação não é obrigatória, visto que na reportagem é possível abordar temas que prescindam da atualidade.³³ Em suma, os jornalistas consentem que a reportagem é um relato mais ampliado da notícia:

30 Silveira, Joel. Como vivem os estudantes brasileiros. *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n.51, p.20, 25 mai. 1938; Presença da Paraíba. *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n.126, p.8, 25 nov. 1939.

31 Dantas, Audálio. Apresentação. In: _____. (Org.). *Repórteres*. São Paulo: Senac, 1998. p.10.

32 Ramos, José Nabantino. *Jornalismo*. Dicionário enciclopédico. São Paulo: Ibrasa, 1970. p.219.

33 Sodré, Muniz; Ferrari, Maria Helena. *Técnica de reportagem*. São Paulo: Summus, 1996. p.18.

Significa um certo grau de extensão e/ou aprofundamento do relato, quando comparado à notícia, e ganha a classificação de grande-reportagem quando o aprofundamento é extensivo e intensivo, na busca do entendimento mais amplo possível da questão em exame. Em particular, ganha esse *status* quando incorpora à narrativa elementos que possibilitam a compreensão verticalizada do tema no tempo e no espaço, ao estilo do melhor jornalismo interpretativo, sobretudo aquele praticado na imprensa norte-americana, onde essa modalidade de informação aprofundada da contemporaneidade adquire, nos melhores casos, qualidade compatível com a proposta de leitura ampliada do real.³⁴

Porém, as palavras dos jornalistas definem a reportagem de acordo com suas características atuais, como se o gênero fosse invariável no tempo, sem atentar para o fato de que foi historicamente construído e apresentou nuances no decorrer de sua transformação até atingir o modelo hoje predominante. No geral, as definições jornalísticas ancoram-se na concepção de reportagem originária do padrão norte-americano de objetividade, incorporado pelo jornalismo brasileiro a partir dos anos 1950. O que interessa, portanto, aos profissionais da imprensa é o compromisso com a objetividade informativa, cuja obrigatoriedade deve se fazer presente na reportagem, considerada gênero jornalístico privilegiado:

É a reportagem [...] um gênero jornalístico privilegiado. E é mesmo, a justo título, uma narrativa [...] separada, entretanto, da literatura por seu compromisso com a objetividade informativa [...]. Esse laço obrigatório com a informação objetiva vem dizer que, qualquer seja o tipo de reportagem (interpretativa, especial etc.), impõe-se ao redator o “estilo direto puro”, isto é, a narrativa sem comentário, sem subjetivações [...]. Nenhum rebuscamento

34 Lima, Edvaldo Pereira. *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. Barueri: Manole, 2004 p.24.

estéril, nenhuma forma monótona deve colocar-se entre o olhar do leitor e o fato restituído em sua veracidade.³⁵

Além do compromisso com a objetividade, o mito jornalístico do “pacto com a verdade” predominou nos estudos a respeito da reportagem, que, segundo os profissionais de imprensa, não deve fugir desta regra: “Não é bastante ser verdadeira; reportagem tem que *parecer* verdadeira – ser verossímil. Isso exige certa técnica na dosagem da seleção e combinação de elementos”.³⁶ Os jornalistas utilizaram esse padrão para analisar reportagens de diferentes épocas e diversos autores, mesmo aqueles que precederam a importação desse modelo.³⁷ Seria um equívoco estudar a produção de Joel Silveira em *Diretrizes* sob essa ótica, como, inclusive, já foi feito.³⁸ As reportagens de Silveira eram muito diversas do padrão hoje predominante. Elas constituem um capítulo na história do gênero no Brasil. Porém, para entender seus caminhos, seus desdobramentos, suas mudanças e suas permanências, é preciso situá-las sincrônica e diacronicamente.

Há uma lacuna nos estudos sobre reportagens, visto que jornalistas e historiadores pouco tentaram reconstituir a trajetória de um dos principais gêneros jornalísticos. No caso da história, essa falta tem origem na hierarquia que se naturalizou entre literatura e jornalismo, na qual a primeira seria o exercício intelectual de maior prestígio, e a segunda, o ofício de menor profundidade, cuja produção efêmera garantiria a subsistência dos autores, servindo ainda como “trampolim” para uma futura carreira literária. Essa

35 Sodré; Ferrari, op. cit., p.9.

36 Ibid., p.107 [grifo dos autores].

37 Ibid. Ver também Dantas, Audálio (Org.), op. cit.

38 Negri, Ana Camilla França de. *Mediações políticas na história da reportagem no Brasil*: a produção de Joel Silveira. São Bernardo do Campo, 2000. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo; Mandelli, Mariana Carolina. *O perfil jornalístico*: um gênero em discussão na obra de Joel Silveira. Bauru, 2007. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista.

hierarquia consolidou-se no Brasil a partir do século XX, quando teve início a segmentação entre jornalismo e literatura, justamente na época em que jornais e revistas abandonaram o caráter artesanal e tornaram-se empresas. Enquanto a literatura mantinha-se sob o *status* de arte, o jornalismo relegava-se ao papel de mercadoria voltada para públicos mais amplos.³⁹

Portanto, predomina o estudo de intelectuais consagrados pela via tradicional, a literatura, em detrimento do jornalismo, pouco estudado. O fato demonstra que os estudiosos reproduziram a hierarquia que escritores e jornalistas estabeleceram entre si. Além dos repórteres, profissionais de imprensa como fotógrafos, publicitários e até mesmo proprietários de jornais e revistas não são considerados intelectuais por conta do caráter mais técnico de seus ofícios.⁴⁰

Entretanto, apesar das lacunas na história da reportagem, é possível seguir algumas pistas a respeito do gênero. No Brasil, os primeiros sinais daquilo que se aproxima da reportagem no sentido moderno surgiram no momento em que a fotografia ganhou as páginas de jornais e revistas, a partir de meados do século XIX. O tempo entre a invenção do daguerreótipo e o uso de fotografias na imprensa foi bastante curto. A ideia era documentar acontecimentos como prova de “verdade” aos leitores. Por tal motivo, esse uso também ficou conhecido como fotodocumentarismo. Dessa forma, surgiram as fotorreportagens, primeiras reportagens acompanhadas de séries de imagens fotográficas.⁴¹

Porém, não foi apenas de fotografias que se compunham os primórdios da reportagem. Em agosto de 1897, os responsáveis pelo jornal *O Estado de S. Paulo* enviaram Euclides da Cunha como correspondente da Guerra de Canudos, na Bahia. Seus relatos sobre

39 Essa questão encontra-se mais bem discutida em Costa, Cristiane. *Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

40 Medauar, Jorge. Os intelectuais e a propaganda. In: Branco, Renato Castelo; Martensen, Rodolfo Lima (Orgs.). *História da propaganda no Brasil*. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1990. p.7-19.

41 Andrade, Joaquim Marçal Ferreira de. *História da fotorreportagem no Brasil: a fotografia na imprensa do Rio de Janeiro de 1839 a 1900*. Rio de Janeiro: Campus, 2003. p.12-26.

o conflito deram origem ao clássico *Os sertões*, em 1902. Para além das notícias, Cunha traçou um panorama da situação em torno dos espaços e das condições que a cercaram, de acordo com os padrões de conhecimento disponíveis na época, e empreendeu uma análise documental. “Euclides da Cunha é o antecessor, o protótipo da figura que vai ser decisiva no futuro para o amadurecimento do jornalismo de profundidade como reportagem.”⁴²

No entanto, a figura do repórter ainda estava por emergir. A modernização da virada do século XIX para o XX trouxe à cena urbana uma série de artefatos tecnológicos, como automóveis, telégrafos, fonógrafos e cinematógrafos, o que possibilitou maior circulação de informações e um *boom* de notícias que necessitavam de um indivíduo especialista em organizar, em um texto, o novo mundo caótico: o repórter.⁴³ “O repórter passa a ser o elemento principal para a composição da notícia.”⁴⁴ Justamente nesse momento, surgiu aquele que seria considerado o primeiro repórter do Brasil: Paulo Barreto, mais conhecido como João do Rio.

João Paulo Alberto Coelho Barreto, o João do Rio, almejava ser diplomata, mas, mulato, gordo e homossexual, foi barrado no Itamaraty pelo Barão do Rio Branco. Tornou-se, então, jornalista e trabalhou em diversos periódicos cariocas, como *A Tribuna*, *Cidade do Rio*, *Gazeta de Notícias*, *O Paiz*, *A Ilustração Brasileira*, *Revista da Semana*, *O Coiô*, *Tagarela*, *Kosmos* e *Renascença*. João do Rio construía textos de acordo com o que presenciava em suas buscas pelas ruas. Introduziu a coleta de dados e informações por meio de entrevista e a consulta a outras fontes, método em voga em outros países da Europa, mas até então inédito no Brasil.⁴⁵

42 Lima, op. cit., p.216.

43 Medina, op. cit., p.51-67.

44 Barbosa, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil – 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p.39.

45 Ibid. Sobre João do Rio, ver também Lima, op. cit, p.218-20; verbete “João do Rio”. *A revista no Brasil*. São Paulo: Abril, 2000. p.195. Mais tarde, suas reportagens nos referidos periódicos foram publicadas nos livros *Religiões do Rio*, *A alma encantadora das ruas*, *Vida vertiginosa*, *Cinematógrafo* e *Os dias passam*.

“Repórter que vai à rua e constrói sobre o momento a história dos fatos presentes. Da união destes dois conceitos nasce a definição moderna de jornalismo. E João do Rio, se não é original na história da imprensa, pelo menos no Brasil inicia esse processo.”⁴⁶ De fato, João do Rio produziu suas reportagens justamente no momento em que o jornalismo demarcava suas fronteiras como o ofício do “pacto com a realidade”, jornais e revistas tornavam-se empresas e o ofício de seus profissionais segmentava-se. Entretanto, ainda não era o momento da construção da identidade jornalística objetiva que predominaria na imprensa brasileira a partir dos anos 1950. Dessa forma, os textos dos primeiros repórteres, como Euclides da Cunha e João do Rio, transgrediram as fronteiras entre realidade e ficção.

No momento em que Joel Silveira escreveu suas reportagens em *Diretrizes*, esse modelo ainda predominava e foi compartilhado por seus congêneres. No entanto, para além dos textos, no início dos anos 1940, um novo estilo de reportagem despontava na imprensa brasileira com o surgimento do *fotojornalismo*. Tratava-se de um gênero de reportagem em que as matérias recebiam ilustrações de refinado acabamento gráfico, em quantidade significativa, sobrepondo-se aos textos.

O fotojornalismo surgiu no Brasil em 1943, com a repaginação do design da revista *O Cruzeiro*. O novo estilo de fazer reportagens ilustradas foi instituído pela famosa dupla repórter/fotógrafo David Nasser, iniciante, e o francês Jean Manzon. Foi Manzon quem trouxe o fotojornalismo para o Brasil, que era utilizado pela revista francesa *Match*, na qual ele trabalhava. A *Match* copiou esse estilo do magazine norte-americano *Life*, o primeiro a empregar o fotojornalismo. Ao chegar ao Brasil, Manzon atuou como fotógrafo do DIP e, em seguida, foi designado pelo órgão de censura para trabalhar em *O Cruzeiro*. A dupla Nasser/Manzon atuou por nove anos. Suas reportagens fizeram considerável sucesso na história

46 Medina, op. cit., p.58.

da imprensa no Brasil e tinham como principais características o sensacionalismo, exageros, dados e fatos inventados.⁴⁷

Foi nesse contexto de renovação da reportagem que Joel Silveira tornou-se um dos responsáveis pelo gênero em *Diretrizes*. Silveira tornava-se repórter nessa riqueza de novas possibilidades e técnicas. Enquanto *O Cruzeiro* inovava com o fotojornalismo, Samuel Wainer e o grupo de *Diretrizes*, como em uma espécie de concorrência, empreendiam mudanças na estrutura de seu periódico. Conforme já se observou, tais alterações privilegiaram a reportagem como gênero textual da revista. Seja como for, alguns estudiosos do tema não perceberam que se tratava de um rico momento para a história da reportagem, designando equivocadamente o período como um “hiato” na trajetória do gênero:

Depois de João do Rio, parece existir um hiato na evolução da reportagem brasileira, que só vai ser retomada significativamente após a Segunda Guerra, chegando ao ápice da renovação no período 1966-68. Aí está um vazio a ser investigado por uma eventual historiografia da reportagem no Brasil. Pode-se inclusive lançar uma hipótese, à guisa de incentivo no futuro, de que o sucesso literário da “geração de 30”, responsável por uma produção ficcional considerável na linha do realismo social, tenha inibido as condições ambientais – no sentido sistêmico – para o surgimento de qualquer corrente vigorosa de jornalismo de profundidade [...].⁴⁸

O autor seguiu em seu raciocínio equivocado e pouco aprofundado, acrescentando que, além do “sucesso da geração de 30 na literatura”, a censura do Estado Novo teria inibido a “evolução da reportagem” na época.⁴⁹ Conforme se percebe neste livro, nem

47 Sobre o início do fotojornalismo no Brasil com David Nasser e Jean Manzon, ver Carvalho, Luiz Maklouf. *Cobras criadas: David Nasser e O Cruzeiro*. São Paulo: Senac, 1999.

48 Lima, op. cit., p.220-1.

49 Ibid., p. 222. Segue o autor em seu argumento errôneo: “Mas então pergunta-se: assim como as obras de ficção aparentemente conseguiam de algum modo

a literatura nem tampouco a ação da ditadura impediram que Joel Silveira se consagrasse como repórter.

Ao trocar *Dom Casmurro* por *Diretrizes*, ele prosseguiu com as críticas à intelectualidade da época, o que demonstra que, mesmo em segundo plano, a temática persistiu entre seus interesses. O debate entre modernistas e tradicionalistas no campo da cultura reapareceu em seus textos, embora de maneira secundária.

Nas reportagens, Silveira estimulou seus entrevistados a abordar o assunto, o que eximiu o jornalista da crítica, mas, ao mesmo tempo, reforçou-a como uma dupla opinião: a do entrevistado e a dos editores da revista, que abriram seu espaço para tais concepções. Na reportagem sobre a declamadora de poemas Maria Sabina, ficou evidente a intenção do repórter em comandar os rumos da entrevista de acordo com seus interesses, estimulando a entrevistada a expor suas críticas, no caso, contrárias à poesia modernista e a favor de outros poetas modernos, como Cassiano Ricardo:

– Os suplementos literários estão repletos de versos ruins, ocupados com uma falsa poesia que se encobre sob o manto de modernismo, enquanto um bom poeta [...] fica esquecido numa cidadezinha do interior. Não é direito, é?

Ao invés de responder, fizemos uma nova pergunta à entrevistada:

– Quer dizer que a senhora não aceita a poesia modernista?

– Não. Poesia é música. Falta música na poesia moderna.

O único poeta moderno que me fala à sensibilidade é Cassiano Ricardo. E isso porque ele não abandonou todos os recursos da poesia antiga. Quero citar também o nome de Guilherme de Almeida, ele também não é modernista?

vencer a censura, em parte que seja, por que não surgiu uma significativa produção de livros-reportagem que também se empenhassem nesse embate para expressar, imersos em factualidade, o real concreto? Se o principal empecilho era o Estado Novo, sua queda, após a guerra, liberou a imprensa para um acelerado desenvolvimento técnico e industrial que resultaria também em benefícios para a modernização da reportagem”. Ibid.

Informamos que não era mais.

– Mas já foi. Fez muito bem em mudar de ideia.⁵⁰

Os debates com a intelectualidade não compuseram a maioria de suas reportagens, mas sua recorrência contribui para demonstrar que as disputas iniciadas nas páginas do jornal *Dom Casmurro* foram marcantes na vida de Silveira ao ponto de persistirem nas reportagens de *Diretrizes*. Percebe-se que a entrevistada criticou os modernistas, mas elogiou Cassiano Ricardo, visto que o principal alvo era uma vertente específica do movimento, os paulistas, contra os quais Silveira batia-se de maneira mais direta desde os tempos de *Dom Casmurro*. Ao entrevistar o poeta e político mineiro Olegário Mariano, o repórter não deixou de questioná-lo a respeito da poesia modernista e de estimular seu entrevistado a expor uma opinião a respeito:

Quando se fala em poesia moderna, Olegário é intransigente:

– Não gosto.

Mas ele não fica na negativa: não gosto! Diz porque não gosta.

– Digo, não custa nada. Aliás, já disse: poesia é ritmo, harmonia, imagem, conceito. A poesia moderna não tem nada disso, foge aos moldes clássicos. É uma coleção de palavras sem sentido. Muitos dos atuais poetas modernistas, que andam a entulhar as páginas das revistas, fazem poesia moderna porque não sabem e não podem fazer a antiga.⁵¹

As críticas aos modernistas não se restringiam ao campo literário. Numa reportagem a respeito de caricaturistas e desenhistas das gerações anteriores, Silveira obteve a seguinte resposta de Raul Pederneiras: “O homem resolveu simplificar tudo, reduzir tudo a

50 Silveira, Joel. As revelações de uma declamadora. *Diretrizes*, Rio de Janeiro, n.86, p.11, 12 fev. 1942.

51 Silveira, Joel. Minha lira só tem uma corda. *Diretrizes*, Rio de Janeiro, n.148, p.12, 29 abr. 1943.

linhas. Um exemplo disso está nessa arquitetura moderna. Uma arquitetura que está enterrando o Rio. Há coisa mais escabrosa do que um arranha-céu?”⁵²

A escolha dos entrevistados, geralmente contrários às propostas estéticas dos modernistas, também demonstra a intenção do repórter em prosseguir com o debate iniciado em *Dom Casmurro*. Numa de suas reportagens, Silveira entrevistou Nazareth Prado, viúva do escritor Graça Aranha, líder da Semana de Arte Moderna de 1922 e dissidente do grupo por desacordo com Mário de Andrade.⁵³ Apesar de não criticar o modernismo, Nazareth Prado afirmou que Graça Aranha nunca foi um modernista:

– Eu disse há pouco e torno a repetir: Graça Aranha é incompreensível. Uma coisa, no entanto, eu posso dele dizer: – nunca foi um modernista. Amante das ideias novas, eterno apaixonado da mocidade, mas no fundo um grande romântico e sentimental. Guardo comigo perto de três mil cartas dele e o romantismo e sentimentalismo estão distribuídos nelas através de três mil formas diversas.⁵⁴

Para Nazareth Prado, o “verdadeiro” Graça Aranha não era aquele das assembleias e dos movimentos coletivos, mas o indi-

52 Silveira, Joel. Vendedores de humor. *Diretrizes*, Rio de Janeiro, n.56, p.13, 26 jun. 1941.

53 De acordo com Tania de Luca, Graça Aranha era um intelectual mais velho se comparado aos demais modernistas. A cisão ocorreu em 1925, quando Aranha e os jovens Sérgio Buarque de Holanda e Prudente de Moraes Neto uniram forças para publicar a revista *Estética*, porta-voz do modernismo. Holanda e Prudente teriam criticado uma obra de Ronald de Carvalho, protegido de Graça Aranha. A tensão do grupo se iniciou em nível epistolar e ganhou as páginas do periódico. Aranha foi alijado paulatinamente do grupo, que passou a contar cada vez mais com o apoio e a orientação de Mário de Andrade, até o momento em que o intelectual não figurou mais em *Estética*. Ver De Luca, op. cit., p.35-9.

54 Silveira, Joel. A mais bela história de amor do Brasil. *Diretrizes*, Rio de Janeiro, n.80, p.18, 31 dez. 1941.

víduo romântico que lhe enviava cartas de amor. Dessa forma, a reportagem parecia versar apenas sobre o relacionamento afetivo entre o escritor e sua esposa. No entanto, é preciso entender o significado que essas afirmações tinham na época em que o modernismo dominava o cenário cultural. Não por acaso, a reportagem foi matéria de capa daquele número de *Diretrizes*. A viúva de Graça Aranha chegou a afirmar que a Semana de Arte Moderna de 1922 havia sido provocada por sua causa, pois o escritor necessitava de um pretexto para vê-la em São Paulo. Tratava-se, portanto, de afirmar que o movimento que alterou os rumos das artes no país havia eclodido por um “capricho” sentimental de um de seus líderes:

A afirmação de D. Nazareth Prado de que Graça Aranha nunca fora um modernista nos viera, rápida, uma pergunta à mente: e a Semana de Arte Moderna? Perguntamos:

– Como a Sra. explica, então, a posição de Graça Aranha no movimento modernista de vinte e dois?

– Graça Aranha era um homem de ímpetos. E de uma grande força de vontade. Para alcançar os seus fins, ele escolhia, por vezes, os caminhos mais inesperados. Pode parecer aos outros que o que eu vou dizer seja por demais presunçoso: a verdade é que eu [Nazareth Prado], acima de quaisquer outros motivos, fui principal causadora da “Semana de Arte Moderna”. Explico: naquela época, 1922, eu estava em São Paulo, em casa de minha família. Graça Aranha necessitava de qualquer pretexto para me ver. A Semana de Arte Moderna foi um belo pretexto.⁵⁵

A reportagem sobre Nazareth Prado atingia diretamente a vertente modernista de São Paulo, liderada por Mário de Andrade. Porém, outras vertentes modernistas foram poupadas por Silveira, que realizou uma matéria sobre a Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, na qual questionou a saída do modernista Lúcio Costa da direção da instituição. Silveira afirmou que Costa realiza-

55 Ibid., p.19.

ra um importante trabalho de renovação da escola, tornando-a uma das mais avançadas do mundo, mas as intrigas dos membros ligados às vertentes conservadoras fizeram que o modernista deixasse o cargo.

No texto, os tradicionalistas foram designados como “velharias”, que voltaram à direção da instituição após a saída de Costa.⁵⁶ Além dos modernistas de São Paulo, os tradicionalistas foram alvos de críticas nas reportagens de Joel Silveira. Em entrevista com o escritor Agripino Grieco, Silveira lembrou que o autor posicionava-se contra os pontos de vista dos membros da Academia Brasileira de Letras e propunha, jocosamente, que os modernistas expulsassem, com violência, os membros da instituição:

Agripino Grieco é autor de um plano, a respeito da Academia, que vamos revelar agora: ele acha que os escritores da nova literatura brasileira, como Zé Lins, Graciliano, Raquel de Queiroz, deveriam, numa tarde de quinta-feira, se armar de cacetes e invadir a Academia, expulsando de lá, a pauladas, todos os trinta e oito impostores. Trinta e oito ou quarenta? Grieco sorri e diz que faz duas exceções, mas não nos conta quais são.

– Não é um grande plano? Barato e de efeito imediato.⁵⁷

Apesar da depreciação dos tradicionalistas e dos modernistas de São Paulo, a crítica literária ficara para trás. Em *Diretrizes*, outras questões, ligadas ao escopo editorial da revista, preocuparam o jornalista. Porém, antes de inquirir sobre os principais assuntos de suas reportagens, é preciso antever o modo como foram escritas e as características que as fizeram ocupar determinado lugar na história da reportagem no Brasil, bem como o que conservaram e o que mudaram em relação aos antecessores e aos congêneres de Silveira.

56 Silveira, Joel. Os modernos expulsos da Escola de Belas Artes. *Diretrizes*, Rio de Janeiro, n.128, p.8, 12 e 13, 10 dez. 1942.

57 Silveira, Joel. Querem dinheiro? Façam conferências. *Diretrizes*, Rio de Janeiro, n.140, p.14, 4 mar. 1943.

É preciso salientar que as reportagens de Silveira em *Diretrizes* pareciam mais entrevistas, visto que exprimiam, basicamente, uma conversa com os sujeitos/temas das matérias. Entretanto, eram apresentadas aos leitores como reportagens. Esses textos eram bem diferentes dos que o autor publicara em *Dom Casmurro*. Na revista de Wainer, ocupavam entre duas e quatro páginas e recebiam ilustrações de fotografias. Alguns figuravam nas páginas iniciais de cada exemplar, enquanto outros apareciam nas páginas do meio. Das quase cinquenta reportagens, pelo menos quinze foram matérias de capa, portanto seus textos eram considerados dos mais importantes pelos editores do periódico. Os temas variavam entre acontecimentos daquela época, reconstituições de eventos passados e entrevistas com políticos, artistas e intelectuais. Os textos recebiam a classificação “Reportagem de Joel Silveira”.

Suas matérias introduziam-se pela manchete em destaque. Em seguida, o “olho da matéria” iniciava o texto, em negrito. Tratava-se de uma estrutura que resumia, em tópicos, os temas que o leitor encontraria na reportagem. O olho da matéria antecedeu o surgimento do *lead*, parágrafo introdutório presente na imprensa brasileira a partir da importação dos padrões norte-americanos de jornalismo objetivo, que responde ao leitor apressado dos tempos modernos às perguntas: Quem? Como? Quando? Onde? A presença do olho da matéria, cujo formato lembra o *lead*, demonstra que a objetividade começava a dar seus sinais. O olho ainda é utilizado no jornalismo atual, principalmente em entrevistas. Porém, o *lead* é mais facilmente encontrado se comparado às estruturas que o antecederam.

O design da revista era um desafio para seus paginadores. Os textos de Silveira interrompiam-se com os antiquados “continua na página...”, já superados em algumas publicações da época, como *O Cruzeiro*. Essas interrupções faziam que os leitores folhassem várias páginas para retomar o texto que acompanhavam. Em alguns casos, a continuação encontrava-se em uma página anterior ao início da reportagem. As fotografias apareciam nas duas páginas iniciais, enquanto as continuações abarcavam o restante do texto. Por outro lado, seus textos dividiam-se em quatro ou cinco colunas, formato

adotado em *Diretrizes* a partir da mudança de periodicidade como recurso mobilizado para reduzir a quantidade de páginas – e que é empregado até hoje nos semanários de informação.

A estrutura do texto diferenciava-se por completo da famosa “pirâmide invertida”, modelo de reportagem predominante a partir dos anos 1950, no qual o assunto organiza-se por ordem de importância, do maior para o menor. Em suas reportagens, Silveira realizava uma longa reconstituição da trajetória de seu entrevistado, desde a infância até o momento das perguntas. Os temas considerados mais relevantes dentro do escopo editorial da revista, tal como a política da época, ficavam no final do texto. Joel Silveira procurava demonstrar em suas produções o compromisso com a “realidade”, fosse por meio de imagens, fosse por sua condição de repórter que ia às ruas, procurava, investigava e questionava diversas fontes.

As diversas imagens não eram apenas fotografias dos entrevistados e dos indivíduos sobre os quais Silveira realizava suas reportagens, mas também reproduziam documentos que o autor pesquisava, tais como cartas, bilhetes, trechos de relatórios e atas, entre outros. Essas imagens tinham a função de fornecer ao leitor dados que permitissem a identificação das reportagens com o “pacto com a realidade”. Nas representações fotográficas, Joel Silveira aparecia ao lado dos entrevistados, conversando e coletando dados por meio de anotações. Essas imagens não devem ser tomadas como provas de que o repórter realmente esteve na presença dos indivíduos sobre os quais escreveu. Elas apontam que a intenção dos editores da revista era demonstrar ao público que seus jornalistas ganhavam as ruas em busca de informações e as entrevistas não se realizavam mais por meio de cartas, como nos tempos anteriores.

O fato de Joel aparecer fotografado ao lado de seus entrevistados chama a atenção, pois na bibliografia sobre a história da imprensa não se encontram notícias a respeito de práticas semelhantes a essa no período. Tais tentativas de mostrar aos leitores que o repórter foi à busca de informações e esteve realmente na presença dos entrevistados não persistiram nas práticas jornalísticas das décadas seguintes. No jornalismo objetivo, que ganhou espaço na imprensa

brasileira a partir dos anos 1950, as reportagens de jornais e revistas tornaram-se impessoais e aqueles que assinavam tais textos não tinham “face” e não apareciam nas fotografias.

Joel Silveira teve a companhia de um fotógrafo para realizar algumas reportagens. Entretanto, não chegou a constituir uma dupla repórter/fotógrafo, como aconteceu com David Nasser e Jean Manzon, seus concorrentes em *O Cruzeiro*. Nos textos, Silveira sinalizou a presença do fotógrafo, mas não mencionou seu nome, ou seja, tratou-se de figura secundária e dispensável, aparecendo somente no final de algumas reportagens: “Vi que eu tinha que ir embora. O fotógrafo cochilava na poltrona estofada”.⁵⁸ Em outras oportunidades, Silveira afirmou que ele próprio registrou as imagens: “Agora o repórter quer algumas chapas. Tira a máquina do bolso da capa de gabardine. Guilherme se espanta: – O que é isso? É um revólver? Nair emenda: – Revólver o quê, burrinho. É uma máquina de tirar retratos!”.⁵⁹

Nos textos, o repórter colocou-se como indivíduo que investigou diversas fontes, em busca de apurar dados e descobrir o que considerava pertinente. Numa de suas reportagens, Joel Silveira entrevistou o garoto negro Joca, estrela do filme baseado na obra *Pureza*, de José Lins do Rego. A película foi dirigida pelo português Chianca de Garcia, mas, na opinião do repórter, a atuação do menino salvou o filme de um naufrágio. Em seu texto, Silveira abordou o cotidiano da família pobre do jovem e a desigualdade entre o cachê recebido por Joca e o valor pago ao ator já consagrado Procópio Ferreira, que também atuou no filme. O jornalista descreveu sua movimentação para descobrir a cifra do cachê de Procópio Ferreira. De acordo com o texto, o autor foi ao teatro, assistiu a uma peça encenada pelo ator, entrevistou-o de maneira que não percebesse que as informações seriam publicadas e participou de uma festa em sua casa. Esta foi a identidade de repórter que emergiu dos textos:

58 Silveira, Joel. As revelações de uma declamadora. *Diretrizes*, Rio de Janeiro, n.86, p.11, 12 fev. 1942.

59 Silveira, Joel. Escravos de contrato. *Diretrizes*, Rio de Janeiro, n.49, p.20, 29 mai. 1941.

Aqui entra o repórter. Um dia o repórter, depois de uma sessão de teatro, meia-noite mais ou menos, tomou o automóvel luxuoso de Procópio e saiu andando pelas ruas caladas. O ator ia ao lado e falava. Falava precisamente de um filme que Chianca de Garcia pretendia fazer, baseado num argumento de José Lins do Rego. Chianca o convidara para ser a primeira figura. Ele, Procópio, pedira cem contos, e olhe lá! Chianca reduziu a quantia a escudos e viu que era muito. Ele, Procópio, fizera uma redução de quarenta contos, nada menos.

Depois o automóvel parou numa casa grã-fina da Urca e o repórter entrou. Era a casa do ator. Havia muita gente espalhada pelas poltronas de veludo, pelo chão de veludo, muita gente encostada na parede de veludo. O ator disse em linguagem vernacular, mais ou menos isso: Bota a boia! Botaram a boia e o repórter nunca passou tão bem. Que vinhos, que copos de cristal, que conversa amena, que flores!

Esta história, contada assim, parece que nada tem com a vida de Joca. Mas tem porque serve para uma comparação. Eu quero dizer que Joca, que salvou o filme, não se sentava em veludo nem ingeria uma boia digna. Vivia e vive metido no seu barracão, num subúrbio de Cachambi, que por sua vez, já é ramal do Meyer.⁶⁰

Não se deve perder de vista que a colaboração de Joel Silveira em *Diretrizes* foi a primeira atuação do autor como repórter em uma longa carreira no jornalismo. Dessa forma, o jornalista de pouco mais de vinte anos registrou suas primeiras impressões do ofício como forma de construir sua nova identidade e diferenciá-la das demais profissões. Na entrevista com a declamadora de poemas Maria Sabina, Silveira demonstrou que colecionava experiências na intenção de definir as características de seu trabalho:

É a primeira vez em minha vida de homem de jornal que faço uma entrevista e não sou convidado para um café pequeno. Já

60 Ibid., p. 13.

tenho tomado refrescos e aperitivos com meus entrevistados. Dona Nazareth Prado me ofereceu suco de laranja, o Joca, o pretinho do cinema, quis me brindar com uma feijoada. D. Maria Sabina não me convidou para nada. É lógico que isto não tem importância, mas não deixa de ser novidade, talvez a única coisa de excepcional em toda a entrevista. Revelar fatos excepcionais e estranhos é uma das funções mais sérias do repórter; daí, portanto, este final meio queixoso.⁶¹

Em algumas oportunidades, Joel Silveira afirmou ter se apropriado de alguns documentos de seus entrevistados sem que eles percebessem, para publicar nas reportagens sem a autorização dos indivíduos sobre os quais escrevia. Para o autor, essa era uma das características do “bom repórter”. Na entrevista feita com o escritor Monteiro Lobato, após ser convidado a conhecer o escritório do autor, Joel Silveira descreveu uma mesa de cartas que Lobato organizava para uma futura publicação. Lobato não permitiu que seu entrevistador se aproximasse das missivas, mas Silveira teria “embolsado” uma carta enviada ao literato paulista pelo escritor Osvaldo Orico. É interessante notar que, ao narrar a situação, Silveira propunha que a “aventura” e a “audácia” eram características de sua profissão:

Peço a Lobato que me empreste a carta por algumas horas.

– Não senhor. Você nem devia estar mexendo aí.

Mas há um telefonema providencial: e enquanto Lobato vai lá embaixo, para atendê-lo, meto a carta de Orico no bolso. (Lobato há de perdoar tal atitude, um tanto quanto arbitrária. Mas ele, tão experiente, deve saber o que é fazer jus à profissão. Já devolvi a carta pelo correio aéreo, depois de fazer dela o clichê que vai nesta reportagem. Quanto a Orico, contra ele vale tudo).⁶²

61 Silveira, Joel. As revelações de uma declamadora. *Diretrizes*, Rio de Janeiro, n.86, p.11, 12 fev. 1942.

62 Silveira, Joel. Um governo deve sair do povo como a fumaça de uma fogueira. *Diretrizes*, Rio de Janeiro, n.167, p.22, 9 set. 1943.

De fato, Silveira reproduziu trechos da referida carta em sua reportagem. Na missiva de Orico, o assunto pouco tinha das questões abordadas na entrevista, não embasava nenhum dos temas tratados. Porém, sua reprodução não tinha essa função, mas a de demonstrar que “correr riscos” e apresentar ao leitor dados da realidade era “fazer jus à profissão” de repórter. Não cabe aqui questionar se realmente Silveira se apropriou ou não da carta de Lobato e a publicou sem a permissão do escritor. O que importa observar é que essa era a maneira que o jornalista via seu ofício e construía sua identidade, em uma época em que a profissão ainda não tinha seus contornos definidos.

Além da missiva de Orico, Joel Silveira reproduziu trechos de outras cartas do arquivo de Lobato: “Enquanto Monteiro Lobato fala no telefone (parece que com Edgard Cavalheiro), datilografo rapidamente a carta de José Américo”.⁶³ Os editores de *Diretrizes* concordavam que as características que Silveira via em sua profissão eram os requisitos do “bom jornalismo”. Numa reportagem em que abordava a questão da pobreza que assolava as populações do Sul do país, os responsáveis pela revista apresentaram o texto de maneira a destacar os traços de “emoção”, “simplicidade”, “poderosa linguagem” e “denúncia”:

E é em torno desta gigantesca luta que Joel Silveira realiza a presente reportagem. Com a poderosa linguagem que caracterizam seus trabalhos jornalísticos de fundo social, o repórter descreve, com emoção e simplicidade, o trágico panorama que abriu ante seus olhos durante a recente visita que fez aos pampas. Cumpre desta forma com a função essencial do jornalismo honesto: revelar a miséria para os que dela nada sofrem.⁶⁴

Em suas memórias, Joel Silveira afirmou que, na reportagem sobre Nazareth Prado, a viúva de Graça Aranha, a entrevistada havia

63 Ibid.

64 Silveira, Joel. A miséria cria um mundo. *Diretrizes*, Rio de Janeiro, n.203, p.1, 25 mai. 1944.

lhe mostrado uma série de documentos, inclusive seu diário pessoal. Joel teria pedido a permissão de Nazareth Prado para levar o diário para a redação de *Diretrizes*, a fim de melhor escrever sua reportagem. A entrevistada teria permitido após as insistências do repórter, mas desde que não publicasse nada de seu conteúdo. Joel, por sua vez, não teria cumprido com sua palavra e teria publicado trechos do diário, seguindo o que acreditava ser os “ossos do ofício” de um repórter. Em sua versão memorialística, assim se deu a situação:

A senhora [Nazareth Prado] interrompeu:

– Bem, leve o que o senhor quiser. Mas veja bem...

– Inclusive o *Diário*?

– Também. Mas não publique nada, apenas leia.

Prometi que assim seria, mas de que valia a palavra de um repórter de 22 anos, que poderia eu fazer senão explorar o máximo possível o tesouro que eu tinha nas mãos – e que somente eu tinha? Publiquei o que achei que valia a pena ser publicado, inclusive trechos inteiros do *Diário*, violando uma intimidade que a senhora tão fina, tão educada, de maneiras tão fidalgas jamais imaginara pudesse um dia ser desvendada. Não que o *Diário* contivesse inconveniências e revelações mais cruas, nada disso. Era um simples *Diário* onde a senhora registrava, todo dia, antes de deitar-se, o que fora o seu cotidiano na companhia do grande escritor morto.⁶⁵

De fato, na reportagem, Joel Silveira publicou duas páginas inteiras de trechos do diário pessoal de Nazareth Prado. Entretanto, o jornalista nada escreveu a respeito da possível arbitrariedade

65 Silveira, Joel. *A camisa do senador*. Rio de Janeiro: Mauad, 2000. p.184. Em suas memórias, Silveira fez um pedido de desculpas a Nazareth Prado: “Tenho certeza, dona Nazareth Prado, de que a senhora está no céu, e na companhia de Graça Aranha, o amor de sua vida. E é daqui do chão que ainda piso que lhe peço perdão. Tivesse na época a idade que tenho hoje e jamais teria revelado as suas comovidas anotações que agora, ao relê-las, tanto me comovem. Mas, como já disse, naquela tarde eu era apenas um repórter de vinte e poucos anos – a idade dos monstros”. *Ibid*, p.185.

cometida contra a viúva de Graça Aranha.⁶⁶ A façanha foi lembrada apenas em suas memórias, o que demonstra que a construção de sua identidade como repórter polêmico persistiu nos textos de cunho memorativo e na produção da autoimagem com a qual quis ser lembrado. Conforme se constatou no Capítulo 1 deste livro, a imagem que prevaleceu em seus vários textos autorreferenciais foi a do repórter heroico.

Até os dias atuais, predomina a identidade dos repórteres como profissionais de investigação, audácia, coragem, riscos, aventuras, busca, compromisso com a verdade etc. Entretanto, apesar da intenção de Joel Silveira em apresentar dados reais aos leitores por meio das imagens e dos “furos” que conseguia, seus textos situavam-se na fronteira fluída da realidade com a ficção. A primeira reportagem de Silveira em *Diretrizes* foi publicada no suplemento literário da revista, em abril de 1940, quando o autor ainda atuava em *Dom Casmurro*. O título “24 horas na vida de uma datilógrafa” assemelhava-se ao do livro *Vinte e quatro horas na vida de uma mulher*, do escritor austríaco Stefan Zweig. Em sua obra, Zweig conta as aventuras amorosas da viúva Mrs. C., personagem sexagenária e milionária que viajava pela Europa.⁶⁷ Joel Silveira, em sua reportagem, contou a história da carioca Maria Cândida, descrita como morena, pobre e moradora do subúrbio, que trabalhava como datilógrafa para sustentar a mãe e o irmão doente. A personagem de

66 No texto da reportagem, Joel Silveira informou que: “Durante alguns meses de 1929, D. Nazareth Prado manteve um ‘diário’ íntimo, onde colecionou interessantíssimas observações sobre Graça Aranha e o meio que o rodeava. Publicando este manuscrito inédito, como o fazemos aqui, só nos move o desejo de divulgar notas e informações que, amanhã, poderão ser úteis aos prováveis biógrafos do autor de ‘Malazarte’. As observações que transcrevemos abaixo, e que formam, no seu conjunto, o seu pequeno ‘diário’, que nos veio às mãos, são de todo insuspeitas, não só por terem sido anotadas com inteligência e argúcia, mas, particularmente, porque são de autoria de alguém que, como D. Nazareth Prado, conviveu com Graça Aranha durante os dias mais significativos de sua existência de escritor e de homem público”. Silveira, Joel. *A mais bela história de amor do Brasil. Diretrizes*, Rio de Janeiro, n.80, p.29, 31 dez. 1941.

67 Zweig, Stefan. *Vinte e quatro horas na vida de uma mulher*. [S. l.]: Europa-América, 1972.

Zweig serviu de inspiração para a reportagem de Silveira; Mrs. C. são as iniciais de Maria Cândida.

No texto, o autor detalhou a trajetória de sua personagem, desde a origem humilde dos pais até as tensões que sofria no local de trabalho, uma fábrica de leite condensado, por conta das intrigas entre suas colegas de repartição, Norma e Lúcia, e o patrão. Entretanto, Maria Cândida não existiu. Tratou-se da inventividade de Silveira. Suas características eram comuns a qualquer indivíduo da periferia carioca. Joel Silveira ultrapassou a fronteira com a realidade ao descrever pensamentos e sonhos de sua personagem, dimensões a que um repórter não teria acesso:

De maneira que, quando Cândida chega em casa, está totalmente abafada. Lava o rosto com gestos lentos, janta sem apetite, cai na cama sem ligar importância ao livro que estava lendo, nem ao álbum de selos abandonado dentro da gaveta. As costas ardem, ardem os olhos, os dedos ardem, toda ela é uma dor só. Adormece e tem sonhos. Sonhos dolorosos em que acontece de o Sr. Petin chegar perto dela e dizer:

– A senhora está despedida!

Às vezes é Norma quem aparece, indagando, insistindo:

– Afinal, com quem você está?

E Lúcia martelando no seu ouvido, martelando:

– Terribles, terribles!

Acontece também que até a mãe, cheia de cinza e fumaça, vem para o coro das vozes inimigas reclamando:

– Que fogão, meu Deus!⁶⁸

Apesar das características que aproximavam o texto muito mais de um conto do que de uma reportagem,⁶⁹ a história de Maria Cândida foi apresentada aos leitores de *Diretrizes* como “Reportagem

68 Silveira, Joel. 24 horas na vida de uma datilógrafa. *Diretrizes*, Rio de Janeiro, n.24, p.11-2. Suplemento Literário, abr. 1940.

69 Sobre as características do conto, ver Gotlib, Nádia Batella. *Teoria do conto*. São Paulo: Ática, 2006.

do mês”. O fato de ter sido publicada no suplemento literário da revista demonstra que seus idealizadores encaravam a reportagem como gênero literário. Ainda não havia o consenso, hoje predominante no jornalismo, de que a reportagem era um gênero essencialmente jornalístico, pautado pelo compromisso com a realidade e a objetividade. Portanto, o texto com características ficcionais era aceito como tal. Na reportagem sobre desenhistas e caricaturistas da década de 1910, Silveira convidou o leitor, numa saborosa passagem, a divagar sobre o futuro, pensando como seria encontrar o cantor Orlando Silva em 1976, 35 anos após a data da reportagem, trajando vestimentas da moda de 1941. A intenção era descrever a figura do caricaturista Kalixto e seus trajes antiquados (fraque e polainas) para o período em que Joel o entrevistou:

Pense o leitor no seguinte. Estamos no ano de 1976, isto é, 35 anos após a campanha de Creta e o último sucesso de Carmem Miranda. O leitor, um pouco mais antigo, com alguns cabelos brancos e uma asma impertinente lhe minando a alegria, vai passando pelo local onde era a Galeria Cruzeiro, hoje uma vasta avenida e encontra-se de repente com Orlando Silva, sem tirar nem por. Tudo muito bem. É lógico que Orlando Silva pode viver mais trinta ou quarenta anos, se cuidar de sua saúde. Mas o que, naquele instante, está espantando o leitor são os trajes do cantor famoso dos primórdios do rádio brasileiro. Calcule vocês que em pleno ano de 1976, quando a moda é calção de banho de alumínio e chapéu de borracha, Orlando Silva apresenta-se de jaquetão de casemira azul, calça pelo meio das pernas e sapatos de dois andares.

Pois bem, se o leitor pensar seriamente no quanto de cômico e pitoresco seria um Orlando Silva impingindo, no ano de 1976, a moda de 1941, poderá calcular o que representam o fraque e as polainas de Kalixto Cordeiro para os olhos do homem de hoje, contemporâneo de “... e o vento levou”.⁷⁰

70 Silveira, Joel. *Vendedores de humor. Diretrizes*, Rio de Janeiro, n.53, p.13, 26 jun. 1941.

Em outra oportunidade, Silveira entrevistou o promotor gaúcho Júlio Salusse, autor do soneto “Um manso lago azul”, escrito no século XIX. Na reportagem, ele afirmou que o poema ainda era bastante famoso no período, que muitos o declamavam em recitais dos mais diversos rincões do país, mas ninguém conhecia sua autoria. No texto, Silveira inventou situações nas quais a poesia de Salusse era escolhida e declamada. O autor mesclou, em sua reportagem, a realidade da história de vida e do poema de Júlio Salusse com a imaginação das situações que inventou para demonstrar a popularidade de “Um manso lago azul”:

– Depois que d. Etelvina serviu os doces e o chá, chamou os convidados para a sala:

– Venham para cá, está mais fresco.

O grupo se aboletou nas cadeiras estofadas, as meninas e os meninos sentaram-se no tapete grande, com um leão desenhado em cores mortas. D. Etelvina, toda sorriso, não parava. Ajeitava o lenço azul de Carminha, que fazia doze anos, ia buscar mais doce para Pedrinho, o insaciável, e para d. Carmosa, irmã do padre, a língua ferina de Manhassú. De repente, dr. Segismundo, o promotor público, teve a lembrança: como é, ninguém mostra as habilidades?

Houve um silêncio geral na sala, algumas meninas se encolheram nos cantos. Mas d. Etelvina pegara a deixa do dr. Segismundo:

– Pois é, quem recita hoje?

Ninguém respondeu.

D. Etelvina apontou a cara sardenta de Carminha, toda encabulada junto à janela:

– Recite você menina, que é dona da festa.

[...] Carminha perguntou:

– Recitar o que?

D. Etelvina escolheu:

– Aquela poesia dos cisnes [...].⁷¹

71 Silveira, Joel. Julio Salusse, o homem que fez um soneto. *Diretrizes*, Rio de Janeiro, n.68, p.3, 28 ago. 1941.

Joel Silveira ganhava notoriedade como repórter. Em 1942, publicou com Francisco de Assis Barbosa, também repórter em *Diretrizes*, uma coletânea de reportagens realizadas por ele e pelo companheiro de revista sob o título *Os homens não falam demais...*, dedicada “a Samuel Wainer em sinal de amizade. E aos demais companheiros de *Diretrizes*”.⁷² A obra inaugurou uma mudança na produção bibliográfica de Silveira: se por um lado ele não publicava mais literatura, por outro, editava suas reportagens em livros – prática que se tornaria rotina em sua carreira daquele momento em diante. A obra foi bem recebida pelos “companheiros de *Diretrizes*”. Em resenha sobre o livro, Astrojildo Pereira procurou classificar a reportagem como gênero literário:

Trata-se de livro [*Os homens não falam demais...*] da melhor qualidade no gênero reportagem, que é um gênero literário tão bom como qualquer outro. Direi ainda que as reportagens contidas neste volume provam, mais uma vez, que não há gêneros literários superiores ou inferiores. O que há, na realidade, são autores de talento e autores sem talento. Bem entendido, o bom repórter é aquele que possui olhos e ouvidos capazes de perceber não só o que o interlocutor lhe mostra e diz como também aquilo que não mostra nem diz, ou finge não mostrar nem dizer. E quando a estas qualidades primordiais reúne o repórter a arte de bem escrever, aí temos então o gênero reportagem elevado à melhor categoria literária.⁷³

Entretanto, a consagração de Joel Silveira como repórter se confirmaria com aquela que seria a sua mais famosa reportagem do período: “Grã-finos em São Paulo”, publicada em *Diretrizes* em novembro de 1943. No texto, Joel descreveu, com doses de bom humor e ironia, a vida luxuosa da sociedade economicamente abas-

72 Barbosa, Francisco de Assis; Silveira, Joel. *Os homens não falam demais...* Rio de Janeiro: Alba, 1942.

73 Pereira, Astrojildo. “Os homens não falam demais...”. *Diretrizes*, Rio de Janeiro, n.119, p.8, 8 out. 1942.

tada da cidade de São Paulo. Os editores da revista não imaginaram o sucesso que a reportagem teria quando não lhe deram a capa do nº 178. Na edição seguinte, foi necessário republicar o texto de Silveira, que se tornou, finalmente, matéria de capa – local dos textos mais importantes. Na reportagem, o jornalista narrou a viagem que fez a São Paulo para realizar a matéria, descrevendo os indivíduos da elite paulistana de maneira genérica:

Durante uma semana fiquei atordoado com a vida elegante de São Paulo. Haviam me levado para algumas festas: primeiro um aperitivo colorido e com pedaços de frutas dentro, depois uma carreira rápida de automóvel. Estive em jantares faiscentes. As mulheres muito belas e perfumadas. Particularmente aquelas que puxam o cabelo para cima, num jeito que abandonam aos nossos olhos as lindas nuca nuas. Durante uma tarde inteira, fiquei semideitado numa poltrona de um apartamento chique, no centro da cidade. O dono era um rapaz que eu não conhecia e que possivelmente ainda não sabia quem sou eu e que fui lá fazer. Fui de mistura com outros, como penetra. Os rapazes se vestem muito bem e telefonam. Telefonam de cinco em cinco minutos e conversam com Lili, com Fifi, com Lelé. Recebem também telefonemas de Fifi, de Lili e de Lelé.⁷⁴

No texto, o autor classificou diferentes tipos entre os grã-finos paulistanos. O primeiro escalão seria constituído pelos “quatrocentões”, “de pedigree”, representados pelas famílias Leme, Alves Lima, Assunção e Penteadado. Em seguida, estaria o “grupo reserva”, “os que têm dinheiro”, representados pelos Matarazzo e Crespi. “Os seus sobrenomes, quatro ou cinco deles, são os donos de São Paulo.”⁷⁵ O terceiro grupo, o de “penacho e estribo”, não teria dinheiro nem sobrenome, mas faria de tudo para compartilhar da companhia dos dois primeiros: “O grupo do ‘estribo’ se orgulha

74 Silveira, Joel. Grã-finos em São Paulo. *Diretrizes*, Rio de Janeiro, n.178, p.1, 25 nov. 1943.

75 *Ibid*, p.2.

muito de suas relações com a gente chique. Diz sempre: ‘– Ontem, almocei com sicrana. Hoje à tarde, tomarei chá com Fifi. A Lelé me telefonou. Oh! diabo, esqueci de telefonar para Zuzú.’ Vivem nisto, boiando num falso mar de grandeza”.⁷⁶

De acordo com Silveira, haveria ainda um quarto grupo, formado pelos grã-finos esnobes, que “assinalavam sua existência por uma ostensiva negligência a propósito das coisas elegantes” e circulavam, propositalmente, com roupas e cabelos desarrumados, como Alfredo Mesquita, fundador do Café e Livraria Jaraguá (ponto de encontro de grã-finos e intelectuais), contra quem Silveira também dispensou suas ironias: “Um detalhe: é na livraria Jaraguá que a revista *Clima*, de tanta personalidade, tem a sua redação e depósito”.⁷⁷ Não se deve perder de vista que, nesse caso, o jornalista insurgiu-se novamente contra o grupo liderado por Mário de Andrade, de quem os editores de *Clima* eram pupilos e admiradores.⁷⁸ Silveira também fez sua “radiografia” dos intelectuais grã-finos de São Paulo, como Oswald de Andrade, Menotti Del Picchia, Di Cavalcanti e Guilherme de Almeida:

Literato grã-fino é Guilherme de Almeida. Atualmente, apesar de uma seção meio mundana que mantém no jornal *Folha da Manhã*, Guilherme anda meio político com o granfinismo paulista. É que ele cometeu o bruto erro de comentar em uma reunião elegante, que estava se inclinando para o socialismo. Houve um espanto geral, e Guilherme perdeu alguns por cento de seu cartaz [...]. Guilherme veste-se como um grã-fino do tempo em que Oswald de Andrade ainda era grã-fino: polainas, pó de arroz no rosto e olhar vago.⁷⁹

76 Ibid.

77 Ibid.

78 Ver Pontes, Heloísa. *Destinos mistos: os críticos do grupo Clima em São Paulo – 1940-1968*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

79 Silveira, Joel. Grã-finos em São Paulo. *Diretrizes*, Rio de Janeiro, n.178, p.1, 25 nov. 1943.

Lida por um leitor contemporâneo, a famosa reportagem de Silveira não teria os mesmos efeitos da época de sua publicação. Além de ironias e chacotas, o jocoso texto apresentou dados e cifras sobre o faturamento das empresas das ricas famílias citadas pelo jornalista, como os Matarazzo, que naquele ano tiveram uma renda de 700 milhões de cruzeiros, segundo o autor.⁸⁰ Portanto, é provável que a reportagem que divertiu muitas pessoas também tenha desagradado a outras. Joel Silveira tocou em questões delicadas para o período ao descortinar, para o culto leitor de *Diretrizes*, o mundo de desigualdade social que crescia a passos largos durante a Era Vargas, mas que a propaganda governamental ansiava em ocultar:

De manhã cedo, os operários paulistas enchem os bondes e os trens suburbanos. Vem gente de todos os lados de São Paulo, gente que povoará o maior parque industrial da América do Sul. Esta é também a hora de Lili voltar para casa. Lili viveu outra de suas grandes e alegres noites. Lili é uma delicada flor paulista, como uma orquídea rara. Lili tem, atrás de si, quatrocentos anos de lutas, de sucessos, de alegrias e de decepções. Os antepassados de Lili fizeram várias coisas essencialmente paulistas: entraram pela mata adentro, descobriram rios, montanhas, florestas, fundaram cidades. Outros plantaram café e ficaram ricos. Outros mais recentes, construíram fábricas que se meteram em indústrias. Ficaram ainda mais ricos. Lili é a última – e Lili não precisa fazer mais nada. Lili não ouve o barulho dos motores nem o apito das chaminés. Lili não entende de nada, é uma flor sem problemas nem angústias. Lili diz apenas: nunca tive uma vida social tão intensa, São Paulo está adorável.⁸¹

Assim sendo, parte do sucesso da reportagem e do interesse dos leitores pelo texto residia na temática abordada. O texto teria agradado a Assis Chateaubriand, proprietário dos Diários Associados, que teria dado a Silveira a alcunha de “víbora”, com a qual o jor-

80 Ibid.

81 Ibid., p.1.

nalista ficou conhecido. Após ler a reportagem, o poderoso empresário de imprensa teria convidado o repórter para trabalhar nos Associados.⁸² De acordo com Fernando Morais, *Diretrizes*, assim como os Diários Associados, era o local de trabalho das “vedetes” do jornalismo brasileiro: “Quando alguém despontava como grande talento em *Diretrizes*, lá estava um olheiro de Chateaubriand oferecendo um salário duas, três vezes mais alto, para que mudasse de emprego”.⁸³

Se a oferta foi feita, Joel Silveira não a aceitou, pois permaneceu em *Diretrizes* até a data de seu fechamento, em julho de 1944, quando migrou para a cadeia de Chateaubriand. A atuação de Silveira como repórter fez que, mais tarde, ele fosse assim descrito pelo poeta Manuel Bandeira: “Como repórter, não tem quem lhe leve vantagem, possui uma maneira muito pessoal, pachorrenta, meio songamonga... maciamente perfurante, como uma punhalada que só dói quando a ferida esfria”.⁸⁴

De fato, “Grã-finos em São Paulo” deixou suas marcas entre os jornalistas do período e foi lembrada por Samuel Wainer, proprietário de *Diretrizes*, como um dos grandes sucessos da revista. Em sua versão autobiográfica, Wainer afirmou que a ideia foi dele e Silveira a executou:

Outra reportagem antológica teve o título de “Grã-finos em São Paulo” e, como autor, Joel Silveira. Joel, um dos grandes nomes da história da reportagem no Brasil, começou a projetar-se com esse texto. A ideia nascera numa noite em que o pintor Di Cavalcanti, também ligado ao grupo de *Diretrizes*, contou-me numerosos casos e incidentes envolvendo personagens da alta sociedade paulista. Di Cavalcanti frequentava esse meio, era um observador sagaz e um ótimo contador de histórias. Pensei comigo: isso dá uma ótima reportagem e o homem para fazê-la é Joel Silveira. Joel escrevia muito bem,

82 Morais, op. cit., p.423.

83 Ibid.

84 Apud *A revista no Brasil*, op. cit., p.196.

sabia descrever situações com deliciosa ironia. Ele viajou para São Paulo acompanhado de Di Cavalcanti. Ao voltar, trazia uma reportagem que faria furor. Foi a primeira vez na história do jornalismo brasileiro que uma publicação teve de tirar três edições sucessivas.⁸⁵

O próprio Joel Silveira colaborou para a publicidade e o sucesso de “Grã-finos em São Paulo”. A partir de 1945, quando o autor lançou mais uma de suas coletâneas (*Grã-finos em São Paulo e outras notícias do Brasil*), o texto foi reeditado e/ou citado em várias oportunidades. No mesmo ano, quando Silveira já trabalhava nos Associados, tentou repetir o sucesso com uma nova reportagem, “A milésima segunda noite da avenida Paulista”, na qual comparava a luxuosa festa de casamento da filha do conde Francisco Matarazzo com as bodas de uma operária das fábricas do milionário, numa humilde casa da Vila Romana. No texto, publicado no *Diário de S. Paulo*, Silveira afirmou que não fora à festa dos Matarazzo, mas um amigo teria lhe contado tudo e o jornalista baseou-se em sua própria imaginação: “É que a imaginação do repórter, mais ou menos a par dos arrebatamentos da fortuna, já havia criado, para uso próprio, uma versão antecipada daquela milésima segunda noite da avenida Paulista”.⁸⁶

O caráter ficcional das reportagens de Joel Silveira, as descrições e as narrativas focadas no “eu” eram padrões do gênero desde os tempos de João do Rio. Joel Silveira não rompeu com esses padrões, que também foram partilhados por outros repórteres iniciantes de sua época.⁸⁷ Seus textos, que se situaram na fronteira fluída entre o

85 Wainer, op. cit., p.72.

86 Silveira, Joel. *A milésima segunda noite da avenida Paulista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.29.

87 Em suas entrevistas com os literatos do início do século XX, João do Rio descrevia os entrevistados de maneira muito semelhante às narrações de Joel Silveira em *Diretrizes*. Ver Rio, op. cit. Outra repórter iniciante no mesmo período de Silveira foi Clarice Lispector, que, ainda jovem, iniciou sua carreira como repórter em *Vamos Ler* e *Dom Casmurro*. A autora utilizava os mesmos recursos de Silveira para descrever seus entrevistados. Ver Nunes, Aparecida Maria. *Clarice Lispector jornalista: páginas femininas & outras páginas*. São Paulo: Senac, 2006.

real e o imaginário, foram classificados como reportagem porque tinham as características do gênero em uma época em que ainda não se dera a profissionalização do trabalho jornalístico e a definição de suas práticas como ofício da objetividade em contraponto com a literatura. Nos anos seguintes, esse modelo de reportagem não seria mais aceito como jornalismo.

Em 1947, foi criado o primeiro curso superior de jornalismo, o que demonstra que uma profissionalização estava em curso. A partir dos anos 1950, a imprensa brasileira incorporou os padrões de objetividade do jornalismo norte-americano, nos quais as divagações literárias e adjetivações não eram mais permitidas. “Os anos 50 dera início ao processo que iria substituir definitivamente a influência da imprensa francesa, prolixa e opinativa, pela americana, concisa e objetiva.”⁸⁸ Uma nova geração de jornalistas empreendeu essas reformas inspiradas em suas constantes viagens aos Estados Unidos e à Europa.⁸⁹ Dessa forma, o jornalismo firmava sua nova identidade como prática do “compromisso com a verdade” separado da imaginação, supostamente terreno da literatura:

Com os anos 1950, a atividade jornalística no Brasil parece rumar à consolidação de uma autonomia que busca expulsar as marcas da literatura. Trata-se do início de uma fase de incremento empresarial e industrial, com a atração do capital publicitário internacional. A modernização atingiu em cheio as páginas de jornais e revistas, com a força de apelos visuais provenientes da renovação da diagramação e com a presença mais marcante da fotografia. Os sinais vinham dos Estados Unidos, é claro, cujo padrão de impes-

88 Costa, op. cit., p.124.

89 Esses jornalistas contaram suas experiências na renovação da imprensa brasileira no livro de Abreu, Alzira Alves de; Lattman-Weltman, Fernando; Rocha, Dora (Orgs.). *Eles mudaram a imprensa: depoimentos ao CPDOC*. Rio de Janeiro: FGV, 2003. A obra reúne depoimentos de Alberto Dines, Evandro Carlos de Andrade, Roberto Müller Filho, Mino Carta, Otavio Frias Filho e Augusto Nunes.

soalidade e objetividade noticiosas havia muito se expandia pelo mundo, tornando-se imperativo no pós-guerra.⁹⁰

Não foram apenas os padrões norte-americanos de jornalismo que instituíram o ofício como prática da objetividade. Escritores como Graciliano Ramos e os modernistas Carlos Drummond de Andrade e Oswald de Andrade, que tiveram carreira jornalística paralela a suas atividades literárias, como meio de subsistência, levaram sua “cartilha modernista” para as redações, atuando no sentido de retirar “as gorduras dos textos”, combatendo o “beletrismo”, o “penduricalho” e o “adjetivo”. A renovação estética que empreenderam na literatura dos anos 1920 e 1930 tornou-se modelo para os manuais das redações onde trabalharam nos anos 1950:

Há claramente uma identidade de projeto entre ficção e o jornalismo produzidos por autores modernistas e realistas, embora a ruptura literária com o passado tenha se dado entre os anos 20 e 30 e a jornalística sido sistematizada apenas nos anos 50. O inimigo era comum: a literatice, o beletrismo, o penduricalho, o adjetivo. Portanto, não se deve estranhar que escritores identificados com esse projeto tenham tomado para si o trabalho de chefe de redação como Drummond ou de copidesque como Graciliano, ou ainda de repórter, redator, diretor de suplementos literários e até dono de jornais e revistas, como Oswald, reescrevendo o jornalismo assim como a ficção e a poesia que se faziam até então.⁹¹

Dessa forma, o modo de fazer jornalismo de Joel Silveira ficava para trás. Houve reações de alguns repórteres de sua geração, como Nelson Rodrigues, que designou os novos jornalistas como “idiotas da objetividade”.⁹² David Nasser, que havia despontado

90 Bulhões, Marcelo Magalhães. *Jornalismo e literatura em convergência*. São Paulo: Ática, 2007. p.136.

91 Costa, op. cit., p.99-100.

92 Ibid., p.124.

como repórter na mesma época de Joel, tornou-se um antigo representante de uma prática abandonada e, por mais que continuasse a ser uma “estrela” do jornalismo nos anos 1950, teve de se defender das pesadas críticas que a nova geração de adeptos da objetividade lhe direcionaram. As reportagens nas quais misturava realidade e imaginação, inventando fatos e situações, não eram mais aceitas.⁹³ Nessa disputa, o jornalismo objetivo saiu vitorioso, pois é o que predomina na atualidade, sendo modelo difundido pelas escolas e pelos cursos superiores formadores da profissão.

Joel Silveira não tomou parte nessas disputas. Entretanto, seus textos publicados em *Diretrizes*, às vésperas das transformações dos anos 1950, representaram os últimos capítulos de uma fase da história da reportagem no Brasil. Anos após o início de sua atuação como repórter, Silveira foi reconhecido por seus pares como um dos expoentes da prática da reportagem e foi chamado a dar seu testemunho sobre o gênero e sobre os acontecimentos que presenciou nos anos iniciais de sua carreira. Porém, na era do jornalismo objetivo, Joel procurou identificar-se com essa vertente, valorizando a “preocupação do repórter em ser exato” como preceito da profissão. Na entrevista que concedeu ao *Jornal do Brasil* em 1978, Joel foi chamado a definir o ofício. O jornalista afirmou que a “neutralidade” e a “imparcialidade” eram as principais características do “bom repórter”, que não deveria “interpretar os fatos”, somente “relatá-los”:

– Trabalhando como repórter há quarenta anos, como você define esta profissão?

– [...] No momento em que o jornalista toma partido, deixa de ser repórter, uma das coisas mais terríveis no repórter é a impossibilidade de tomar partido. O fato é o fato, a notícia é a notícia. A notícia pode ser interpretada, mas não pelo repórter. Isso cabe ao editorialista, ao articulista.⁹⁴

93 Ibid., p.278-9.

94 Silveira, Joel. Profissão repórter. Entrevista concedida pelo autor a Christina Gurjão. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18 set. 1978 (b). Caderno B, n.163, p.5.

Por outro lado, não se deve perder de vista que Joel também foi apontado por seus pares como precursor, no Brasil, de outro estilo de fazer reportagem, o *new journalism*, traduzido como “novo jornalismo” ou “jornalismo literário”. Tratou-se de um movimento de jornalismo experimental que eclodiu nos Estados Unidos, nos anos 1960, como reação às normas de objetividade da imprensa norte-americana.⁹⁵ Sem entrar em discussões aprofundadas sobre tal estilo, cabe observar que sua principal característica era incorporar ficcionalidade nas reportagens, mesclando jornalismo e literatura.

O movimento foi liderado por jornalistas como Jimmy Breslin, Tom Wolfe, Gay Talese, John Hersey, Joseph Mitchell, Truman Capote e Norman Mailer em jornais e revistas norte-americanas como *Esquire* e *Herald Tribune*. Um momento de destaque no gênero foi a publicação de uma série de reportagens de Capote, nas páginas da revista *The New Yorker*, em 1965, sobre o assassinato de uma família norte-americana que, no ano seguinte, foram lançadas em livro sob o título *A sangue frio*.⁹⁶ A tentativa era fazer um novo tipo de jornalismo, sobre o qual seus próprios adeptos teorizaram quando Tom Wolfe publicou, em 1975, *The New Journalism*.

De fato, tal projeto comportava muitas semelhanças com o jornalismo que Joel Silveira praticava nos anos 1940 e, por esse motivo, seus colegas de profissão não hesitaram em designá-lo como precursor do novo estilo: “Na década de 1940, Joel Silveira produziu autênticas peças do que mais tarde se convencionou chamar de *new journalism*, como mostram as reportagens reunidas em *A milésima segunda noite da avenida Paulista*”.⁹⁷ As reportagens desse livro, publicadas originalmente na revista *Diretrizes*, foram organizadas em 2003 sob o selo *Jornalismo literário* da Companhia

95 De acordo com Cristiane Costa, o termo *new journalism* foi aplicado pela primeira vez por volta de 1830, nos Estados Unidos, em referência ao *penny press*, jornal barato voltado para as massas. Cinquenta anos depois, o termo “novo jornalismo” voltou a ser usado, em referência ao sensacionalismo de Pulitzer e Hearst. Seus repórteres se fingiam de mendigos para conseguir informações e produzir seus textos. Costa, op. cit., p.268.

96 Ver Bulhões, op. cit., p.145-66.

97 Ibid., p.269.

das Letras, ao lado de obras dos representantes do *new journalism* norte-americano, como *A sangue frio*, de Truman Capote; *Hiroshima*, de John Hersey; e *O segredo de Joe Gould*, de Joseph Mitchell.⁹⁸

Entretanto, a tentativa de estabelecer nas reportagens de Joel Silveira uma origem para o *new journalism* é um equívoco, pois o repórter não tinha a intenção de realizar um novo tipo de jornalismo experimental. Conforme se observou, suas reportagens se enquadravam em um padrão próprio de sua época. Além disso, Silveira não tinha, com seus textos, a intenção de reagir contra qualquer outro tipo de possibilidade. O que se pode concluir, contudo, é que, se por um lado as reportagens de Joel Silveira não eram mais exemplos de jornalismo a ser seguido na era da objetividade, por outro seus textos foram publicados ao lado das obras de escritores como Truman Capote, que usufruía *status* de escritor e literato. O fato demonstra que as reportagens de Joel Silveira passaram, com o tempo, para as estantes da literatura, pois assim foram reconhecidas, dando a ele a glória que almejava no início de sua carreira.

A consagração de Joel Silveira como repórter no período estudado e nos anos seguintes mostra que, a partir daquele momento, uma nova possibilidade, a da reportagem, estava aberta aos homens de letras. A partir de então, era possível a esses indivíduos iniciarem uma carreira no jornalismo e nela permanecer. Não se tratava mais de usar a imprensa como “trampolim” para futuras atividades literárias, como nas gerações anteriores. Joel Silveira fez o caminho inverso de seus antecessores: foi alijado do campo literário e consagrou-se como repórter. Entretanto, sua consagração deu-se por meio do ofício menos prestigiado entre as atividades intelectuais, fruto da hierarquia naturalizada no Brasil entre jornalismo e literatura. Silveira tinha consciência de sua situação. Talvez por esse motivo foi preciso construir uma autoimagem, por meio da qual se destacasse, em tantas memórias. Silveira, porém, dedicou-se a essa batalha muitos anos depois do período estudado. Entre 1937 e 1944, outras questões exigiam sua intervenção e seu posicionamento.

98 Ver Silveira, op. cit., 2003. Esta associação também foi constatada por Mandelli, op. cit., p.10-1.

4

UM JORNALISTA NO ESTADO NOVO

A resistência à ditadura (...) foi uma página de heroísmo e de glória, aqui, que está ainda desconhecida. Não haverá surpresa, quanto às pessoas, para muitos; mas os fatos surpreenderão. Parecia espantoso, aos poucos que sabiam da existência (...) dos que lutavam, dos que sentiam forças para viver, que ainda subsistisse gente assim. Grande e extraordinária coisa é o homem, que pode superar fases tais e reviver o que há de essencial, de generoso e de fecundo na condição humana!¹

Os pontos de vista assumidos por Joel Silveira no que tange às candentes questões políticas de seu tempo, tais quais o Estado Novo, os problemas do Brasil e a Segunda Guerra Mundial delinearam-se desde suas primeiras inserções no jornal *Dom Casmurro* e intensificaram-se na revista *Diretrizes*. Neste capítulo, estruturado em duas seções, apresenta-se uma análise da atuação de Silveira diante destes temas.

1 Sodré, Nelson Werneck. Memórias de um escritor. v.I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970, p.100.

Na primeira seção, “O jornalismo na mira da censura”, demonstra-se como se deram as relações entre o governo da época e a produção cultural do país, em especial o jornalismo impresso. Na segunda seção, “Combatendo inimigos nacionais e internacionais”, analisa-se a atuação política de Joel em meio à tensa relação entre os governantes e o trabalho jornalístico. Quem eram estes inimigos nacionais e internacionais que Joel Silveira se propôs a combater? Como este “combate” foi realizado? É isso o que veremos nas páginas seguintes.

O jornalismo na mira da censura

Na época em que Joel Silveira iniciou sua carreira como jornalista, a imprensa estava submetida a um rígido regime de censura. Ser intelectual naquele momento não era função das mais seguras. Desde que chegou ao poder, no início dos anos 1930, o governo Vargas demonstrou interesse em controlar as atividades de diversos setores, em particular o cultural, por meio da criação de sucessivos órgãos de censura. Evidentemente o controle à imprensa não foi exercido apenas no período, mas houve grande investimento na propaganda governamental e repressão à cultura, como até então não se havia visto.²

Vargas conquistou o poder apoiado por uma aliança heterogênea de setores sociais e políticos do país que visavam a destituir a

2 De acordo com José Inácio de Melo Souza, a censura às atividades impressas foi comum na história do Brasil, com relativo intervalo apenas durante o reinado de Dom Pedro II, recrudescendo com o advento da República. Ver Souza, José Inácio de Melo. *A ação e o imaginário de uma ditadura: controle, coerção e propaganda política nos meios de comunicação durante o Estado Novo*. 2v. São Paulo, 1992. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo. No estado de São Paulo, foi criado, em 1924, o Departamento Estadual de Ordem Pública e Social (Deops), extinto em 1983, que confiscava jornais e revistas e perseguia intelectuais e editoras, bem como reprimia as greves e a movimentação de estrangeiros no país. Ver Carneiro, Maria Luiza Tucci. *Livros proibidos, ideias malditas*. São Paulo: Ateliê; Proin; Fapesp, 2002.

oligarquia mineira e paulista da presidência da República.³ Logo após o golpe, diversos órgãos de imprensa foram empastelados e o novo governo reprimiu as manifestações de opositores. O embrionário Departamento Oficial de Propaganda (DOP), criado com a função de divulgar os atos dos governantes e impedir a publicação de críticas, deu origem aos demais órgãos que institucionalizaram a censura no período. Sob a inspiração do Ministério da Informação Popular e da Propaganda, da Alemanha, criou-se, em 1934, o Departamento Nacional de Propaganda e Difusão Cultural (DNPDC), subordinado ao Ministério da Justiça.

A tentativa comunista de derrubar Vargas em 1935 ofereceu ao governo prerrogativas para a criação do poderoso Tribunal de Segurança Nacional, cuja atribuição era perseguir e julgar os opositores.⁴ Em novembro de 1937, Getúlio perpetrou um novo golpe, que deu origem ao Estado Novo. Outra constituição foi imposta ao país. Seu artigo 122 alterou por completo as relações entre Estado e imprensa, considerada, a partir de então, extensão do governo e “atividade de caráter público”,⁵ enquanto o jornalismo foi designado como a profissão do “sacerdócio cívico”.⁶

O golpe de 1937 foi resultado de uma articulação da cúpula do governo Vargas com apoio das Forças Armadas. Os partidos políticos deixaram de existir e os grupos dissidentes caíram na ilegalidade. Esse foi o caso dos integralistas, cuja existência como organização político-partidária tornou-se ilegal após o evento. O grupo tentou derrubar Vargas no início de 1938, mas foi fortemente reprimido. Após o fracassado golpe, os governantes instituíram

3 Skidmore, Thomas. Era de Vargas (1930-1945). In: _____. *Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p.21-71.

4 Kornis, Mônica. Tribunal de Segurança Nacional (TSN). In: Abreu, Alzira Alves (Org.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro Pós-30*. Disponível em: <<http://www.fgv.br/CPDOC/BUSCA/Busca/BuscaConsultar.aspx>>. Acesso em: 24 jun. 2011.

5 De Luca, Tania Regina; Martins, Ana Luiza. *Imprensa e cidade*. São Paulo: Unesp, 2006 p.64-5.

6 Lenharo. Preconceitos de sangue. In: _____. *Sacralização da política*. Campinas: Papirus, 1986. p.39.

a pena de morte para aqueles que atentassem contra a segurança pública ou contra a vida do presidente. O Decreto-lei n.431/38 assegurou que:

Art. 2^o Caberá pena de morte nos seguintes crimes:

[...]

6. Insurreição armada contra os poderes do Estado [...];

7. Praticar atos destinados a provocar guerra civil [...];

8. Praticar devastação, saque, incêndio, depredação ou quaisquer atos destinados a suscitar temor, com o fim de atentar contra a segurança do Estado e a estrutura das instituições;

9. Atentar contra a vida, a incolumidade ou a liberdade do presidente da República [...].⁷

O cenário para os aspirantes à carreira intelectual não era dos mais tranquilos. Finalmente, em dezembro de 1939, após sucessivas reorganizações, o DNPDC transfigurou-se no temido DIP, órgão de “superpoderes”, diretamente subordinado à presidência da República. A direção coube a Lourival Fontes, conhecido como “Goebbels tupiniquim”.⁸ O novo órgão tinha as mesmas funções de seus antecessores, mas centralizou outras atribuições, apesar dos variados grupos que disputaram o controle das políticas culturais no Estado Novo.

7 O Decreto-lei n.431, de 18 de maio de 1938, foi publicado no Diário Oficial em 19 de maio de 1938, de acordo com o folheto “Leis de Segurança Nacional”. Imprensa Nacional – Indústria do Jornal. Praça Marechal Âncora – Ponta do Calabouço, s. d. Acervo do CPDOC (FGV). O texto do decreto sinalizava ainda que: “§ 1^o A pena de morte, nos casos dos incisos 1 a 7, será aplicada aos cabeças; aos demais, pena de prisão por trinta anos; § 2^o Nos casos dos incisos 8 e 9, a pena de morte será aplicada aos autores como aos cúmplices; § 3^o A pena de morte será executada por fuzilamento em uma das prisões do Estado designada pelo Ministro da Justiça e Negócios Interiores. A menos que este determine o contrário, a execução não será pública”.

8 Ver Oliveira, Lúcia Lippi. O intelectual do DIP: Lourival Fontes e o Estado Novo. In: Bomeny, Helena (Org.). *Constelação Capanema: intelectuais e política*. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

O DIP acompanhou as atividades de associações esportivas e recreativas e as diversões públicas (circos, *dancings*, bilhares, bailes pagos, espetáculos), foi responsável pelo registro de artistas, pela fiscalização de teatros, pela concessão de prêmios literários, cinematográficos, teatrais e musicais, pela edição de livros e revistas, pela tradução de autores internacionais, controlou as tipografias e a produção e a distribuição de filmes. Também coordenou o registro de profissionais da saúde, como médicos, dentistas, farmacêuticos e parteiras, além de fiscalizar a divulgação de medicamentos. Para dar conta do território nacional, a instituição possuía, em várias regiões, um Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (Deip).⁹

O órgão também teve divisões de rádio, cinema, teatro e turismo. No cinema, obrigou-se a inserção de cinejornais de propaganda governamental antes da exibição dos filmes. No rádio, artistas e letras de música foram censurados. Esse veículo de comunicação, inclusive, desempenhou importante papel na divulgação da propaganda governamental e produção de uma identidade nacional.¹⁰ Apesar da importância que o rádio e o cinema conquistaram na época, os jornais e as revistas ainda eram os principais meios de comunicação, e os responsáveis pelo DIP conheciam essas dimensões.

A instituição criou publicações como o jornal *A Manhã* e a revista *Cultura Política*, cuja função era difundir a ideologia do regime. Em 1940, o governo encampou o grupo do jornal *A Noite*, formado pela Rádio Nacional, pelas revistas *Vamos Ler* e *Carioca* e por outros jornais incorporados às Empresas da União. Os governantes também se valeram de outras formas para encampar publicações. O jornal *O Estado de S. Paulo* teve sua redação invadida, sob a

9 Souza, op. cit.

10 Sobre o rádio no Estado Novo, ver Haussen, Doris Fagundes. *Rádio e política: tempos de Vargas e Perón*. São Paulo, 1992. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo; Gurgueira, Fernando. *A integração nacional pelas ondas: o rádio no Estado Novo*. São Paulo, 1995. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

acusação de que seus jornalistas participariam de um golpe contra Vargas. Seu proprietário, Júlio de Mesquita Filho, que já se encontrava no exílio, conseguiu recuperar o controle acionário do jornal e regressar ao Brasil somente com o fim do Estado Novo.

O caso foi emblemático, pois se tratava de um dos mais conceituados jornais do país e opositor ferrenho de Vargas. A partir dessa data, a publicação tornou-se porta-voz do Estado Novo. Entre os órgãos de imprensa que não foram administrados diretamente pelo governo, estabeleceu-se uma troca de favores, com o atendimento a certas reivindicações dos jornalistas, tal como a regulamentação profissional, que lhes garantiu direitos trabalhistas. De acordo com Maria Helena Capelato, foram raros os jornais e as revistas que não se deixaram corromper por verbas e favores oferecidos pelo governo.¹¹ Joel Silveira registrou essa situação em seus relatos memorativos sobre o período:

Era um alto negócio para os donos de jornais colaborar com a ditadura de Getúlio e não protestar contra a censura e todas as outras limitações impostas pelo regime. Os jornais mantinham a qualidade, os diretores podiam pagar mais aos repórteres, as vendas permaneciam altas e não havia conflito com o governo.¹²

O DIP também exerceu seu controle por meio de censura prévia. Havia um censor nas redações dos periódicos e os originais dos textos eram remetidos para análise. Os jornalistas recebiam ligações telefônicas anônimas e bilhetes alertando sobre assuntos proibidos. Criou-se a Agência Nacional para distribuir notícias orientadas pelo DIP com o intuito de direcionar o material publicado pela imprensa a favor dos governantes.¹³ O DIP foi ainda responsável pela

11 Capelato, Maria Helena. *Multidões em cena*. Campinas: Papirus, 1998.

12 Apud Barbosa, op. cit., 2007, p.103.

13 Sobre o aparato governamental para a propaganda política, ver Goulart, Silvana. *Sob a verdade oficial: ideologia, propaganda e censura no Estado Novo*. São Paulo: Marco Zero; Brasília: CNPq, 1990.

distribuição do papel linha d'água, importado da Europa e utilizado na impressão dos periódicos. Para conseguir uma cota, era preciso que as publicações se registrassem junto ao órgão repressor. Os que não conseguiram tal registro foram proibidos de circular:

Diante da nova ordenação jurídica, impressos periódicos foram obrigados a se registrar no DIP e as estimativas indicam que cerca de 30% não conseguiu obter a necessária autorização e deixou de circular. À exigência de mesma natureza já se submetia os que trabalhavam como jornalistas, norma ainda mais legitimada sob a justificativa de que agora exerciam função de caráter público.¹⁴

Percebe-se que, durante o Estado Novo, criou-se uma eficiente rede de propaganda política e controle da informação, como até então não se havia visto. Os responsáveis pelos diversos jornais e revistas foram obrigados a abordar assuntos de interesse dos governantes, que contribuíssem para a construção de uma imagem positiva da nova situação. Além disso, uma série de temas foi proibida. Não se permitia veicular matérias sobre problemas brasileiros, como carestia de vida, caos urbano ou outros assuntos que comprometessem a suposta “ordem estabelecida”. O próprio Getúlio Vargas acompanhou pessoalmente as atividades do DIP, o que registrou em seu diário:

25 de outubro de 1940

O Lourival Fontes, diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda, ante a importância que este tomou após a reforma, será recebido semanalmente, às quintas-feiras. Hoje foi o primeiro. Tratamos de vários assuntos, entre eles, os artigos inconvenientes do *Diário Carioca*, elogiando-me e atacando alguns ministros – Fazenda e Educação. Combinamos providências sobre isso. Logo

14 De Luca, Tania Regina. A grande imprensa na primeira metade do século XX. In: _____; Martins, Ana Luiza (Orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p.172.

depois, o ministro da Fazenda, contrariado com o artigo, submetia-me pelo telefone uma nota de contestação, que autorizei.¹⁵

A ditadura de Getúlio inseriu-se num contexto de avanço do totalitarismo pelo mundo. A Primeira Guerra Mundial, a Revolução Russa de 1917 e a grande crise financeira de 1929 contribuíram para o descrédito dos sistemas liberais e democráticos, possibilitando o surgimento de novas lideranças autoritárias. De acordo com Eric Hobsbawn, esses regimes provocaram a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), momento final do período que o estudioso batizou como “Era da Catástrofe”.¹⁶ No conflito, os países do Eixo (Itália, Japão e Alemanha) enfrentaram os Aliados (França, Inglaterra e Estados Unidos, auxiliados pela socialista União Soviética).

O cenário político era efervescente. O governo nacionalista de Vargas perseguiu o comunismo, temendo que a “onda vermelha” se alastrasse. Os imigrados do Leste Europeu eram automaticamente identificados como comunistas. Além disso, restringiram-se as atividades dos estrangeiros, principalmente alemães, japoneses e italianos, considerados “súditos do Eixo”.¹⁷ A perseguição intensificou-se após meados de 1942, quando o governo brasileiro declarou apoio aos Aliados. O contexto internacional foi decisivo para os rumos da situação brasileira, expondo as contradições do regime, que lutava na guerra ao lado das democracias.¹⁸

15 Vargas, Getúlio. *Diário*. v.II, 1937/1942. São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: FGV, 1995. p.290.

16 Hobsbawn, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX, 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p.43-51.

17 Sobre a perseguição aos emigrados do Leste Europeu, alemães e italianos, ver, respectivamente Wiazovski, op. cit.; Dietrich, Ana Maria. *Inventário Deops – Alemanha*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1997; Santos, Viviane Teresinha dos. *Inventário Deops – os seguidores do Duce: italianos fascistas no estado de São Paulo*. São Paulo: Arquivo do Estado; Imprensa Oficial, 1999.

18 Capelato, Maria Helena. O Estado Novo: o que trouxe de novo? In: Ferreira, Jorge; Delgado, Lucília de Almeida Neves (orgs.). *O Brasil Republicano: o tempo do nacional estatismo*. V.II. RJ: Civilização Brasileira, 2003, p.108-43.

A historiografia relativa ao Estado Novo é bastante diversificada. A quantidade de estudos sobre o período aumentou a partir dos anos 1980, quando mudanças no cenário político brasileiro contribuíram para que se questionassem as origens da organização do Estado nacional. O livro *Estado Novo: ideologia e poder*, organizado por Lúcia Lippi Oliveira, Ângela de Castro Gomes e Mônica Pimenta Velloso, marcou a retomada do interesse pelo Estado Novo, que permanecia “envolto em uma nuvem de relativo esquecimento”.¹⁹ A partir de então, surgiram obras que inquiriram o período em seus mais variados aspectos.²⁰

Os estudiosos mobilizaram a documentação governamental conservada nos arquivos. Em linhas gerais, a bibliografia apresentou o período a partir da perspectiva dos governantes, por conta da dificuldade de se localizar outros registros, em especial os da oposição, implacavelmente perseguida.²¹ O próprio Joel Silveira assinalou, em sua obra memorialística, a dificuldade de questionar o regime: “O DIP era terrível. Era de grandes profissionais da imprensa também. De maneira que eles sabiam todos os truques. Eles também eram jornalistas. Era muito difícil enganá-los, muito mesmo”.²² Sobre a questão, chegou-se a tal quadro:

As resistências ao autoritarismo foram fortemente reprimidas e muitas vezes não deixaram registro porque até a memória dessas lutas de oposição foi controlada e, muitas vezes, destruída. O

19 Oliveira, Lúcia Lippi. Apresentação. In: _____.; Gomes; Velloso, op. cit., p.7.

20 Capelato, Maria Helena. Estado Novo: novas histórias. In: Freitas, Marcos Cezar (Org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2007, p.183-213.

21 Esse foi o caso dos estudantes da Faculdade de Direito do Largo do São Francisco estudados por Santos, Viviane Teresinha dos. *Inventário DEOPS – estudantes: os subversivos das arcadas*. São Paulo: Arquivo do Estado; Imprensa Oficial, 1999.

22 Entrevista feita com Silveira em Miranda, Fernando Albuquerque. Joel Silveira: correspondente de guerra. In: Melo, José Marques de (Org.). *Imprensa brasileira: personagens que fizeram história*. v.4. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; São Bernardo do Campo: Universidade Metodista, 2009. p.99.

historiador que trabalha com esse período sempre fica devendo ao leitor a reconstrução da história do antiestado-novismo, até hoje pouco explorada pela dificuldade de localização de dados.²³

Alguns jornalistas como Samuel Wainer e o próprio Joel Silveira reconheceram, anos mais tarde, em suas memórias, que atuaram no sentido de resistir ao regime de Vargas. Porém, esses relatos ainda são pouco explorados pelos historiadores e, se essa oposição ocorreu de fato, é preciso averiguar as maneiras pelas quais foi possível sua realização. O resultado dessa lacuna foi uma visão generalizante sobre a imprensa do período, que teria sucumbido aos desígnios do executivo. De outra parte, a sistemática análise do conteúdo de alguns impressos reconstituiu as vozes da oposição, que lançava mão de estratégias para burlar os estreitos limites da censura.²⁴ Qual foi, portanto, o ponto de vista externado por Joel Silveira diante dessa conjuntura? Em suas memórias, o jornalista construiu uma autoimagem de repórter de oposição. Porém, para o brasilianista Robert Levine, essa postura de resistência não foi possível a Silveira, por conta da censura, sendo expressa somente em sua obra memorialística, produzida anos após o período.²⁵ De fato, os responsáveis pelos órgãos repressores acompanharam de perto as atividades de *Dom Casmurro* e *Diretrizes*, conforme foi possível observar nos capítulos anteriores.

A análise da produção de um intelectual compreende averiguar as relações desse indivíduo com o poder, bem como uma possível força política por ele exercida.²⁶ Trata-se de verificar o que se convencionou chamar de “cultura política”. O desafio é identificar os motivos que levam os indivíduos a escolher determinados posicionamentos em meio a uma pluralidade de opções muitas vezes antagônicas. A questão é bastante delicada, pois envolve uma série de fatores individuais e coletivos:

23 Capelato, op. cit., 1998, p.282-3.

24 De Luca, op. cit., 2009.

25 Levine, Robert. *Pai dos pobres? O Brasil e a Era Vargas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p.81-2.

26 Bobbio, Norberto. *Os intelectuais e o poder*. São Paulo: Unesp, 1997. p.31-6.

Ela [a cultural política] interessa ao historiador por ser, em simultâneo, um fenômeno coletivo, partilhado por grupos inteiros que se reclamam dos mesmos postulados e viveram as mesmas experiências [...].

Esta [a cultura política] fornece a chave que permite compreender a coesão de grupos organizados à volta de uma cultura. Fator de comunhão dos seus membros, ela fá-los tomar parte coletivamente numa visão comum do mundo, numa leitura partilhada do passado, de uma perspectiva idêntica de futuro, em normas, crenças, valores que constituem um património indiviso, fornecendo-lhes, para exprimir tudo isso, um vocabulário, símbolos, gestos, até canções que constituem um verdadeiro ritual.²⁷

Diante do conturbado contexto, os intelectuais acreditaram que sua função era engajar-se no debate público, postura partilhada por diversos grupos, inclusive na concepção dos governantes. Tal característica foi atribuída a esses indivíduos desde o “affaire Dreyfus”, na passagem do século XIX para o XX. Na primeira metade do século XX, pensadores de diferentes orientações destacaram o compromisso público como função dos homens de letras.²⁸

De fato, muitos letrados filiaram-se às diversas vertentes políticas disponíveis no mundo em guerra. No Brasil, o compromisso de pensar os destinos do país, no novo cenário, mobilizou diversos intelectuais em suas variadas formas de expressão, como estudos, artigos, conferências, ensaios e literatura, entre outras manifestações artísticas. Alguns se enveredaram para o pensamento autoritário de direita ou de esquerda, enquanto outros se associaram aos

27 Berstein, Serge. A cultura política. In: Sirinelli, Jean-François; Rioux, Jean Pierre (Orgs.). *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998. p.361-3. De acordo com o autor, “culturas políticas” são normas e valores que determinam a representação que uma sociedade faz de si mesma.

28 Esse foi o caso do socialista italiano Antonio Gramsci analisado por Beired, José Luís Bendicho. A função social dos intelectuais. In: Aggio, Alberto (Org.). *Gramsci: a vitalidade de um pensamento*. São Paulo: Unesp, 1998, p.121-32.

ideais liberais e democráticos, cujo principal modelo era os Estados Unidos. Resta saber quais foram as escolhas de Joel Silveira diante de tantas possibilidades e do imperativo de engajamento dos novos tempos. Qual foi a cultura política partilhada pelo escritor?

Combatendo inimigos nacionais e internacionais

Desde seus primeiros tempos no Rio de Janeiro, Joel Silveira opinou a respeito das questões públicas nacionais e internacionais. Em *Dom Casmurro*, tais posicionamentos já se delineavam nos textos do autor. Porém, foi em *Diretrizes*, publicação que dava maior destaque aos temas relacionados à política, que esta atuação se intensificou.

Em suas colaborações para os dois periódicos, o jornalista defendeu a concepção de intelectual comprometido com o debate público. O jornalista também externou críticas à situação vigente, bem como ao avanço do totalitarismo de direita, e flertou com o socialismo, apontado como solução para os problemas do país e do mundo no cenário pós-guerra. Logo nos primeiros meses no Rio de Janeiro, ele assinou o manifesto “Os intelectuais e a Guerra Civil Espanhola”, publicado no jornal *Dom Casmurro*.

Esse manifesto tratou-se de texto no qual os signatários se declararam contra as tentativas de golpe que visavam a derrubar o governo democrático espanhol. Ele foi assinado por diversos intelectuais, muitos dos quais eram companheiros de Joel na redação de *Dom Casmurro*. No texto, os manifestantes afirmaram ser a favor da liberdade e da democracia, bem como exprimiram o temor de que também se desse o avanço do nazifascismo no Brasil. Além disso, conceberam sua tomada de posição como dever dos intelectuais:

Nós, INTELECTUAIS BRASILEIROS, patriotas e democratas, fiéis à nossa própria consciência, não podemos silenciar mais ante o que se passa nas terras desgraçadas da Espanha.

Esta nossa atitude tem apenas o sentido de uma pura demonstração de amor à liberdade e à cultura, tão ameaçadas pelas hordas do fascismo internacional, no país que deu ao patrimônio da humanidade figuras como Goya e Cervantes [...].

Aos intelectuais é que toca imperiosamente o mais considerável e especial dever na defesa de uma democracia em perigo porque é sobretudo, no regime democrático que a liberdade de pensamento e de crença pode vicejar em toda sua plenitude, o que, para a cultura, é essencial.

Convidamos, pois, todos aqueles que não queiram para o Brasil momentos como o que está vivendo a Espanha a apoiar valorosamente a luta do povo espanhol e do Governo de Valência contra os traidores que se unem aos estrangeiros para massacrar os seus próprios irmãos, num tributo ao fascismo.²⁹

Joel retomou a questão do comprometimento intelectual nas reportagens que publicou em *Diretrizes*. O jornalista questionou seus entrevistados a respeito da situação política de seu tempo. A intervenção no debate público foi defendida pelo repórter e por alguns de seus interlocutores como função dos intelectuais. Na reportagem que fez sobre o ensaísta Genolino Amado, o autor destacou essa característica ao apresentar seu entrevistado:

Até os primeiros meses da guerra, Genolino Amado aparecia com frequência nos suplementos de jornal assinando artigos e ensaios – mais tarde reunidos em livro – sobre variadas questões de

29 Os intelectuais e a Guerra Civil Espanhola. *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n.17, p.6, 2 set. 1937. O manifesto foi reproduzido integralmente em livro de memória de Joel Silveira *Na fogueira*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998 (a). p.124-5. Entre os signatários estavam, Abguar Bastos, Osório Borba, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Álvaro Moreyra, Murilo Mendes, Adalgisa Nery, Aníbal Machado, Arthur Ramos, Caio Prado Jr., Eugênia Moreyra, Santa Rosa, Maurício de Lacerda Filho, Apparício Torelly, Murilo Miranda, Moacyr Werneck de Castro, Carlos Lacerda, Dias da Costa, Lúcio Rangel e Brício de Abreu.

literatura e da vida moderna. De repente, o escritor sumiu das colunas onde antes era tão raro faltar a sua colaboração. O fato causou estranheza a muita gente, sobretudo a quem não sabia que só entrara em férias o ensaísta, isto é, o comentador mais ou menos distraído de assuntos gerais, continuando em plena atividade o outro Genolino Amado, aquele que produz todos os dias, sem assinatura, uma porção de crônicas de rádio e editoriais de imprensa. Ficara o jornalista a tratar das realidades imediatas de seu tempo: desaparecia o homem de letras que discutia coisas vagas e distantes, visando a problemas sutis da cultura e da vida [...]. Genolino Amado deixara apenas de fazer divagações literárias em torno de assuntos que não tinham mais importância nem mesmo sentido com a deflagração da guerra. E esta não podia ser, pelo menos naquela primeira fase tenebrosa, um assunto para divagações e floreios do espírito. O jornalista cumpria o seu dever fixando pontos de vista sobre as figuras e os fatos do momento mundial.³⁰

Não se deve perder de vista que Genolino Amado fora diretor de *Diretrizes* entre março e setembro de 1939. Portanto, supõe-se que a escolha do entrevistado não foi ocasional. A defesa do comprometimento público como função intelectual feita por um ex-diretor da revista, em suas páginas, reiterou esse ponto de vista como opinião dos editores. Em suas próprias palavras, Amado defendeu a postura do homem de letras participativo, ao mesmo tempo que criticou aqueles que se recolhiam em temas “menores”, designados como “inocências do Leblon”, em referência ao poema de Carlos Drummond de Andrade, que expressou o sentimento de uma época em que ignorar suas responsabilidades públicas não era mais recomendado aos intelectuais.³¹ Nas palavras de Genolino:

30 Silveira, Joel. Sou contra os sindicatos literários. *Diretrizes*, Rio de Janeiro, n.163, p.14, 12 ago. 1943.

31 O poema “Inocentes do Leblon” foi publicado em 1940 no livro *Sentimento de mundo*, que reuniu poesias de Carlos Drummond de Andrade dos anos anteriores. No texto, Drummond assim se expressou: “Os INOCENTES do Leblon / não viram o navio entrar. / Trouxe bailarinas? / Trouxe emigrantes? /

– Questões que ontem eram inoportunas, inadequadas ao momento político e intelectual, são hoje oportuniíssimas e exigem comentário. Foi por isso que decidi reaparecer com meus artigos e aceitei o honroso convite de Assis Chateaubriand para escrever cotidianamente a crônica de atualidade que os maiores órgãos dos Diários Associados publicam, ao mesmo tempo, no Rio e nos Estados. É a minha forma de contribuir para o esclarecimento ou, pelo menos, para o debate de problemas populares e até mesmo culturais que já não podem nem devem ficar à margem de discussão. Outros – e melhor do que eu – já começaram a fazer a mesma coisa. E é preciso que todos façam, pois a inteligência brasileira tem de renovar-se para que possa ser um instrumento de renovação. E é por isso também que não tenho vacilado em chamar a atenção para as “inocências do Leblon”, para as guerras microscópicas das vaidadezinhas contrariadas, para os romancistas que tanto cuidam de futebol, para os sociólogos que fazem evocações recreativas, quando não organizam receitas de doce e discutem a qualidade dos charutos [...].³²

A crítica de Genolino Amado aos intelectuais que considerava descompromissados, que se reuniam em “portas de livrarias” incomodou outros letrados, que tiveram em *Diretrizes* o direito de resposta. Meses após a publicação da reportagem, Joel Silveira entrevistou o escritor José Lins do Rego, que discordou das opiniões de Genolino Amado no que tange à função pública do intelectual. De fato, a reportagem sobre Amado foi provocativa ao autor de *Menino de engenho*, frequentador assíduo da Livraria José Olympio Editora e secretário-geral da Confederação Brasileira de Desportos. Lins do Rego afirmou ironicamente não ser contra os “inocentes do

Trouxe um grama de rádio? / Os inocentes, definitivamente inocentes, tudo ignoram / mas a areia é quente, e há um óleo suave / que eles passam nas costas, e esquecem”. Andrade, Calos Drummond de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1964. p.106.

32 Silveira, Joel. Sou contra os sindicatos literários. *Diretrizes*, Rio de Janeiro, n.163, p.14, 12 ago. 1943.

Leblon” e disse que Genolino deveria ser presidente de um clube homônimo:

José Lins senta numa poltrona colorida, eu me sento noutra. “Para começar a entrevista, diz ele, tenho uma sugestão a fazer”:

– É sobre os inocentes do Leblon. Acho que se deve fundar aqui, no Rio, o Clube dos Inocentes. É lógico também que Genolino Amado seja eleito seu presidente. Genolino é um sujeito bom, agradável, educado, escreve bem e bonito, sem nenhuma malícia [...].

José Lins abre um parênteses para dizer:

– É preciso saber que eu não sou contra os Inocentes do Leblon. Pelo contrário. Todo homem, eu, você, qualquer um, tem dentro de si um pouco de inocente do Leblon. Ser inocente do Leblon não é atentar contra a humanidade. Não é roubar o povo. De um inocente do Leblon, nunca sairá, tenho certeza, um fascista.³³

O fato de José Lins do Rego se posicionar contra a postura defendida por Genolino Amado e, ao mesmo tempo, mostrar-se a favor do tipo “inocente do Leblon” não indica que o autor de *Menino de engenho* estivesse alheio às questões de seu tempo. Rego não escrevia editoriais e artigos sobre política como Genolino Amado, mas as formas de expressão e intervenção no debate público eram muitas, como a literatura, e suas obras tornaram-se representantes do romance regionalista dos anos 1930, de crítica social. De qualquer modo, Joel Silveira finalizou a entrevista ridicularizando a postura de Lins do Rego, o que demonstrou que o jornalista não concordou com sua concepção:

Descemos [José Lins do Rego e Joel Silveira] para a cidade no ônibus 52, e, ao nosso lado, há um cavalheiro de óculos, bem pen-

33 Silveira. Joel. Genolino quer ser herói de tragédia grega. *Diretrizes*, Rio de Janeiro, n.171, p.19, 7 out. 1943.

teado, lendo *O Jornal*. Lendo, precisamente, a coluna de Genolino Amado. Chamo a atenção de José Lins para o fato. O romancista dá uma olhadela no sujeito, diz:

– Deve ser algum literato.³⁴

De fato, Joel Silveira interveio no debate público de seu tempo. Preocupado com o avanço do nazifascismo pelo mundo, o jornalista posicionou-se contra determinados grupos que considerou representantes dessa vertente, como os integralistas. É interessante notar que a tentativa de golpe dos integralistas para derrubar Vargas, entre março e maio de 1938, não foi noticiada por Silveira. Seu silêncio em relação ao movimento liderado por Plínio Salgado não foi ocasional. Em suas memórias, o jornalista descreveu a constante preocupação do proprietário de *Dom Casmurro* no sentido de não enfrentar a censura, evitando matérias sobre temas proibidos.³⁵ Assim, não se sabe se a ausência do assunto na coluna de Joel na época do levante tratou-se de desprezo do autor em relação ao projeto do qual discordava ou de recomendação por parte dos censores de não noticiar a tentativa dos integralistas de derrubar Vargas.³⁶ De qualquer modo, nada impediu que Joel Silveira ironizasse os “camisas verdes”, mesmo que discretamente, no calor dos acontecimentos:

Um sujeito hoje rabiscou quarenta linhas de um jornal para dizer que o dia 13 de maio não deve ser feriado. Apontou diversas causas e motivos, mostrou a inutilidade da data, o significado nulo que ela representa na nossa história. Só faltou mesmo dizer que em

34 *Ibid.*, p.25.

35 Ver Silveira, *op. cit.*, 1998 (a), p.164-6.

36 Nas memórias, Silveira afirmou que o assunto foi fartamente noticiado pelos jornais: “As edições extras dos jornais que amanheceram nas bancas falavam de muito sangue derramado, de mais de trinta mortos, feridos sem conta, prisão de centenas de marinheiros, de dezenas de oficiais graduados e até um almirante. [...] No *Dom Casmurro* lemos em grupo, exultantes, os jornais do dia 11 [de março de 1938]”. Silveira, *op. cit.*, 1998 (a), p.235.

seu lugar o governo devia santificar o 21 de outubro, data da fundação do integralismo [...].³⁷

As críticas de Joel não se restringiram ao integralismo. A oposição ao governo de Vargas apareceu nas colaborações do autor desde seus primeiros tempos em *Dom Casmurro*. Meses após sua chegada ao Rio de Janeiro, em 1937, Silveira demonstrou que esse era o ponto de vista que defenderia. O jornalista expôs seu descontentamento com uma possível candidatura de Getúlio Vargas nas eleições que seriam marcadas para o ano seguinte:

Temos diante da vista nova representação de um espetáculo antigo e chatíssimo. De quatro em quatro anos, o Brasil, com uma dose de paciência que chega ao extremo, assiste, impassível e irônico, ao estrondear daqueles que se apresentam perante o povo como mensageiros da sua vontade e admiração. Mercê do grande amor que o sr. Getúlio Vargas vem devotando pelo poder, estacionando e fazendo o Brasil estacionar durante oito macilentos anos, há muito que não se repetia a história de sempre. Agora novamente a peça vai subir ao palco. O que se nota, porém, na representação de hoje, é uma nova maneira de agir dos personagens principais. Todos que apareceram antes, eleitos e apontados sem a presença popular, entendiam ser o Brasil uma única classe. Agradando os latifundiários, aos donos de meio mundo, estava tudo correndo às mil maravilhas. Na certa que os que assim pensavam, pensavam com sapiência. Nunca fomos nada, nós que somos o *povo*, nunca representamos coisa alguma nos festins quatrienais.³⁸

No artigo, além de criticar Vargas, Silveira cobrou dos intelectuais um posicionamento diante da situação, chamando o escritor

37 Silveira, Joel. Aconteceu nesta semana... *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n.50, p.6, 12 maio 1938.

38 Silveira, Joel. Os intelectuais e o sr. José Américo. *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n.8, p.6, 7 jul. 1937.

José Américo de Almeida a apresentar sua plataforma de governo, pois seria um dos candidatos à presidência da República nas eleições de 1938, que não se realizaram. Vale lembrar que, na ocasião da publicação do artigo, o Estado Novo ainda não havia sido decretado. Porém, o governo de Vargas já se encontrava bastante amparado para censurar as atividades da imprensa e punir os transgressores, o que parece não ter inibido o jovem Silveira.

Não se sabe se o autor teve problemas com os órgãos repressores por conta do artigo, mas ele não se referiu mais diretamente à figura de Getúlio Vargas em seus textos publicados em *Dom Casmurro* e *Diretrizes*. Seu silêncio em relação ao nome do presidente pode ser entendido como resultado de ação repressora da censura, mas também como resistência, visto que os responsáveis pela propaganda governamental recomendavam a publicação de loas à figura de Vargas, principalmente nos dias em que se comemorava o feriado nacional de 19 de abril, data de seu aniversário.

O fato de Silveira evitar a figura de Vargas em suas colaborações, para elogiá-lo ou criticá-lo, também pode ser entendido como estratégia para não provocar a censura que crescia, sobretudo após a decretação do Estado Novo. De outra parte, a ausência do nome de Vargas nas colaborações de Joel Silveira não representou omissão do autor, tampouco silêncio em relação à situação. As tragédias urbanas sobre as quais Silveira escreveu por mais de um ano na seção “Aconteceu nesta semana...”, em *Dom Casmurro*, eram temas que a censura proibia. Na época, era vedado aos jornalistas dar publicidade a “acidentes, desastres, catástrofes, naufrágios, queda de avião; incidentes como brigas, agressões, crimes, corrupção, suborno, processos, inquéritos, sindicâncias etc”.³⁹

Manter uma seção com tal temática consistiu em transgredir regras impostas pelo regime sem abordar a política de maneira direta. Entre seus *faits divers*, Silveira criticou o aumento do preço da

39 Capelato, Maria Helena. Propaganda política e o controle dos meios de comunicação. In: Pandolfi, Dulce (Org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: FGV, 1999. p.175.

carne, com certa dose de ironia: “Fígado a 4\$000 é ladroeira grossa e certamente os bois não concordariam”.⁴⁰ Em meio a comentários diversos, manifestou-se sobre o sistema de transportes: “Os ônibus da Penha são horríveis”. Mesmo quando se tornou responsável pela seção de crítica literária “Podia ser pior...”, Joel não deixou de abordar temas como a falta de água no Rio de Janeiro, que, segundo o autor, não teria sido noticiada pelos jornais. Na interessante crônica, aparentemente fortuita, um chuveiro vazio “gozava” de um indivíduo ensaboado à espera de água:

 Não, não! Isso não veio nos jornais. Sei perfeitamente que os jornais têm coisas mais importantes para contar ao povo. Não condeno os jornais. Absolutamente. Quero apenas pedir uma palavra de conforto para o desgraçado que esta manhã, foi despojado de sua alegria. Uma palavra de carinho para aquele que amanheceu alegre como uma nuvem feliz como um cavalo de corrida para aquele que teve toda a sua felicidade assassinada por um chuveiro sem importância. Sim, podem existir tragédias no mundo. Pode existir a fome, pode existir a guerra e os fuzilamentos em massa. Mas não, todas estas tragédias não são menores do que a tragédia de um homem ensaboado que se desespera sob um chuveiro calado. Meditai, meus senhores, sobre isto. Vós que tendes banheiros em casa, que tendes chuveiros – meditai. Meditai profundamente. Eis que a espuma do “life-buoy” cai sobre os vossos olhos. E vossos olhos não se abrem. Sobre vós, centenas de olhinhos cínicos, vos contemplam. Contemplam vosso desespero vossa angústia, acompanham com um gozo infinito – gozo que só os chuveiros vazios podem ter – os vossos mil pequenos planos de destruição, de morte. E vós sois um ente sem préstimo, sois uma caricatura ridícula – nem ao menos podeis gritar sem o risco de entupir vossa boca com a espuma perversa e terrível do “life-buoy”. Diante de todas as grandes tragédias que neste momento afligem a humanidade eu quero arrancar da

40 Silveira, Joel. Aconteceu nesta semana... *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n.67, p.8, 10 set. 1938.

penumbra esta tragédia pouco falada e comentada – a tragédia do carioca que perdeu a sua felicidade sob um chuva sem função.⁴¹

É interessante destacar que a crônica apareceu em letras menores que os demais textos da mesma página. Os editores de *Dom Casmurro* tinham consciência de que o assunto era proibido. Portanto, as letras menores não eram ocasionais. É provável que elas tenham sido utilizadas para despistar o olhar dos censores, que se concentrariam nos textos de letras maiores, considerados mais importantes. É possível afirmar que, em geral, os recursos de diagramação foram mobilizados como estratégias na publicação de matérias cujo teor não era recomendado pelos censores.

Numa das reportagens que fez em *Dom Casmurro*, Silveira demonstrou a situação de vida precária dos estudantes brasileiros, desde baixos salários e condições de moradia até o alto preço dos livros e o atendimento ruim nas bibliotecas públicas, resultado do descaso do governo com os funcionários: “A falta de consideração do Estado para com eles, faz que não tenham consideração para conosco”.⁴² Nas reportagens publicadas em *Diretrizes*, Silveira persistiu em suas críticas à situação vigente, abordando temas proibidos, como a pobreza vivida por alguns de seus entrevistados ou sujeitos/temas das matérias. Esse foi o caso da reportagem que Joel fez sobre a datilógrafa Maria Cândida, personagem inventada por ele. Conforme já foi citado, Cândida tinha origem humilde, morava na periferia do Rio de Janeiro e se desdobrava para sustentar a mãe e o irmão doente. No final do texto, o jornalista descreveu, em tom de denúncia, as agruras vividas por sua personagem e seu baixo salário:

Aqui está, meus senhores, a vida da datilógrafa Cândida. A datilógrafa Cândida filha de um português de Trás-dos-Montes e

41 Silveira, Joel. A falta d'água e outros problemas capitais. *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n.115, p.2. Seção Podia ser pior. 24 ago. 1939.

42 Silveira, Joel. Como vivem os estudantes brasileiros. *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n.51, p.20, 21 mai. 1938.

de uma brasileira da rua São Francisco Xavier. Vida dura da datilógrafa Cândida, sei bem que ela merecia coisa mais séria do que esta reportagem. No entanto, falta-me coragem e prestígio para dar uma entrevista e condenar pelos jornais o ordenado da datilógrafa Cândida. Me conformo em mostrar aos amáveis leitores o que é uma vida dentro de quatrocentos mil réis mensais, com irmão doente em casa, uma mãe e um fogão encrascado. Tudo isso num bairro distante [...]. Peça uma palavra de bondade e de carinho para a datilógrafa Cândida. Já que é impossível conseguir para ela um ordenado melhor.⁴³

Conforme visto anteriormente, na famosa reportagem “Grã-finos em São Paulo”, Silveira descortinou a condição de pobreza dos operários paulistanos e sua desigualdade em relação às ricas famílias da capital paulista. Em outra oportunidade, como também já visto, o autor descreveu a condição de pobreza do garoto Joca, que participou do filme *Pureza*, adaptado da obra de José Lins do Rego. No texto, Silveira demonstrou a discrepância entre o cachê recebido pelo ator já consagrado Procópio Ferreira e o valor pago ao jovem Joca. A reportagem, intitulada “Escravos de contrato”, apresentou um mundo que os responsáveis pela propaganda varguista almejavam esconder:

A rua Baldacro, no Cachambi, não é propriamente uma rua, é uma ladeira. Uma ladeira vermelha. Quando fomos lá, chovia. O barro vermelho escorregava como sabão. A água que vem do morro cava pequenos rios no barro mole e corre. É preciso subir-se com cuidado, de pulo em pulo, aproveitando as poucas pedras do caminho.

Falar a verdade, Joca não mora propriamente na rua Baldacro. Mora num ramal. O ramal fica ao lado vai descendo. É um caminho incerto, encharcado de poças d’água. A rua Baldacro é essencial-

43 Silveira, Joel. 24 horas na vida de uma datilógrafa. *Diretrizes*, Rio de Janeiro, n.24, p.11. Suplemento Literário, abr. 1940.

mente uma rua pobre. Calculem agora o que não é um ramal da rua Baldacro.

De repente o pequeno caminho tortuoso termina. Termina num amontoado de velhos barracões de madeira e folha de flandress. Há um riachinho enlameado de dois palmos de largura, que corre entre aquela rua toda. Joca aponta:

– Eu moro ali.⁴⁴

No mesmo sentido, Joel Silveira realizou reportagem sobre os baixos salários dos condutores de transporte público do Rio de Janeiro. Na matéria, o jornalista afirmou que a guerra e a crise dos combustíveis fizeram que a demanda pelos ônibus aumentasse, intensificando o trabalho dos condutores, remunerados por um ordenado inadequado. De acordo com o texto, os representantes do Sindicato dos Condutores de Veículos Rodoviários entraram com uma representação na Justiça do Trabalho contra o Sindicato das Empresas de Transporte. Na reportagem, Silveira elaborou um quadro no qual demonstrou as condições de vida de um trabalhador de ônibus e sua família. O jornalista equacionou os gastos com alimentação, aluguel, luz, transporte e previdência e apontou que o orçamento os proibia de frequentar cinema e teatro e consumir carnes, como peixe, galinha e lombo, e outros produtos, como frutas, ovos, manteiga e massas.⁴⁵

Essa realidade muito contrastava com a imagem de fartura e progresso que os responsáveis pela propaganda governamental idealizaram. A política de Vargas era bastante excludente, pois seus ideólogos recomendaram determinados padrões de saúde e alimentação que não estavam ao alcance de todos. Na época, o nível de desemprego era altamente considerável: “O número de desempregados era muito grande; a enorme massa dos ‘pobres sem trabalho’

44 Silveira, Joel. Escravos de contrato. *Diretrizes*, Rio de Janeiro, n.49, p.12, 29 mai. 1941.

45 Silveira, Joel. Dez homens contra uma classe. *Diretrizes*, Rio de Janeiro, n.121, p.3, 22 out. 1942.

não se integrava na categoria de cidadão [...]”.⁴⁶ Os que possuíam emprego sofriam com baixos salários e preços elevados dos produtos. É interessante comparar a reportagem de Joel sobre a carência das famílias dos condutores de ônibus, privadas do consumo de diversos gêneros alimentícios, com a recomendação do governo no Programa de Educação Alimentar, de 1941:

Faça todos os dias, cinco refeições separadas por intervalos certos [...]. Não deixe de pedir à sua mãe, todos os dias, pelo menos um bife sempre mal passado e preferivelmente de fígado, dois copos de leite e um pouco de manteiga, uma fatia de queijo e um prato de frutas ou verduras. Sem isso, você não crescerá bem. Ficará para toda a vida, pequeno e feio, provocando riso dos que em criança souberam comer melhor [...]. Faça isso tudo em seu benefício e em favor daqueles a quem você quer bem e assim, patrioticamente, você muito estará contribuindo para a grandeza do Brasil.⁴⁷

Uma das muitas imagens que Getúlio Vargas legou de si foi a de “pai dos pobres”, por conta dos benefícios legislativos que concedeu aos trabalhadores. Entretanto, durante seu governo, o fosso entre ricos e pobres aumentou, como comprovaram inúmeras cartas de pedido de ajuda recebidas diariamente pelo presidente da República.⁴⁸ As reformas que visaram a modernizar o país concentraram-se nas regiões litorâneas e em capitais como Rio de Janeiro e São Paulo, agravando as diferenças com o interior, esquecido pelas políticas públicas.⁴⁹ Essa situação foi percebida por Silveira, que descreveu a condição de miséria de camponeses no Rio Grande do Sul:

A fartura nacional é apenas um acontecimento litorâneo. A miséria está em toda a parte: no interior, em todos os seus cami-

46 Capelato, op. cit., 1998, p.181.

47 Apud Ibid., p.185.

48 Ver Levine, op. cit.

49 Ibid.

nhos, com as populações do norte e do centro. O que se chama de “marginal”, no Rio Grande, é o cassaco nordestino ou o rompeterra das regiões centrais, gente afligida pelas mesmas necessidades, acossada pelos mesmos problemas, inutilizada pela mesma penúria.⁵⁰

A crítica à situação vigente também se deu nas reportagens que Silveira realizou com artistas, que abordaram a falta de incentivos do governo no campo cultural. Nesse sentido, Silveira entrevistou o caricaturista J. Carlos, que na época era ilustrador da revista *Careta*. J. Carlos desenhou muitas imagens nas quais expôs os problemas do país e demais temas proibidos pela censura por meio da linguagem velada do humor visual.⁵¹ A escolha do entrevistado, portanto, não foi ocasional. Além de criticar o descaso do governo em relação às artes, J. Carlos afirmou que existia censura contra os caricaturistas que focalizassem alguma personalidade política ou cultural. Joel Silveira e os editores de *Diretrizes* não fizeram restrições ao texto e publicaram a crítica:

– A arte, em nosso país, está inteiramente desprotegida. Um Law, na Inglaterra, recebe fortunas pelos seus desenhos. Um Sem, na França, ficou milionário. Aqui no Brasil, quando um caricaturista focaliza uma personalidade de destaque, na política, nas letras, o mais que pode receber são ameaças.⁵²

Na reportagem sobre os caricaturistas Raul Pederneiras e Kalixto, Silveira questionou os entrevistados sobre a remuneração de um humorista no Brasil e os interlocutores responderam que o dinheiro

50 Silveira, Joel. A miséria cria um mundo. *Diretrizes*, Rio de Janeiro, n.203, p.22, 25 mai. 1944.

51 Garcia, Scheila do Nascimento. *Revista Careta: um estudo sobre o humor visual no Estado Novo (1937-1944)*. Assis, 2005. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.

52 Silveira, Joel. Não quero ser parafuso da máquina nazista. *Diretrizes*, Rio de Janeiro, n.104, p.25, 25 jun. 1942.

não era suficiente para o orçamento.⁵³ Em outra oportunidade, o jornalista entrevistou o palhaço Dudu, diretor da trupe de teatro ambulante Pavilhão, e no final da reportagem questionou o entrevistado a respeito do Serviço Nacional de Teatro (SNT). Joel quis saber se a entidade pública auxiliava Dudu e sua trupe. O palhaço respondeu que a instituição nada fazia por seu grupo e afirmou ainda que foi necessário procurar diretamente o presidente Vargas. É interessante notar que o jornalista conduziu seu interlocutor ao tema que lhe interessava:

– E o S. N. T.?

– Nunca fez nada por ele [o grupo Pavilhão]. Diz que o pavilhão não é teatro, o que não é verdade. [...]

Sobre o S. N. T. Dudu tem ainda uma história para contar. Conta:

– Um dia eu fui pessoalmente ao presidente Getúlio pedir uma ajuda para o Pavilhão. Ele concedeu imediatamente ordenando ao Serviço Nacional de Teatro que me desse uma subvenção mensal de cinco contos. Mas só recebi um mês. Quando fui buscar o dinheiro no mês seguinte, disseram-me uma coisa engraçada.

– O que foi?

– Disseram-me que não havia verba. E até hoje nunca mais recebi um tostão. Vou novamente falar com o presidente, aliás, já pedi audiência.⁵⁴

Como tantas críticas passaram pelo crivo dos censores? É importante observar que, geralmente, o assunto surgia somente no final da entrevista, num canto de página. É possível afirmar que, se isso se tratou de intenção dos editores em despistar o olhar dos censores, os quais se concentrariam nos textos publicados em lugares

53 Silveira, Joel. Vendedores de humor. *Diretrizes*, Rio de Janeiro, n.53, p.12, 26 jun. 1941.

54 Silveira, Joel. Dudu, um palhaço que dirige um “trust”. *Diretrizes*, Rio de Janeiro, n.60, p.20, 14 ago. 1941.

de destaque nas páginas da revista. Ao ler o início das reportagens, os censores perceberiam que elas não apresentavam problemas e abandonariam a leitura sem chegar à conclusão do texto. A estratégia não foi mobilizada somente em *Diretrizes*. Na revista *Careta*, as críticas ao regime também ocuparam os cantos das páginas, driblando, assim, a peneira de assuntos proibidos.⁵⁵

Porém, não foi sempre que Joel Silveira e os editores de *Diretrizes* publicaram suas críticas com discrição. Esses jornalistas também ousaram dar destaque a seus questionamentos e enfrentar possíveis consequências. Esse foi o caso da reportagem que Joel Silveira fez sobre o escritor Monteiro Lobato. É possível afirmar que a matéria foi o auge da resistência de Silveira e de *Diretrizes* em relação ao Estado Novo. Não se deve perder de vista o lugar ocupado por Lobato na vida cultural da época e o papel político por ele representado. O autor de *Urupês* foi um dos pioneiros do ramo editorial no Brasil e já era escritor bastante consagrado na época da reportagem.

Desde o início de sua carreira, Lobato mobilizou seus livros e suas colaborações na imprensa em luta pelo que acreditava ser o “progresso” para o país, como a campanha em prol do saneamento dos sertões. Nos anos 1930 e 1940, o escritor tornou-se um dos principais opositores do governo de Vargas. Lobato acreditava na existência de petróleo em terras brasileiras e elaborou projetos para sua extração sob iniciativa privada. Porém, os governantes estatizaram o assunto ao determinar, em 1934, que todas as riquezas em subsolo do Brasil eram patrimônio da União e fundar, em 1938, o Conselho Nacional de Petróleo. Contrariado, Lobato não se conteve e publicou, em 1936, com grande sucesso de público, a obra *O escândalo do petróleo*, proibida pela censura no ano seguinte.⁵⁶

O escritor passou a sentir o peso da repressão governamental, pois suas obras de literatura infantil foram consideradas subver-

55 Ver o estudo de Garcia, op. cit.

56 Sobre a trajetória de Lobato, ver De Luca, Tania Regina. Monteiro Lobato: a luta em prol da brasilidade e do progresso. In: AXT, Gunter; Schüler, Fernando (Orgs.). *Intérpretes do Brasil: ensaios de cultura e identidade*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004. p.135-54.

sivas pelo Tribunal de Segurança Nacional, sob alegação de que continham “doutrinas difamadoras do caráter da juventude”. Em 1940, burlando o controle do DIP, concedeu entrevista à rádio inglesa BBC, irradiada em vários idiomas, na qual criticou a política varguista. Em 1941, seus livros foram retirados das bibliotecas escolares e o governo do estado de São Paulo apreendeu centenas de exemplares. Lobato foi preso três vezes (na última, ficou detido por três meses) por enviar cartas a Vargas tecendo críticas ao Conselho Nacional de Petróleo.⁵⁷

Portanto, Joel Silveira escolheu um importante opositor do regime para o tema de sua reportagem. “Do ponto de vista político, a ação de Lobato na Era Vargas garantiu-lhe o respeito e a admiração dos que se opunham à ditadura, o que colabora para entender sua crescente aproximação das correntes de esquerda.”⁵⁸ Silveira encontrou-se com Lobato no apartamento do escritor, na Aclimação, em São Paulo. Na reportagem, Joel alegou que se tratava dos 25 anos da publicação de *Urupês*, primeiro livro de Lobato. Nas perguntas, o jornalista teve o cuidado de não abordar os problemas que o escritor vinha enfrentando com os órgãos repressores.

Joel Silveira questionou Lobato a respeito das traduções que o escritor fazia na época da reportagem. O entrevistado contou sobre um livro que estava traduzindo, *Um mundo*, de Wendell Willkie.⁵⁹ Lobato descreveu a obra cujo autor era contra os “imperialismos” e não admitia ditaduras. O tradutor posicionou-se a favor das ideias de Willkie e afirmou que “um governo deve sair do povo como fumaça de uma fogueira”, frase que os editores de *Diretrizes* utilizaram como manchete da reportagem. O texto foi matéria de capa da revista naquele número, que estampou uma foto de Monteiro Lobato e a manchete como chamada de conteúdo. Para Lobato, um

57 Ibid.

58 Ibid, p.153.

59 Wendell Willkie (1892-1944) foi candidato à presidência dos Estados Unidos em 1940, mas foi derrotado por Franklin Delano Roosevelt. Willkie se opunha à política intervencionista do *new deal*, idealizada por Roosevelt.

governo que não viesse da “emanação popular” estaria condenado ao desaparecimento:

– Wilkie não admite mais imperialismos, nem o britânico nem sequer os imperialismos internos dos Estados Unidos [...]. Também não admite ele nenhuma espécie de ditadura, não concebe nenhum governo que não seja de pura emanação popular. Um governo deve sair do povo como fumaça de uma fogueira. Aliás, eu penso como ele, governo que não for assim é cavilação, não tem legitimidade está condenado ao desaparecimento em consequência do inevitável resultado desta guerra.⁶⁰

A reportagem de Joel Silveira sobre Monteiro Lobato tornou-se antológica e passou para a memória do autor como a causa que levou o DIP ao fechamento de *Diretrizes*. De fato, os responsáveis pela publicação foram bastante ousados ao dar destaque às declarações de Lobato, mas o fim do periódico deu-se somente no ano seguinte, por outro motivo já visto. O equívoco da lembrança de Joel foi reproduzido em diversas referências sobre o jornalista e sobre a revista de Samuel Wainer. O esquecimento não foi mero efeito do tempo sobre a memória. Joel tomou para si a responsabilidade pelo fechamento de *Diretrizes*, construindo uma imagem de repórter heroico, que combateu o Estado Novo, como se verificou no Capítulo 1.

Apesar da ousadia de Joel Silveira em entrevistar Monteiro Lobato, não se deve esquecer que em 1943 o Estado Novo se aproximava de seu fim, enfraquecido por conta do apoio do governo brasileiro aos Aliados na guerra. O alinhamento com regimes democráticos, como o dos Estados Unidos, e os ataques de submarinos alemães a navios brasileiros, em meados de 1942, provocaram o questionamento da situação interna e a queda de membros do governo, admiradores do nazifascismo, como Lourival Fontes, do

⁶⁰ Silveira, Joel. Um governo deve sair do povo como a fumaça de uma fogueira. *Diretrizes*, Rio de Janeiro, n.167, p.15, 9 set. 1943.

DIP. De acordo com Maria Helena Capelato, a entrada do Brasil na guerra, contra os totalitarismos, expôs as contradições do regime, contribuindo para sua queda em 1945.⁶¹

No momento da publicação da reportagem que Joel Silveira fez sobre Monteiro Lobato, o coro das vozes de oposição a Getúlio Vargas engrossava. Em outubro de 1943, justamente depois de um mês que “um governo deve sair do povo como fumaça de uma fogueira” saiu em *Diretrizes*, intelectuais e políticos de Minas Gerais organizaram e publicaram o “Manifesto dos mineiros”, documento no qual defenderam o fim do Estado Novo e a redemocratização do país. O texto é considerado a primeira manifestação aberta contra a ditadura. Certamente, essa reação esteve ligada à possibilidade que se abriu aos setores de oposição de romper com o silêncio imposto pela censura após a entrada do Brasil na guerra, ao lado dos Aliados.⁶²

Entretanto, apesar do enfraquecimento da ditadura, não se deve menosprezar a atuação da censura naquele momento, que persistia. Os signatários do “Manifesto dos mineiros” não sofreram nenhum tipo de perseguição policial, mas muitos deles foram afastados dos

61 A autora assim explicou a questão: “A conjuntura internacional, marcada por acontecimentos extremamente importantes, que culminaram com a eclosão da Segunda Guerra, obrigaram o país a redimensionar suas relações internacionais e assumir posições que se definiam a partir do complexo jogo militar e diplomático. Portanto, a conjuntura externa também ajuda a explicar as mudanças ocorridas durante o Estado Novo, desde sua ascensão até a queda”. Capelato, Maria Helena. O Estado Novo: o que trouxe de novo? In: Ferreira, Jorge; Delgado, Lucilia de Almeida Neves. *O Brasil republicano*. v.II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p.113.

62 O “Manifesto dos mineiros” contou com cerca de noventa signatários, entre eles Virgílio de Melo Franco, Pedro Aleixo, Milton Campos, Arthur Bernardes, Afonso Arinos de Melo Franco, Adauto Lúcio Cardoso, Adolfo Bergamini, Afonso Pena Jr., Alair Prata, Bilac Pinto, Daniel de Carvalho, José de Magalhães Pinto, Mário Brant e Odilon Braga. A primeira tiragem do texto foi de cerca de 50 mil exemplares, impressos em uma gráfica clandestina em Barbacena (MG). Foram distribuídos de mão em mão ou jogados embaixo da porta das residências, por conta da vigilância governamental. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas/1/anos37-45/QuedaDeVargas/ManifestoDosMineiros>>. Acesso em: 11 dez. 2011.

cargos públicos que ocupavam ou perderam o emprego em empresas privadas.⁶³ Vale lembrar que, após 1942, a possibilidade do fim do regime passou a causar temor nos governantes, que intensificaram a propaganda política em órgãos porta-vozes do regime, como o jornal *O Estado de S. Paulo*.⁶⁴ Se as manifestações contra a ditadura ganhavam força, os governantes não temiam em reagir em face delas.

Por outro lado, a reportagem sobre Lobato demonstrou que as redes de sociabilidade de Joel apontavam o posicionamento assumido pelo jornalista diante das possibilidades da época. Desde sua chegada ao Rio de Janeiro, o autor alinhou-se a grupos de oposição, como os editores de *Dom Casmurro* e *Diretrizes*, e escolheu para suas entrevistas indivíduos perseguidos pelo governo, como o próprio Lobato, políticos que perderam o mandato após a decretação do Estado Novo, como Olegário Mariano, e militantes comunistas, como Maurício Lacerda, que reconheceu, em reportagem, ter participado da Aliança Nacional Libertadora (ANL) e estar na mira da censura:

– Fui considerado um dos líderes do movimento de 30 até o momento em que abri combate contra a formação das legiões. Eu defendi o exército como a única força nacional capaz de defender a nossa soberania, lutando contra aqueles que queriam transformar numa força paralela as legiões que ser formavam e que eram muitas. E como nessa data tivesse defendido novamente os operários e as liberdades democráticas contra as tentativas de fascistização, que no meu parecer, começa a dar sinais de vida fui proibido de escrever nos jornais e publicar livros. Adversário do fascismo, do nazismo e do integralismo, a coisa mais natural foi a minha entrada para um

63 Ibid.

64 Ver Costa, Alexandre Andrade da. *Caleidoscópio político: as representações do cenário internacional nas páginas do jornal O Estado de S. Paulo (1938-1945)*. Assis, 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.

organismo como a Aliança Nacional Libertadora, cujo manifesto inicial era contra estas formas de cesarismos.⁶⁵

O contexto internacional também foi tema abordado por Joel Silveira em suas colaborações. O autor se alinhou a grupos contrários aos autoritarismos de direita e publicou textos contra esses regimes. Mesmo antes do início da guerra, Joel se preocupou com o avanço de tal vertente política, conforme se evidenciou no manifesto sobre a Guerra Civil Espanhola. Em seus *faits divers*, ele ridicularizou a imagem de Adolf Hitler: “O fueher está atrapalhado. Como é solteiro, passa as noites em claro fazendo poses diante do espelho. Enquanto aqui fora, os homens vão tendo consciência [...] da inutilidade da existência do fueher”.⁶⁶ Na ocasião da anexação da Áustria pela Alemanha, assim descreveu a situação:

A gente leu toda a história pelos jornais. O sr. Hitler não é poeta. Acredita demais nos homens e não acredita em nada no espírito dos homens. Lambeu a Áustria, sem ter motivos suficientes. Os jornais trouxeram fotografias da gente austríaca fremindo de entusiasmo à passagem do fueher. Mas os jornais não retrataram as baionetas que estavam por detrás alumando o esplendoroso sol daquela manhã belíssima. [...]⁶⁷

Iniciada a guerra, o governo brasileiro optou pela neutralidade, visto que Vargas não apoiou nenhuma das partes beligerantes. Houve momentos em que o presidente flertou com o nazifascismo, mas, em outros, aproximou-se de regimes democráticos. A tese clássica para o “duplo jogo” de Vargas é a de que o presidente se aproveitou da situação para angariar benefícios econômicos para

65 Silveira, Joel. Jamais me envergonharei de ser povo e advogado do povo. *Diretrizes*, Rio de Janeiro, n.165, p.12, 26 ago. 1943.

66 Silveira, Joel. Aconteceu nesta semana... *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n.67, p.8, 10 set. 1938.

67 Ibid.

seu governo.⁶⁸ Durante a vigência da pretensa “neutralidade” brasileira, os responsáveis pelos órgãos de censura proibiram os editores de jornais e revistas de tomarem partido em relação aos países em conflito.⁶⁹ Eles também as proibiram de mencionar a posição neutra do país em relação ao evento:

Não devem os jornais manter manchetes, títulos exagerados, visando o sensacionalismo em detrimento de quaisquer dos beligerantes; muito menos devem os jornais fazer apreciação e comentários a propósito da atitude do Brasil em face da guerra e da sua já determinada posição de neutralidade.⁷⁰

Joel Silveira encontrou meios para abordar a temática da guerra e a neutralidade brasileira sem despertar a atenção dos censores. Esse foi o caso da reportagem “24 horas na vida de uma datilógrafa”, sobre Maria Cândida. Seu patrão chamava-se Petin, justamente o nome do marechal francês que, meses mais tarde, lideraria o regime de Vichy, marco da invasão alemã na França. A semelhança não foi ocasional. Joel Silveira descreveu seu personagem Petin “perdidamente apaixonado” por uma de suas funcionárias, Lúcia, suíça (de origem alemã), loira e de olhos azuis. “Mas acontecia, precisamente, que o Sr. Petin de fato estava apaixonado [...]. O Sr.

68 Ver Gambini, Roberto. *O duplo jogo de Getúlio Vargas: influência americana e alemã no Estado Novo*. São Paulo: Símbolo, 1977.

69 Em abril de 1940, o diretor do Departamento de Informações do DIP, Jarbas de Carvalho, determinou que: “É de maior interesse nacional que o Brasil mantenha sua posição de neutralidade em face da guerra que se desenvolve na Europa e não lhe seria possível dar essa impressão aos beligerantes, como aos neutros, se a imprensa brasileira continuasse a exceder-se em seus comentários a tal propósito. Sem dúvida que os jornais estão no seu dever de informar, trazendo seus leitores ao par (*sic*) dos acontecimentos. Mas, estando nosso país equidistante entre os grupos em luta, não nos seria lícito consentir que os órgãos da imprensa – que representam a opinião – tomassem atitude agressiva em relação a uma das partes, o que no exterior poderia parecer uma atitude do Brasil”. Apud Souza, Op. cit., p.271.

70 Apud Ibid.

Petin só sorria para Lúcia. O Sr. Petin só dava explicações à Lúcia. O Sr. Petin estava totalmente afogado nos olhos azuis [...]”.⁷¹

No texto, a datilógrafa Maria Cândida via-se no meio de um conflito em seu local de trabalho. Tinha medo que seu patrão, Petin, a demitisse, por conta de sua predileção pela suíça Lúcia, ao mesmo tempo que não queria inimizades com a colega de repartição. Além disso, havia outra colega de Cândida no escritório: Norma, que era apaixonada por Petin e estava enciumada, pois o patrão preferia a suíça. Norma cobrava um posicionamento de Cândida a seu favor: “Norma fareja qualquer traição, diz mesmo embora para si, que Cândida é uma reles *espiã*”.⁷² É interessante notar o vocabulário de guerra utilizado por Silveira para descrever o conflito de Cândida. É possível afirmar que, ao descrever a posição de “neutralidade” de Cândida, o jornalista referia-se, veladamente, à posição do Brasil na guerra. No tópico intitulado “Hora das definições”, Joel assim narrou:

Maria Cândida é francamente da neutralidade. Sua posição dentro da vida é sempre uma consequência das demais partes *beligerantes*. Entre outros tópicos da sua filosofia, que não citaremos aqui, há um que diz isto: “Fique neutra e deixe o barco correr”.⁷³

Não se deve perder de vista que, como assinalado anteriormente, Joel inspirou-se no livro *Vinte e quatro horas na vida de uma mulher*, do escritor austríaco Stefan Zweig, para escrever sua reportagem. Zweig foi escritor consagrado e peregrinou pelo mundo como exilado da Europa sob a expansão nazifascista, orientação política da qual se opôs. Judeu e crítico do totalitarismo, teve seus livros proibidos e queimados em praça pública. Em 1941, o escritor veio para o Brasil, onde colaborou em periódicos, entre os quais os

71 Silveira, Joel. 24 horas na vida de uma datilógrafa. *Diretrizes*, Rio de Janeiro, n.24, p.12. Suplemento Literário, abr. 1940.

72 *Ibid*, p.11 [grifo nosso].

73 *Ibid.*, p.12 [grifo nosso].

que Joel Silveira trabalhou. Amargurado com o avanço de Hitler na Europa, Zweig suicidou-se com sua segunda esposa no Brasil. Portanto, Silveira fez referência à obra de um crítico do nazifascismo em sua reportagem.

Por outro lado, não foram apenas as determinações dos órgãos repressores que fizeram que Joel Silveira evitasse abordar a guerra e tomar partido em relação aos países em conflito. Vale lembrar a existência do pacto germano-soviético, assinado pelos dirigentes da Alemanha e da União Soviética semanas antes do início da guerra. Como assinalado no Capítulo 1, com o tratado, os admiradores do socialismo em todo mundo deveriam poupar o regime alemão, antes alvo de suas críticas. Joel Silveira não mencionou a Alemanha em suas colaborações para *Dom Casmurro* e *Diretrizes* durante a vigência do tratado (setembro de 1939 a julho de 1941).

Além disso, como também já assinalado no Capítulo 1, Silveira foi colaborador do jornal pró-Alemanha *Meio-Dia*, de Joaquim Inojosa, entre 1939 e 1940, caminho seguido por muitos escritores que admiravam o socialismo, de acordo com seu livro de memórias *Hitler/Stálin: o pacto maldito*, no qual relembrou com muito incômodo os pormenores do acordo.⁷⁴ Joel evitou mencionar a Alemanha em suas colaborações e trabalhou no *Meio-Dia* para seguir as orientações dos socialistas, mas lamentou a queda da França sob o domínio nazista: “Sim, sei que o remédio existe, eu devo torcer pelo outro lado. Mas, não sei, me parece que há comigo quaisquer restantes gramas de escrúpulos. Eu nunca torceria contra a França, nem por brincadeira”.⁷⁵ Em julho de 1941, os alemães invadiram a União Soviética, provocando o fim do tratado, e Joel voltou a mencionar o país germânico em seus textos.

A neutralidade brasileira também findou quando os japoneses atacaram a base norte-americana de Pearl Harbor, em dezembro de

74 Silveira, Joel; Moraes Neto, Geneton. *Hitler/Stálin: o pacto maldito*. Rio de Janeiro: Record, 1989.

75 Silveira, Joel. Podia ser pior... *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n.152, p.2, 8 jun. 1940.

1941, e os Estados Unidos entraram no conflito. O governo brasileiro apoiou o país norte-americano e, em meados de 1942, declarou guerra à Alemanha, por conta dos navios brasileiros afundados por submarinos alemães. Dessa forma, as críticas aos países do Eixo não eram mais proibidas. A partir desse momento, as reportagens de Joel Silveira escancararam sua posição contrária ao nazifascismo, conforme manchete de alguns textos: “Não quero ser parafuso da máquina nazista” (1942), “Um altar para Hitler em cada casa de Blumenau” (1943), “Eu vi nascer o NAZISMO!” (1943).

Joel Silveira realizou reportagens sobre indivíduos que eram contra o nazifascismo. O jornalista inquiriu seus entrevistados a esse respeito. Todos os interlocutores abordaram os aspectos negativos de tal regime. Na matéria que fez sobre o compositor de origem germânica Walter Schultz, destacou que “ele [Walter Schultz] é intransigentemente contra o nazismo. Acredita, e com muita sabedoria, que nenhum artista pode viver independente na Alemanha. O nazismo não é clima amigo para as artes”.⁷⁶ Na reportagem sobre o escritor Érico Veríssimo, Joel narrou:

Leio reportagens e artigos antinazistas na mesma revista [*Revista Globo*]. O ataque covarde a Pearl Harbour está aqui descrito em cores vivas e apaixonadas. As legendas que explicam os clichês são corajosas. Todo um combate sistemático é descoberto contra o nazismo de Hitler, o fascismo de Mussolini e o militarismo nipônico, enche as páginas desta revista do sul do país, pouco conhecida aqui no Rio e deficientemente divulgada pelo país.⁷⁷

Numa oportunidade, Joel Silveira realizou reportagem sobre Ernesto Feder, que estava na Alemanha na data do surgimento do Partido Nacional Socialista. Silveira destacou que o nazismo completava dez anos e Feder contaria a história da data que chamou

76 Silveira, Joel. Sou um romântico: nasci assim. *Diretrizes*, Rio de Janeiro, n.109, p.9, 30 jul. 1942.

77 Silveira, Joel. Érico Veríssimo não é funcionário público. *Diretrizes*, Rio de Janeiro, n.84, p.2, 29 jan. 1942.

de “maldita”: “No dia 30, o regime nazista completa o seu décimo aniversário. Ninguém melhor que Ernesto Feder, que viu nasceu não somente o Terceiro Reich, mas também o próprio nazismo, pode nos falar sobre a data maldita [...]”.⁷⁸ É possível afirmar que, ao criticar o nazifascismo, os editores de *Diretrizes* visaram a estocar a situação interna, eximindo-se de abordar a questão de maneira direta. Na reportagem sobre Olegário Mariano, que perdeu o mandato de deputado após a decretação do Estado Novo, afirmou-se que a democracia seria o melhor regime para o Brasil no pós-guerra, nos planos que os intelectuais fizeram para o país no cenário do futuro:

Discutir política não é o forte de Olegário Mariano. Mas nós o provocamos e ele não deixa de dar os seus palpites. É de opinião, por exemplo, que o Brasil está atravessando um período de transição. Para ele, nosso verdadeiro caminho é o da velha democracia, a democracia de José Mariano e do deputado Olegário Mariano, com suas virtudes e seus defeitos. Democracia nos velhos moldes, como a poesia. Mas tal ressurreição seria possível no mundo de amanhã? Olegário não sabe. Talvez que surja uma nova democracia, mais humana, mais objetiva, com mais virtudes do que vícios. Olegário não sabe, não gosta de fazer profecias. Mas ficaria contente se amanhã voltasse a imperar a mesma velha democracia que lhe deu uma cadeira de deputado, a democracia que tirou um poeta do seu canto para por numa tribuna discutindo política.

[...]

E num suspiro:

– Não sei como será a nova democracia depois da guerra. Só sei que experimentei a velha e gostei. Contento-me com ela, já disse.⁷⁹

Por outro lado, as críticas ao nazifascismo figuraram no sentido de apoiar determinadas atitudes dos governantes. Vale lembrar que,

78 Silveira, Joel. Eu vi nascer o NAZISMO! *Diretrizes*, Rio de Janeiro, n.135, p.3, 28 jan. 1943.

79 Silveira, Joel. Minha lira só tem uma corda. *Diretrizes*, Rio de Janeiro, n.148, p.22, 29 abr. 1943.

nesse caso, o nazifascismo era inimigo comum do governo brasileiro e dos editores de *Diretrizes*. A política nacionalista de Vargasperseguiu a atividade de estrangeiros, em especial de alemães e italianos, que difundiram a cultura desses países e os ideais do nazismo e do fascismo, sobretudo, no Sul do Brasil. Esses indivíduos foram designados como “quinta-colunas”. As reportagens de Joel que denunciaram atividades de quinta-colunistas elogiaram a atitude dos governantes em reprimi-las. Num dos textos, Silveira reproduziu o diálogo entre o general Meira de Vasconcelos e os diretores de escolas alemãs em Santa Catarina, decretando o fim dessas instituições:

– O governo alemão permitiria uma escola essencialmente brasileira em Berlim ou em qualquer outra cidade alemã? Uma escola onde a única língua adotada fosse a brasileira, onde os hinos, as bandeiras e os livros adotados fossem brasileiros?

Os professores vacilaram. O general Meira teimou:

– Quero que respondam. O Reich permitiria?

– Pois de agora em diante, o governo brasileiro também não permitirá. Os senhores têm 48 horas para fechar esta escola.⁸⁰

Em outra oportunidade, Joel elogiou a ação do Estado Novo no sentido de combater a disseminação de escolas alemãs na cidade de São Leopoldo: “A instituição do Estado Novo estabeleceu a oportunidade única para se resolver este último problema, quase secular no Rio Grande do Sul, e de notável interesse para o país”.⁸¹ Ao mesmo tempo que se posicionou contra o nazifascismo, Silveira demonstrou simpatia à democracia dos Estados Unidos: “Roosevelt é um grande poeta e sonhador, salvemos a democracia, nós que somos desta terra gigante pela própria natureza!”⁸²

80 Silveira, Joel. Um altar para Hitler em cada casa de Blumenau. *Diretrizes*, Rio de Janeiro, n.154, p.13, 10 jun. 1943.

81 Silveira, Joel. São Leopoldo e Teodomiro Porto Fonseca. *Diretrizes*, Rio de Janeiro, n.32, p.41, dez. 1940.

82 Silveira, Joel. Aconteceu nesta semana... *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n.67, p.8, 10 set. 1938.

Entretanto, em suas colaborações, o autor não deu tanto destaque à democracia norte-americana quanto deu ao governo da Rússia, flertando com o socialismo. Numa oportunidade, realizou reportagem sobre a criação do Banco de Sangue do Rio de Janeiro, conclamando a população a contribuir com o instituto, visto que, em uma época de guerra, tal colaboração era necessária. O autor afirmou que o Instituto de Transfusão de Sangue de Moscou era o mais importante entre todos, demonstrando admiração pela instituição russa. De acordo com o jornalista, o Instituto de Moscou seria o pioneiro na extração de sangue de cadáveres e conservação fora do corpo humano:

Mas de todos os Institutos de Transfusão de Sangue, o mais importante é o de Moscou. Judina, Chamov, Skoudina, Babendoin são sábios do Instituto de Transfusão de Sangue de Moscou, sábios que têm descoberto maravilhas na matéria. Uma delas é a extração de sangue de cadáveres para ser injetado em pessoas vivas. Foi em Moscou que se descobriu também a maneira de conservar sangue fora do corpo humano.⁸³

Em outras reportagens de *Diretrizes*, Silveira publicou declarações de seus entrevistados favoráveis ao socialismo e à União Soviética. Na homenagem a Monteiro Lobato, o autor de *Urupês* afirmou ter lido o livro *O poder soviético*, escrito por Deão de Canterbury. Lobato também demonstrou entusiasmo em relação à União Soviética. De acordo com a opinião do autor, o governo russo seria o mais identificado com o *povo*:

– Um belo dia, caiu-me às mãos *O poder soviético*. Li esse livro comovidamente. Não só porque concordava com o que intimamente eu queria que a Rússia fosse, como porque a lealdade e a sinceridade daquele homem eram coisas insuspeitas. De modo

83 Silveira, Joel. O Brasil vale o teu sangue. *Diretrizes*, Rio de Janeiro, n.136, p.12, 4 fev. 1943.

que, daí por diante, em matéria de Rússia, eu passei a jurar pelo livro do Deão como os puritanos fazem pela Bíblia. Já sei o que é a Rússia e nada mais abalará minhas convicções e o meu entusiasmo. Entusiasmo que se viu confirmado pela maneira mais categórica pela maravilhosa atuação da Rússia na guerra. Foi o único país onde não houve divergência, onde não houve cisão, onde o povo se colocou da maneira mais integral ao lado do governo. E isso prova que o governo da Rússia é o mais identificado com o povo que nós temos hoje.⁸⁴

É interessante notar que o termo empregado para designar o país socialista foi “Rússia”, e não “União Soviética”. Os editores de *Diretrizes* tomaram o cuidado de respeitar as determinações dos responsáveis pelo DIP, que proibiram o uso da expressão “União Soviética”. Qualquer notícia sobre o país socialista deveria apresentar o termo “Rússia”.⁸⁵ Os dirigentes dos órgãos repressores proibiram posicionamentos favoráveis ao país soviético, com o qual o governo brasileiro havia rompido relações por conta do temor de que uma onda socialista se espalhasse pelo mundo. Em 1941, os responsáveis pelo DIP determinaram: “Fuzilem a Rússia, impiedosamente...”⁸⁶

As determinações do DIP não impediram que Joel e os editores de *Diretrizes* persistissem com as declarações favoráveis ao país socialista. Em outra oportunidade, Silveira realizou reportagem sobre o embaixador do Chile no Brasil, Gabriel González Videla. O entrevistado era membro do Partido Radical chileno, que, juntamente com os socialistas, apoiava o governo da Frente Popular no Chile. Silveira questionou Videla diversas vezes sobre a experiência democrática no país vizinho. O embaixador elogiou a posição do Brasil na guerra contra o nazifascismo. Justamente no final da en-

84 Silveira, Joel. Um governo deve sair do povo como a fumaça de uma fogueira. *Diretrizes*, Rio de Janeiro, n.167, p.22, set. 1943.

85 Ver Souza, op. cit.

86 Apud Ibid., p.290.

trevista, Silveira inquiriu Videla sobre os rumos do mundo após o fim do conflito. O embaixador afirmou que a política mundial necessitava de novas diretrizes, que seriam renovadas pelo socialismo:

Em primeiro lugar, no mundo de após guerra, terá que ser imposta uma moral relacionada à primazia do direito sobre a força bruta. Isto quer dizer que as democracias terão de estabelecer o princípio de que nenhum país no futuro poderá se valer da força para resolver seus próprios problemas [...]. É também necessário que cessem no mundo os imperialismos políticos e econômicos, que desapareçam os opressores e os oprimidos, que sejam acabadas as lutas aduaneiras, que os nacionalismos exagerados se temperem, que sejam postas abaixo as autarquias, e que a Grande Democracia universal se fundamente numa melhor distribuição da riqueza e da produção, afim de que reine a justiça social que há de outorgar às massas proletárias do mundo um melhor bem-estar econômico, intelectual e social [...]. A democracia do futuro será mais humana e de melhor moral, o que lhe permitirá um caráter de juventude e de renovação. Em outras palavras, a democracia que serviu ao capitalismo, para a criação da luta de classes e da exploração do homem, terá que modificar suas diretrizes. Tais diretrizes serão renovadas pelo socialismo.⁸⁷

Nesse sentido, a reportagem sobre Olegário Mariano também apresentou elogios à Rússia. Logo após a afirmação de que a democracia seria o melhor regime para o Brasil no pós-guerra, Mariano demonstrou entusiasmo a respeito da participação da Rússia no conflito. O ex-deputado se disse surpreso com a atuação russa e afirmou que as notícias negativas a respeito do país, frequentemente veiculadas pelos jornais, estavam erradas. Mariano acrescentou que não era o caso de temer o “perigo comunista”, visto que se tratava de “balela nazista para nos enlaçar”:

87 Silveira, Joel. O povo do Chile quer a ruptura com o eixo. *Diretrizes*, Rio de Janeiro, n.125, p.4, 19 nov. 1942.

Olegário Mariano lê, diariamente, as manchetes e os telegramas dos jornais e não esconde seu entusiasmo pelo que os russos estão fazendo:

– Que povo, seu moço! Que soldados! E como a gente estava enganado a respeito da Rússia! Se a propaganda que durante anos e anos contou horrores da Rússia, e do seu povo, estivesse falando a verdade, como seria possível uma resistência como a que nós estamos vendo? Eu sou insuspeito para dizer isso, você sabe, porque sou fundamentalmente brasileiro, brasileiro cem por cento. Minha poesia está aí para provar o que digo. Não acredito num perigo comunista para o Brasil. Esta história do comunismo ser um polvo com seus tentáculos prontos para nos enlaçar é balela nazista! Mas o golpe de Hitler não deu certo. O mundo não vai mais na sua onda.⁸⁸

Tais declarações não foram proferidas por Joel Silveira, mas é necessário lembrar que, em uma entrevista, aquele que questiona também se torna autor do discurso produzido pelo entrevistado, pois conduz o diálogo de acordo com suas intenções e interesses. Além disso, o espaço aberto em *Diretrizes* para tais posicionamentos demonstra que Silveira e os editores da revista concordavam com esses ideais. Ademais, o jornalista mobilizou a entrevista como estratégia para eximir-se das declarações favoráveis ao socialismo, caso fosse questionado pelos censores.⁸⁹

88 Silveira, Joel. Minha lira só tem uma corda. *Diretrizes*, Rio de Janeiro, n.148, p.12, 29 abr. 1943.

89 É claro que a censura do Estado Novo inibiu a expressão de um posicionamento abertamente favorável ao socialismo. Porém, a documentação encontrada nos arquivos das polícias políticas demonstrou que, após o período, Joel Silveira foi fichado pelos órgãos repressores, por diversas vezes, e as informações a respeito do jornalista apontaram atividades em prol do socialismo. Em 1971, a Divisão de Informações do Departamento de Ordem Pública e Social (Dops) reuniu os seguintes dados sobre Silveira: “Em 29/7/1961, fez parte da Comissão Julgadora do Concurso “Escreva a Fidel”, promovido pela 1ª Comissão Brasileira de Solidariedade ao Povo Cubano. Em 10/10/1962, assinou a convocatória para a realização do Congresso Continental de Solida-

É interessante notar como as opções políticas de Joel foram lembradas em seus livros de memória. Em *Hitler/Stálin*, publicado em 1989, sobre sua participação no *Meio-Dia*, o autor reconheceu-se como comunista no período abordado pela obra. Entretanto, em *Na fogueira*, lançado em 1998, quando as experiências reais do socialismo já haviam caído em descrédito, o jornalista lembrou um Joel Silveira distante do socialismo. De acordo com o livro, o irmão de Joel, José Silveira, militante da esquerda, enviava ao jornalista material de propaganda socialista, do qual o autor ansiava por se desvencilhar o mais depressa possível:

Mas o fato é que eu tinha de me desvencilhar, e o mais depressa possível, daquelas bombas de retardamento que, se explodidas, poderiam levar pelos ares o meu torreão [...]. Comecei a imaginar qual a maneira melhor e menos arriscada de me livrar do abacaxi que “Oliveira” [José Silveira] me havia remetido de São Paulo. Gastar dinheiro com envelopes e selos e ficar pulando de agência em agência dos Correios estava fora de cogitação. Também distribuir a papelada pessoalmente, a quem eu achasse ser pessoa confiável, nem pensar. [...] Pensei, pensei, que a cabeça é feita para isso, encontrei a solução [...]. Cada manhã, na ida para o *Dom Casmurro*, trataria de “esquecer” o pacote em local a ser adredemente escolhido.⁹⁰

Conforme se observou, Joel Silveira expôs críticas ao governo de Vargas e deu destaque às defesas do regime soviético em suas colaborações para *Dom Casmurro* e *Diretrizes*. Contudo, apesar

riedade a Cuba, a realizar-se no Brasil nos dias 28 e 29 de março de 1963. [...] Seu nome figura numa relação de comunistas e comunizantes que trabalham no Brasil visando implantar o comunismo no Brasil e no Paraguai. [...] Em 3/6/1968 foi substituído, como colunista do *Última Hora* pelo militante comunista Moacyr Werneck de Castro, em decorrência do acordo feito entre o jornal e a direção do PCB”. Notação da Divisão de Informações do Departamento de Ordem Pública e Social (Dops), de 1ª fev. 1971, encontrada no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (Aperj).

90 Silveira, op. cit., 1998 (a), p.242.

da rígida censura, o jornalista não teve suas atividades interrompidas e persistiu com seu ofício durante todo o Estado Novo. Em 1942, os responsáveis pelo DIP publicaram o *Anuário da imprensa brasileira*, obra na qual apresentaram um balanço de todas as atividades impressas do país relativas ao ano anterior. No *Anuário*, apresentaram-se as listas de todos os jornalistas que conseguiram registro junto ao órgão para continuar em suas atividades. O nome de Joel Silveira não figurou em tais relações.⁹¹ Apesar disso, Silveira continuou em seu ofício, sem maiores problemas.

Evidentemente, ele não passou incólume. Em algumas oportunidades, publicou matérias favoráveis ao governo. Não se sabe, contudo, se foi material encomendado pelo DIP ou uma estratégia dos responsáveis pelos periódicos em que Joel trabalhou para evitar problemas com a censura. É possível afirmar que Joel Silveira tenha negociado com a situação, intercalando seus posicionamentos com a publicação de matérias favoráveis ao governo com a finalidade de não se tornar “visado” pelos órgãos repressores.

Numa reportagem, o autor elogiou as ações do governo do estado da Paraíba. É interessante notar que, no texto, Silveira não fez referências à figura de Vargas, tampouco ao Estado Novo, embora tenha estabelecido relação entre o “espírito” do movimento de 30 e as realizações na Paraíba:

Dentro do espírito do Brasil de agora, a Paraíba aparece como um marco de notáveis realizações, todas elas realizadas sob a orientação de um espírito novo – este espírito que nasceu com a revolução de 30 e que continua ainda hoje na sua linha ascendente de transformação radical de costumes e de pensamento. Este pequeno Estado do Nordeste mais do que nenhum outro compreendeu a importância desta hora em que o Brasil realiza com todas as suas forças uma metamorfose completa de sua consciência – momento que vai ficar como marco divisório entre duas épocas distintas.

91 *Anuário da imprensa brasileira*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), 1942.

Todos os seus dirigentes atuais, aptidões ciradas e acalentadas pelo novo estado de coisas dispensam o melhor de suas forças na realização de um governo que vem do povo e vai para o povo, governo que se deixa influenciar benéfica e honestamente pelas mais simples camadas populares, auscultando-as, sentindo-as, ouvindo-as e satisfazendo-as nos seus desejos mais possíveis e mais lógicos.⁹²

Em outra oportunidade, o jornalista realizou reportagem sobre o aumento de preços em decorrência da guerra, afirmando que as donas de casa tinham no governo um aliado, pois se criaram comissões para avaliar possíveis especulações nos preços de produtos alimentícios.⁹³

Ao elogiar a criação de um concurso literário promovido pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Silveira advertiu que o interventor federal sempre apoiou as realizações culturais de seu estado: “Esta ideia do prefeito [...] já foi discutida e aprovada pelo Interventor Federal, que sempre amparou as iniciativas culturais da prefeitura de Porto Alegre”.⁹⁴ Porém, o jornalista sugeriu que os demais estados imitassem a iniciativa gaúcha, pois o país muito necessitava de cultura. A declaração demonstrou que os elogios de Silveira restringiam-se ao governo local:

Sugerimos apenas que os demais estados imitassem a iniciativa do prefeito de Porto Alegre, separando das suas verbas orçamentárias, qualquer quantia que pudesse premiar e estimular o trabalho de seus homens de letras. Acreditamos que isso representa um passo a mais na civilização e na propagação da cultura num país que muito necessita dela.⁹⁵

92 Silveira, Joel. Presença da Paraíba. *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n.126, p.7, 25 nov. 1939.

93 Silveira, Joel. Dona Maria vence a batalha do lar. *Diretrizes*, Rio de Janeiro, n.137, p.13, 11 fev. 1943.

94 Silveira, Joel. O que foi o concurso literário Cidade de Porto Alegre. *Diretrizes*, Rio de Janeiro, n.32, p.35, dez. 1940.

95 *Ibid.*, p.38.

Apesar de tudo, as relações de Joel Silveira e do grupo de *Diretrizes* com a política de seu tempo foram complexas. Em outubro de 1943, os editores noticiaram que a revista fora registrada como “Empresa Editora Diretrizes Ltda.” sob a batuta de uma sociedade anônima, da qual fazia parte o político gaúcho João Neves da Fontoura, representado pelo jornalista Joel Silveira.⁹⁶ Na época, João Neves era membro do governo Vargas, sendo embaixador do Brasil em Portugal, cargo que ocupou de maio de 1943 a fevereiro de 1945.⁹⁷

Não se sabe, contudo, se a presença de um membro do governo Vargas na sociedade de *Diretrizes* consistiu em intervenção por parte da censura. O fato não constou das memórias de Silveira nem

96 “Acaba de ser definitivamente constituída a Editora Diretrizes S.A., cujos estatutos já publicamos há tempos. Após a realização das respectivas assembleias de constituição e aprovação do laudo dos peritos, deu entrada no Tabelião Aladino Neves, à rua do Rosário, 151, a escritura definitiva da constituição da Editora Diretrizes S.A. Imediatamente a seguir, de acordo com os tramites legais, foram tomadas as ulteriores providências para o seu registro no Departamento Nacional de Indústria e Comércio.

“A nova sociedade, que se constitui com um capital realizado de Cr\$ 500.00,00 (quinhentos mil cruzeiros) terá como Diretor-Presidente, acumulando provisoriamente o cargo de Diretor-Técnico, o sr. Samuel Wainer. Para membros do Conselho Fiscal foram eleitos os srs. Armando d’Almeida, Nino Gallo e Luiz Aranha. E para suplentes, os srs. Clarimundo Nepomuceno Rosas, Danton Jobim e Alceu Marinho Rego. As atas foram assinadas pelos demais acionistas componentes da sociedade anônima, como sejam os srs. José de Queiroz Lima, Virgílio de Melo Franco, João Neves da Fontoura, representado pelo sr. Joel Silveira, Augusto Frederico Schmidt, Octávio Malta, Evandro Lins e Silva, Miguel Lins, Gentil Noronha, José Jobim, representado pelo sr. Danton Jobim, e Valerio Regis Konder.” Constituição Definitiva da Editora Diretrizes S.A. *Diretrizes*, Rio de Janeiro, n.171, p.4, 7 out. 1943.

97 João Neves da Fontoura nasceu em Cachoeira do Sul (RS) em 1889, participou ativamente da política gaúcha e apoiou Vargas no movimento de 1930. Durante o Estado Novo, foi embaixador do Brasil em Portugal. Antes disso, foi membro consultivo da Coordenação de Mobilização Econômica, criada em decorrência da guerra, e assessor jurídico do Banco do Brasil. Ver Moreira, Regina da Luz. João Neves da Fontoura. In: Abreu, (Org.), Op. cit. Disponível em: <<http://www.fgv.br/CPDOC/BUSCA/Busca/BuscaConsultar.aspx>>. Acesso em: 5 jul. 2011.

foi mencionado nas memórias de Samuel Wainer. Após o anúncio, os editores publicaram um novo aviso, segundo o qual *Diretrizes* passava por uma modificação administrativa e todas as credenciais de agentes, redatores, cobradores e representantes estavam revogadas. De acordo com a nota, a direção da revista distribuiria novas credenciais. O teor do anúncio apontou uma possível intervenção na administração do periódico:

Em vista da modificação administrativa porque está passando a ‘Empresa Editora Diretrizes Ltda.’, cujo registro como sociedade anônima está prosseguindo através os trâmites legais, ficam revogadas todas as credenciais de agentes de anúncios e assinaturas, redatores efetivos e redatores especiais, cobradores e representantes de *Diretrizes* na Capital Federal. Nova credencial está sendo distribuída entre esses funcionários diretos e indiretos de nossa empresa, credencial essa que só terá valia se for datada após o dia 15 de outubro e levar a assinatura do diretor desta revista. As credenciais para nossos agentes fora da Capital Federal continuarão valendo até o próximo aviso a ser publicado em *Diretrizes*, ocasião em que já teremos substituído todos esses documentos.⁹⁸

Por outro lado, como explicar que Joel e os editores de *Diretrizes* persistissem na resistência à ditadura, publicando suas críticas, mesmo após uma possível intervenção? Vale ensaiar uma resposta a partir da figura de João Neves da Fontoura. De fato, o político foi

98 Aviso aos nossos assinantes, anunciantes, leitores e amigos. *Diretrizes*, Rio de Janeiro, n.172, p.6, 14 out. 1943. Sobre as reformas, os editores afirmaram: “A reforma de ‘diretrizes’ – O crescente número de cartas e telegramas que temos recebido felicitando-nos pela volta ao formato antigo de *Diretrizes*, pelo uso de duas cores nas páginas de frontispício e pela publicação conjunta de todos os nossos suplementos, tem sido a melhor garantia de que mais uma vez estamos correspondendo aos anseios de nosso público. *Diretrizes* ficará imensamente grata pelas sugestões e críticas que os seus leitores lhe enviarem, pois é a opinião de nosso público aquela que para nós mais vale”.

membro do governo Vargas, o que não significa que compartilhou dos pressupostos do Estado Novo. João Neves ocupou diversos cargos da política do Rio Grande do Sul, participando ativamente da vida pública de seu estado desde 1907, quando, ainda jovem, passou a apoiar o Partido Republicano do Rio Grande do Sul. Fontoura foi um importante aliado de Getúlio e de Borges de Medeiros e acompanhou Vargas no golpe de 1930, apoiando o movimento.

Porém, após o início do governo provisório, o político passou para a oposição. João Neves apoiou os paulistas no levante de 1932. Anistiado por Vargas, elegeu-se deputado em 1934, tornando-se um dos articuladores de uma oposição parlamentar ao governo federal. A documentação encontrada no arquivo das polícias políticas demonstrou que, nessa época, João Neves foi fichado e espionado pelos órgãos repressores. A polícia desconfiava que ele participava da organização de um golpe contra Vargas. Na documentação, consta um dossiê bastante volumoso sobre João Neves, incluindo centenas de recortes de jornais e revistas com matérias, notícias e entrevistas por ele concedidas. João Neves declarou para *O Jornal*, em fevereiro de 1936, que o Brasil necessitava de uma nova administração e que o movimento oposicionista indicaria um candidato contra Vargas:

O país precisa agora de novas diretrizes de administração, de uma severa política de economia e restauração do seu organismo combalido pelas lutas recentes. Fiquem desde já certos de que o Rio Grande do Sul oposicionista não acaricia intenções regionalistas nem deseja estimular o surto de personalismos funestos. Isso não quer dizer que perca de vista, na hora exata, o seu dever de bater-se por um nome que mereça as preferências da Nação e encarne as virtudes e capacidades indispensáveis a dirigir os destinos do Brasil assegurando através de um programa orgânico, uma era de confiança pública e de renovação política. Para nós, o ponto fundamental, e desde já ressaltamos, é a necessidade que o candidato saia das urnas e não de um conluio de governadores ou de preferências do Catete. Sustentamos, intransigentemente, como há sete anos, o

princípio da não intervenção do presidente da República na escolha do seu sucessor. O sr. Getúlio Vargas não haverá de esquecer esse, sobre todos, sagrado dever de alhear-se ao choque das candidaturas.⁹⁹

Após o golpe de 1937 e o fim dos partidos políticos, João Neves foi compelido a abandonar sua atividade parlamentar e articulações contra Vargas. A partir de então, ocupou cargos no governo, entre eles o de assessor jurídico do Banco do Brasil e, como já vimos, o de embaixador de Portugal. Assim como outros políticos e intelectuais do período, sua participação no governo não definiu um posicionamento pró-Estado Novo. De qualquer modo, a intervenção de João Neves em *Diretrizes* demonstra que os editores da revista se valeram do nome de um membro do governo com a finalidade de garantir sua existência. Essa estratégia foi comum na trajetória da revista, pois Samuel Wainer buscou colaboração de outros representantes do Estado Novo.

Se João Neves continuava a se articular como contrário a Vargas, mesmo atuando em cargos do governo, teve em *Diretrizes* uma possibilidade de se unir a grupos de oposição dentro de limites bastante estreitos. Não se deve perder de vista que, nessa fase, diversos grupos políticos e intelectuais se organizavam contra a ditadura de Vargas, como, por exemplo, aqueles que assinaram o já citado “Manifesto dos mineiros”, publicado justamente em outubro de 1943, quando o nome de João Neves foi mencionado como sócio de *Diretrizes*.

A partir da análise da trajetória política de João Neves da Fountoura, percebe-se que Getúlio Vargas tinha interesse em mantê-lo em cargos do governo por se tratar de um influente político. Por outro lado, a exemplo de muitos intelectuais e políticos do período, João Neves tinha no Estado seu principal meio de subsistência, o que não consistiu em alinhamento com a política governamental.

99 Recorte de *O Jornal*, 6 fev. 1936, registrado como folha n.77, na notação 464, do arquivo da Delegacia Especial de Segurança Política e Social (Desps) do Acervo do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (Aperj).

Seja como for, não há informações para explicar sua relação com Joel Silveira. O que se sabe é que, no ano anterior, em maio de 1942, Silveira realizou uma reportagem sobre João Neves da Fontoura, na qual discorreu sobre a longa trajetória política do entrevistado desde sua juventude no Rio Grande do Sul, quando era aliado de Vargas e Borges de Medeiros, até os anos 1930, destacando posicionamentos que interessavam o jornalista e o grupo de *Diretrizes*, como a atuação de Fontoura contra os integralistas. Joel Silveira assim descreveu Fontoura: “Na política e em toda sua vida, João Neves sempre adotou uma posição essencialmente democrática. Ele é um liberal na melhor acepção do termo”.¹⁰⁰ Em determinado trecho do texto, Silveira lembrou que o político gaúcho sempre foi substituto do então presidente Getúlio Vargas e o entrevistado elencou alguns momentos em que isso aconteceu, interrompendo a relação com um curioso “mas, parei aí...”, deixando nas entrelinhas que o natural seria substituí-lo também na presidência da República:

Durante muito tempo, João Neves foi o substituto do atual presidente Getúlio Vargas. Antes de se formar, pela Faculdade de Direito de Porto Alegre, substituíra Getúlio Vargas na promotoria da capital gaúcha. Mais tarde, como vice-presidente do Estado, era o substituto legal de Getúlio Vargas no governo do Rio Grande. E ainda mais tarde, foi substituto do presidente Vargas na liderança do partido governamental.

Hoje, João Neves diz, com bom humor:

– Fui substituto do Getúlio na promotoria, na vice-presidência e na liderança. Mas, parei aí...¹⁰¹

100 Silveira, Joel. O integralismo vive atualmente uma existência de conspiração subterrânea. *Diretrizes*, Rio de Janeiro, n.101, p.4, 28 mai. 1942.

101 Ibid. A reportagem foi republicada em coletâneas de reportagens de Joel Silveira, como *Os homens não falam demais...* (em coautoria com Francisco de Assis Barbosa). Rio de Janeiro: Alba, 1942. p.153-69; *A feijoada que derrubou o governo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.23-32. Neste último livro, o texto apareceu com o título “João Neves da Fontoura, 1943: ‘então fico com a Presidência...’” e a informação de que teria sido publicado em 1943, quando a data correta é maio de 1942.

A presença de João Neves na sociedade da revista não impediu que *Diretrizes* fosse fechada em meados de 1944, por ordem do DIP. De acordo com as memórias de Joel Silveira, após o fechamento da revista, ele teria se escondido em Sergipe, sua terra natal, temendo ações mais severas por parte dos órgãos repressores. “Nada mais havia a fazer a não ser me esconder.”¹⁰² Porém, o jornalista continuou normalmente em suas atividades. Com o fim de *Diretrizes*, ele conseguiu emprego nos Diários Associados e foi enviado por Assis Chateaubriand para acompanhar a atuação da FEB na Itália, como correspondente de guerra.

Em sua trajetória, Joel Silveira foi ainda opositor de outro regime, a ditadura militar no Brasil (1964-1985). O jornalista externou seus posicionamentos contrários ao regime de Vargas em suas colaborações para *Dom Casmurro* e *Diretrizes*, sobretudo nessa última publicação, que deu maior destaque para a discussão das questões políticas da época e dos problemas brasileiros, sobre os quais os intelectuais se viram na incumbência de se posicionar. *Diretrizes* foi fechada pelos órgãos repressores, mas cabe destacar que a revista circulou durante grande parte do Estado Novo, como núcleo de resistência à ditadura, assim permanecendo por um período relativamente longo, tendo em vista a rápida ação da censura em silenciar os opositores. Os governantes não conseguiram efetivar seu desejo de cercear a expressão de todos os opositores, possibilitando algumas atuações, como essa de Joel Silveira na imprensa carioca.

102 Silveira, Joel. *Memórias de alegria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001. p.83.

CONCLUSÃO

A análise das colaborações de Joel Silveira para *Dom Casmurro* e *Diretrizes* permitiu retrazar os caminhos que levaram o autor ao jornalismo e a transmutar-se no repórter de destaque que as gerações seguintes conheceriam. Antes de receber a incumbência de acompanhar a Força Expedicionária Brasileira (FEB) à Itália nos anos finais da Segunda Guerra Mundial, Joel teve oportunidade de participar do debate cultural do período. Ao deixar Sergipe, sua terra natal, para viver no Rio de Janeiro, o autor buscou publicações das mais importantes para acalentar seu sonho de se tornar um escritor famoso, e foi com a reportagem que obteve reconhecimento.

Os caminhos metodológicos pelos quais se estudou as colaborações de Silveira levaram à análise das obras memorialísticas dos jornalistas do período. Tais reflexões auxiliaram na caracterização do veículo-suporte, tendo em vista que as lembranças desses indivíduos apresentaram importantes informações sobre os periódicos estudados, as quais não se encontravam nas páginas da fonte impressa. Além disso, essas análises demonstraram que, no caso de Joel Silveira, houve particular ênfase na produção dos discursos de memória como recurso para intervir no debate sobre um passado em comum com antigos companheiros e desafetos. Em suas memórias, Joel Silveira dialogou com as lembranças de seus pares,

publicadas em uma época em que houve profusão de tais registros. Portanto, era preciso legar uma imagem de si, a partir da qual se destacasse dos demais, lembrando algumas práticas e esquecendo outras, voluntaria ou involuntariamente.

O início de carreira não foi fácil para o jovem desconhecido recém-instalado no Rio. A análise dos lugares ocupados por suas colaborações nas páginas de *Dom Casmurro* nessa época demonstra que os pequenos artigos, crônicas e notas não possuíam local e temática fixos. O autor ensaiava diversas possibilidades até que conquistou a confiança daqueles que o acolheram e tornou-se redator de *Dom Casmurro*, passando a ser, e em seguida, responsável por sua primeira seção, “Aconteceu nesta semana...”. Tratava-se de uma coluna de *faits divers*, idealizada por outro jornalista que havia deixado a redação do jornal. Joel estreou substituindo o autor de uma seção cuja função era apresentar aos cultos leitores da publicação o universo das tragédias urbanas, de acordo com o formato sensacionalista do *fait divers*.

Aos poucos, Joel afastou-se dessa temática para avançar em seu projeto de se tornar literato. O autor teve oportunidade de idealizar, ele próprio, a seção “Podia ser pior...”. A nova coluna tinha como temas principais a crítica literária e o debate com a intelectualidade da época. Ao mesmo tempo, Joel publicou suas primeiras obras, as coletâneas de contos *Onda raiosa* e *Roteiro de Margarida*. Seus livros de estreia receberam críticas de escritores como Mário de Andrade e Graciliano Ramos. Em sua seção, Joel procurou se defender, dando início a uma querela cujos efeitos foram decisivos para os rumos de sua carreira.

Ao mesmo tempo que atacou aqueles que ocupavam o centro do campo literário, Silveira defendeu o surgimento de uma nova geração de escritores com a qual ele se identificava. Após os embates, interrompeu a publicação dos livros de contos e abandonou a seção de crítica, o que demonstra que deixou em segundo plano seu desejo de se consagrar como literato. O autor tentou emplacar uma nova seção em *Dom Casmurro*, mas acabou deixando a redação do periódico. Além disso, os acontecimentos do terreno político,

nacionais e internacionais, chamavam os intelectuais a abandonar as questões estéticas e engajar-se no debate público e político. Na versão memorialística do autor, não houve espaço para o Joel Silveira que escreveu *faits divers* e que foi alijado do campo da literatura.

Após a experiência em *Dom Casmurro*, Silveira migrou para o expediente da revista *Diretrizes*. A publicação passava por uma fase de reestruturação: seus editores romperam com o padrão tradicional das revistas culturais e literárias, dando-lhe feições mais jornalísticas, semelhantes às revistas semanais de informação que surgiram nas décadas seguintes. Os artigos densos cederam espaço a textos mais dinâmicos. Além disso, os responsáveis por *Diretrizes* privilegiavam o espaço dedicado às questões políticas, diferentemente de suas congêneres. Na nova revista, Silveira teve a oportunidade de se especializar em um gênero específico do jornalismo: a reportagem.

A maior parte dos textos que o autor publicou em *Diretrizes* pertencia a esse gênero. Porém, as reportagens de Silveira muito diferiam do modelo hoje predominante em tal tipo de texto. A imprensa brasileira ainda não havia incorporado os padrões de objetividade do jornalismo norte-americano; além disso, não havia uma fronteira definida entre esse ofício e a literatura. Os textos de Silveira mesclavam realidade e ficção e eram classificados como reportagens, pois, na época, tal característica era aceita para o gênero. Por outro lado, Joel Silveira esforçava-se em construir uma identidade de repórter, como jornalista que ia às ruas, entrevistava, investigava, fotografava e apresentava ao leitor os dados que colhia. Essas ações persistem como características do ofício ainda nos dias de hoje.

Joel Silveira começou a elaborar uma autoimagem como repórter muito antes de dar ênfase a sua produção memorialística. O esforço do jornalista em definir-se como tal consistia em tentativa de se diferenciar da figura do literato que não conseguira ser. Apesar das intenções de estabelecer uma lógica para sua existência, a experiência vivida se demonstrou mais complexa: por mais que tenha tentado se afastar da literatura, a ficcionalidade permeou sua

produção jornalística não apenas pelas características do ofício na época, mas também como uma espécie de recalçamento, no qual os desejos “reprimidos” reapareceram involuntariamente.

De qualquer modo, foi com as reportagens de *Diretrizes* que Silveira obteve, finalmente, fama e reconhecimento. Seus textos ocupavam lugar de destaque nas páginas da revista e eram, muitas vezes, matéria de capa. A produção de Joel não rompia com determinados padrões de jornalismo e reportagem, mas, ao mesmo tempo, chamava a atenção pela descrição que o autor apresentava de si como repórter audacioso, o qual se apropriava de documentos de seus entrevistados mesmo sem o consentimento deles. Evidentemente, o sucesso de Joel Silveira nas reportagens também foi possível por conta de seu esforço de autorrepresentação, por meio do qual reproduziu os textos que publicou em *Diretrizes* em diversas obras dos anos seguintes.

Silveira também mobilizou suas reportagens e demais textos para externar suas críticas relativas à situação instalada no Brasil em outubro de 1930. Desde os primeiros textos publicados em *Dom Casmurro*, Joel Silveira questionou a política de Getúlio Vargas de maneira direta ou indireta. Para driblar o rígido controle da censura e abordar temas proibidos, utilizou recursos tipográficos: as críticas apareciam em letras menores ou nos cantos das páginas. O gênero reportagem também o auxiliou em sua atuação política, pois seus pontos de vista eram confirmados nas falas dos entrevistados, sendo possível a ele eximir-se da autoria de tais comentários.

A temática internacional e a questão da guerra também foram mobilizadas para questionar a situação interna, sem despertar a atenção dos responsáveis pelos órgãos repressores. Porém, em alguns textos, a oposição de Silveira ao Estado Novo escancarou-se. Evidentemente, a audácia do jornalista em abordar determinados assuntos chamava a atenção dos colegas de profissão e dos cultos leitores de *Dom Casmurro* e *Diretrizes*, que conheciam os limites impostos pela censura. Nesse sentido, a autoimagem que Joel legou de si como repórter heroico que combateu o Estado Novo parece ser fiel a sua atuação na época, por mais que o autor tenha valorizado

a lembrança de algumas práticas em detrimento de outras. Silveira não se inventou, mas se autoconstruiu.

A análise da atuação de Joel Silveira na imprensa carioca também demonstrou a importância de relativizar a ideia cristalizada na historiografia sobre o período, pois o desejo de poder e controle expresso pelos governantes em relação às atividades dos intelectuais não se efetivou completamente. Silveira conseguiu expor seus posicionamentos políticos durante um período relativamente longo dentro dos marcos temporais do Estado Novo, sem que suas atividades fossem interrompidas pela censura.

Evidentemente, essas relações eram bem mais complexas do que as tentativas de racionalização e abstração dos estudiosos. Silveira fez uma intransigente oposição ao regime de Vargas, mas foi preposto de João Neves da Fontoura, embaixador do Estado Novo em Portugal. Enquanto muitos intelectuais intervinham no debate público por meio de artigos longos, estudos, ensaios, obras literárias e teses acadêmicas, Joel Silveira valeu-se da linguagem acidentada e cotidiana das reportagens, crônicas e *faits divers* para expor seus posicionamentos políticos, debater com a intelectualidade de seu tempo e defender o surgimento de uma geração de jovens escritores.

O caso particular de Joel Silveira confirmou a importância estratégica da imprensa para todo aspirante à glória no mundo letrado. Sua atuação não consistiu, portanto, uma exceção. Joel seguiu o mesmo caminho de tantos outros iniciantes que viram no jornalismo uma oportunidade de ascensão no cenário cultural. A imprensa era um recurso valioso, que servia como “trampolim” para atividades literárias futuras ou como fonte de renda para os intelectuais já consagrados. Porém, como já visto, Joel não se tornou um escritor famoso, ainda que tenha tentado firmar-se como contista, crítico literário e polemista.

Vale ressaltar, entretanto, que Silveira desempenhou um importante papel na definição da reportagem como gênero específico. Nesse sentido, diferenciou-se dos demais, pois era pouco comum permanecer no jornalismo quando o principal objetivo era obter reconhecimento na literatura. Apesar da importância da imprensa,

havia uma hierarquia naturalizada entre o jornalismo e a literatura: o jornalismo relegava-se à condição de mera mercadoria, produzida técnica e mecanicamente e distribuída a públicos amplos, enquanto a literatura usufruía o *status* de arte, restrita a meios mais seletos, apesar do crescimento do mercado editorial.

Joel Silveira não foi o único em sua geração a consagrar-se como repórter. Contudo, seu caso demonstra que essa possibilidade também estava aberta e que, a partir de então, era facultado aos candidatos à carreira intelectual estrear no jornalismo e nele permanecer, como profissão, sem necessidade de obter uma “promoção” pela literatura. Nesse sentido, a geração de jornalistas à qual Silveira pertencia deu um passo à frente na profissionalização do ofício antes do surgimento dos primeiros cursos superiores de jornalismo. A nova oportunidade de consagração não anulou a hierarquia entre imprensa e literatura, que persiste na atualidade.

Muitos estudiosos reproduziram essa relação de valores por conta da preferência que, em geral, se dispensa à análise dos intelectuais canonizados pelos meios tradicionais, em detrimento dos proprietários de jornais, dos fotógrafos, dos publicitários e dos repórteres. Talvez este livro também incorra em tal reprodução ao tomar como objeto a produção de um jornalista consagrado por seus pares como mais próximo da literatura, visto que parte dos textos de Joel Silveira analisados nestas páginas foi designada, anos mais tarde, como jornalismo literário. Porém, foi como repórter que Joel Silveira se identificou durante toda a vida. O correspondente de guerra que acompanhou a FEB, na Segunda Guerra Mundial, passou a cultivar tal identidade justamente após as experiências vividas entre 1937 e 1944 em *Dom Casmurro* e *Diretrizes*. Silveira persistiu na construção dessa autoimagem nas muitas memórias que ainda escreveu.

IMAGENS



Figura 1: Seção “Aconteceu nesta semana...”, assinada por Joel Silveira. *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n.43, p.6, 24 mar. 1938.

A página era dividida com textos de outros autores e anúncios de livros, produtos e serviços.

Podia ser pior...

• JOEL SILVEIRA •

O homem quotidiano toma o bôn-de e abre o matutino entulhado de telegramas. Os telegramas então começaram a contar os sucessos da noite anterior: mais bombas, mais torpedos. Paris sofreu o primeiro ataque, os alemães recuam em qualquer parte. Dunkerque está a néris. Pio n.º 12 discursa dizendo que não é nada disso, que os homens estão totalmente grogues. O homem quotidiano lê tudo isso, torce pelo seu timb, entristece ou se entusiasma e vai assinar o seu ponto, também quotidiano, na burocracia amiga e velha. No entanto este homem nunca poderá supor as brigas desta guerra e de outros desastres acontecidos no mundo, do dia 23 de setembro de 1918 para cá. Se ele é um homem culto ou lido terá suas opiniões acerca dos imperialismos e dos fazedores da guerra. E até para o colega da mesa vizinha comentando o último desastre ocorrido na Flandres:

— A guerra é estúpida e irrazoável! Os pequenos não a querem.

Se ele é um torcedor do Flamengo, terá uma explicação prática para o mais recente insucesso dos ingleses:

— Assim não fazem nada! É chutar em "goal"!

Eis, porém, que estes dois homens quotidianos são dois homens errados. Porque a origem dos fracassos e dos sucessos da guerra e da paz, a origem está em mim — pacato cidadão de Aracaju, desconhecido em várias línguas e proprietário de algumas cruzes no sangue. A afirmação parece cretina e insustentável. Infortunadamente, no momento, só disponho de provas teóricas para ilustrar o negócio. Nem quero eu aqui, humilde cronista, convencer o mundo de que sou bussola e bussola infalível.

Ora, faz algum tempo, eu era menino, os jornais começaram a falar de um apido monstro que estava a caminho do Rio, trazendo ou levando Santos Dumond, uma coisa assim. Pois bem, eu me sentava na sala de jantar,

com o jornal na mão, começava a imaginar o apido em graciosas acrobacias sobre o Rio, subindo e descendo, a pouca em baixo do palmas. Veti o apido, não fez acrobacias, ou por outra, só fez uma: desabou e matou todo o gênero humano que vinha dentro. Mais tarde houve o caso de Hauptman. Não sei porque, deve ser dos heróis, eu tenho uma especial predileção por "gangsters" e "kidnappers". Torci o mais possível para que Hauptman fosse absolvido e, como já não sabia nenhuma coisa de gente, cheguei até a assortar, com grande fé, a Ave Maria de Gounod. Eis que Hauptman atravessou todos os meus assuntos e foi lindamente electrocutado numa matança da comum.

Agora, nesta guerra, a minha influência nos negócios internacionais tem sido quase que diária. Sou o culpado, meus senhores, como torcedor francófilo, de todos os desastres dos aliados na Flandres, na Somme, na Noruega e na Dinamarca. A minha bruta admiração e esperança em Gamelin estragou completamente a vida do rapaz. Já estou com pena deste jovem Prioux que com suas ousadias e bravuras, está

despertando dentro de mim um entusiasmo sem limites.

Sim, sei que o remédio existe; eu devo torcer pelo outro lado. Mas, não sei, me parece que ha comigo quaisquer restantes grammas de escrúpulos. Eu nunca torceria contra a França, nem por brincadeira. E, a digna pátria de Racine e de Jean Sabilon tem que me aguentar, como já aguentou, através dos seus séculos illustres, dezenas de Luíses imbecis e alguns cardeais desonestos.

Jamais torcerei pela loucura dos germanos. Não se trata de um Fla-Flu, meus senhores. Nem do Circuito da Gávea, Domingo, para eu acabar em mil e quinhentos do Joraci Camargo e do Silvio Petrolito, títio que torcer pelo Fluminense. Mas a França não é o Flamengo, nem o general Prioux é Leônidas. Estou, certo, plenamente certo, que a falta de caráter de um esquecido cidadão de Aracaju não tornará o mundo pior do que ele é. Mas que será de mim quando me fugir este caráter? Que farei, mas neste mundo, homem sem outras qualidades, sem seguro de vida nem cadernete da Caixa Econômica? Sofre, pois, oh! França, que culpa não tenho eu de haver nascido.

Gastão Pereira da Silva

Vícios da imaginação

Estudos de psicanálise enriquecidos com observações próprias e dados colhidos em investigações pessoais

UM VERDADEIRO SUCESSO!

Livraria JOSE OLYMPIO EDITORA

Figura 2: Seção "Podia ser pior...", de Joel Silveira. *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n. 152, p. 2, 8 jun. 1938.

A página era dividida com textos de outros autores e com o expediente do jornal, mas a seção de Joel ocupava o centro.

LERO=LERO

JOEL SILVEIRA

UMA seção literaria, depois de um certo tempo, tira mulher fatal. A mulher fatal é mais ou menos a mulher que dizia, repentinamente, de receber telefonemas anônimos e passa a dedicar alguns minutos de sua atribulada existência diária para pensar no fim que se aproxima.

O fim da mulher fatal não é um fim comum: viver e morrer. Isto é o fim de cada um de nós, homens banais, mas jamais será o fim de uma mulher fatal. A mulher fatal é uma mulher diferente: é um animal extraordinário; não rebeberá da maneira ignara e sordida que todos nós rebeberíamos. A gripe que nos mata, sujos homens do planeta, não matará a mulher fatal. Porque para evitar a gripe, a mulher fatal tem suas receitas e suas bulas. Remédios mais ou menos violentos mas, vamos convir, menos prisaicos do que todos os zaropes e pilulas com que procuramos consertar a bronquite burocrática ou a constipação suburbana. Enfim o que eu quero dizer é o seguinte: a mulher fatal morre, mas morre a seu modo. Ela não espera, vai buscar. Nada de instantânea, quando o lirol carentena com muito mais rapidez. Um tiro de revolver no coração cansado tem muito mais prestígio do que uma colherinha de urodonal para o ácido urico que voltará amanhã.

Eis meus senhores, que a seção que existia neste lugar se tornou mulher fatal. Ontem, no bonde, tarde da noite, eu pensei seriamente nisso: uma seção literaria que resiste quatro semanas sem falar mal de ninguém, que consegue, durante trinta dias, achar o mundo bom e os restau-

rantes esplendidos, positivamente é uma seção sem caráter, uma seção de quem podem esperar tudo e tudo a pouco tempo. É qual o magro cronista que empurra o teclado da maquina e coleciona os lapidos telegramas dos jornais? O cronista vive em função de um publico sem pena e sem quaisquer bondades. Eis que lá fora o povo compra este jornal e o lê. Que interessa a esse povo, que passou o dia suando, que discutiu o ultimo jogo do Botafogo, que está preocupado com a mensalidade da Ligth interessa a este povo infeliz e digno que o cronista tenha beijado uma senhorita descarada de Olaria ou perpetrado um soneto nas sofredoras matas do Silvestre? Ora, como o cronista não é um homem totalmente estragado pelo mundo e pelos amigos resolve reagir. Oh! homem banal, homem comum e prosaico, não te ponhas a comentar mundos que não existem. Isto, alem de ser uma perturbação cerebral qualquer, é saúde grossa. Porque imaginar que Luci é loura e feliz na sua vacante residencia de Engenho de Dentro, quando a verdade é que Maria de Tal, na Penha, brigou com o amante e recebeu no corpo amado algumas punhaladas dolorosas? Homem es-

sencialmente stitítico, o cronista desairado conta que a carta deia vinha perfumada, mas a verdade é outras, a verdade é que Sebastião de Azeredo Coutinho dentista, e Gilberto Alves, cantor de radio, agarraram-se aos muros e ponta-pés na rua Ramalho Ortigão.

Pobre homem do povo, aqui te-reis, portanto, a poesia e as coisas da rua. Os seus pequenos dramas, os seus pequenos acontecimentos. O vento que bate na persiana, o sol que não veio, a chuva que despenca, e, mais os gritos, os assvios, as buzinas, etc., tudo, estará aqui na medida das minhas pernas forcas. Uma seção um tanto barulhenta — pois que é impossivel silencio nesta hora de bombas incendiarias e baterias de longo alcance. E ainda mais os pequenos ridiculos, fonte inexgotavel de alegria e bom humor: a entrevista do literato, a exposição de pintura da poetisa, uma posse na academia, a reunião mensal das Vitorias Regias e fatos outros, tantos outros, que o mundo de lá está repleto pela graça e bondade do Senhor. Do Senhor que pode ser meio errado em se tratando de certos problemas, mas que compreende perfeitamente o cronista: deu-lhe uma humanidade porca e desigual, e deu-lhe tudo.

DR. PAULO CRUZ

DOENÇAS DO INTESTINO E DO RÉTO

VARIÇES E ÚLÇERAS VARIÇOSAS DAS PERNAS

RUA DA ASSEMBLEIA, 70 - 2º - Tel.: 43-5091

Diariamente das 4 às 8 horas

Figura 3: Seção “Lero-Lero”, de Joel Silveira. *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n.164, p.2, 8 ago. 1940.

Percebe-se que “Lero-Lero” ocupou o mesmo espaço de sua antecessora, “Podia ser pior...”.

DEZEMBRO, 26, 1940

41

São Leopoldo e Teodomiro Porto da Fonseca

Reportagem de JOEL SILVEIRA
(Enviado especial de "DIRETRIZES" ao Rio Grande do Sul)

O significado de uma luta. Roteiro lírico com um poeta e um músico. Histórico de São Leopoldo. Os primeiros colonos. São Leopoldo de hoje. Significado de uma administração. A visita do presidente Getúlio Vargas. Alvinho, o Seminarista e o Rio dos Sinos. A verdade dos números. Situação financeira. Dados informativos. Algumas sequências um tanto poéticas. Movimento Rodoviário. A Usina do Salto.

"Enquanto isto acontece e muito mais com os nosos famosos cinquenta milhões de corcets selvagens, divorciados do freio da intimidade doméstica e domesticadora, em outros recantos desse grande País, outros homens não veem as coisas pelos mesmos olhos, nem as contemplam com a mesma nirvanizadora passividade. Exemplo encontramos num minúsculo município do interior do Rio Grande do Sul, até há dez anos atrás perdido e anônimo na poeira dos milhares de municípios brasileiros. E que grande e confortador exemplo ofereça nesse sentido o pequeno município de São Leopoldo!"
DIRETRIZES (Novembro, 40)

Logo ao sairmos de Porto Alegre, metade da manhã, o meu amigo Schultz sugere que tiremos o palitô. O poeta Ovidio Chaves apoia a idéia com entusiasmo. Também acho que a viração está pedindo um vestiário mais leve. Agora o vento brinca com os nossos cabelos, e o automóvel do amigo Valter Schultz vai rasgando a estrada cimentada que liga a capital gaúcha a S. Leopoldo. A vasta e interminável campina se estende longe. Vai acabar muito longe, muito longe, precisamente no ponto em que começa o céu. É uma campina verde, de vários verdes. Verde escuro aqui, claro adiante, novamente escuro, depois outro verde diferente. Os eucaliptos sobem em tufo. Há figueiras de grandes troncos parecendo torsos. Me lembro de repente daquelas planícies do Norte. Onde aquele marron da terra e dos homens? Lá o sol bate com força na terra dura, a poeira sobe como fogo. Aqui há um sol leve, há muito vento, há o verde. Pequenos corcos amolecem o chão, passam por debaixo da estrada. O meu amigo Valter Schultz tem os olhos perdidos nas mil curvas do caminho. O vento jogou seus cabelos para trás, aumentou o tamanho da sua frente, uma tafa tremelha, como uma abóbada de madeira.

Esta estrada cimentada que liga Porto Alegre a S. Leopoldo tem 30 quilômetros de extensão. É uma obra perfeita e magnífica. Seu autor é este homem de quem já escutamos falar em Porto Alegre e cujo nome de agora por diante sentiremos em todas as conversas. O coronel Teodomiro Fonseca vai deixando um grande rastro atrás de si. Começamos a tomar conhecimento de sua presença logo que deixamos Porto Alegre. Sua obra começa onde começa esta estrada de cimento. Só quem vive em S. Leopoldo é que pode calcular o que ela representa para as populações que não tinham meios, além da estrada de ferro, de chegar até á capital. Sua importância é tal que faz com que os povoados vão nascendo á sua margem. Esteio, Sapucaia, Cambas. É toda uma sucessão de pequenas casas coloridas, construídas em redor das grandes fabricas. Fabrica de papel, fabrica de alumínio, de sapatos, fabrica de fitelas.

O poeta Ovidio Chaves me explica:

— É uma das grandes obras do cel. Teodomiro Fonseca. Tem 30 quilômetro de extensão, é toda cimentada e custou quasi seis mil contos de reis.

Agora o vento começou a assoviar uma estranha sinfonia nas pequenas janelas do automóvel. É o adágio da Apassionata. Uma tristeza de clarins distantes. Parece vento do mar. Me lembro de ter sentido este mesmo vento, há dias passados, na longa praia que liga Torres a Tramandai. Era noite de lua, havia um farol que acendia e apagava na distância. E o vento. Era vento de mar, de mar total, chegava até nós, silenciosos passageiros do onibus da Empresa Globo, com o cheiro das aguas insondáveis. Mas este vento que nos vem agora, raivoso e ingenuo, é apenas um vento da campina. Tem cheiro dos verdes.

De repente o nequeno carro de Schultz penetra no corredor marginado pelos pequenos bosques de eucaliptos. Um perfume penetrante nos envolve de subito. É como se estivéssemos navegando num sonho de sabonete. As folhas secas caem sobre a capota. Uma entrou furiosa dentro do carro, pousou no peito aberto do poeta Ovidio. De longe, assim, aqueles penachos parecem moças gigantescas fazendo uma estranha ginastica sueca. Mas o carro corre, com um desvairado.

— Mas o carro corre, com um desvairado.

— 110!

Ovidio Chaves

Figura 4: Reportagem "São Leopoldo e Teodomiro Porto da Fonseca", realizada por Joel Silveira em *Diretrizes*, Rio de Janeiro, n.32, p.42, 26 dez. 1940.

Nessa época, Joel acabava de integrar o expediente da revista, justamente na fase em que o periódico passava por reestruturações que alteraram sua periodicidade de mensal para semanal. Em destaque, o "olho da matéria", recurso da imprensa que antecedeu o uso do *lead* e que foi usado nas reportagens de Joel. Os editores da revista apresentaram Joel como "Enviado especial de *Diretrizes* ao Rio Grande do Sul". Ao todo, o texto ocupou sete páginas e foi ilustrado por fotografias e reprodução de documentos que Silveira pesquisou para realizar a matéria.

REFERÊNCIAS

Periódicos pesquisados

Dom Casmurro, Rio de Janeiro, 1937-1940.

Diretrizes, Rio de Janeiro, 1940-1944.

Obras de Joel Silveira

SILVEIRA, Joel. *Onda raivosa*. Curitiba; São Paulo: Editora Rumo, 1939.

_____. *Roteiro de Margarida*. Curitiba; São Paulo; Rio de Janeiro: Editora Guairá, 1940.

_____.; BARBOSA, Francisco de Assis. *Os homens não falam demais...* Rio de Janeiro: Alba Editora, 1942.

_____. *As duas guerras da FEB*. Rio de Janeiro: Idade Nova, 1965.

_____. O Brasil na guerra. In: CARTIER, Raymond. *A Segunda Guerra Mundial*. v.2. Rio de Janeiro: Editora Larousse do Brasil; Paris: Paris-Match, 1967. p.758-73.

_____. Joel Silveira, do alto dos seus 60 anos. Entrevista concedida a *O Pasquim*, Rio de Janeiro, 2 set. 1978 (a). Ano X, n.482, p.10-5. Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.

_____. Joel Silveira, profissão repórter. Entrevista concedida pelo autor a Christina Gurjão. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18 set. 1978 (b). Caderno B, n.163, p.5-6. Acervo de periódicos microfilmados da Fundação Biblioteca Nacional.

- _____. O Estado Novo e o getulismo. Entrevista concedida pelo autor a Gilberto Negreiros. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 9 jan. 1979. Disponível em: <<http://almanaque.folha.uol.com.br/memoria-S:tm>>. Acesso em: 18 set. 2006.
- _____. Encontro com Mário de Andrade. In: LOPEZ, Telê Porto Ancona. *Mário de Andrade: entrevistas e depoimentos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983. p.55-60.
- _____. *Tempo de contar*. Rio de Janeiro: Record, 1986.
- _____.; MORAES Neto, Geneton. *Hitler/Stálin: o pacto maldito*. Rio de Janeiro: Record, 1989.
- _____. *O presidente no jardim*. Rio de Janeiro: Record, 1991.
- _____.; ANDRADE, Jeferson. *Um jornal assassinado: a última batalha do Correio da Manhã*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.
- _____. *Viagem com o presidente eleito*. Rio de Janeiro: Mauad, 1996.
- _____. *Na fogueira*. Memórias. Rio de Janeiro: Mauad, 1998 (a).
- _____. *Os melhores contos*. São Paulo: Global, 1998 (b).
- _____. Conversa de dromedário. In: DANTAS, Audálio (Org.). *Repórteres*. São Paulo: Senac, 1999 (a). p.87-103.
- _____. O Estado Novo e os intelectuais. Entrevista concedida a Gonçalo Jr. *Gazeta Mercantil*, São Paulo, 4 abr. 1999 (b). Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/mt200499.htm>>. Acesso em: 13 dez. 2009.
- _____. *A camisa do senador*. Rio de Janeiro: Mauad, 2000.
- _____. *Memórias de alegria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- _____. *A milésima segunda noite da avenida Paulista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- _____. *Diário do último dinossauro*. Curitiba: Travessa dos Editores, 2004 (a).
- _____. *O inverno da guerra*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004 (b).
- SILVEIRA, Joel. Entrevista concedida a Douglas Portari em 15 fev. 2005. Disponível em: <<http://www.aol.com.br/revista/materias/2005/0019.adp>>. Acesso em: 5 dez. 2009.

Obras gerais

- ABREU, Alzira Alves de (Org.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro Pós-30*. Rio de Janeiro: FGV; CPDOC, 2001.

- _____.; LATTMAN-WELTIMAN, Fernando; ROCHA, Dora (Orgs.). *Eles mudaram a imprensa: depoimentos ao CPDOC*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- ALBUQUERQUE Júnior, Durval Muniz. De amadores a desapaixoados: eruditos e intelectuais como distintas figuras de sujeito do conhecimento no Ocidente contemporâneo. *Trajeto: revista de História da UFC, Fortaleza*, v.3, n.6, p.43-65, 2005.
- ANDRADE, Mário de. A palavra em falso. In: _____. *Vida literária*. São Paulo: Edusp; Hucitec, 1993. p.90-5.
- ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. *História da fotorreportagem no Brasil: a fotografia na imprensa do Rio de Janeiro de 1839 a 1900*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.
- ANGRIMANI, Danilo. *Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionismo na imprensa*. São Paulo: Summus, 1995.
- ANTELO, Raúl. *Literatura em revista*. São Paulo: Ática, 1984.
- A revista no Brasil*. São Paulo: Abril, 2000.
- ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n.21, p.9-34, 1998.
- BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil – 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.
- BARTHES, Roland. Estrutura da notícia. In: _____. *Crítica e verdade*. São Paulo: Perspectiva, 1970. p.57-67.
- BEIRED, José Luís Bendicho. A função social dos intelectuais. In: AGGIO, Alberto (Org.). *Gramsci: a vitalidade de um pensamento*. São Paulo: Unesp, 1998. p.121-32.
- BENDA, Julien. A traição dos intelectuais. In: BASTOS, Élide Rugai; LEÃO, Walquíria D. (Orgs.). *Intelectuais e política: a moralidade do compromisso*. São Paulo: Olho d'água, 1999. p.65-121.
- BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: SIRINELLI, Jean-François; RIOUX, Jean Pierre (Orgs.). *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998. p.348-63.
- BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. São Paulo: Unesp, 1997.
- BOMENY, Helena (Org.). *Constelação Capanema: intelectuais e política*. Rio de Janeiro: FGV, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. Campo do poder, campo intelectual e habitus de classe. In: _____. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974. p.183-202.

- _____. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p.181-91.
- _____. *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: Edusp, 1998.
- _____. Compreender. In: _____. (Org.). *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1998. p.693-713.
- BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: Edusp; Campinas: Edunicamp, 2006.
- BULHÕES, Marcelo Magalhães. *Jornalismo e literatura em convergência*. São Paulo: Ática, 2007.
- CANDIDO, Antonio. O Congresso dos Escritores. In: _____. *Teresina etc*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. p.107-12.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. O controle da opinião e os limites da liberdade: imprensa paulista (1920-1945). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.12, n.23/24, p.55-75, set. 1991-ago. 1992.
- _____. *Multidões em cena*. Propaganda política no varguismo e no peronismo. Campinas: Papius, 1998.
- _____. Propaganda política e controle dos meios de comunicação. In: PANDOLFI, Dulce (Org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: FGV, 1999. p. 167-78.
- _____. O Estado Novo: o que trouxe de novo? In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs.). *O Brasil republicano: o tempo do nacional estatismo*. v.II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p.108-43.
- _____. Estado Novo: novas histórias. In: FREITAS, Marcos Cezar (Org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2007. p.183-213.
- _____.; PRADO, Maria Lígia Coelho. *O bravo matutino – imprensa e ideologia: o jornal O Estado de S. Paulo (1927-1937)*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980.
- CARNEIRO, Maria Luíza Tucci. *Livros proibidos, ideias malditas: o Deops e as minorias silenciadas*. São Paulo: Ateliê; Proin/USP; Fapesp, 2002.
- _____.; KOSSOY, Boris (Orgs.). *A imprensa confiscada pelo Deops (1924-1954)*. São Paulo: Ateliê Editorial; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Arquivo do Estado, 2003.
- CARVALHO, Luiz Maklouf. *Cobras criadas: David Nasser e O Cruzeiro*. São Paulo: Senac, 2001.

- CASTELLO, José Aderaldo. A pesquisa de periódicos na literatura brasileira. In: NAPOLI, Roselis Oliveira de. *Lanterna Verde e o modernismo*. São Paulo: IEB (USP), 1970. p.5-12.
- CAVALCANTI, Lauro. Modernistas, arquitetura, patrimônio. In: PANDOLFI, Dulce (Org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: FGV, 1999. p.179-89.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988.
- _____. Do livro à leitura. In: _____. (Org.). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. p.75-105.
- CORDEIRO, Tiago. Joel Silveira (1918-2007): repórter na vida e na morte. Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=446FDS015>>. Acesso em: 20 mar. 2009.
- COSTA, Alexandre Andrade da. *Caleidoscópio político: as representações do cenário internacional nas páginas do jornal O Estado de S. Paulo (1938-1945)*. Assis, 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.
- COSTA, Cristiane. *Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- COUTINHO, Afrânio; SOUZA, J. Galante. *Enciclopédia da literatura brasileira*. 2v. São Paulo: Global Editora; Rio de Janeiro: FBN; ABL, 2001.
- CYTRYNOWICZ, Roney. *Guerra sem guerra: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Geração Editorial; EDUSP, 2000.
- DANTAS, Audálio (Org.). *Repórteres*. São Paulo: Senac, 1998.
- DE LUCA, Tania Regina. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Unesp, 1999.
- _____. Monteiro Lobato: estratégias de poder e autorrepresentação n'A barca de Gleyre. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p.139-61.
- _____. Monteiro Lobato: a luta em prol da brasilidade e do progresso. In: AXT, Gunter; SCHÜLER, Fernando (Orgs.). *Intérpretes do Brasil: ensaios de cultura e identidade*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004. p.135-54.
- _____. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p.111-53.
- _____. *Revista Nova: um periódico do início dos anos 1930*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA BRASA, VIII, 2006, Nashville, Tennessee. *Anais...* Nashville: Vanderbilt University, 2006.

- _____. A grande imprensa na primeira metade do século XX. In: MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tania Regina (Orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p.149-75.
- _____. *Anuário da imprensa brasileira* (1942): uma leitura e muitos desafios. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, XXV, 2009, Fortaleza, Ceará. *Anais...* Fortaleza: Anpuh, 2009.
- _____. *Leituras, projetos e (Re)vista(s) do Brasil (1916-1944)*. Assis, 2009. Tese (Livre-docência em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.
- DINES, Alberto. Joel Silveira (1918-2007): necrológios apressados, carpeidias profissionais. Disponível em: <<http://www.observatorio-daimprensa.com.br/artigos.asp?cod=447MEM001>>. Acesso em: 20 mar. 2009.
- DIETRICH, Ana Maria. *Inventário Deops – Alemanha*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1997.
- DOSSE, François. A oposição história/memória. In: _____. (Org.). *História das ciências sociais*. Bauru: Edusc, 2004. p.169-91.
- DUBY, Georges. A história cultural. In: SIRINELLI, Jean-François; RIOUX, Jean Pierre (Orgs.). *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998. p.403-8.
- DUQUE Filho, Álvaro Xavier. *Política internacional na revista Diretrizes (1938-1942)*. Assis, 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.
- EL FAR, Alessandra. *Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- FAUSTO, Boris. *O crime do restaurante chinês: carnaval, futebol e justiça na São Paulo dos anos 30*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. Getúlio Vargas: uma memória em disputa. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/1592.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2010.
- FERRO, Marc. Fait divers, fait d'histoire. *Annales*, v.38, n.4, p.821-6, 1983. Disponível em: <www.persee.fr>. Acesso em: 12 jan. 2010.
- FRAIZ, Priscila. A dimensão autobiográfica dos arquivos pessoais: o arquivo Gustavo Capanema. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n.21, p.59-87, 1998.
- FURTADO Filho, João Ernani. Modernismo café-com-leite: intelectuais, arte e política, 1922-1945. *Trajeto: revista de História da UFC*, Fortaleza, v.3, n.6, p.85-100, 2005.

- GAMA, Lúcia Helena. *Nos bares da vida*: produção cultural e sociabilidade em São Paulo – 1940-1950. São Paulo: Senac, 1998.
- GAMBINI, Roberto. *O duplo jogo de Getúlio Vargas*: influência americana e alemã no Estado Novo. São Paulo: Símbolo, 1977.
- GARCIA, Scheila do Nascimento. *Revista Careta*: um estudo sobre o humor visual no Estado Novo (1937-1945). Assis, 2005. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.
- GOMES, Ângela de Castro. *História e historiadores*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- . *Essa gente do Rio...* Modernismo e nacionalismo. Rio de Janeiro: FGV, 1999.
- . *As aventuras de Tibicuera*: literatura infantil, história do Brasil e política cultural na Era Vargas. *Revista da USP*, São Paulo, n.59, p.116-33, set.-nov. 2003. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/59/10-angela.pdf>>. Acesso em: 29 nov. 2009.
- . Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo. In: ———. (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p.7-24.
- GOTLIB, Nádía Batella. *Teoria do conto*. São Paulo: Ática, 2006.
- GOULART, Silvana. *Sob a verdade oficial*: ideologia, propaganda e censura no Estado Novo. São Paulo: Marco Zero; Brasília: CNPq, 1990.
- GUIMARÃES, Valéria. “Notícias Diversas”: Apontamentos para a história do *fait divers* no Brasil. *Revista do portal do jornalismo brasileiro*, ed.7, 2006. <Disponível em: http://www.eca.usp.br/prof/josemarques/arquivos/dossie7_d.htm>. Acesso em: 29 nov. 2009.
- . Os dramas da cidade nos jornais de São Paulo na passagem para o século XX. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.27, n.53, p.323-49, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010201882007000100014&lng=p&nrm=iso>. Acesso em: 29 nov. 2009.
- GURGUEIRA, Fernando. *A integração nacional pelas ondas*: o rádio no Estado Novo. São Paulo, 1995. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- HAUSSEN, Doris Fagundes. *Rádio e política*: tempos de Vargas e Perón. São Paulo, 1992. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil*: sua história. São Paulo: Edusp; T. A. Queiroz, 1985.

- HOBSBAWN, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX, 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- JUNQUEIRA, Mary Anne. *Ao sul do rio Grande: imaginando a América Latina em Seleções (1942-1970) – oeste, wilderness e fronteira*. Bragança Paulista: Edusf, 2000.
- LACERDA, Carlos. *Depoimento*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.
- LAHUERTA, Milton. *Elitismo, autonomia, populismo: os intelectuais na transição dos anos 40*. Campinas, 1992. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.
- LAURENZA, Ana Maria de Abreu. *Lacerda x Wainer: o corvo e o bessarabiano*. São Paulo: Senac, 1998.
- LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: _____. *História e memória*. Campinas: Edunicamp, [s.d.]. p.535-49.
- LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Éditions du Seuil, 1975.
- _____. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*. Campinas: Papirus, 1986.
- LEVI, Giovanni. Os usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- LEVINE, Robert M. *Pai dos pobres? O Brasil e a Era Vargas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. Barueri: Manole, 2004.
- MANDELLI, Mariana Carolina. *O perfil jornalístico: um gênero em discussão na obra de Joel Silveira*. Bauru, 2007. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista.
- MARTINS, Ana Luíza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de república (1890-1922)*. São Paulo: Imprensa Oficial; Edusp; Fapesp, 2001.
- _____.; DE LUCA, Tania Regina. *Imprensa e cidade*. São Paulo: Unesp, 2006.
- MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. v.VII, 1933-1960. São Paulo: T. A. Queiroz, 1996.
- MEDAUAR, Jorge. Os intelectuais e a propaganda. In: BRANCO, Renato Castelo; MARTENSEN, Rodolfo Lima; REIS, Fernando

- (Orgs.). *História da propaganda no Brasil*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1990. p.7-19.
- MEDINA, Cremilda. *Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial*. São Paulo: Summus, 1988.
- MENEZES, Raimundo. *Dicionário literário brasileiro ilustrado*. São Paulo: Saraiva, 1969.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. Sur les faits divers. In: _____. *Signes*. Paris: Gallimard, 1960. p.388-91. [Ed. bras.: *Signos*. São Paulo: Martins Editora, 1991.]
- MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MIRANDA, Fernando Albuquerque. Joel Silveira, correspondente de guerra. In: MELO, José Marques de (Org.). *Imprensa brasileira: personagens que fizeram história*. v.4. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2009. p.87-100.
- MORAES, Fernando. *Chatô, o rei do Brasil: a vida de Assis Chateaubriand, um dos brasileiros mais poderosos do século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- MOREL, Edmar. *Histórias de um repórter*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- MUHLMANN, Géraldine. Marx, o jornalismo e o espaço público. In: NOVAES, Adauto (Org.). *O silêncio dos intelectuais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p.117-36.
- NEGRI, Ana Camilla França de. *Mediações políticas na história da reportagem no Brasil: a produção de Joel Silveira*. São Bernardo do Campo, 2000. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n.10, p.7-28, dez. 1993.
- NUNES, Aparecida Maria. *Clarice Lispector jornalista: páginas femininas & outras páginas*. São Paulo: Senac, 2006.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta; GOMES, Ângela de Castro. *Estado Novo: ideologia e poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- _____. Vargas, os intelectuais e as raízes da ordem. In: D'ARAÚJO, Maria Celina (Org.). *As instituições brasileiras na Era Vargas*. Rio de Janeiro: Eduerj; FGV, 1999.

- _____. Cultura urbana no Rio de Janeiro. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *Rio de Janeiro: uma cidade na história*. Rio de Janeiro: FGV, 2000. p.139-49.
- PONTES, Heloísa. *Destinos mistos: os críticos do grupo Clima – São Paulo (1940-1968)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- RAMOS, Ricardo. *Do reclame à comunicação: pequena história da propaganda no Brasil*. São Paulo: Atual, 1985.
- RAMOS, Graciliano. *Linhas tortas*. Rio de Janeiro: Record; São Paulo: Martins, 1975.
- RAMOS, José Nabantino. *Jornalismo. Dicionário enciclopédico*. São Paulo: Ibrasa, 1970.
- RIO, João do. *O momento literário*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional; Departamento Nacional do Livro, 1994.
- RIOUX, Jean Pierre. A memória coletiva. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (Orgs.). *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998. p.307-34.
- ROUCHOU, Joëlle. Samuel Wainer: memórias entre jornalismo e política. In: NEVES; Lúcia Maria Bastos P.; MOREL, Marco; FERREIRA, Tania Maria Bessone (Orgs.). *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A; FAPERJ, 2006. p.346-62.
- _____. Álvaro Moreira, cronista. In: MELO, José Marques de (Org.). *Imprensa brasileira: personagens que fizeram história*. v.4. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2009. p.127-39.
- SAID, Edward W. *Representações do intelectual: as conferências Reith de 1993*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- SANTOS, Viviane Teresinha dos. *Inventário Deops – estudantes: os subversivos das arcadas*. São Paulo: Arquivo do Estado; Imprensa Oficial, 1999.
- _____. *Inventário Deops – os seguidores do Duce: os italianos fascistas no estado de São Paulo*. São Paulo: Arquivo do Estado; Imprensa Oficial, 2001.
- SCHWARTZ, Vanessa R. O espectador cinematográfico antes do aparato do cinema: o gosto do público pela realidade na Paris fim-de-século. In: CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa R. (Orgs.). *O cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo: CosacNaify, 2004. p.337-60.
- SILVA, Helenice Rodrigues da. A história intelectual em questão. In: LOPES, Marcos Antônio (Org.). *Grandes nomes da história intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003. p.15-25.

- SINGER, Ben. Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular. In: CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa R. (Orgs.). *O cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo: CosacNaify, 2004. p.95-123.
- SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ; FGV, 1996. p.231-69.
- _____. Elogio à complexidade. In: _____.; RIOUX, Jean Pierre (Orgs.). *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998. p.409-18.
- SKIDMORE, Thomas. Era de Vargas (1930-1945). In: _____. *Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p.21-71.
- SOARES, Lucila. *Rua do Ouvidor 110: uma história da Livraria José Olympio*. Rio de Janeiro: José Olympio; Fundação Biblioteca Nacional, 2006.
- SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. *Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística*. São Paulo: Summus, 1986.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *Memórias de um escritor*. v.I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.
- _____. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- SOUZA, Rivadavia de. *Botando os pingos nos is: as inverdades nas memórias de Samuel Wainer*. Rio de Janeiro: Record, 1989.
- SOUZA, José Inácio de Melo. *A ação e o imaginário de uma ditadura: controle, coerção e propaganda política nos meios de comunicação durante o Estado Novo*. 2v. São Paulo, 1990. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo.
- TORRESINI, Elisabeth Rochadel. *Editora Globo: uma aventura editorial nos anos 30 e 40*. São Paulo: Edusp; Com-Arte. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.
- TOTA, Antonio Pedro. *O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- VARGAS, Getúlio. *Diário*. v.II, 1937/1942. São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: FGV, 1995.
- VELLOSO, Mônica Pimenta. Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs.). *O Brasil republicano: o tempo do nacional estatismo*. v.II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p.145-79.

- WAINER, Samuel. *Minha razão de viver: memórias de um repórter*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2005.
- WIAZOVSKI, Taciana. *Inventário Deops: bolchevismo e judaísmo – a comunidade judaica sob o olhar do Deops*. São Paulo: Arquivo do Estado; Imprensa Oficial, 2001.
- ZIOLI, Miguel. *Paulo Duarte (1899-1984): um intelectual nas trincheiras da memória*. Assis, 2010. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.
- ZWEIG, Stefan. *Vinte e quatro horas na vida de uma mulher*. [S.I.]: Europa-América, 1972.

SOBRE O LIVRO

Formato: 14 x 21 cm

Mancha: 23,7 x 42,5 paicas

Tipologia: Horley Old Style 10,5/14

EQUIPE DE REALIZAÇÃO

Coordenação Geral

Arlete Zebber

